



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História  
Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS)  
Área de Concentração: História Cultural  
Linha de Pesquisa: Identidades, Tradições, Processos.

---

*FRATERNIDADE ECLÉTICA*  
*COMPONDO MEMÓRIAS E CONSTRUINDO IDENTIDADES*

---

Autora: **Daniela Nunes de Araújo**  
Orientadora: **Dra. Marcia de Melo Martins Kuyumjian**  
Brasília, Setembro de 2011



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História  
Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS)  
Área de Concentração: História Cultural  
Linha de Pesquisa: Identidades, Tradições, Processos

---

*FRATERNIDADE ECLÉTICA*  
*COMPONDO MEMÓRIAS E CONSTRUINDO IDENTIDADES*

---

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação do Departamento de História  
da Universidade de Brasília, vinculada à  
área de concentração em História Cultural,  
sob orientação da Professora Dra. Marcia  
de Melo Martins Kuyumjian como requisito  
para obtenção do título de Mestre em  
História. 2º/2011.

Autora: **Daniela Nunes de Araújo**  
Orientadora: **Dra. Marcia de Melo Martins Kuyumjian**  
Brasília, Setembro de 2011

**FRATERNIDADE ECLÉTICA  
COMPONDO MEMÓRIAS E CONSTRUINDO IDENTIDADES**

Daniela Nunes de Araújo

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Marcia de Melo Martins Kuyumjian

Departamento de História/Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Eleonora Zicari Costa de Brito

Departamento de História/Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Marcelo Rodrigues dos Reis

Departamento de História/Universidade Estadual de Goiás

---

Profa. Dra. Edlene Oliveira Silva

Departamento de História/Universidade de Brasília

Aos meus pais, José Antônio e Dalva Nunes, aos meus irmãos, Núbia e Lincoln, a meus sobrinhos, Ruan, Rudson e Erika, meu companheiro, Rodrigo Rodrigues, a minha orientadora, Márcia de Melo Martins Kuyumjian e aos professores da Universidade de Brasília, que tornaram essa escrita uma realidade.

## AGRADECIMENTOS

Coloco-me, nesse instante, diante da difícil tarefa de agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para esse trabalho. Confesso que serei injusta em alguns momentos, certa de que, nessa breve exposição, muitos nomes não serão citados, pois minha capacidade de agradecer é infinitamente menor ao apoio e generosidade recebido.

Agradeço primeiramente a meus pais, Dalva e José, pelo esteio sólido, pelas palavras de incentivo e pelo amor incondicional, contribuindo e colaborando para minha formação, sem eles nem mesmo minha existência seria possível.

Os meus familiares, principalmente os meus irmãos amados e muito queridos, Núbia e Lincoln que, com toda a admiração a mim confiada, me impulsionaram a pensar cada vez mais adiante. Meus sobrinhos Ruan, Rudson e Erika, pelo alicerce fundamental que compreende a família.

À meu companheiro Rodrigo Rodrigues, pelo carinho, estímulo e alento em momentos de desânimo, pelas trocas de experiência e pelo apoio absoluto.

À minha orientadora, Marcia de Melo Martins Kuyumjian, pelo acolhimento a meu projeto, por acreditar em minha proposta e tornar real o que era, antes, um breve rascunho, uma ideia longínqua. A ela, o meu muito obrigado.

À encantadora professora Eleonora Zicari, pela generosidade e simpatia, suas considerações permitiram a continuidade do projeto; um esboço, cheio de dúvidas e incertezas, mas que com suas elucidações tornou-se mais claro e plausível, mas principalmente, agradeço pela humildade em sua abordagem, que me forneceu segurança para o restante da empreitada.

À professora Thereza Negrão, pela generosidade em partilhar de sua natural sabedoria, dos simples momentos obtive um enorme aprendizado e uma admiração imensurável.

À Cléria Botelho da Costa, pelas exposições e a abordagem adequada que me forneceu logo no primeiro contato com o programa, com a apresentação de textos e contextos por mim ainda não conhecidos.

À Nancy Aléssio Magalhaes e José Walter Nunes, pelos generosos debates e ampliação de meus horizontes epistemológicos, por me fazer enxergar abordagens diferenciadas e transformar o *invisível* em *visível*

Ao professor Marcelo Reis por sua leitura generosa e à professora Edlene Oliveira Silva por aceitar participar dessa passagem tão importante em minha formação.

À coordenadora do programa, professora Albene Miram de Menezes, pela sua solícita contribuição e ajuda nos momentos de dificuldade.

Aos colegas do programa de pós-graduação da Universidade de Brasília, por repartirem as dúvidas e dificuldades e pelas generosas conversas informais.

Aos colegas do Inventário Nacional de Referências Culturais das casas de culto de matrizes afro e afro descendentes junto ao IPHAN.

À professora Michelle Santos, por sua generosa disponibilidade.

Aos professores Juliano Pirajá e Luiz Henrique, pela base concreta que me forneceram durante a graduação.

Ao professor Lísias Nogueira Negrão, que ao primeiro contato me incentivou e me encorajou nesse caminho que um dia também seguiu.

A minha querida amiga Kênia, pelas dúvidas e angústias partilhadas, certamente sua companhia tornou a conclusão desse projeto uma realidade. Vivenciá-lo, tendo ao meu lado uma amiga tão querida, contribuiu para que essa jornada tivesse um colorido especial.

A meu estimado amigo Romário, por me ouvir nos momentos de angústias, pelo incentivo durante minhas indecisões e por dividir comigo as aflições e anseios de uma trajetória, ainda, há pouco iniciada.

A outros aliados e eternos colegas, Leidiane e Priscila, obrigada pelas conversas e pelas boas risadas, pois esses encontros festivos deram-me forças para seguir adiante.

Aos meus alunos da Rede Estadual de Educação, pelo aprendizado permitido e pela troca de experiências, pela paciência e compreensão nas ocasiões em que fui tomada por exaustão e desânimo.

À Mestre Yokaanam e seus *Peregrinos da Eternidade*, que fizeram da ideia de fraternidade uma realidade e da minha escrita uma possibilidade.

À CAPES, que me dotou de recursos financeiros que possibilitaram a realização da pesquisa.

Desejo, pois que a ciência continue progredindo e que faça recuar sempre a barreira de nossa ignorância. Mas esta barreira, que afastamos a cada dia um pouco mais no tempo e no espaço, subsistirá sempre. É o paradoxo da nossa condição: andar para frente, e nunca atingir o fim da estrada: dirigir-nos a um horizonte que se esfuma diante de nós. Assim, o mistério permanecerá, cercando-nos por todos os lados. Nunca esgotaremos a imensidão do espaço, nem a complexidade das estruturas vivas. É a própria ciência que nos faz compreender cada vez melhor a profundidade e as dimensões dessa noite que ela só consegue iluminar numa pequena porção. É preciso ter a modéstia de reconhecer essa evidência, sem, entretanto parar de deslocar para mais longe os limites da sombra.

(Jean Delumeau, *As razões de minha fé*, Edições Loyola, São Paulo, 1999, p. 19.).

## RESUMO

O presente esforço intelectual se empenha em direcionar um olhar aos movimentos religiosos contemporâneos, destacadamente a Fraternidade Eclética Espiritual Universal, surgida no antigo Distrito Federal, hoje Estado do Rio de Janeiro e, trasladada para os arredores da então futura capital do país no ano de 1956, inserida na perspectiva de uma Brasília erguida sob o ímpeto do sagrado e construindo nos arredores do Planalto Central uma cidade nos moldes dos messianismos e milenarismos tradicionais. Ao longo de mais de meio século de fundação, a Cidade dos Peregrinos viu-se enredada por distintas definições, que contribuíram para a manutenção de uma tradição que se reporta a uma concepção marcadamente religiosa, que se valida, em síntese, na restauração de uma conduta cristã primitiva, na exaltação a humildade, a caridade e a pobreza, no propósito confesso de promover o aperfeiçoamento espiritual dos indivíduos e, mesmo, para reelaboração de suas práticas cotidianas, transformando o que era um projeto ideal, em uma cidade real, animada pelos conflitos, desvios e debates do viver diariamente arquitetado pelos diversos atores sociais que a compõem.

**Palavras-chave:** Fraternidade Eclética, Messianismo, Milenarismo, Brasília, Memória, Cotidiano, Tradição e Religiosidade.



## **ABSTRACT**

The present intellectual effort strives itself to directing a look to the contemporaneous religious movements, remarkably Universal Spiritual Eclectic Fraternity, emerged in ancient Federal District, currently Rio de Janeiro State and, moved to the surroundings of the forthcoming capital of the country at the time, in the year 1956, set in the perspective of a Brasília raised below the sacred impetus and building on the surroundings of Central Plateau a city in the messianic models and the traditional millenarisms. More than half century of foundation along, City of Pilgrims has seen itself entangled by distinct definitions, which it has contributed to the maintenance of a tradition that reports itself to a markedly religious conception, which it validates itself, in short, in the restoration of a primitive Christian conduct, in the praising the humility, the charity and the poverty, in the avowed purpose to promoting the spiritual improvement of the individuals, and even, for re-elaboration of their daily practices, turning out to be what it was an ideal project in a real city, excited by the conflicts, deviations and debates of living architected all the days by the diverse social actors that forms it.

**Key-Words: Eclectic Fraternity, Messianism, Millenarism, Brasília, Memory, Daily, Tradition and Religiosity.**

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| Percorrendo um caminho .....   | 10  |
| Uma escolha.....   | 16  |
| Construindo o objeto .....   | 16  |
| Um ofício. Entre escolhas e recusas.....   | 26  |
| Capítulo 1. Em busca da Terra Prometida. A transferência para o Planalto Central ..... | 26  |
| A construção de uma biografia. De Oceano de Araújo a Mestre Yokaanam. ....             | 34  |
| A metamorfose da identidade .....  | 44  |
| E Brasília se fez um centro irradiador de mitos e crenças.....                         | 53  |
| Capítulo 2. Um passeio pela cidade. Símbolos da urbe .....                             | 63  |
| O sagrado que anima o cotidiano .....  | 71  |
| Capítulo 3. E a cidade se fez memória .....  | 105 |
| O exercício da memória: Reconstruindo a cidade .....                                   | 111 |
| Fontes doutrinárias.....   | 115 |
| Um espaço de distintas feições.....  | 128 |
| Fontes acadêmicas. ....  | 132 |
| Fontes impressas. ....   | 132 |
| Considerações finais .....   | 140 |
| Corpus Documental. ....  | 152 |
| Bibliografia.....  | 153 |

### PERCORRENDO UM CAMINHO...

O curioso é que as lacunas da história fecham-se espontaneamente a nossos olhos e que só as discernimos com esforços, tanto são vagas as nossas ideias sobre o que devemos, a priori, esperar encontrar na história, de tal modo a abordamos desprovidos de um questionário elaborado. Um século é um branco em nossas fontes, e o leitor mal sente a lacuna. O historiador pode dedicar dez páginas a um só dia e comprimir dez anos em duas linhas: o leitor confiará nele, como um bom romancista, e julgará que esses dez anos são vazios de eventos. [...] Assim, os historiadores, em cada época, têm a liberdade de recortar a história a seu modo [...] pois a história não possui articulação natural.<sup>1</sup>

Paul Veyne

Ao reverberar ressonâncias e reatualizar significações imaginárias, a cultura ocidental contemporânea, desatrelada das tiranias da razão, deixa-se interpelar pelo universo mítico dos helenos.<sup>2</sup>

Maria T. Ferraz Negrão de Mello

A presente pesquisa nasceu de um breve percurso acadêmico que, embora modestamente percorrido, apresenta-se cheio de descobertas e motivações. Inúmeros foram os caminhos e descaminhos,<sup>3</sup> por mim desvelados, até o fechamento do esforço intelectual aqui singelamente explanado.

O mote prevalente do exame que ora passo a apresentar, deriva de um olhar direcionado aos movimentos religiosos contemporâneos e, um deles em particular, por sua historicidade e alcance messiânico-milenarista, tomou-me a atenção.

Afinal, como podemos definir a espacialidade que aqui destaco enquanto objeto de investigação? Ressalto, porém, que falar de uma cidade é muito mais que mencionar ruas e avenidas, do que ressaltar as dificuldades de sua construção ou as glórias de seus monumentos. É, antes de tudo, um olhar atento à dinâmica que ultrapassa a estrutura física e que dialoga com um mundo de sonhos, medos e anseios.

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social que os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo *viver urbano* e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> VEYNE, Pau Marie. *Como se escreve a História*, Foucault revoluciona a História. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008. p. 26.

<sup>2</sup> MELLO, Maria T. Ferraz Negrão. "Clio, a musa da história e sua presença entre nós". In: COSTA, Cléria Botelho da (org) *Um passeio com Clio*. Brasília: Paralelo 15, 2002.

<sup>3</sup> VAINFAS, Ronaldo. "Caminhos e descaminhos da História" In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 449.

<sup>4</sup> PESAVENTO, Sandra Jatthy. "Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias." *Revista Brasileira de História*. [on line]. Associação Nacional de História. Número 053, Janeiro-Junho p. 11-23, São Paulo Brasil, de 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000100002&script=sci_arttext). Acessado no dia 15 de fevereiro de 2011.

Ciente da amplidão de estradas que me conduzirão rumo à ambiência urbana que aqui tomo enquanto alvo de interesse e atenta às dimensões subjetivas e objetivas que o conceito agrega, citarei, abreviadamente, aspectos referentes ao meu objeto.

No dia 04 de novembro de 1956, sessenta e seis famílias, contabilizando aproximadamente trezentas pessoas, provenientes em sua maioria do Estado do Rio de Janeiro, lideradas por um “*homem de altura mediana, macilento, pele tostada pelo sol, barbas longas, cabelo a nazareno, veste clara e longa, tocando os calcanhares, cajado na mão, pregando a união das religiões*”<sup>5</sup>, atingiram o Planalto Central e se instalaram nos arredores da futura capital do país; erigindo, os *fraternários*<sup>6</sup>, o que lhes afigurava ser uma *cidade santa*.

Os elementos contidos nos diversos *lugares de memória*<sup>7</sup> referentes à Fraternidade ao longo de sua história foram responsáveis pela criação de um espaço de definição. Os testemunhos, a arquitetura, o acervo doutrinal, as fontes midiáticas e acadêmicas, cada um enveredando por métodos e significados inerentes a sua área, tornaram-se responsáveis por elaborar e conferir uma fisionomia para essa cidade.

Dessa forma, ousarei lançar-me à tarefa de compreender o papel e a importância das diversas memórias, tomadas enquanto representações, que informam a Cidade Eclética, de modo a identificar índices responsáveis pela manutenção ou reestruturação das tradições, que se esmeram em proporcionar a legitimação das práticas que contribuem para a construção da identidade do grupo em questão.

O trabalho aqui elaborado se insere na chamada *História Cultural*, uma linha de análise da historiografia que se ocupa de uma infinidade de artefatos, sejam eles escrito, oral ou imagético, abrangendo inúmeras possibilidades de tratamento com as fontes, temporalidades e investigações.

A História Cultural enfoca não apenas os mecanismos de produção dos objetos culturais, como também os seus mecanismos de recepção (e já vimos que, de um modo ou de outro, a recepção é também uma forma de produção). (...) Desta forma, uma prática cultural não é constituída apenas no momento da produção de um texto ou de qualquer outro objeto cultural, ela também se constitui no momento da recepção.<sup>8</sup>

A feitura do texto, enquanto ato criativo destinado a produzir novas leituras do mundo, reconhece-se, igualmente, como um percurso passível de interferências e de manipulações, mas que dialoga, em grande parte, com as convenções e postulados acadêmicos.

---

<sup>5</sup>CIPRIANO, Juraci das Rocha. *Cidade Eclética*. Messianismo, Carisma e Rotinização. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás. Departamento de Filosofia e Teologia. 2005, p.14.

<sup>6</sup> *Fraternários*: assim são nomeados e reconhecidos internamente os religiosos que se vinculam à Fraternidade Eclética Espiritualista Universal.

<sup>7</sup> Cf. NORA, Pierre. “Entre história e memória: a problemática dos lugares”. *Revista Projeto História*. [online] São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Disponível em: [www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf](http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf). Acessado no dia 13 de fevereiro de 2009.

<sup>8</sup> BARROS, José de Assunção. “A História cultural e a contribuição de Roger Chartier”. *Revista Diálogos*. Departamento de História do programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. O artigo remete como referência principal, a um livro publicado pelo autor, no qual se refere a um estudo das várias modalidades da História. Referências: José D’Assunção Barros, *O Campo da História – Especialidades e Abordagens*, Petrópolis: Vozes, 2004, 222pp.

Entendendo o tempo da narrativa enquanto uma construção histórica e, diferentemente do curso dos acontecimentos, trata-se de uma categoria passível de ser reorganizada conforme o interesse do investigador. Assim, assumo que o recorte aqui subjetivamente estabelecido passa por meu espaço de experiência.

De passagem, é imprescindível chamar atenção para o fato de que toda representação do tempo é subjetiva, socialmente localizada, e que a própria representação do tempo histórico é ela mesma histórica. Não existe o tempo histórico em si mesmo, mas apenas formas variadas e predominantes de se conceber o tempo histórico nas várias sociedades e nas várias épocas, ou, em algumas situações, no interior mesmo de determinados setores de uma sociedade historicamente determinadas.<sup>9</sup>

Para compor minha pesquisa instituo como baliza inicial o ano de 1956, ressaltando a necessidade de um sobrevoo aos antecedentes que permitiram o surgimento da Fraternidade Eclética. Ainda que os fraternários já houvessem se estabelecido com sede e doutrinas específicas, situados no antigo Distrito Federal, foi somente com a transferência para a região centro-oeste do país que o movimento se consolidou plenamente como messiânico, visto a regularidade de um ciclo relativamente estável e que estabelece como propósito final a construção das *idades-santas*.

Os adeptos que se reúnem em torno do messias, para transformar o mundo, necessitam se esforçar para alcançar esse objetivo, portanto os fiéis devem obedecer às ordens do líder. Vê-se, pois, que a responsabilidade individual é da maior importância para o bem-estar e salvação da coletividade. A constituição da Cidade Santa fez parte dos movimentos messiânicos rústicos do Brasil, que caracteriza o início do paraíso terrestre.<sup>10</sup>

Desse momento em diante, o que era anteriormente apenas vislumbrado por mestre Yokaanam e os obreiros ecléticos, tornou-se uma realidade e criou formas, estruturou-se em torno de ideais bem definidos e preceitos partilhados. A comunidade se erigiu a partir de uma arquitetura do sagrado e sua espacialidade recortada de modo a atender um propósito específico.

Outra data de significativa relevância situa-se em 1985, ano de morte do messias e da consequente reorganização da liderança, da reelaboração de práticas e representações, que já se pronunciavam no fazer diário da cidade, em termos de permanências e rupturas. Convém aqui pontuar, que apenas teoricamente podemos revelar uma oposição conceitual entre os termos *ruptura* e *permanência*, pois como assinala a professora Lucília de Almeida, a percepção humana do tempo e sobre o tempo não é uma experiência abstrata, mas influenciada por ritmos e sentidos inerentes a uma época.

O Tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que, inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenção, representações

<sup>9</sup> BARROS, José de Assunção. "Os usos da temporalidade na escrita da História." *Saeculum*. [on line] Revista de História do Departamento de História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. [13]; João Pessoa, jul/dez. 2005. p. 144 a 155. Disponível em: [http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum\\_13.html](http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum_13.html). Acessado no dia: 13 de março de 2010.

<sup>10</sup> SANTOS-GAREIS, Maria dos Santos. "Manifestações religiosas populares". *Revista Espaço Acadêmico*. [on line]. nº 38, julho de 2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/038/38cgareis.htm>. Acessado no dia 21 de maio de 2011.

---

coletivas, simultaneidades, continuidade, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro.<sup>11</sup>

A Fraternidade passou por mudanças e transformações comuns a qualquer núcleo social, se adaptou e se modificou. Todas as alterações também se fizeram sentir na composição religiosa do grupo, em seus rituais, nas celebrações, nas crenças, festividades e na relação com a sociedade de forma mais abrangente.

Como recorte final, entendo ser 2011 o marco eleito, visto o maior comprometimento de investigação; ampliando o acervo de fontes já disponíveis, realizando novas incursões em campo, revisitando documentos e lugares, ampliando leituras e estabelecendo diálogos e pontes necessárias com outras áreas do saber.

Assumo que a cada revisitar a exposição aqui apresentada, distintas observações surgirão, questionamentos, para mim, originais; alternativas infinitas e percursos que me acenarão enquanto esteio mais sedutor. Em outros momentos, desejarei recomeçar, porém, um reinício diferenciado; lamentarei por discussões perdidas e por considerações precipitadas, assim, concluo que o labor aqui em curso encontra-se para além de uma produção *definitiva*.

*Definitivo* certamente não é o emprego mais apropriado a elaboração de uma escrita, já que ao longo de toda a minha formação deparei-me com infindáveis textos e contextos, temas e universos que abriram um mundo de possibilidades jamais imaginadas anteriormente. Perspectivas que tornarão viável enxergar além do objeto, em um constante ir e vir de dúvidas e incertezas. Desta forma, um trabalho nunca está categoricamente acabado, é sempre possível aperfeiçoá-lo, trazer animadoras e relevantes ponderações.

Nessa feitura é necessário destacar a subjetividade que perpassa o afazer do pesquisador, a afinidade com o tema, a escolha do método, o recorte, os diálogos, o trato com as fontes e todos os procedimentos que envolvem sua confecção. Assim, antes de iniciar as considerações acerca da relevância acadêmica de minha proposta e das possíveis leituras que irão sobrepô-la, pretendo dar início às considerações enfatizando as inquietações pessoais e sentidamente motivadoras de todo o enredo aqui pensado.

## UMA ESCOLHA

A Fraternidade Eclética Espiritualista Universal mostrou-se como interesse de minhas inquietações não sem razão. A religião sempre se apresentou como um campo infindável de análise sociocultural. Não como reflexo de alguma esfera social, mas igualmente como manifestação dotada de significados e significantes, capaz de legitimar práticas, estabelecer diálogos, criar laços

---

<sup>11</sup>DELGADO, Lucília de Almeida Neves. "História oral e narrativa: tempo, memória e identidades". VI *Encontro nacional de História oral*. (ABHO) Conferência de abertura. v. 06, 2003, p. 9-25. [on line]. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=62&path%5B%5D=54>. Acessado no dia 13 de junho de 2011.

identitários e tornar possível, ao pesquisador, identificar modos de vida, de organização e de percepção da realidade de um espaço-temporalmente determinado.

Falemos de meu cenário e esteio de sustentação. A historiografia religiosa não se posicionou indiferente frente a essas perspectivas, mas percorreu um longo caminho até a sua afirmação como disciplina, convergindo com diversos saberes, dentre os quais, destacadamente, o *antropológico*, atuando decisivamente na promoção de olhares investigativos outros.

Na história das religiões, confluem diversos tipos de saberes (de ordem histórica, filológica, filosófica etc.), dentre os quais o saber dos antropólogos que tem destaque particular: isso porque este último contribuiu em uma medida considerável para a caracterização da disciplina e, entre outras coisas, levou à constituição de um setor de pesquisa peculiar, relativamente autônomo, dentro da própria história das religiões. Denominaremos convencionalmente tal setor de “antropologia religiosa”, caracterizada pelo encontro entre história das religiões e a antropologia cultural, cujo âmbito aparece marcado, em geral, pela complexidade teórica e pela riqueza dos estímulos culturais.<sup>12</sup>

Uma observação dos sistemas religiosos pode se desenvolver de diversas maneiras e ancoradas em perspectivas plurais. Em minha pesquisa, que se encontra vinculada à História enquanto disciplina, a preocupação é perceber o fenômeno como parte de uma determinada dinâmica cultural, portanto, localizada e historicizada.

Afinal, os fenômenos religiosos são objetos de estudo e podem ser justificados, na medida em que se conseguem determinar-lhes historicamente a origem e o desenvolvimento, reportando de modo sistemático as manifestações religiosas às condições históricas concretas: condições que se identificam com as experiências existenciais a que está ligada a sociedade no momento histórico considerado, e com as exigências culturais que, a partir daquelas experiências, são induzidas no mesmo momento.<sup>13</sup>

Avalio que no século XX os desafios com o qual o homem se defrontou lhe forneceram subsídios para alicerçar uma percepção do mundo de forma mais abrangente, “*consciente da irremediável contingência de nossa existência, da inevitável ambivalência de todas as opções, identidades e projetos de vida*”<sup>14</sup>. Enquanto muitos declararam a morte de Deus e assim tentava suprimir qualquer explicação não racional, parte significativa da humanidade manteve vínculos com o universo religioso, organizando suas crenças e ordenando suas experiências cotidianas, conexões que não passam necessariamente pelo crivo das organizações eclesiais e dos liames institucionais.

Entre os diversos fatores que me impulsionaram rumo ao objeto que aqui brevemente apresento, a certeza da atualidade da temática impõe-se como fator determinante, pois como afirma Jean Delumeau, “*a religião não é passado; é sempre presente*”<sup>15</sup>.

<sup>12</sup> MASSENZIO, Marcello. *A História das Religiões na cultura moderna*. São Paulo: Hedra, 2005. p. 39.

<sup>13</sup> LANTERNARI, Vittorio. *As Religiões dos oprimidos: um estudo dos modernos cultos messiânicos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974. (prefácio).

<sup>14</sup> BAUMAN, ZYGMUNT. *Modernidade e Ambivalência*. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1999. (contracapa.).

<sup>15</sup> DELUMEAU, Jean. *De religiões e de homens*. Edições Loyola. São Paulo, 2000. p. 15.

...existe um patrimônio religioso da humanidade do qual somos herdeiros e que não podemos desprezar. Ele começou a se constituir a partir do momento em que nossos longínquos antepassados há cerca de 90 mil anos, quiseram dar sepultura a seus mortos, o que jamais farão os animais. A inumação voluntária significou uma mudança de atitude para com os mortos e a morte.<sup>16</sup>

Entendo que o tempo de reinado do cientificismo já passou e o universo é por demais vasto e misterioso; portanto, sem dúvida, é chegado o momento de harmonização, de debates e contribuições de ambos os discursos, o religioso e o científico, a fim de enxergar, ainda que longinquamente, o homem e sua amplitude existencial.

Logo, seria oportuno reiterar nosso profundo respeito pelo espaço instaurado na Fraternidade Eclética, observado a profecia de Dom Bosco, onde Brasília é imaginariamente concebida como a *Terra Prometida*, local privilegiado de convivência religiosa e que, popularmente, é reconhecida como a *Capital Mística do Brasil*<sup>17</sup>.

### CONSTRUINDO O OBJETO

O desvelar do universo sagrado da doutrina da Fraternidade Eclética se fez possível, assim avalio, com base na definição de um quadro teórico-metodológico que aqui se apresenta como suporte. Quanto ao desejável diálogo com noções teóricas que, convence-me, enriqueceu a pesquisa, dotando-a de materialidade; destaco as seguintes categorias de análise: representação, imaginário, identidade, memória, tradição e cotidiano.

Reitero novamente a área de concentração ao qual o trabalho se filia: a *História Cultural*, que enquanto subcampo da História tornou-se mais evidente nas últimas décadas do século passado e hoje é responsável por mais da metade de toda a produção historiográfica nacional, fato que se deve ao rico sentido de abrigar diferentes alternativas de tratamento, propondo *Novos problemas, Novas abordagens, Novos objetos*.<sup>18</sup> Segundo Sandra Jatahy Pesavento, a Nova História Cultural,

... Corresponde hoje, a cerca de 80% da produção historiográfica nacional, expressa não só nas publicações especializadas, sob forma de livros e artigos, como nas apresentações de trabalhos, em congressos e simpósios ou ainda nas dissertações e teses, defendidas e em andamento, nas universidades brasileiras.<sup>19</sup>

Tomando como mote central o conceito de *cultura* e admitindo sua relevância para a análise de como em “*diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é pensada, dada a ler;*”<sup>20</sup> a História Social da Cultura, renovada pelas contribuições das ciências sociais, pretende colocar em ênfase seus objetos e conferir primazia a forma como os construímos ao estabelecer relações entre os acontecimentos.

<sup>16</sup> Idem, *ibidem*. p. 09.

<sup>17</sup> SIQUEIRA, Deis et LIMA, Ricardo Barbosa de (Orgs.) *Sociologia das Adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. 1º ed. Rio de Janeiro: Garamond; Vieira, 2003, p. 25.

<sup>18</sup> NORA, Pierre e LE GOFF, Jacques (orgs.) *História: Novos Problemas, Novas Abordagens, Novos Objetos*. 3 vol. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

<sup>19</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003. p. 07- 08.

<sup>20</sup> CHARTIER, Roger. *História Cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p. 16.



Roger Chartier demonstra uma abertura nos modos de observação da fabricação e circulação dos bens produzidos por uma determinada sociedade, afirmando que esses produtos não são simplesmente aceitos passivamente, não são recebidos como uma herança perpetuada por uma tradição; existe, pois, um processo de recepção e de apropriação que não podem ser negligenciados.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.<sup>21</sup>

Foram as mudanças sociais e a emergência de um novo sentir que impulsionaram a uma revisão acadêmica no modo de construção do saber histórico, voltado, até então, em grande parte, para os modelos teóricos globalizantes, com tendências a totalidade, nos quais o pesquisador era refém de uma busca pela verdade. Essas explicações, por sua vez, impossibilitavam a manifestação de outros agentes que cada vez mais reivindicavam um lugar de fala. Como ressalta Ronaldo Vainfas, era preciso uma modificação em sua abordagem, uma alteração que priorizasse a complexidade do real, ou seja,

... Uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar. Uma história com estruturas em movimento, com grande ênfase no mundo das condições de vida material, embora sem qualquer reconhecimento da determinância do econômico na totalidade social, à diferença da concepção marxista da história. Uma história não preocupada com a apologia de príncipes ou generais em feitos singulares, senão com a sociedade global, e com a reconstrução dos fatos em série passíveis de compreensão e explicação.<sup>22</sup>

Com o declínio dos grandes paradigmas explicativos, a reboque de uma objetividade e racionalidade das ciências humanas, a preocupação contemporânea se dá pela interpretação do fenômeno social por meio de suas *representações*. Uma disposição de análise historiográfica, que compreende a importância dos sistemas simbólicos de ideias e imagens coletivas, como forma de captar a pluralidade dos sentidos e resgatar seus significados.

Como categoria central da História Cultural, mas não a ela unicamente filiada, a *representação* traz como alicerce principal a *substituição*; uma ambiguidade que se estabelece entre um ausente e um presente, responsáveis por decodificar o viver por meio de seus indícios e vestígios, desejando chegar àquelas formas pelas quais a humanidade expressou a si mesmo e o mundo. Tal proposta implica considerar que a maneira pelo qual os sujeitos leem e reinterpretam um contexto é determinado por arranjos partilhados social ou intelectualmente. Isto conduz à constatação de que o mundo é o resultado das *representações* que o instituem como tal, uma relação que nem sempre se estabelece com parcimônia, mas igualmente por concorrências e disputas.

As representações do mundo social assim construída, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos

<sup>21</sup> Idem, ibidem. p. 17.

<sup>22</sup> VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história*. São Paulo, SP: Campus, 2002. p. 17.

interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.<sup>23</sup>

Destarte, as *representações* presentes no cenário da Cidade Eclética apresentam-se como responsáveis pela legitimação das práticas que animam e conferem ao cotidiano dos fraternários uma feição que lhes é cara. A configuração imagética que se faz presente na comunidade caracteriza e autoriza o grupo, o que resulta na formulação de um perfil identitário que se convence expressivo e valoroso aos que partilham desse mesmo espaço.

A cidade, ao qual rendi atenção mais detidamente, vive em constante interação com seus habitantes. Os lugares que a compõem a definem enquanto um campo de fabricação e circulação de pensamentos. Assim, antes de avançar em minha reflexão, convém pensar a *identidade* enquanto uma produção empreendida em sua relação com a alteridade, responsável pela definição e distinção dos indivíduos.

Buscamos, construímos e mantemos nossas referências identitárias em constante movimento. O sujeito e as coletividades se definem por sua inserção em uma dinâmica sociocultural que se transforma permanentemente, erigidas dentro de um determinado discurso histórico.

A "identidade" só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, um objetivo; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.<sup>24</sup>

Nascida de um projeto religioso, com uma arquitetura peculiar, voltada ao âmbito sagrado e com as áreas habitacionais em harmonia com os locais de culto, a Fraternidade Eclética adquiriu, ao longo dos anos, variados contornos que a caracterizavam no imaginário popular e também local. A instituição atraiu olhares já em seus primeiros anos, angariando adeptos e dissidentes; foi alvo de disputas e ataques, mas igualmente de admiração e elogios; com a transferência e a construção definitiva da sede matriz assumiu feições que a referenciavam enquanto reduto espírita, comunista e por fim, centro turístico. Todos os que a ela lançaram um olhar, definiram-na de forma particular e específica, conforme orientação e parâmetros de análise próprios.

Ainda que passado mais de meio século, a comunidade permanece alicerçada tendo como base uma estrutura rigorosa de conduta e comportamento de seus moradores, bem como uma relação criteriosa de seleção no que se refere à entrada de novos adeptos e visitantes, como explicitado no trecho abaixo:

Aviso ao público: Não se permite o ingresso na parte interna desta cidade e em nosso templo religioso de irmãos usando trajes excessivamente curtos ou roupas masculinas e outras modas extravagantes, incompatíveis com a moral cristã.<sup>25</sup>

<sup>23</sup> CHARTIER, Roger. *História Cultural: Entre práticas e representações...* Op. cit. p.16.

<sup>24</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2005. p. 22.

<sup>25</sup> Aviso localizado no portão de entrada da Cidade Eclética.

Reagindo contra os costumes e valores da sociedade urbanizada e industrializada em que surgiu, a Cidade dos Peregrinos reorganizou cotidianamente suas relações pessoais, afetivas e familiares, tendo a religião como seu principal elemento de orientação e coesão.

Como uma cidade erguida sob o signo do sagrado e tendo em seu líder máximo, aquele a quem se convencionou chamar de um enviado divino, o reduto em questão aliou, juntamente com as crenças, a devoção e a necessidade de experiência com o universo sacro-religioso, fatores de ordem terrena, como a possibilidade de projeção e estabilidade.

É no espaço do *cotidiano* que essas práticas e representações ganham forma. É no mundo da profusão de falas, gestos, movimentos e atitudes que os discursos são produzidos, em locais históricos e institucionais particulares.

É errôneo supor que o consumo das ideias, valores e artigos pelos sujeitos em seus afazeres diários se dê de forma passiva, uniforme e adequada ao conformismo do mercado e dos poderes sociais, ao contrário, trata-se de uma relação de produção e circulação, em que estão previstas apropriações e resignificações.

Para o pesquisador Marcelo Reis, em sua leitura do historiador e antropólogo Michel De Certeau,

O espaço é sempre animado pela totalidade dos movimentos que nele se processam. Portanto, deve ser entendido como o resultado da partilha de um conjunto de significados responsáveis por definir sua fisionomia, que se radica cultural.<sup>26</sup>

Reconheço, portanto, que a Cidade Eclética se faz depositária de uma memória afetivo-social, um substrato ideológico por ela mantido e que atua como elemento de identificação e união do grupo.

... é por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social expressa-se por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais elementos plasmam visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças.<sup>27</sup>

Para Bronislaw Baczko, cada agrupamento sociocultural constrói seu próprio sistema de significação, no qual ocupa um lugar de destaque os símbolos e as imagens transmitidas, capaz de legitimar a ordem estabelecida, mas ao mesmo tempo, representar os seus conflitos.

Através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa sua identidade; elabora certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns, constrói uma espécie de código

<sup>26</sup> REIS, Marcelo Rodrigues dos. *Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925-2008)*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História. p. 108.

<sup>27</sup> BACZKO, Bronislaw. *Les imaginaires sociaux. Mémoire et espoirs collectifs*. Paris: Payot, 1984, p. 54.

de bom comportamento, designadamente através de modelos formadores tais como o chefe, o bom súdito, o guerreiro corajoso, etc.<sup>28</sup>

Entendo que a partir das vivências, das sensibilidades e dos vestígios que permanecem no rastro do acontecido é que a escrita da história ganha forma, em uma atividade de reunião e organização das lacunas e conflitos. É no tempo presente que a memória trabalha o material do passado, manifestada discursivamente pelo narrador, que ao reorganizar suas lembranças, oferece inteligibilidade e acesso ao universo de representações que sustentam as mais distintas e fragmentadas exposições.

Em todo processo de transferência referente a uma *tradição* há a existência de uma verdade a ser repassada. Tradição que se constitui em torno dos esforços por manter intacta a memória dos fatos que a originaram; assim, considerando-se “*o reconhecimento identitário a partir de uma memória coletiva informada pelo sagrado*”<sup>29</sup>, o historiador Fernando Catroga, confere a essa categoria papel relevante na relação dos indivíduos em estabelecer e estreitar os laços identitários.

Em nome de uma história ou de um patrimônio comum (espiritual e/ou material), ela visa inserir os indivíduos em cadeias de filiação identitária, distinguindo-os e diferenciando-os em relação aos outros, e impor, em nome da identidade do eu, ou da perenidade do grupo, deveres e lealdades endógenas. Para isso, o seu efeito ritual tende a traduzir-se numa mensagem. E esta, ao conservar recordações pessoais, ou memórias coletivas, constrói e conserva uma unidade que domestica a fugacidade do tempo num presente que dura.<sup>30</sup>

Os *peregrinos da eternidade*<sup>31</sup> aderem a uma determinada crença e procuram reviver as experiências do seu fundador, ou seja, a memória individual combinada com a memória compartilhada a fim de possibilitar a perenidade do grupo e dessa forma, coletivamente, aproximar o passado da tradição para ser vivido no momento presente.

Na medida em que se entende que toda a significação da experiência do presente está contida, ao menos potencialmente, no acontecimento fundador, o passado se constitui simbolicamente como uma referência imutável. Em constante relação com o passado, os crentes se constituem em um grupo religioso, suscitando e mantendo a crença na continuidade da linhagem de fé, ao preço de um trabalho de rememoração que também é uma reinterpretação permanente da tradição em função das questões do presente.<sup>32</sup>

No atual cenário contemporâneo, frente à multiplicidade de ofertas simbólicas variadas, a transmissão herdada perdeu seu lugar de destaque entre as gerações mais jovens. As lacunas que se observa entre os universos culturais de diferentes gerações não correspondem apenas aos ajustamentos que se tornam necessários diante dos novos dados da vida social, mas refere-se a alterações culturais que atingem as identidades e a relação dos sujeitos com o mundo.

<sup>28</sup> Idem, *ibidem*, p. 309.

<sup>29</sup> REIS, Marcelo Rodrigues dos. *Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer...* Op. cit. p. 37

<sup>30</sup> CATROGA, Fernando. “Memória e História”. In: Sandra Jatahy Pesavento (org.) *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS. 2001.p.50.

<sup>31</sup> *Peregrinos da Eternidade*: São assim, também, chamados os fraternários.

<sup>32</sup> HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p. 61.

Na Cidade Eclética, a dinâmica política, econômica e social acompanha, mesmo que de forma lenta e gradual, o movimento da modernidade. Destarte, ao se reportarem à memória do grupo, estabelece-se uma continuidade das tradições, que sustentam a doutrina presente na cidade, constituindo um importante fator de coesão e estabilidade interna.

Ao finalizar a exposição do quadro de categorias a nortear a minha pesquisa, reproduzirei o texto do historiador e professor Marcelo Reis, onde se encontra relacionadas *memória* e *tradição*, enfatizando a importância destas para a comunidade religiosa em questão.

Cumpra observar [...] que não interessa reconhecer ou negar a eventual veracidade dos fatos narrados por essa memória que se constitui como origem. Mas sim considerar que a atualização desse tempo sagrado é vital para a elaboração de uma tradição, que, por sua vez, torna-se responsável por definir a identidade do grupo religioso, conferindo legitimidade às ações cotidianas ao mesmo tempo em que serve de guia de conduta.<sup>33</sup>

### **UM OFÍCIO Entre escolhas e recusas.**

A abordagem eleita para a consecução de minha proposta ganhou forma à medida que as leituras e discussões avançavam na materialização da mesma, ainda que tenham se pronunciado já na definição do objeto. Uma escolha que necessariamente significa uma recusa, uma renúncia a uma infinidade de outras ligações.

...em toda obra escrita há uma obra ausente. Isto quer dizer que selecionar fontes e modos de narrar pressupõe a opção de excluir do contexto outras fontes e modos de narrar. Em termos historiográficos, isto indica que a cada interpretação uma miríade de outras possíveis formas de apreensão do objeto é deixada de lado e, ainda, que novos sentidos sempre poderão emergir de outras investidas.<sup>34</sup>

Partilho do entendimento, já aqui manifesto, de que o discurso historiográfico surge, também, a partir das seleções realizadas pelo pesquisador, das suas experiências e preferências; da sua sensibilidade ao enxergar fatos aparentemente insignificantes inseridos na complexidade do social, mas nem sempre perceptível em um primeiro momento. Nesse exercício de decifração do real, o importante é intuir as tensões existentes entre as estratégias discursivas e as técnicas de apropriação; assim, um, dentre os vários desafios é perceber a relação que se estabelece entre os textos disponíveis e as práticas originadas.

Como coloca Darnton, a História Cultural “*se interessa pela forma como as pessoas pensam, como interpretam o mundo, conferem-lhe significado e lhe infundem emoção*”<sup>35</sup>. Dessa

<sup>33</sup> REIS, Marcelo Rodrigues dos. *Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer...* Op. cit. p. 39.

<sup>34</sup> KUYUMJIAN, Marcia de Melo Martins e NEGRÃO DE MELLO, Maria Tereza. (orgs.) *Os espaços da história cultural*. Brasília: Paralelo 15, 2008. p. 09.

<sup>35</sup> DARNTON, Robert. Op. cit. (Introdução.)

forma, pretendo conferir inteligibilidade a minha escrita no rastro dessas emoções, contidas nos diversos *lugares de memória*; que conferem legitimidade de leitura e interpretação.

Essa é uma construção que se alicerça, entre tantos caminhos possíveis, em uma *ethno-história*<sup>36</sup>. A partir de uma *descrição densa*<sup>37</sup>, presente no cotidiano da comunidade e tomando de empréstimo o termo do antropólogo Clifford Geertz, construir uma narrativa, que vise à cultura local, mas inserindo-a em um contexto mais amplo a fim de não se perder no fragmento. Trata-se, portanto, de uma ficção, “*ficções no sentido de que são algo construído, algo modelado*”<sup>38</sup>.

um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.<sup>39</sup>

Nesse ato de reconstrução, não apenas o trajeto imaginário, mas a apresentação da grafia contribui decisivamente para a finalização do que fora inicialmente proposto. É nesse jogo de *inscrever e apagar*<sup>40</sup> que os recursos estilísticos tornam-se valorosos.

Um projeto mediador que articula razão e imaginação, racionalidade e narrativa, orientação prática e encantamento estético, implementando uma integração, pode trazer benefícios para a construção de uma nova racionalidade histórica, reformulando critérios de razão, método e argumentação, especialmente, com respeito à estrutura narrativa e ao processo de evocação histórica.<sup>41</sup>

Hoje temos a legitimidade de agregar em nosso exercício posicionamentos particulares, subjetivamente selecionados em meio a um universo vasto, muito além dos usos que fazemos dessas disposições, mas, sem prejuízo, na admissão relacionada ao envolvimento com o tema escolhido, sem a pretensa objetividade de uma historiografia já há muito ultrapassada. Esse fazer se desenha no rastro das *sensibilidades*, na investigação dos modos como os indivíduos situados em tempos idos enxergavam o mundo, se inseriam no social e se representavam, enfim, trata-se de permitir uma investigação científica que se guia, igualmente, pelas emoções.

Voltando nossa total atenção e respeito à Fraternidade Eclética, na seleção dos procedimentos e suportes que proporcionarão condições de um desenrolar do trajeto aqui escolhido, os materiais de que disponho se apresentam abundantes e de origens diversas.

Enveredo-me pelos depoimentos dos adeptos e ex-adeptos, que mantêm ou mantiveram uma relação de afetividade com esse lugar, pelas prédicas de seu líder espiritual, mestre Yokaanam, dos outros representantes que falam em nome de uma academia e que, assim como eu, identificaram

<sup>36</sup> Cf. Idem, *ibidem*.

<sup>37</sup> Cf. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

<sup>38</sup> Idem, *ibidem*, p.07.

<sup>39</sup> Idem, *ibidem*. p.20.

<sup>40</sup> Cf. CHARTIER. Roger. *Inscrever e Apagar: Cultura escrita e Literatura*. São Paulo: UNESP, 2007.

<sup>41</sup> OLINTO, Heidrun Krieger. “Novas sensibilidades na historiografia.” *Revista Itinerários*. Departamento de letras da Pontifícia Católica do Rio de Janeiro. Ano 03, nº 22, pp. 13-36, 2004. [on line]. Disponível em: <http://www.seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2735>. Acessado no dia 13 de dezembro de 2010.

nessa cidade um campo instigante, e por fim, pelos discursos midiáticos, que renderam uma atenção especial ao objeto que aqui, igualmente, tomo como mote de interesse.

A fonte oral, consideradas as entrevistas com os residentes da comunidade e com seus ex-moradores, somadas as cartas, lembranças e memórias, se converteram em um valioso *corpus documental*.

Demais leituras acadêmicas, divergentes e convergentes quanto ao objeto aqui também selecionado, enriqueceram, assim estimo, minhas investidas. Destacam-se a contribuição de Gláucia Buratto Rodrigues de Mello, Juraci da Rocha Cipriano, Eurípedes da Cunha Dias e, com ênfase, a tese de doutoramento de Lísias Nogueira Negrão, a primeira pesquisa etnográfica sobre a Cidade Eclética, realizada na década de 1970.

Pude contar, ainda, de forma bastante satisfatória, com uma série de representações veiculadas pela imprensa, por meio de jornais, revistas e entrevistas. Além, é claro, das obras doutrinárias utilizadas nas sessões ministradas pela Fraternidade.

O aspecto visual surge, igualmente, como ponto relevante na configuração do imaginário presente na comunidade. Suas diversas linguagens converteram-se em um importante testemunho histórico da obra de mestre Yokaanam e seu grupo eclético. As fotografias, pinturas, filmes e arquitetura, não podem ser negligenciados, pois se apresentam como recursos relevantes na compreensão desse reduto plural e instigante.

Oralidades e visualidades, então, podem ou não ser transformadas pela experiência ou interpretação de quem as emite, de quem as reúne numa narrativa, ou de quem as recepciona. Podemos ampliar a compreensão desse processo de constituição de narrativas, pelo modo como esse tipo de trabalho pode explicitar desafios no tratamento de sentidos da história, que, de certa forma, sempre nos escapam, que podem florescer e desaparecer, num instante, por isso único e fugaz, como experiência histórica de criação de relação passado-presente.<sup>42</sup>

Destarte, a importância do olhar é o primeiro passo para uma jornada que se propõe a investigar o *outro*. Um olhar que o pesquisador direciona aos seus interlocutores, entender a realidade circundante a partir de suas experiências, perceber as imagens que estão além do apenas visto, ou mostrado, compreender o sentido que perpassa a imaginação. Partindo de tal perspectiva, o olhar direcionado ao objeto, aqui, singelamente explanado, se vê permeado por múltiplas representações.

Compreender o *outro* e as múltiplas realidades que nos cercam se faz em contato com as experiências, percursos individuais que moldam nossas visões de mundo, que levam a uma necessidade de ampliação da tolerância, de abrangência dos campos de diálogo e de conflito. Um momento que torna possível a experimentação e reflexão sobre as inúmeras possibilidades e posições de um mesmo sujeito, ou de sujeitos diferentes, permitindo novas relações com os espaços, *“felizmente, a maioria de nós é capaz de ver com os ouvidos, de ouvir com o cérebro, com o estômago e com a alma. Creio que vemos com os olhos, mas não exclusivamente.”*<sup>43</sup>

<sup>42</sup> MAGALHÃES, Nancy Aléssio. *Narradores: Vozes e poderes de pensadores*. Em: *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. São Paulo, nº05, junho de 2002, p. 45-70.

<sup>43</sup> JARDIM, João e CARVALHO, Walter. *Janela da Alma*. Filme, Brasil, 2001, 73', cor.

Inscritos nesse posicionamento, de um olhar que se realiza como memória e história, a fim de ampliar o fazer metodológico de meu ofício, o uso de imagens, aliado às sensibilidades, centra-se como basilar nessa construção, nas diferentes formas possíveis de percepção, que contribuem como positivas e animadoras interpretações.

Para estruturar a pesquisa, organizei três capítulos, divididos em subtópicos, a saber: no primeiro momento ***Em busca da Terra prometida: a transferência para o Planalto Central***; meus esforços concentraram-se na busca das condições que engendraram o surgimento de um movimento messiânico-milenarista em um ambiente urbano-industrial de fins da década de 1940. Direcionei-me ao discurso mudancista, onde determinados fenômenos históricos evidenciaram-se em fontes bibliográficas e foram eleitos para compor a análise a respeito dos problemas políticos e sociais (por exemplo, a abrangência do movimento, a inadequação ao ambiente da cidade do Rio de Janeiro da década de 1950 e os ataques e desentendimentos com diversos setores sociais), que encontrarão como única alternativa a transferência dos adeptos para a região próxima ao Planalto Central.

Em ***A construção de uma biografia: De Oceano de Araújo a Mestre Yokaanam*** minha atenção se voltou para o messias, entendida sua importância para a formação do grupo e elaboração das práticas que consubstanciaram o imaginário destes primeiros tempos. Dediquei-me a enigmática figura do mestre e sua transformação do homem no mito. Dando continuidade, posteriormente, ainda referindo-me ao personagem central de todo enredo aqui pensado, em ***A metamorfose da identidade*** procurei evidenciar as múltiplas representações em torno de nosso beato e sua importância para a comunidade.

Prosseguindo, ***E Brasília se fez um centro irradiador de mitos e crenças***, explorei mais detidamente a especificidade da crença na região e em que medida a nova capital, surgida a partir de dois mitos fundadores, a *Cidade Modernista* e a *Terra prometida* de Dom Bosco; contribuiu para a edificação e contribui para a manutenção da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal. Minha preocupação foi compreender as razões da escolha da cidade de Brasília enquanto reduto mais apropriado.

Reconheço que após a mudança e fixação da instituição no município de Santo Antônio do Descoberto esta, adquiriu certa estabilidade e organização, assim, intencionei-me no Segundo Capítulo, nomeado ***Um passeio pela cidade: símbolos da Urbe***; perceber a estrutura que a sustenta cotidianamente, seus principais ambientes e edificações e, igualmente, a maneira como os adeptos e ex-adeptos se relacionam ou se relacionaram com estes recintos.

No subtópico seguinte, intitulado ***O Sagrado que anima o cotidiano***; voltei-me para o discurso religioso definido como *eclético*, identificar as imagens e símbolos que revelam o ideal de reunião e seleção de preceitos e filosofias diversas; tão veemente enfatizado pelos prosélitos e que, estrutura toda a doutrina por eles defendida e exercida, tornou-se meu objetivo principal.

Na terceira parte do Segundo Capítulo ***A Religião e a norma: espaços de diversidade***, a ênfase foi colocada na ocupação do espaço da cidade por seus moradores, as estratégias de subversão das normas impostas, bem como as sujeições para a adesão de novos membros. No tecido urbano que anima e sustenta a comunidade, foram reestruturados modelos de sociabilidade,



que embora alimentassem a pretensão, não foram absolutos e não atenderam aos anseios de todos, gerando a necessidade de diálogos e desvios alternativos.

Minha reflexão encontrou alicerce sólido nas contribuições de Michel De Certeau. O autor se ocupou, nas investigações sobre o *cotidiano*, em explorar a vitalidade humana que se apresenta por meio das astúcias dos consumidores de produtos, ideias, bens materiais e culturais, incluindo a *religião*. Interessei-me, igualmente, em ressaltar a carga poética desses elementos habituais que são utilizados como forma de resistência às respectivas dinâmicas. Assim, nessas ambientações, presenciei a formação de *identidades*, relações tecidas a partir da diferença, da aceitabilidade e do reconhecimento do *outro*.

No terceiro e último Capítulo, ***E a cidade se fez memória***, fiz recurso das representações internas ao grupo; das narrativas de seus personagens, bem como das obras doutrinárias, utilizadas não apenas enquanto manual de orientação aos cultos, mas, primordialmente, na conduta de seus fiéis praticantes. Em ***O exercício da memória: Reconstruindo a cidade***; lancei mão dos testemunhos de fraternários e ex-fraternários, a fim de entender como as pessoas que viveram o momento da *peregrinação-êxodo*<sup>44</sup>, relembram, refazem e redimensionam essa experiência a fim de dar continuidade às tradições; mas igualmente me ocupei daqueles que, embora não tenham vivenciado a mudança de território, compõem e conferem vitalidade ao lugar já instituído.

Coube-me entender de que forma a urbe é lida e sentida por seus integrantes, pioneiros, ou não; as expectativas para que aderissem ao projeto rotineiramente reelaborado e, assim dessem significado às suas vivências sustentou a composição final, já que, reconheço a importância em analisar a cidade pelos olhos daqueles que a tornam real. Como desdobramento final, ***Um espaço de distintas feições***; comprometi-me com a detecção de representações forâneas; sustentei minha escrita nas leituras acadêmicas da tese de doutoramento do professor Lísias Nogueira Negrão e da professora Eurípedes da Cunha Dias, além das dissertações de mestrado de Glaucia Buratto Rodrigues de Mello e do professor Juraci das Rocha Cipriano, e ao copioso acervo proveniente dos veículos de comunicação, (jornais, revistas e vídeos).

Como ***Considerações Finais*** da pesquisa, apresento em definitivo as respostas às problematizações que tornaram viável sua realização, bem como os obstáculos e desafios enfrentados em decorrência de seu desenvolvimento e as recomendações de possíveis recortes posteriores.

Concluo minha apresentação, do espaço ao qual rendi uma atenção comprometida e afetuosa, convido a uma apreciação de meus esforços, de minha leitura, de minha breve, mas entusiástica observação e que essa singela comunidade, de cores fortes, aspecto tradicional e ares interioranos arrebate, igualmente, outros e que assim como eu lhe confirmam apenas mais uma, dentre tantas e infinitas fisionomias.

---

<sup>44</sup> *Peregrinação-Êxodo*: chegada dos peregrinos da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal no local onde construíram a Cidade Inicial dos Peregrinos da Eternidade, ou Cidade Eclética, no dia 04/11/1956.

## CAPÍTULO 1

### EM BUSCA DA TERRA PROMETIDA A transferência para o Planalto Central

**A religiosidade brasileira nasceu portuguesa e medieval, mas cresceu barroca e mestiça, no apelo à sensibilidade e às excentricidades do culto (...). Do barroquismo herdamos não só o estilo atormentado de nossa arte religiosa (...) mas o movimento e o colorido das semanas santas e das festas populares que tanto surpreendiam e espantava os observadores estrangeiros, sobretudo aqueles racionalistas e protestantes.**<sup>45</sup>

**Deis Siqueira**

No ciclo de emergência das manifestações religiosas instauradas na capital, a *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal*, apresenta-se de forma peculiar em meio a essa designação de reduto místico-esotérico a que comporta o Planalto Central. Foram as características messiânico-milenaristas do movimento, guiado por mestre Yokaanam, que corroboraram para a peculiaridade de uma organização sociocultural que encontrou expressão destacada por se fazer visualizar enquanto um arranjo menos expressivo no atual cenário contemporâneo.

Ao iniciarmos nossa apresentação, faz-se aqui necessário um breve sobrevoo na origem da *Cidade Eclética*, a fim de compreendermos as motivações suscitadas e empreendidas com a transferência do grupo para o interior do território nacional, bem como identificar as condições históricas que tornaram possível seu surgimento em fins da década de 1940.

A *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal* mantém como sua sede a *Cidade Iniciática dos Peregrinos da Eternidade*; ou popularmente *Cidade Eclética*<sup>46</sup>, que conta, ainda, com dezesseis regionais. A pesquisa direcionou-se no sentido de observação e análise da matriz, situada no município de Santo Antônio do Descoberto, no Estado de Goiás. A pequena comunidade localiza-se a 60 km do centro de Brasília, no sentido da BR 040. Sua população, considerando apenas os obreiros membros internos, compreende em média duzentas pessoas, sendo em sua grande maioria do sexo masculino e em idade superior a 30 anos, que ocupam uma área com cerca de 295.24,50 ha.

<sup>45</sup> SIQUEIRA, Deis et LIMA, Ricardo Barbosa de.(orgs.). *Sociologia das Adesões: Novas religiosidades e a busca místico esotérica na capital do Brasil*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, p. 149.

<sup>46</sup> Muitos de seus membros e, igualmente os moradores do município, refere-se à *Fraternidade* pelo nome de Fazenda Campo Limpo.



Mapa do Distrito Federal e mapa de acesso à Cidade Eclética

A urbe foi fundada, oficialmente, no mês de novembro do ano de 1956<sup>47</sup> com a presença da imprensa<sup>48</sup> e fartamente noticiado no jornal *O Nosso*<sup>49</sup>.

Sua fundação oficial ocorreu no dia 27 de março de 1946 D.C. No dia 31 de março de 1946 D.C, abriu suas portas para receber o público pela primeira vez e as mantém abertas até o presente. Sua primeira Sede foi instalada a título provisório, no velho casarão da Avenida Presidente Vargas, nº 1733, na cidade do Rio de Janeiro. Sua SEDE-MATRIZ-PRINCIPAL foi transferida para o Planalto Central do Brasil com instalação oficial em 04 de novembro de 1956 D.C, da Cidade Eclética Fraternidade Universal, hoje ocupando grande área do Município de Santo Antônio do Descoberto, Goiás, fazendo limite com a cidade de Brasília- DF.<sup>50</sup>

A Fraternidade Eclética apresenta em sua base religiosa e de formação inicial uma rejeição messiânica e de prédicas escatológicas, aliada ao caráter umbandista e Kardecista. Tomamos o termo *escatologia* com base nas concepções de Jacques Le Goff, que o define enquanto uma doutrina dos fins últimos dos tempos.

Doutrina dos fins últimos do indivíduo e da humanidade, a escatologia, presente em quase todas as religiões, das mais diversas formas, pensa o tempo como tendo um fim ou divide-o em períodos que são outros tantos ciclos, cada um com o seu próprio fim.<sup>51</sup>

<sup>47</sup> Sua fundação legal ocorreu no dia 27 de março de 1946. No dia 31 de março do mesmo ano abriu suas portas para receber o público pela primeira vez. A primeira sede foi instalada, a título provisório, no velho casarão da Avenida Presidente Vargas nº 1733, na cidade do Rio de Janeiro. Sua sede-matriz foi transferida para o Planalto Central do país, com a instalação oficial em 04 de novembro de 1956, construindo, de fato, a *Cidade Inicial dos Peregrinos da Eternidade*, ou, simplesmente, *Cidade Eclética*; hoje ocupando uma grande área do município de Santo Antônio do Descoberto.

<sup>48</sup> Jornal *O Nosso Brasília*, Ano 25, Edição de dezembro de 1971.

<sup>49</sup> Jornal mensal da Cidade Eclética, composto e impresso na sede matriz de Santo Antônio do Descoberto. Fundado em 1946, registrado na Associação Brasileira de Imprensa. É distribuído e vendido no interior da comunidade exercendo, ainda, a função de comunicação entre as filiais.

<sup>50</sup> Site oficial da comunidade. Disponível em [www.fraternidadeeclética.org.br](http://www.fraternidadeeclética.org.br). Acessado em 16 de março de 2009.

<sup>51</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória: II Volume Memória*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2000, p. 323.

Com a construção da *Nova Jerusalém*<sup>52</sup>, as previsões encontraram terreno fértil para sua propagação, apoiando-se nas concepções da região enquanto terra predestinada, visão profética de Dom Bosco e reduto da esperança.

Yokaanam, por sua instrução diferenciada da grande maioria de seus seguidores, aliado à experiência das viagens, decorrente de sua atividade profissional, ou de seu elevado desenvolvimento espiritual que, como os fraternários enfatizam, “*conhecimento proveniente de suas vidas passadas, foram sete reencarnações*”<sup>53</sup>, conferia a suas alocações uma conotação persuasiva, despertando admiração e confiança.

Desde o início da idealização da comunidade, o país já se encontrava em uma contínua alteração do contexto social, político e econômico. Iniciava-se a industrialização do eixo Rio de Janeiro e São Paulo, com ênfase em um intenso processo migratório. O messias, por sua vez, não se manteve alheio as mudanças<sup>54</sup> noticiadas em meados dos anos de 1960, ao contrário, converteu as preocupações em lugar de fala, incorporando-as em seu discurso que, em muitos momentos, emoldurou-se por um tom catastrófico e apocalíptico.

Pois bem, não haverá mais guerras (...) porque as estrelas não o permitirão mais... Em seu lugar, porém, haverá coisa muito mais eficiente e terrível como a punição de toda a Humanidade delinquente e transviada. Meus irmãos estão vendo já alguma coisa (...) os sinais infalíveis desses próximos tempos de tribulação que venho anunciando pela imprensa ao mundo, desde 1936.<sup>55</sup>

A configuração localizada na Cidade Eclética foi fundada por um imigrante cuja trajetória está diretamente relacionada com as transformações da sociedade brasileira do século XX. As práticas ritualísticas perpetradas pelo grupo dialogam, em grande parte, com o novo estilo dos movimentos religiosos contemporâneos, marcado pela ampliação das possibilidades de uma miscelânea<sup>56</sup> doutrinária de filosofias e crenças.

As alterações empreendidas com o surto de modernização no Brasil propiciaram uma estratificação hierárquica, com uma reelaboração dos papéis desempenhados pelos indivíduos e a conseqüente adaptação, de segmentos sociais provenientes de setores mais tradicionais do país, à cenarização de uma dinâmica urbana acelerada, fugaz, instável e transitória, que leva a composição de identidades múltiplas e constituída por referenciais distintos.

---

<sup>52</sup>Cf. MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. *Millénarismes brésiliens: Contribution à l'étude de L'imaginaire contemporan*. Université de Grenoble II. 1999. [trad. *Cristãos Ecléticos e a Nova Jerusalém no Planalto Goiano*.] 2005.

<sup>53</sup> Site da filial localizada na cidade de Anápolis em Goiás. Disponível em <http://www.yokaanam.kit.net/mistica.htm>. Acessado em 16 de março de 2009.

<sup>54</sup> Percebemos na fala de mestre Yokaanam, extraída das fontes ao qual tivemos acesso, preocupações referentes à Guerra do Vietnã, ao Comunismo e à transferência da capital, do Estado do Rio de Janeiro para o Planalto Central. A esse respeito ver: NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Um Movimento messiânico urbano: messianismo e mudança social no Brasil*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, datilografado, 1974.

<sup>55</sup> YOKAANAM. *O Cristianismo Reúne, não Divide!* 3. ed. Rio de Janeiro: Oficinas Ecléticas, 1954, p. 156.

<sup>56</sup> A esse respeito ver: HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. Assistimos na contemporaneidade um campo religioso não mais filiado aos dogmas institucionais, mas marcado por uma singular mobilidade entre filosofias e elementos distintos. O que caracteriza o tempo atual não é a indiferença em relação à crença, mas sua perda de regulamentação. Esta proliferação reflete a necessidade sentida pelos indivíduos de recompor o universo de sentidos que lhes é mais conveniente.

Ainda no antigo Distrito Federal, quando os membros pioneiros dos *Ecléticos* e *Volantes*<sup>57</sup> deram o primeiro passo em direção à consolidação de seus planos e ideais, guiados por mestre Yokaanam, o fator preponderante foi à inadequação ao ambiente urbano-industrial representado pelo Estado do Rio de Janeiro do início da década de 1950. Provenientes, em sua grande maioria, de pequenos vilarejos alastrados pela territorialidade nacional, esses primeiros prosélitos sentiram-se inadaptados ao cenário das grandes cidades. A ideia de não pertencimento, aliado a questões espirituais, seguido de problemas de saúde, destacou-se como o motivo cabal para a junção de sujeitos com propósitos semelhantes.

Conforme salientou Maria Isaura Pereira de Queiróz<sup>58</sup>, o messianismo pode ser entendido como um movimento religioso que possui entre as suas finalidades a consecução de transformações sociopolíticas e socioeconômicas, no sentido de efetivação de atividades objetivas em relação à mudança desejada. Para o empreendimento, a forma de atuação da fé assume um papel proeminente.

A noção do mundo em constante fluir não permite que se forme a concepção de que a sociedade imperfeita chegará forçosamente a um fim; a ideia de um contínuo recomeçar também se opõe à de um estado de perfeição final; e a noção de que o mundo é e será sempre tal e qual não dá azo à ação visando modificá-lo, que é a essência do movimento messiânico.<sup>59</sup>

Não se trata de um simples desejo por alteração, fuga da realidade ou mesmo isolamento do meio ao qual surgiram, mas da tentativa deliberada de controle de uma situação que se tornou intolerável, visando a uma modificação. Destarte, a Cidade Eclética posiciona-se de forma enfática quanto a uma rejeição do mundo e de suas ordens, mas reconhecendo, contudo, dependência da sociedade mais ampla, o que lhe garante estabilidade, credibilidade e sobrevivência.

Ligada institucionalmente à sociedade brasileira, a Cidade Fraternidade Universal, apesar de ter administração e legislação próprias, é obrigada a cumprir exigências legais mínimas, ou seja, registrar nascimentos, alistar eleitoral e militarmente seus membros, promover a realização de casamentos civis, etc. Furtando-se a estes deveres, como poderia inicialmente fazer sem consequências imediatas, terminaria a Fraternidade por colocar em risco sua própria existência.<sup>60</sup>

<sup>57</sup> Grupo pioneiro formado por ex integrantes da Ordem Mística da Regeneração, do qual o próprio messias teria sido um correligionário e que, por motivações provenientes de desentendimentos relativos à liderança, teria se desvinculado, arrebanhando parte de seus seguidores, que formarão, anos mais tarde, o futuro quadro de integrantes da Fraternidade Eclética.

<sup>58</sup> A autora publicou um vasto material bibliográfico em revistas nacionais e internacionais, tornando-a uma reconhecida especialista no assunto. Interessados em demais obras da autora: *A Guerra Santa no Brasil: O Movimento Messiânico no Contestado*, de 1957. *O Messianismo no Brasil e no Mundo* (1965), *Réform et Révolution Dans les Sociétés Traditionnelles* (1968), *Os Cangaçeiros: les Bandits d'Honneur Brésiliens* (1968), *Images Messianiques du Brésil* (1972), *O Campesinato Brasileiro* (1973), *O Mandonismo Local na Vida Política do Brasil e Outros Ensaio* (1976), *Cultura, Sociedade Rural e Sociedade Urbana no Brasil* (1978), *Carnaval Brasileiro: O Vivido e o Mito* (1992), além de várias outras traduções para o Francês, Italiano e Espanhol.

<sup>59</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. 3º ed. São Paulo, Ed. Alfa Omega, 2003. p. 149.

<sup>60</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Um Movimento messiânico urbano: messianismo e mudança Social no Brasil*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, datilografado, 1974, p. 101. In: NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo*. (Coleção Religião e Sociedade Brasileira) São Paulo, FFLCH-USP/CER, 1984. 428p.

Populações que se encontram em um estado de insatisfação social recorrem a um *mundo imaginal*<sup>61</sup> para aliviar suas frustrações. Dessa forma, as crenças messiânicas realizam uma catarse coletiva, buscando diminuir as tensões na medida em que oferecem esperança de alteração. O mito mágico ou religioso nasce da necessidade dos indivíduos que buscam uma solução alternativa às aflições diante da vida e das inquietações que os cercam.

Com base nas considerações de Maria Isaura Pereira de Queiroz, revisitadas pelo sociólogo Lísias Nogueira Negrão, identificamos a Fraternidade Eclética como um movimento messiânico-milenarista. A sua inserção dentro de tais conceitualizações tornou-se possível em decorrência de valores e atitudes, ainda presentes, entre os primeiros adeptos, oriundos em sua grande maioria de regiões mais tradicionais, assim como a maior parte da população Guanabarina da década de 1950.

Como conceitos abrangentes e genéricos, messianismo e movimento messiânico são necessariamente típicos ideais, no sentido de referirem-se à realidade observável, mas não reproduzi-la ou esgotá-la, e isto mesmo no caso em que os autores entendam seus conceitos como tipos empíricos. Desta forma, o primeiro deles diz respeito à crença em um salvador, o próprio deus ou seu emissário, e à expectativa de sua chegada, que porá fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era de virtude e justiça; o segundo refere-se à atuação coletiva (por parte de um povo em sua totalidade ou segmento de porte variável de uma sociedade qualquer) no sentido de concretizar a nova ordem ansiada, sob a condução de um líder de virtudes carismáticas.<sup>62</sup>

Para que se justifique a espera mística do retorno de um herói cultural que trará fim as injustiças e mazelas de uma determinada comunidade, a existência de um imaginário mitológico e de identificação popular torna-se necessário para sua efetivação. A partir da especificidade dessa configuração sócio-religiosa o país insurge como um leque de possibilidades, um reduto marcado por uma religiosidade abundante, onde o mundo social se une ao espaço sagrado de forma a propiciar a proliferação de seitas e grupos.

Encontramo-nos, pois, diante de um cenário propício a emersão de uma religiosidade essencialmente místico-sincrética, afeita a jogos simbólicos complexos nos quais os discursos proféticos encontram grande ressonância, em especial os de caráter milenarista.<sup>63</sup>

Basilar para a concretização de experiências a exemplo da Cidade Eclética, o messias surge como um enviado divino, mensageiro de um tempo futuro e próspero que trará salvação. A

<sup>61</sup>Cf. MAFFESOLI, Michel. "Mundo Imaginal" In *A Contemplação do mundo*. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre, Ed. Artes e Ofícios, 1995. 168p.

<sup>62</sup>NEGRÃO, Lísias Nogueira. "Revisitando o Messianismo no Brasil e Profetizando seu Futuro." *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. [online] Vol. 16 nº 46, junho/2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n46/a06v1646.pdf>. Acessado em 23 de abril de 2007. Estas definições iniciais seguem de perto as concepções de Maria Isaura Pereira de Queiroz In *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, Dominus Ed.- Ed. da USP, SP, 1965, mas é comum à maioria dos autores que se debruçam sobre a temática.

<sup>63</sup>OLIVEIRA, Amurabi Pereira. "Nova Era à Brasileira: A New Age popular do Vale do Amanhecer". *Revista Interações\_ Cultura e Comunidade*. [online] v. 4, nº 5/ p. 31-50. 2009. Disponível em: [www.revistadigital/index.php/revistateste/article/viewfile/99/87](http://revistateste/article/viewfile/99/87). Acessada no dia 12 de janeiro de 2011.

confiança e o reconhecimento de personalidades responsáveis por uma reconfiguração do social se destacam no cenário nacional como um elemento relativamente comum.

Vamireh Chacon, professor da Universidade de Brasília, em seu ensaio acerca da busca pela identidade brasileira, dedica uma substancial reflexão sobre os traços messiânicos como característica da nação.

Somos messiânicos desde as origens luso-afro-indígenas, e vivemos eternamente como que a espera que El Rei Dom Sebastião, de mãos dadas com Zumbi dos Palmares e algum cacique tupinambá do século XVI, venha nos apontar um caminho de redenção, melhor dito de salvação. Enquanto eles não surgem das brumas atlânticas, corremos atrás de lideranças carismáticas, pois eleição após eleição sempre surgem autoproclamados salvadores da pátria.<sup>64</sup>

O autor destaca a importância das lideranças carismáticas como uma constante no cenário político brasileiro, associada à forte carga religiosa característica do país, marcado por uma contínua esperança, que se sobressai das vivências pessoais e se amalgama aos mais diversos campos de ação, como maneiras de se adaptar a determinadas situações da vida cotidiana.

A espera messiânica significaria a adesão de pequenos e médios agrupamentos envolvidos por um sentimento de mudança, desejosos de justiça e que encontram em seus líderes a personificação de seus anseios. É importante perceber que o caráter estruturador de tais fenômenos possui uma orientação centrada nas expectativas salvadoras, presente na fé popular, que tornaria possível a transposição de barreiras existenciais e a conversão de uma realidade insatisfatória, com o retorno de um *paraíso terrestre* há muito perdido, mas edificado pelas construções das *cidades santas*.

O milenarismo, no verdadeiro sentido do termo, remete à esperança de reencontrar no futuro, o paraíso perdido das origens. É a espera de um reino deste mundo, reino que seria uma espécie de paraíso terrestre reencontrado, estando por definição mesma, estritamente ligada à noção de uma idade de ouro desaparecida.<sup>65</sup>

O messias apresenta-se como centralizador a guiar as aglomerações de sujeitos ávidos por uma via alternativa a conduzir suas experiências. Como personagem capital ele promove e ordena o grupo em sua estrutura e disposição, percorrendo um circuito regularizado de forma relativamente estável. O que caracterizaria seu poder de decisão sobre os demais se explicaria pela organização e reestruturação das práticas e representações de uma determinada comunidade. Ainda que se apresente como um nomeado divino, com faculdades sobrenaturais e um carisma nato, há a coletividade dos membros que o legitima e lhe confere poderes específicos, estabelecendo-se, pois, uma relação de troca.

Os adeptos se reúnem voluntariamente em torno do líder para modificar uma situação de descontentamento, exigindo a participação ativa de cada envolvido. A responsabilidade individual surge como determinante diante do coletivo. Existe assim uma concepção ativa e consciente do papel

<sup>64</sup> CHACON, Vamireh. *Deus é Brasileiro*. O imaginário do messianismo político no Brasil. 2<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. 204p.

<sup>65</sup> DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 17.

dos eleitos nas transformações por eles pretendidas. O messianismo se configura, pois, como um projeto social, moldado em termos religiosos, onde o postulado principal seria o dever, para cada adeso, de intervir na corrente dos eventos a fim de orientá-los.

Nessa direção, a formação religiosa presente na Cidade Eclética apresenta-se enquanto um centro exemplificador do empenho individual de seus idealizadores e do esforço deliberado na consolidação das práticas e disseminação da doutrina, afirmando-se como produtores e colaboradores de uma proposta que criou formas e tornou-se uma possibilidade real de experimentação.

O sociólogo Norbert Elias, em sua obra *A sociedade dos indivíduos*, contribui em nossa investigação propondo uma reflexão acerca da autonomia do sujeito e sua participação dinâmica no fluxo da história. O autor propõe uma reflexão acerca da margem de liberdade e da capacidade de interferência que permite aos atores intervir no desenrolar dos acontecimentos. Assim, nem a sociedade, nem seus membros isolados modificam deliberadamente o devir do tempo, mas dialogam, fazendo emergir alterações e mudanças sociais, “*pois o caráter individual e a decisão pessoal podem exercer considerável influência nos acontecimentos históricos.*”<sup>66</sup>

A importância de uma pessoa sobre outras, sua importância para elas, pode ser especialmente grande, mas a autonomia da rede em que ela atua é incomparavelmente mais forte. A crença no poder ilimitado de indivíduos isolados sobre o curso da história constitui um raciocínio veleitário. Não menos destituída de realismo, contudo, é a crença inversa, segundo a qual todas as pessoas têm igual importância para o curso da história.<sup>67</sup>

É manifesto o valor e o peso de Yokaanam para o movimento e coesão dos prosélitos, mas é também decisivo o desejo de todos, que juntos, tornaram possível algo anteriormente apenas vislumbrado.

Portador de uma voz de autoridade competente, mestre Yokaanam ganhou notoriedade ainda no antigo Distrito Federal, em um momento em que o ciclo dos messianismos parecia desaparecido do cenário nacional, principalmente em uma esfera urbana e industrial, como na cidade do Rio de Janeiro no final da década de 1940 e início dos anos 50.

Nosso objetivo não compreende uma análise do discurso enquanto um espaço disciplinar relacionado à Linguística e às Ciências Sociais, mas nos convém ressaltar que “*o discurso supõe não apenas um sistema de significante, mas supõe também a relação deste sistema com sua exterioridade já que sem história não há sentido, ou seja, é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique.*”<sup>68</sup>

Seguindo a perspectiva da linguista Eni Orlandi, compreendemos que ao produzir sua oratória o indivíduo não expressa a sua consciência livre de interferências, ao contrário, seus dizeres são resultados de uma exposição a que estamos todos submetidos.

<sup>66</sup> ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p. 51.

<sup>67</sup> Idem, *ibidem*. p. 51.

<sup>68</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. “Discurso, imaginário social e conhecimento” In *Aberto, Brasília*, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. Disponível em: [www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/911/817](http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/911/817). Acessado no dia 24 de novembro de 2010.



Assim, avaliamos que o discurso religioso presente na Fraternidade Eclética, proferido em grande parte por seu líder, é resultado de um arranjo histórico específico, decorrente de mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais ao longo de todo o século XX, como assinala o sociólogo Lísias Nogueira Negrão em seu estudo sobre a comunidade,

A crise, normalmente súbita e violenta, mas que também pode ser lenta, desde que introduza transformações fundamentais a longo prazo, foi caracterizada pelo processo de mudança social consubstanciado na industrialização e urbanização da sociedade brasileira. Este culminou no conflito de valores vivido por indivíduos originários de ambientes tradicionais e inadaptados ao meio moderno no qual passaram a viver e, conseqüentemente, na rejeição a esta sociedade.<sup>69</sup>

Reconhecida a relevância do messias entre aqueles que assim o qualificaram e mesmo para a compreensão dos fenômenos religiosos contemporâneo, faz-se aqui necessário uma apresentação mais comprometida acerca dos contornos identitários de *Oceano de Araújo Sá*.

Antes, tomamos como algo necessário frisar que escrever uma biografia, ainda que selecionando alguns singelos contornos, é escolher um trajeto curto em uma caminhada longa e sinuosa. Como é apenas um investigador que aqui decide o que é ou não relevante, consideremos todos os dados expostos com um relato, passível de ser reinventado a cada novo contar e, enquanto relato, o aproximamos das tramas de um romance; “*pois a biografia se constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os ensinamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia.*”<sup>70</sup>

Porém, convence-nos ressaltar que a estrutura da biografia se distingue do romance por estabelecer em seu desenrolar eventos apoiados por documentos, pois como bem salientou Paul Veyne, a História nada mais é do que uma narrativa verídica<sup>71</sup>.

Cabe-nos, portanto, ter em mente que não é possível apreender o todo essencial do sujeito da descrição, mas enveredar-se por um procedimento de análise e confronto de fontes, aliado a criatividade imaginativa, a fim de construir uma história de possibilidades. Para nós, está em evidência à reconstrução sociocultural, através dos relatos e do fluxo histórico de nossa personagem centralizador, mestre Yokaanam; inserindo seu curso de vida em um processo de escolha, muitas vezes não racionalizadas e nem reduzidas às coerências do grupo, pois “*na existência de qualquer pessoa, multiplicam-se os azares, as causalidades, as oportunidades.*”<sup>72</sup>

Outro aspecto da ilusão biográfica ou autobiográfica é pensar que as coisas são muito originais, singulares, pessoais, quando são, na verdade, frequentemente, experiências coletivas, compartilhadas com as pessoas pertencentes a uma mesma geração. Ao fazer um relato autobiográfico é quase impossível evitar cair nesta dupla ilusão: ou a ilusão da singularidade das pessoas frente às experiências compartilhadas ou a ilusão da coerência perfeita numa trajetória de vida.<sup>73</sup>

<sup>69</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Um Movimento messiânico urbano...* Op. cit. p. 285.

<sup>70</sup> LEVI, Giovanni. “Usos da biografia” In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 8ª edição, Rio de Janeiro Editora FGV, 2000, p. 168.

<sup>71</sup> VEYNE, Pau Marie. *Como se escreve a História...* Op. cit. p. 26.

<sup>72</sup> CHARTIER, Roger. “Uma entrevista com Roger Chartier.” In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Ano, n. 25, outubro de 2007. p. 23.

<sup>73</sup> Idem, ibidem.

Ao invés de uma narrativa “*tradicional, superficial, anedótica, cronológica, sacrificada a uma psicologia ultrapassada e incapaz;*”<sup>74</sup> contar a trajetória de um indivíduo requer a valorização de uma ambiência; não como algo rígido e coerente sustentando a atuação de cada personagem, mas da relação de reciprocidade deste com o contexto.

A importância da biografia é permitir a descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas.<sup>75</sup>

Na documentação compulsada para a biografia de mestre Yokaanam, percebe-se a existência de múltiplos conflitos; a dúvida na aceitação de sua missão, a vida profissional em debate com o caminho espiritual, as querelas conjugais, as dissidências políticas com membros das instituições ao qual fez parte e, principalmente, a imprecisão dos dados quanto a sua formação religiosa e acadêmica. Ainda assim, sem correr o risco de tirarmos seu mérito por essas fissuras, que se apresentam como inevitável a qualquer recorte, a obra que dele conhecemos impõem-nos, no mínimo, o respeito suficiente para o considerarmos como alguém que era mais fiel aos princípios que pregava do que ao imediatismo do mero interesse material e reconhecimento midiático.

### **A construção de uma biografia: De Oceano de Araújo a Mestre Yokaanam**

Oceano de Araújo Sá veio ao mundo no dia 23 de fevereiro de 1911, em Maceió, Alagoas e, faleceu Yokaanam, na cidade de Anápolis, vítima de derrame cerebral, na data de 21 de abril de 1985.

Yokaanam nasceu no instante sideral de uma conjunção planetária que lhe dá a proteção do manto mágico potencial e divino do Triângulo Austral, sob a constelação do signo austral de peixes (peixes) e sob o governo de netuno, tendo à sua cabeça como domicílio divino de origem psíquica, Júpiter e, como guardião de lei, Saturno, o grande juiz, pelo fato de haver recebido no Templo do Mistério o selo das cinco chagas e as sete lâminas da estrela superior e da rosa de Brahma.<sup>76</sup>

O líder messiânico por sua vez nasceu oficialmente no ano de 1944, mas ao recuarmos em sua trajetória deparamo-nos como uma vida espiritual pulsante, um misto de certeza e obrigação.

---

<sup>74</sup>LE GOFF, Jacques “Comment écrire une biographie historique aujourd’hui”, *Le Débat* 54 (1989) 48-53. In PRIORI, Mary Del. “Biografia: quando o indivíduo encontra a história.” *Revista Topoi*, [online] v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009 p. 7-16. Disponível em: [http://www.revistatopoi.org/numeros\\_antteriores/topoi19/topoi%2019%20-%2001%20artigo%201.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_antteriores/topoi19/topoi%2019%20-%2001%20artigo%201.pdf). Acessado no dia: 24 de Janeiro de 2010.

<sup>75</sup> LEVI, Geovanni. Op.cit. p.180.

<sup>76</sup> YOKAANAM, Mestre. *Yokaanam fala à posteridade*. Rio de Janeiro. Editora da academia Eclética Exotérica da Fraternidade Universal. 3º Ed. 1995, p. 45.

Com relação às fontes consultadas há certo consenso por parte dos autores<sup>77</sup> a respeito de uma série de divergências e pontos obscuros sob os fatos mencionados, principalmente no que se refere às questões de formação acadêmica e missionária de mestre Yokaanam. Todas as dissonâncias não encontram significação negativa no imaginário dos adeptos, que ainda encontram na figura carismática de seu líder um ponto de equilíbrio e reverência e, acima de tudo, respeito e admiração por seus feitos civis e, principalmente, religiosos.

De acordo com passagens de sua biografia, a predestinação divina lhe foi revelada quando criança em meio a um sonho profético. Aos onze anos, em seus aposentos, declarou o messias, receber a visita de um mentor que se apresentou na roupagem semelhante à imagem de Jesus Cristo. A entidade, de nome mestre *Lanuh*<sup>78</sup>, anunciou-lhe uma importante mudança que seria conduzida quando do momento oportuno.

De acordo com o professor e pesquisador Marcelo Reis, em sua leitura do historiador Ângelo Brelich, é “a crença em seres sobre-humanos um dos fenômenos caracterizadores da Religião”<sup>79</sup> Portanto, ressalvada sua relevância para a simbologia da comunidade, mestre Lanuh apresenta-se enquanto um dos pilares da doutrina eclética, ao lado de Yokaanam, que se colocava como uma figuração semelhante ou próxima a Jesus Cristo, patrono maior da comunidade, em uma nítida e intencional fusão de imagens, aludindo tratar-se da mesma entidade, representação esta legitimada por seus seguidores.

Nos tempos que se seguiram a proximidade com o mundo sobrenatural revelava-se cada vez mais constante. Aos treze anos já apresentava qualidades mediúnicas e aos quinze trabalhava como intermediário de um ente incorpóreo conhecido pelo nome de professor *Yāni Bensabahad*<sup>80</sup>. Mencionou, ainda, ter estabelecido, ao longo de sua existência, contato direto e sobrenatural com numerosos líderes espirituais.

Sempre impulsionado por forças imateriais e dedicado às atividades de cunho sagrado, a partir do ano de 1937 passa a frequentar uma sociedade civil nomeada *Ordem Mística da Regeneração*, chegando a ocupar o cargo de chefia na direção da organização, porém, devido às constantes divergências relacionadas a procedimentos internos e políticos, rompe as relações com a instituição arrebanhando parte de seus integrantes que formarão o embrião de seu próprio grupo, os *Ecléticos e Volantes*, que irão compor em ocasião posterior, o futuro quadro de adeptos da Cidade Eclética.

Uma vida dedicada às prioridades do espírito foi, desde muito cedo, algo desejado. Filho do casal Bárbara Sá e Joaquim de Araújo Sá, Oceano era o caçula entre quatorze irmãos. Proveniente de uma família numerosa e a princípio bem estabelecida, seus pais priorizaram em sua formação educacional uma base de cunho religioso. Em idade escolar foi internado e estudou em colégios católicos; inicialmente entre padres salesianos e em seguida na *Ordem dos Franciscanos no*

---

<sup>77</sup> Autores pesquisados: o sociólogo Lísias Nogueira Negrão, a antropóloga Eurípedes da Cunha Dias, a também antropóloga Glaucia de Melo Buratto e o professor Juraci das Rocha Cipriano. Algumas passagens acerca da trajetória de Oceano de Araújo Sá apresentaram-se de forma obscura, principalmente às questões referentes à sua formação acadêmica e religiosa.

<sup>78</sup> *Lanuh*: um espírito oriental que, segundo Yokaanam, é guia e protetor da Cidade Eclética.

<sup>79</sup> REIS, Marcelo Rodrigues dos. *Tia Neiva*: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer... Op. cit. p.124.

<sup>80</sup> Trata-se de um antigo médico de Alexandria. In: MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. p. 26.

*Seminário Nossa Senhora do Carmo*, em Olinda, preparando-se para uma vindoura carreira eclesiástica, porém, por motivos financeiros posteriores, os planos do casal foram abortados.

Em decorrência do falecimento precoce de sua mãe, Oceano de Araújo estabelece novos laços maternos com uma jovem negra de nome Maria Pastora da Soledade, carinhosamente apelidada de *mãe preta*<sup>81</sup>. Com a morte da esposa Joaquim de Araújo Sá contrai um novo matrimônio, contribuindo para o estremecimento das relações entre pai e filho.

No ano de 1929, Oceano de Araújo Sá foi admitido no 20º Batalhão de Caçadores de Maceió, destacando-se na corporação por suas habilidades intelectuais. Posteriormente foi transferido para a antiga Escola de Aviação no Rio de Janeiro recebendo missões mais importantes, o que lhe conferiu mais prestígio. Em uma de suas numerosas obrigações, na construção de redes telegráficas nas cidades de fronteira no Estado de Mato Grosso, conheceu sua futura companheira, uma telegrafista de nome Adiles Ramos com quem se casou no dia 19 de julho de 1930. De sua união com Adiles, Oceano de Araújo Sá teve dois filhos, que após o divórcio, oficializado em 1936, ficaram sob a guarda da mãe.

Suas atribuições e responsabilidades profissionais cresciam proficuamente. Como piloto do Quartel General do II Exército e chefe do Serviço de Comunicações Aéreas e Terrestre participou ativamente da Revolução de 1932 no Estado de São Paulo e, por ocasião do conflito, viu-se obrigado a interromper seus estudos na Faculdade de Direito<sup>82</sup> do mesmo Estado.

No início de sua carreira militar, como noviço oficial, foi alcançado pela Revolução de 1932, em São Paulo; foi convocado por falta de oficiais credenciados para o Estado Maior da Revolução e foi adido ao Gabinete. Designado para a função de chefe do Serviço de Comunicações Aéreas e Terrestres foi imediatamente promovido a tenente.<sup>83</sup>

Com o fim do conflito paulista, Oceano encontra asilo na Bolívia e Paraguai, dando prosseguimento às suas atividades profissionais. Seu desempenho oficial junto a Força Aérea Brasileira lhe possibilitou excursões e contatos com outros povos e culturas, contribuindo, anos mais tarde, na composição da doutrina da Fraternidade Eclética, pois para realizar sua eleição e alicerçar sua obra,

Realmente visitei, como silencioso e imperceptível observador, centenas de Instituições, casas de espiritismo doméstico e especialmente pessoas de multifárias cores sociais e religiosas, **AO TEMPO EM QUE MEU GRUPO ERA VOLANTE E NOSSO TEMPLO FUNCIONAVA ONDE SE INSTALASSE A DOR E A NECESSIDADE DE MINHA PRESENÇA FOSSE IMPERIOSA**, para levar a mão piedosa da graça divina, sem que nos apresentássemos com características, sem que aceitasse um centavo de quer que fosse... nem presentes, por gratidão!<sup>84</sup>

<sup>81</sup> Em homenagem a sua “mãe-preta”, mestre Yokaanam construiu um monumento localizado no interior da Cidade Eclética.

<sup>82</sup> Informação por Yokaanam repassada ao pesquisador Lísias Nogueira Negrão, quando de sua estadia na comunidade em 1984.

<sup>83</sup> Curso de evangelização dos adeptos adolescentes da Fraternidade Eclética. (volume 01.)

<sup>84</sup> YOKAANAM, Mestre. *Yokaanam fala à posteridade...* Op. cit. p. 65. (grifos originais).

Certamente a disciplina militar auxiliou o messias na organização e posterior administração da comunidade. A carreira oficial e suas atribuições, regimentos, direitos e deveres foram, anos mais tarde, incorporadas ao quadro de condutas da instituição, no cumprimento das normas, horários e tarefas.

Sua atuação profissional seguiu de forma bem sucedida e promissora, mas foi interrompida em um fatídico acidente aéreo no ano de 1944, fato que se tornou decisivo em sua trajetória e na revelação pública de sua missão. O inesperado ocasionou o fim de sua carreira e o início de sua jornada como doutrinador, assumindo uma nova identidade: *mestre Yokaanam*.<sup>85</sup>

Em 1944, dando instruções de voo a um estudante, sofreu um acidente com a queda do avião. Seu companheiro morreu; Oceano de Sá, internado em um hospital com muitos ferimentos, sobreviveu; depois de três meses desapareceu, e surgiu em 1945/1946 como Yokaanam, o restaurador, miraculosamente salvo do acidente aéreo pelas mãos de Deus, anunciando a si mesmo como profeta.<sup>86</sup>

O desastre tornou-se, portanto, uma ruptura em sua trajetória, inserida em um ciclo de renascimento e morte. A partir desse momento o homem Oceano de Araújo Sá não mais existia, dando lugar a Yokaanam e a criação de um mito.

O jovem piloto sobreviveu ao ocorrido e após dois meses de intensivo tratamento deixou o hospital vagando dias pela cidade do Rio de Janeiro antes de retornar e se apresentar com sua recente designação, aparência e obrigação. Conduzido por fatores acentuadamente espirituais e, designado como o responsável por impulsionar a fé cristã e unificar todas as religiões em torno de um cristianismo puro e primitivo, o sacerdote reorganiza suas atividades e ressignifica seu discurso, dedicando-se a atividades religiosas exclusivamente.

Antes de ele receber essa missão de Deus ele sofreu um acidente (uma queda de avião) e perdeu parte do calcanhar. Foi como se ele tivesse renascido, um milagre, a partir desse momento ele recebeu a missão de criar a cidade eclética.<sup>87</sup>

Incorporando oficialmente seu nome esotérico ao civil, o messias passa a assinar Yokaanam Oceano de Sá. Na qualidade de líder religioso seu grupo passa a chamá-lo *Mestre*, dando início às pregações evangélicas e às peregrinações apostólicas.

A nova alcunha lhe atribuíra práticas específicas que não mais se adequavam ao seu antigo estilo de vida. Yokaanam, como significado de São João Batista em hebraico, “*O mergulhador do Deserto*”, dizia-se a própria reencarnação do santo católico e, igualmente, como a reencarnação do profeta Elias<sup>88</sup>.

<sup>85</sup> Anagrama de YOKANAAM, em referência a cidade de Canaã.

<sup>86</sup> CIPRIANO, Juraci das Rocha. Op. cit. p. 16.

<sup>87</sup> **Georgina Rosa da Silva** – 61 anos, ex-moradora da cidade. Integrou-se a comunidade acompanhando a vontade da mãe, que veio juntamente com os primeiros adeptos do Rio de Janeiro durante a *peregrinação-êxodo*. Manteve-se filiada à instituição até o ano de 1967. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2010.

<sup>88</sup> Ainda que não afirmem categoricamente, os adeptos partilham da crença que Yokaanam foi à reencarnação do profeta Elias e de São João Batista. Com a aceitação de sua missão, ele teria acumulado tantos méritos que teria atingido níveis mais altos, logo, uma nova reencarnação não seria mais possível.

Três rupturas notáveis na vida de Oceano de Sá marcaram sua passagem do profano a sagrado, do homem Oceano de Sá ao messias Mestre Yokaanam: a ruptura do casamento em 1936 – ainda que não se admita, é sabido que o casamento não convém à formação esotérica de um messias – a ruptura com a Ordem Mística da Regeneração em outubro de 1942 – o que implicou na formação de seu próprio grupo – e finalmente, a ruptura com a sua atividade profissional em 1944, ruptura esta, decisiva, para o seu engajamento com a atividade missionária e messiânica. Assim é que, às vésperas do seu 33º aniversário, morreu o homem Oceano de Sá e nasceu o messias Mestre Yokaanam.<sup>89</sup>

Como mencionado anteriormente, o acidente ocorrido com o homem Oceano de Araújo de Sá fez surgir o líder e profeta mestre Yokaanam. Foi durante o repouso no hospital que Oceano teve sua segunda experiência com a entidade visualizada durante a infância, mestre Lanuh e a confirmação de seu ministério já anunciado.

Encerradas suas atividades profissionais, embora julgado apto em exame de saúde a que se submeteu, o Mestre recebeu **ORDEM DAS ESTRELAS** para abandonar todas as regalias e vantagens do mundo para dedicar-se exclusivamente à vida missionária. Desde os 15 anos de idade, ele trabalhava como receitista e vidente, como instrumento de uma Entidade Espiritual conhecida pelo nome de Professor **YAÑI BENSABAHAD**... antigo médico de Alexandria. Foi, no entanto, o **MESTRE LANUH**.. quem pressionou **YOKAANAM**.. a fundar a Fraternidade Eclética<sup>90</sup>

Incorporando a nova denominação Yokaanam se entrega a uma jornada missionária e peregrina pela cidade do Rio de Janeiro. A recém-adquirida identidade lhe atribuía não apenas valores diferenciados, mas feições peculiares, tornando-se notório no cenário da Guanabara da década de 1950; o moderno e o tradicional dialogando na figura do nosso beato contemporâneo.

Mestre Yokaanam seria o eleito ansiosamente aguardado, a reencarnação de uma divindade, por ele definida São João Batista, com a incumbência de “*restauração moral e espiritual de todas as coisas profanadas*”<sup>91</sup>, que se efetivariam por meio de dom pessoal acima de qualquer divisão civil ou eclesiástica, provocando uma ruptura na ordem então vigente e objetivando a edificação de algo utópico e diretamente ligado ao mundo sagrado.

Nunca me apresentei a ninguém me intitulado como sendo a encarnação nova de João Batista, anunciada e esperada pelos Evangelhos nos nossos dias. (São Mateus, Caps. 11 e 17). Nenhum discípulo meu propalou antes tal coisa. Antes dos próprios religiosos e suplicantes de outras origens que, como médiuns videntes e Audientes, se encarregaram de descobrir por meio de revelação própria; e se encarregaram, à própria conta, de espalhar a notícia por toda parte. Não há, em boa fé, culpa de minha parte, porque não tenho o direito de proibir que os outros vejam e falem!<sup>92</sup>

Destacando-se de uma coletividade, o messias surge como um indivíduo mais esclarecido e consciente das crises sociais e políticas que o cercam. Alia-se, portanto, à inteligência do líder, a confiança em si mesmo e seu senso organizador e de hierarquia.

<sup>89</sup> Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 28.

<sup>90</sup> Site oficial da comunidade. Disponível em [www.fraternidadeeclética.org.br](http://www.fraternidadeeclética.org.br). Acessado em 16 de março de 2009.

<sup>91</sup> YOKAANAM, Mestre. *O Cristianismo reúne e não divide...* Op. cit. p. 60.

<sup>92</sup> Idem, ibidem. p. 63.

Convicto de sua jornada, o agora homem público *O Solitário*<sup>93</sup> apresenta-se a sociedade e anuncia seus propósitos de seleção, reunião e edificação de uma doutrina, que se deixou entusiasmar, desde o princípio, pela restauração de uma conduta cristã primitiva, com exaltação a humildade, a caridade e a pobreza, no propósito revelado de promover o aperfeiçoamento espiritual da humanidade.

No ano 1946, data de fundação da Fraternidade Eclética como pessoa jurídica de direito público, Yokaanam faz seu primeiro sermão apostólico em um centro espírita e, no ano seguinte, com o propósito de propagação, funda o jornal *O Nosso*; órgão oficial de divulgação da comunidade.

A confiança em seus atos e a convicção de seu encargo contribuiu para o aumento da credibilidade entre os fiéis que passaram a considerá-lo um santo, confirmado por suas ações e pela sua preleção. A efetiva transformação da realidade a sua volta, a melhoria das condições existentes, a realização de trabalhos e feitos grandiosos, ou mesmo milagrosos, circunscreveram-no em uma áurea sacralizada, legitimando-o, para aqueles que assim o reconhecem, como verdadeiro líder sobrenatural.

As pregações do messias destacavam-se pelo tom mais conservador e de policiamento das condutas de seus seguidores, amplamente expresso em seus discursos, que se deixava enveredar calorosamente pelo esforço de reunião das religiões em nome do cristianismo universal.

Nos seus discursos, (...) ele exaltava o cristianismo primitivo, criticava os desvios e as arbitrariedades da Igreja Católica, o sectarismo religioso e as práticas “africanizadas” nas religiões afro-brasileiras (a magia, os rituais que envolviam sacrifícios de animais e outras práticas consideradas negativas e contrárias às práticas cristãs), ao mesmo tempo em que reprovava os novos costumes que trazia a modernidade, exaltava o Evangelho e exortava os seus ouvintes à prática do “verdadeiro” cristianismo.<sup>94</sup>

À medida que sua atuação missionária crescia junto à coletividade guanabarina, o grupo eclético conquistou notoriedade. Cultos, proselitismo, palestras, sessões de cura e peregrinações adquiriram vultuosidade e passaram a arrebatar mais admiradores e adeptos.

Yokaanam, por sua vez, também evidenciava em suas pregações sérias divergências com vários segmentos e práticas sociais, entre eles a Yoga e a maçonaria, considerando verdadeira somente os cultos maçônicos tradicionais, centrados, segundo ele, em torno de uma mística espiritual.

A maçonaria é uma instituição que pugna pelo aperfeiçoamento moral da humanidade e exige o cumprimento inflexível do dever por parte de seus membros, visando com isso, sobretudo, o respeito à Lei.<sup>95</sup>

Suas críticas estendiam-se a diversas organizações reverberando particularmente contra a Igreja Católica, pois de acordo com o líder, esta estaria corrompida pelas alterações então vigentes,

<sup>93</sup> Idem, *ibidem*. p. 25.

<sup>94</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 48.

<sup>95</sup> Jornal *O Nosso*, n. 611, ano 54, fevereiro de 2001.

desviada de seu verdadeiro papel, responsável por uma atuação a nível assistencial e que fora relegada e esquecida dos dogmas originais na contemporaneidade.

Posicionando em relação aos julgamentos do mestre e de seus fraternários, o episcopado apresentou-se de forma bastante incisiva, “*condenando a doutrina eclética, o exercício da mediunidade, à afinidade com a umbanda, a crença no espiritismo e na reencarnação e principalmente, quanto ao ofício religioso realizado por sacerdotes não celibatários e não sacramentados oficialmente.*”<sup>96</sup>

As dissensões não se restringiam as instituições e suas respectivas *práxis*, mas a sociedade como um todo e em específico a cidade do Rio de Janeiro da década de 1950, que não comportava as prerrogativas e o estilo de vida defendido por Yokaanam e seus discípulos.

Destarte, a possibilidade de um local distante dos grandes centros urbanos que propiciasse a instalação do grupo e a consolidação dos valores e padrões então defendidos, tornou-se uma necessidade que encontrou em Brasília o espaço ideal para a fixação da *cidade santa* nos moldes dos movimentos messiânicos.

A mudança da Fraternidade Eclética de sua antiga sede na Avenida Presidente Vargas número 1733 não se desprende do cenário de planejamento e transferência da capital do país para a região do Planalto Central.

A Sede-Matriz-Principal da Comunidade foi fundada no Rio de Janeiro, na Avenida Presidente Vargas, 1733, defronte ao antigo Ministério da Guerra, onde permaneceu até o dia **1º de novembro de 1956**, quando se transferiu, por ordens espirituais superiores, para o Planalto Central, no primeiro e histórico trem especial direto do Rio a Goiás e instalando-se em 76 barracas na antiga Fazenda Campo Limpo com trezentas famílias, onde fundou a cidade **Fraternidade Universal**, hoje uma realidade em marcha.<sup>97</sup>

Em um empreendimento anterior<sup>98</sup>, onde nos direcionamos mais detidamente a trajetória do homem ao líder; detectamos que o mestre se afirmou e, foi assim reconhecido por seus seguidores, como protagonista de um imaginário religioso plural e consubstanciado por distintas representações. No esforço sentido de captar os contornos a construir identitariamente o messias, o recurso à memória dos narradores conformou-se enquanto estratégia profícua e generosa de investigação, que se converteram em perspectivas de compreensão ao alargar o nosso entendimento daquele que se convenceu o personagem basilar em um primeiro momento.

Podemos aqui mencionar a figura representacional de Yokaanam a constituir a memória da comunidade, fazendo-se sentir contemporâneo aos que partilham do mesmo espaço, como moradores ou passantes.

Ao lado dos acontecimentos vividos e dos lugares, Michel Pollak elenca, igualmente, os personagens enquanto elemento constituinte da memória. Assim, pessoas públicas possuem a

<sup>96</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 179.

<sup>97</sup> MESTRE, Yokaanam. *Evangelho de Umbanda Eclética*. Rio de Janeiro. Editora da academia Eclética Exotérica da Fraternidade Universal. 3º Ed. 1992. p. 28.

<sup>98</sup> ARAÚJO, Daniela Nunes de. *Mestre Yokaanam: um líder messiânico em terras do Planalto Central (1911-1985)*. Monografia de Graduação. Universidade Estadual de Goiás. Departamento de História, 2008.



capacidade de despertar a memória individual ou coletiva a ponto de fazê-la reviver acontecimentos passados.

Além dos acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformam quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa.<sup>99</sup>

Ao nos aventurarmos pelas ruas e avenidas da Fraternidade Eclética visualizamos, a todo o momento, o contorno do messias a se revelar por entre janelas entreabertas, nas paredes dos templos e nas várias publicações produzidas rotineiramente pela gráfica local; um exercício de perpetuação da lembrança e de um sentimento de pertença que fortalece os vínculos entre o grupo.

Nas construções das narrativas se enfatiza, entre outras coisas, a tendência de impor uma ordem às experiências jazidas e de buscar um significado subjacente a realidade por meio do uso de histórias a traduzir o vivido. O desenrolar dos eventos são eventualmente revisados em sintonia com as mudanças, experiências e novas maneiras de percepção da realidade, de modo a oferecer distintos e atualizados propósitos de reconhecimento. Portanto, continuamente a imagem de Yokaanam é reatualizada; determinados traços são enaltecidos, desentendimentos são esquecidos e pouco a pouco o homem Oceano de Araújo vai desaparecendo e reforçam-se as feições mitológicas do enviado divino.

A concepção de mito aqui adotada é a de uma narrativa que se torna símbolo para um agrupamento social e, inúmeras vezes, serve de apoio em momentos de instabilidade, personificando acontecimentos, personagens e, fornecendo uma explicação. A consciência mítica pressupõe uma identidade entre os fatos, fundindo sujeito e objeto, o visível e o invisível, o natural e o sobrenatural.

Em oposição à concepção inerente ao senso comum onde o mito é contraposto a realidade, aqui vamos nos posicionar juntamente com Mircea Eliade, que o coloca assumindo uma função, que é a criação da realidade em dimensões humanas. É na revelação da condição mortal do homem que se vê frente à possibilidade de ser e não ser, simultaneamente, e da necessidade de sobreviver a essa contradição que surgem os símbolos, a palavra e toda uma heterogeneidade mitológica.

Descobrimos que imagem, mito, rito, magia, são fenômenos fundamentais, ligadas ao aparecimento do homem imaginário. Mitologia e magia serão doravante complementares, associados a todas as coisas humanas, até as mais biológicas (morte, nascimento),<sup>100</sup> ou as mais técnicas (caça, trabalho): vão colonizar a morte e arrancá-la do nada.

<sup>99</sup> POLLAK, Michael. "Memória e Identidade social". *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acessado em 17 de março de 2010. p. 08In: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acessado em: 20 de maio de 2008.

<sup>100</sup> MORIN, Edgar. *O Método IV: A Humanidade da Humanidade*; tradução de Juremir Machado da Silva. – Porto Alegre: Sulina, 2002, p. 141.

Em *Mito e Realidade*, Mircea Eliade declara que o mito significa uma história verdadeira e preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo.

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma criação: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser.<sup>101</sup>

Enquanto narrador, o historiador busca estabelecer uma relação com o passado, ou melhor, com as temporalidades, gerar um novo momento a partir da organização de um número infinito e heterogêneo de episódios e assim construir uma razão. Aqui, a composição recria a realidade com arte, deixando-se em muitos momentos, levar-se pela emoção. Mestre Yokaanam é personagem de um fato histórico que em nosso traçado surge, também, a partir dos relatos reais que se impregnam de fantasia no contar dos testemunhos. Um homem que se tornou exposição fantástica após prometer e fazer-se convencer, aos seus fiéis seguidores, de seu poder e condição excepcional, capaz de transformar a trajetória de vida daqueles que assim se comprometessem com seu ministério.

Os obreiros ecléticos não apenas creem nessa simbologia, mas a vivem de forma intensa e verdadeira, descrevendo “as diversas e algumas vezes dramática irrupção do sagrado no mundo”.<sup>102</sup> Percebe-se a relação existente entre a mitologia e as disparidades sociais e o universo religioso, que permite a construção de um ambiente capaz de criar sonhos e fantasias.

Um ponto importante dos estudos de Bronislaw Baczko<sup>103</sup> está na dialogia entre mito e imaginário. O autor confere às narrativas míticas a faculdade de promoção da coerência e coesão dos grupos. Ao transpormos essa análise ao campo das religiosidades e da imagética social, inúmeros exemplos de estratégias utilizadas pelas organizações culturais a fim de legitimar as hierarquias coletivas somam-se considerável.

Nessa construção, diariamente arquitetada, o uso de suportes fotográficos, ao lado das pregações outrora pronunciadas, labora como sustentáculo ao assumirem a função de reconstrução dessa memória.

Para além de uma tradição que privilegia a grafia em detrimento de outros indícios acerca do passado, a historiografia contemporânea tende a reconhecer que a própria noção de fonte alargou-se consideravelmente nos últimos anos, tornando-se ilimitada frente à imaginação e criatividade daquele que se propõe a desvelar algum caminho e que assume proporções bastante significativas, seja no tratamento com os documentos escritos, de imagens ou no relato oral.

A partir desses esquemas intelectuais a realidade cria contornos e formas e assim, torna-se inteligível ao pesquisador; uma tarefa que se faz em relação de complementaridade de diversos campos do saber; um caminho disciplinar estabelecido a partir das pontes e conexões que

<sup>101</sup> ELIADE, Mircea. *Mito e Significado*. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 12.

<sup>102</sup> Idem, *ibidem*, p. 11.

<sup>103</sup> BACZKO, Bronislaw. Op. cit. p. 300.

se estabelecem com distintos referenciais deixando-se guiar pelo convite revelado à interdisciplinaridade.

Os objetos de estudo da *História Cultural* tornaram-se inúmeros e difíceis de precisar, mas incluem desde a representação que os homens produziram de si, da sociedade em que vivem e do mundo que os cerca, e igualmente as condições de produção e circulação desses objetos.

De igual maneira, uma nova História Cultural interessar-se-á pelos *sujeitos* produtores e receptores de cultura – o que abarca tanto a função social dos “intelectuais” de todos os tipos (no sentido amplo, conforme veremos adiante), até o público receptor, o leitor comum, ou as massas capturadas modernamente pela chamada “indústria cultural” (esta que, aliás, também pode ser relacionada como uma agência produtora e difusora de cultura).<sup>104</sup>

Tomados como vestígios profícuos os registros fotográficos revelam-se de suma importância por permitirem a observação cuidadosa das rupturas, continuidades e sobreposições, arrastadas no âmbito das alterações sociais e culturais que possibilitam uma aproximação entre um recorte na tessitura do tempo histórico, consentindo para a reprodução de um momento difícil de ser resgatado com precisão.

Esta possibilidade intrínseca ao campo visual, tomado como fragmento eternizável de uma paisagem passível de transformação permite-nos, ainda que longinquamente, visualizar as mudanças ocorridas em determinado espaço físico ao se comparar frações extraídas de períodos distintos. O importante é frisar que, assim como as demais fontes historiográficas, esses suportes não são a história reproduzida, nem testemunhas isoladas dos fatos, contendo uma explicação que se resume em si mesma, mas confirmadores de mudanças.

A fotografia deve ser concebida enquanto um apoio que demanda leitura e interpretação. Deve-se utilizá-la como resultado de um processo de construção de sentido. Do ponto de vista das periodizações nos permite a presentificação de um ausente, como uma mensagem que se processa ao longo do tempo.

Lugares e pessoas são ditos e vistos num exercício de memória: lembrar o presente e o ausente; perceber os esquecimentos; dizer de outro modo, como na poesia concreta: o não verbal e o verbal, o visual e o audível, o silábico e o ideograma. Um livro de memória deve ser de lembranças e de esquecimentos. As imagens do passado são, ao mesmo tempo, o que pensamos hoje sobre ele e o que dele ficou retido na fotografia - outro modo de pensá-lo novamente.<sup>105</sup>

“*Fotografia é memória e com ela se confunde*”.<sup>106</sup> Lembranças fixas que retomam o seu movimento, animação contemplada em um ato rememorativo. Assim, diante dos testemunhos dos *Peregrinos da Eternidade* confluem memórias e imagens. Imagens estas comuns a todos os

<sup>104</sup> BARROS, Jose de assunção. “A História cultural e a contribuição de Roger Chartier.” *Revista Diálogos*, DHI/PPH/UEM, [online] v. 09, nº 01, p. 125-142, 2005. Disponível em: [www.scribd.com/.../A-Historia-Cultural-e-a-contribuicao-de-Roger-Chartier-BARROS-Jose-D-Assuncao](http://www.scribd.com/.../A-Historia-Cultural-e-a-contribuicao-de-Roger-Chartier-BARROS-Jose-D-Assuncao). Acessado no dia 12 de agosto de 2009.

<sup>105</sup> JÚNIOR, Deusdedith Alves Rocha. “Fotografia para falar do passado”. *Revista PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos*. [online] UniCEUB, FACJS, Vol.2, n.1/07. Disponível em: <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.Php/pade/article/viewPDFInterstitial/147/136>. Acessado no dia 12 de maio de 2009.

<sup>106</sup> KOSSY, Boris. *Fotografia e História*. Ateliê editorial, 2º ed. São Paulo, 2001. p. 156.

membros da comunidade, mas que para cada um assume significado particular. São eventos que unem, de certo modo, a todos, em uma forma de perpetuar as tradições locais.

Maurice Halbwachs concebe que a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com o trabalho e com o grupo de convívio, pois “*um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros*”.<sup>107</sup>

Ancorados na grande renovação temática e metodológica que propõe a *História Cultural*, as reproduções surgem como importantes suportes de memória por meio dos quais o historiador pode ter acesso aos rastros de uma sensibilidade passada sem, no entanto, dispensar as ferramentas já consagradas. Assim, o pesquisador está ainda mais preparado para elaborar uma *descrição densa* do seu objeto de estudo, fugindo da superficialidade e buscando uma interpretação criativa de uma experiência pretérita.

As imagens utilizadas como forma de representação do núcleo religioso em questão exprimem uma cultura e um significado determinado, assumem feições em rituais, festividades, comemorações, sessões doutrinárias e mesmo no cotidiano dos adeptos. Após a morte de Yokaanam as principais ocasiões continuam sendo registradas como formas de manutenção e memória do grupo.

A fotografia passa aqui a ser entendida como imagem-poesia do cotidiano e pode descrever os acontecimentos da rotina da cidade. Nessa crônica arquitetada no cruzamento entre razão e emoção, mestre Yokaanam ocupa lugar de centralidade e proeminência. No momento seguinte nossos esforços se propõem, tomando as imagens enquanto lugar de memória, tornar passível de leitura mais uma, dentre as várias representações de nosso profeta.

### A metamorfose da identidade



*Mestre Yokaanam*

A partir da segunda metade do século XX, o contexto histórico brasileiro foi influenciado por acontecimentos de intensa repercussão, tanto a nível externo, marcado pelo acirramento da chamada Guerra Fria, quanto a nível interno, configurado pela ascensão e decadência dos governos populistas e a emergência de um regime de exceção dominado pelos militares.

Nessa paisagem de disputas e novos arranjos, a eclosão de agitações reivindicatórias e de contestação da ordem vigente alcançaram evidência, principalmente entre as camadas populares e operárias da sociedade, tornando-se propício para o surgimento de movimentos comunitários de

<sup>107</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro: 2004. p. 54.

vertentes religiosas e políticas que encontraram suporte para seus discursos nas lacunas deixadas pela ausência de atuação do Estado, possibilitando o advento de lideranças carismáticas que se apresentavam como solucionadores das problemáticas nacionais.

Mestre Yokaanam não se deixou calar diante desse cenário, ao contrário, em suas pregações mostrava-se o quão bem informado estava em relação aos episódios de maior projeção e alcance social.

As preocupações políticas de Yokaanam não se circunscrevem ao âmbito nacional, mas preocupa-se o Mestre com a Guerra do Vietnã e com o possível expansionismo asiático, denominado por ele de perigo amarelo. Identifica-se Yokaanam mais plenamente, como é lógico, com o Brasil, o qual é denominado, de acordo com a famosa frase do médium Francisco Xavier, coração do mundo e pátria do Evangelho. Em segundo plano, identifica-se com o Ocidente, no qual inclui a União Soviética e os países europeus, ao lado das Américas. Mas dentro do Ocidente, a preocupação maior é em relação aos Estados Unidos da América. Aos Estados Unidos cabe a maior responsabilidade, auxiliado pela União Soviética, Inglaterra e França, pela contenção dos amarelos quando estes invadirão o Ocidente, em um futuro próximo.<sup>108</sup>

Percebemos que a influência sob os fiéis, decorrente de seu magnetismo pessoal, não é alguma sobrenaturalidade existente sobre suas ações, mas uma proximidade do cerne das contendas.

O antropólogo Clifford Geertz desloca as querelas sobre carisma do plano psicológico ou sociológico para as questões culturais e, portanto, históricas, entre os sujeitos e suas concepções de dominação e domínio. Dessa forma, a figura do carismático ganha sentido a partir da relação que mantém com a simbologia que delimita os centros do poder.

O que faz um líder político ser espiritual não é, afinal, sua posição fora da ordem social, em algum transe de autoadmiração, e sim um envolvimento íntimo e profundo, que confirme ou deteste, que seja defensivo ou destrutivo, com as ficções mais importantes que tornam possível a sobrevivência desta ordem.<sup>109</sup>

Geertz chama a atenção para “a conexão entre o valor simbólico dos indivíduos e a relação que estes mantêm com os centros ativos da ordem social”.<sup>110</sup> Esses centros apresentam-se como os locais privilegiados dos acontecimentos, das polêmicas, das tomadas de decisão e das concessões, enfim, as importantes atividades que irão dar forma ao mundo social e influenciar a vida de seus membros. É dessa relação que surge o caráter excepcional de um indivíduo que se posiciona como guia e mentor dos demais. Desse modo, “o carismático não é necessariamente dono de algum atrativo especialmente popular, nem de alguma loucura inventiva; mas está bem próximo ao centro das coisas.”<sup>111</sup>

<sup>108</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo...* Op. cit. p. 117.

<sup>109</sup> GEERTZ, Clifford. *O Saber local*. Petrópolis: Vozes, 1998.p. 219.

<sup>110</sup> Idem, ibidem. p.184

<sup>111</sup> Idem, ibidem. p.185.

Nosso messias, por sua instrução privilegiada em relação aos seus seguidores, mantinha-se informado acerca dos principais eventos do Brasil e do mundo, incorporando-os em suas prédicas e previsões escatológicas.

Duas catástrofes foram por Yokaanam anunciadas, ambas culminariam com o terceiro milênio; o surgimento de um novo sol em nosso sistema solar e a eclosão da terceira guerra mundial. Suas preocupações não se desprendiam dos episódios noticiados na época e demonstravam não uma percepção sensível de presságios e prognósticos futuros, mas discussões e debates contemporâneos ao nosso beato.

Então, nessa época, meus amigos, de acerto de contas, de toda parte, vamos ficar cercados de todos os lados... pelo sol negro e pelo povo amarelo, pelas tribulações de toda parte, para chamar a Humanidade todinha às falas, e ninguém escapará. Então, acontecerá aquilo que nós já avisamos também: dois terços da Humanidade serão banidos! Porque ela se afastou do caminho das estrelas. A Humanidade em maioria caiu na Bossa Nova, caiu no lodo e se esqueceu dos seus deveres para com Deus, para com Cristo. Esta Humanidade atual será banida, só sobreviverão aqueles que estiverem em condições de permanecer na Terra, para constituir uma nova família, uma nova sociedade.<sup>112</sup>

Yokaanam criava a sensação de desestabilização da ordem política e religiosa ao mesmo tempo em que abria espaço para um modelo alternativo. Dessa forma, sua legitimidade não foi algo exclusivo e dependente apenas de seu carisma advindo de dom divino, sobrenatural e extracotidiano, mas fruto da construção simbólica do intelecto, formado dentro de uma racionalidade legitimada em seus discursos no intuito de subverter a ordem e instaurar uma nova disposição social.

O profeta reunia elementos vocacionais e carismáticos que lhe asseguraram a licitude de suas ações. Mas para impor sua vontade sob a maioria tornava-se necessário o exercício de um domínio menos sobrenatural e mais persuasivo.

Nesse sentido é igualmente significativa a contribuição de Pierre Bourdieu na análise sobre aspectos do poder simbólico enquanto instrumento de imposição ou de legitimação da dominação.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo, poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma <illocutionary force> mas que se define numa relação determinada - e por meio desta - entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença.<sup>113</sup>

Existem vários símbolos em torno de Yokaanam e que permitem objetivar a influência sobre seus seguidores. Linguagem, postura, trajes e, após sua morte, a petrificação de sua imagem, (seu busto incrustado em pedra em frente ao Phanteon, o *Solitário* e inaugurado recentemente uma

<sup>112</sup> Jornal *O Nosso*. Brasília, Ano 20, Edição de janeiro de 1966.

<sup>113</sup> BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 17.

estátua de tamanho real em comemoração aos 100 anos de nascimento do messias), de sua palavra e de sua memória; elementos que reunidos contribuíram para a formação de um mito poderoso e a seus prosélitos, próximo à onipresença.

No entanto o carisma não é uma qualidade eterna. É preciso um esforço contínuo a justificar e ratificar os laços construídos fortalecendo as relações já estabelecidas e fomentando novas afinidades. Assim, não basta estar no centro do poder para ser carismático, é preciso parecer e agir como essa designação exige, tanto daquele que nomeia, quanto daquele que é nomeado.



*Mestre Yokaanam*

Na quase totalidade das fotografias ao qual tivemos acesso o messias é retratado de balandru e cajado, no intuito de confecção de uma figura que, além de enigmática, portava-se com peculiaridade e distinção. Nas publicações que a ele fazem menção e principalmente entre seus adeptos, seu nome é precedido pelo título de *Mestre, Doutor e Senhor*. Yokaanam procurou projetar em si aspectos culturais a fim de permitir que seu carisma fosse reconhecido e legitimado oficialmente por meio de uma instituição criada por ele, a *Cidade Iniciática dos Peregrinos da Eternidade*.

Ao longo de sua trajetória o mestre deu forma a um universo singular e que encontra no suporte da memória o vetor responsável por validar práticas que se convencem cara e decisiva para a caracterização identitária do grupo.

Reconhecida sua missão e revelada aos demais, o homem Oceano de Araújo Sá cercou-se de uma aura mística a fim de conferir uma caracterização

específica condizente com sua nova função.

As vestes, assim como a postura, os gestos e as palavras passaram a ser cuidadosamente contido e policiado diariamente no propósito de deixar transparecer, ao simples olhar, um posicionamento humilde e paterno aos que dele se aproximassem e assim, deixar-se envolver por um imaginário religioso que remetesse a uma tradição milenar.

Entre 1945 e 1946, no antigo Distrito Federal, apareceu em vários logradouros do subúrbio do Rio de Janeiro, um homem de altura mediana, macilento, pele tostada pelo sol, barbas longas, cabelo a nazareno, veste clara e longa, tocando os calcanhares, cajado na mão, pregando a união das religiões. Agia sozinho, O *Solitário*, mais tarde assim iria autoneomear-se.<sup>114</sup>

Conclusa a transferência da Fraternidade para o Planalto Central e iniciado a adaptação dos moradores a nova situação, Yokaanam, frente à rotinização do carisma no espaço da cidade, iniciou um processo de reconstrução de suas feições abalada pelos constantes ataques e atritos

<sup>114</sup> CIPRIANO, Juraci das Rocha. Op. cit. p.14.

sofridos no Rio de Janeiro e, receoso que os hábitos rotineiros normalizassem o excepcional de sua identidade.

Em relação ao uso de ilustrações pela religiosidade, nos convém ressaltar que esse foi um diálogo permeado pelo conflito e oscilando entre o medo e o fascínio. A tradição judaico-cristã foi essencialmente iconoclasta, posicionando-se com desconfiança em relação à expressão dos sentimentos por meio das imagens e que, aliado ao discurso científico, de racionalização e objetividade das experiências, construiu a base da civilização Ocidental durante a modernidade.

Sem dúvida que nossa herança ancestral mais antiga e incontestável é o monoteísmo da Bíblia. A proibição de criar qualquer imagem (eidôlon) como um substituto para o divino encontra-se impressa no segundo mandamento da lei de Moisés (Êxodo, XX. 4-5).<sup>115</sup>

Essa desconfiança em relação ao *mundo imaginal*<sup>116</sup> significou, ao longo dos séculos, um paradoxal debate entre a aceitação e a recusa. A tentativa de consolidação de um pensamento permeado pela objetividade, de uma rejeição dos valores e poderes do imaginário em prol dos esboços da razão e da força dos fatos encontrou, ao mesmo tempo, forte resistência no Ocidente.

Certamente, podem-se encontrar exceções notáveis, no decorrer dos três ou quatro milênios que constituem essa tradição. As lutas, guerras e combates de ideias entre iconófilos e os iconoclastas são encontrados através dos tempos: o Antigo Testamento e o problema dos ídolos, Bizâncio e suas perseguições, a Reforma e o culto aos santos, etc. Tudo isso prova à exaustão que o debate nunca foi fácil.<sup>117</sup>

A esse respeito, o messias igualmente se posicionou em relação ao uso de imagens e objetos como forma não apenas de ornamentação dos templos e demais recintos da comunidade, mas como parte integrante do sacerdócio, enquanto artifício de concentração e elo com o sagrado.

As imagens, os templos, os altares de todas as religiões e do Espiritismo de Umbanda Eclética e Superior, que aqui defendemos, são os meios e exercícios intermediários para a retina humana conservar a imagem viva das coisas divinas e manter ou estabelecer a sua aproximação ou ligação vibratória com os espíritos superiores, para o que a mente humana é sempre falha, defeituosa e, por isso só, incapaz de realizar uma concentração pura e isenta de interferências profanas.<sup>118</sup>

Superadas as tensões entre o consentimento ou a renúncia da compreensão do trânsito divino pela forma, a necessidade de se fazer ver saiu vitoriosa frente à concepção teológica da imagem como testemunho da encarnação ou, como o sinal de uma manifestação de Deus.

Entre os séculos XVI e XVI, a Igreja recorreu à arte para lutar contra a Reforma, sobretudo empregando uma nova iconografia para exprimir sua doutrina. Desde então, a iconografia religiosa está inscrita num campo de difusão de signos plásticos, que permitem difundir, a sujeitos distribuídos em espaços e tempos

<sup>115</sup> DURANT, Gilbert. *O imaginário*. Rio de Janeiro: Difel, 1999. p. 09.

<sup>116</sup> Cf. MAFFESOLI, Michel. *A Contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios. Ed. 1995, p. 90

<sup>117</sup> Idem, *Ibidem*, p. 90.

<sup>118</sup> YOKAANAM, Mestre. *Evangelho de Umbanda Eclética*. Rio de Janeiro: Ed. da Academia Eclética Exotérica da Fraternidade Universal, 1ª ed. 1953; 2ª ed. 1954; 3ª ed.s/d; 4ª ed.1969; 5ª ed. 1980; p. 43.



distintos, imagens produzidas para constituir um efeito de controle no imaginário das massas de devotos.<sup>119</sup>

A busca por uma popularização da imagética que ao enfatizar a representação das características que acercam o universo de santos e profetas abriu campo para que se introduzisse, “na representação, o espaço da vida cotidiana;”<sup>120</sup> assim, os esboços tornaram-se construções materializadas de experiências divinizadas.

Nesse exercício, na Fraternidade Eclética, o aspecto visual destacou-se como importante veículo no intuito de fixar uma reminiscência a se perpetuar na memória dos moradores contribuindo para a permanência de uma figuração que revelasse o singular como caráter habitual do líder.

Entre as representações estrategicamente dispostas pela cidade; nas residências, templos, monumentos e folhetos doutrinários, o messias é retratado de forma distinta de seus seguidores. A excentricidade de



*Mestre Yokaanam*

sua figura tornava-se, portanto, corriqueira e atributo de diferenciação em relação aos demais membros da comunidade. Não apenas nos momentos rituais, de solenidades ou comemorações o messias caracterizava-se com trajes especiais<sup>121</sup>, a exemplo dos obreiros; mas diariamente. O homem Oceano de Araújo não mais existia, sua única identificação a referendar sua nova condição era agora informada pelo sagrado; um enviado divino, um líder messiânico, que a exemplo de seus congêneres famosos<sup>122</sup>, igualmente, deixou-se portar com notoriedade.

Ele era muito carismático, onde ele passava deixava “uma energia”, gostava de andar bem arrumado e perfumado, era sério, transmitia respeito, seu olhar era enigmático, mas transmitia uma boa energia. Ele dava muita atenção às pessoas.<sup>123</sup>

<sup>119</sup> SOUZA, José Lopes Régis de Toledo. “Religiosidade e Iconografia em contextos populares da sociedade brasileira”. [online] Departamento de Ciências Sociais e Letras. Universidade de Taubaté. Disponível em: <http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/religiosidade-N2-2001.pdf>. Acessado em 12 de janeiro de 2011.

<sup>120</sup> Idem, *Ibidem*. p. 02.

<sup>121</sup> Seus trajes, na grande maioria das vezes eram compostos por Balandrau, sandálias rasteiras e cajados em mão. Quanto aos demais adeptos, as vestimentas eram de uso corriqueiro, predominando as camisas e calças para os homens; e vestidos e saias longas para as mulheres. Os balandraus, com distintas tonalidades, usados pelo fraternários, se restringem aos momentos de culto.

<sup>122</sup> A exemplo do movimento de Canudos, no arraial de Belo Monte, dos Borboletas Azuis, em Campina Grande, do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, no Ceará, dos Muckers, no Rio Grande do Norte, do Monge dos Pinheirinhos, no Rio Grande do Sul, dos Monges Barbudos, igualmente no Rio Grande do Sul e do Contestado, na região entre os Estados de Santa Catarina e do Paraná.

<sup>123</sup> **Georgina Rosa da Silva** – 61 anos, ex moradora da Cidade Eclética. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2010.

A piedade à forma representacional de Yokaanam teria por consequência a devoção ao caráter imanente do exemplo ou da santidade que ela carrega consigo. Como o profeta ultrapassava as determinações conceituais e encarnou a materialidade, seu reconhecimento pressupõe uma relação dialógica com sua presença e a legitimação por parte dos prosélitos.



*Mestre Yokaanam nas terras da Fraternidade*

Mestre Yokaanam, com cajados em mão, cabelos longos e barbas crescidas, assemelhava-se a figura conhecida do messias consagrado pelo imaginário popular. Mesmo em momento de labor o mestre procurava manter intactos os atributos que o diferenciava dos demais e que se colocava para além das roupagens, envolto a uma aura de mistério e peculiaridade.

A imagem do missionário solitário e leal ao seu encargo passou a ser trabalhada com propósito de harmonização em torno de uma tradição. Os adeptos da comunidade

aderem a um sistema de crenças e procuram reviver as experiências do seu fundador, a fim de possibilitar a perenidade do coletivo e dessa forma, aproximar o passado para ser vivido no momento presente.

Na medida em que se entende que toda significação da experiência do presente está contida, ao menos, potencialmente, no acontecimento fundador, o passado se constitui simbolicamente como uma referência imutável. Em constante relação com o passado, os crentes se constituem em um grupo religioso, suscitando e mantendo a crença na continuidade da linhagem de fé, ao preço de um trabalho de rememorização que também é uma reinterpretação permanente da tradição em função das questões do presente.<sup>124</sup>

Raro são os momentos em que Yokaanam se deixou fotografar fazendo uso de vestimenta similar ao restante do grupo. A intenção de marcar uma diferença em relação ao demais era proposital e apoiada pelo conjunto, que após sua ausência física, procurou dar continuidade à distinção que o acompanhava.

No entanto, sua especialidade não circunscrevia apenas aos indumentos, mas a sua conduta e procedimentos. Uma postura reservada, sem arroubos ou sobressaltos e, por vezes, severa e insípida, “*ele era um missionário e se colocava como um missionário, às vezes era muito sério e fechado*”.<sup>125</sup>

A interdição aos comportamentos mais extasiados justifica-se por fins religiosos, ou seja, enaltecer a seriedade do sacerdote a fim de impor limites à conduta de seus seguidores. O desrespeito, portanto, não se restringe apenas a condenação quanto à jocosidade dos recintos de

<sup>124</sup>HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento...* Op. cit. p. 61.

<sup>125</sup>**Georgina Rosa da Silva** – 61 anos, ex-moradora da cidade. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2010.

culto, mas tomando a Fraternidade Eclética como um todo consagrado, a observância às normas de agir e de se portar faz-se como uma prática inflexível e constantemente inspecionada e, aos mais desavisados, rigorosamente censurada.

Pequenas advertências são, no entanto, comuns, sobretudo aos jovens, por exemplo, quando um adolescente é surpreendido fumando escondido ou namorando em lugar proibido; ou ainda, quando uma moça vaidosa corta os cabelos mais curtos do que o permitido ou muda-lhes a cor, usa bijuterias exageradas ou um vestido mais curto que o permitido. O serviço de disciplina é encarregado de vigiar e de aplicar a advertência. Em casos mais graves, o problema é levado e submetido às instâncias mais elevadas.<sup>126</sup>

Na Cidade Eclética, há um esforço constante de vigilância e controle quanto aos estímulos exteriores de cada membro, perpassados por um estilo mais preservado com limitações pré-concebidas e tomadas como dever por parte dos fiéis e visitantes.

Nestes comportamentos mediadores entre o homem e o Deus cristão, a busca da interiorização, far-se-ia pelo controle da palavra e do gesto, pela educação do corpo, negação dos apetites carnis, contenção dos impulsos desordenados, enfim, pelo autocontrole físico e espiritual. A conquista da interioridade implicou na valorização da pobreza, castidade e obediência, e se fez pelo exercício da prece, realizada na solidão e no silêncio. A convicção íntima tendeu a tornar-se o motor das ações pessoais. Ao mesmo tempo, a vigília de si mesmo conduziu a um autopolicamento e a um combate contra as forças desagregadoras do espírito.<sup>127</sup>

Como um núcleo religioso que enfatiza a valorização de um procedimento que priorize a sobriedade dos atos e um retorno ao cristianismo primitivo, com ênfase na seita dos antigos essênios<sup>128</sup>, conhecidos por sua “*rigorosa observância das rígidas leis mosáicas de pureza levítica*”<sup>129</sup>, todo ato burlesco é condenável entre os adeptos, o humor e o riso, ainda que não sejam proibidos, devem manifestar-se de forma singela e discreta. Todas as imagens, festividades, textos e publicações vinculados na cidade, incentivam uma postura moderada e distante de arrebatamentos cômicos que são repreendidos com severidade.

O Cristianismo primitivo já condenava o riso. Tertuliano, Cipriano e São João Crisóstomo levantaram-se contra os espetáculos antigos, principalmente o mimo, o riso mímico e as burlas. São João Crisóstomo declara de saída que as burlas e os riso não provêm de Deus, mas são uma emanção do diabo; o cristão deve

<sup>126</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 104.

<sup>127</sup> MACEDO, José Rivair. “Riso Ritual e Cultos pagãos e Moral Cristã na Alta Idade Média”. [online] Boletim do CPA, Campinas, nº 4, jul./dez. 1997. P.87-111 Disponível em: [www.ifch.unicamp.br/cpa/boletim/boletim04/09macedo.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/cpa/boletim/boletim04/09macedo.pdf)

<sup>128</sup> Para o autor Jean Delumeau em sua obra *De Religiões e de Homens*, p. 388, “Fílon, Flávio Josefo e Plínio, o Velho, forneceram informações sobre essa comunidade da qual, curiosamente, o Novo Testamento não fala. Os essênios praticam a pobreza, a obediência e a castidade, de acordo com um tipo de vida monástica austera. Estudam as Escrituras, fazem trabalhos manuais e observam as práticas de pureza ritual, recusando ao mesmo tempo o culto do Templo de Jerusalém. Seu modo de pensar se caracteriza pela fidelidade a Deus, à sua aliança e à sua vontade. Permanece fora de qualquer ideia de universalidade da salvação.”

<sup>129</sup> GINZBURG, Christian. *Os essênios: Suas Histórias e Doutrinas*. Editora pensamento. p. 27. De acordo com o autor, a tribo dos Levi foi por Cristo separado do convívio em sociedade a fim de dedicar-se ao exercício do sacerdócio exclusivamente. O termo Levítico, refere-se, portanto, ao terceiro livro da Bíblia, fazendo parte do Pentateuco cuja autoria é atribuída a Moisés. Trata-se de um dos livros do Antigo Testamento e possui vinte e sete capítulos.

conservar uma seriedade constante, o arrependimento e a dor em expiação dos seus pecados.<sup>130</sup>

As atividades praticadas na comunidade são cuidadosamente orquestradas de forma a garantir a participação de todos os prosélitos em sua manutenção e, principalmente, no cumprimento dos ritos diários<sup>131</sup>. O ritmo dos indivíduos é organizado pelo comum acordo do coletivo, garantindo, assim, a união e a interação da totalidade do grupo, *“na Fraternidade a gente tem o seguinte, os sistemas de trabalho que são influenciados por setores da casa, não deixando de ter a parte de escolaridade”*<sup>132</sup>.

A vida litúrgica e doutrinária deve absorver parte considerável dessa organização temporal, as manifestações e as diversões mundanas são negligenciadas a fim de uma integração maior aos rituais. O tempo de salvação distingue-se, por esse motivo, do tempo mundano por um sentido moral. Mas, dessa perspectiva, aquele que vive de forma cristã se encontra fora da divisão em questão.

Os movimentos messiânicos brasileiros constituem-se como experiências agregadoras de sentimentos múltiplos e informados por uma construção imagética que se formaria na junção entre razão e sensibilidade. O lúdico e o sagrado em um mesmo espaço de atuação a sustentar as narrativas.

Para além dos campos da racionalidade exacerbada enquanto ferramenta de análise da sociedade, o imaginário se estabelece como campo agregador do misterioso, do idílico e do onírico, uma atmosfera perceptível, mas não quantificável, uma força social, de ordem espiritual que se mantém ambígua, *“não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, certo mistério da criação ou da transfiguração”*.<sup>133</sup>

*“Ele foi o mestre dos obreiros ecléticos, no sentido em que foi Pai, autoridade, poder, sabedoria. Pai de indivíduos, pai de uma coletividade, ele estava acima dos demais.”*<sup>134</sup> Por seus predicativos e atributos, sua aparência peculiar e seus sermões, tornou-se exemplo de humildade e de bondade e, por sua capacidade em operar milagres e realizar curas, é distinguido, reverenciado e evocado constantemente, por seus adeptos, como o maior médium do Brasil e destaque no cenário místico-esotérico de Brasília, capital do terceiro milênio e local de discussão a interpelar nossos esforços cognitivos seguintes.

<sup>130</sup> BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 63.

<sup>131</sup> Os ritos diariamente cumpridos no interior do grupo compreendem as cerimônias e as missas, mas igualmente o cuidado com a limpeza e higienização dos templos e demais espaços da comunidade, estando, pois, sua manutenção sob o encargo de todos.

<sup>132</sup> **Irmão Daniel Ventura**. DIGITALTVWEB. *Cidade Eclética*. Projeto dos alunos do UniCeub, coordenado pela professora Ana Paula Ferrari, editores Raquel Castro e Vivian Chagas. Brasil, 2009, 4.07', cor.

<sup>133</sup> MAFFESOLI, Michel. “O imaginário é uma realidade”. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*. [online] Porto Alegre, nº 15, agosto 2001. Disponível em: <http://www.scribd.com/.../Michel-Maffesoli-o-imaginario-e-uma-realidade>. Acessado no dia 12 de julho de 2009.

<sup>134</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 161.

## E Brasília se fez um centro irradiador de mitos e crenças

No Brasil o fenômeno da pluralidade religiosa apresenta certas particularidades. O processo de fusão de diferentes cultos ou doutrinas remontam à própria formação sociocultural e histórica do território. Ainda no período colonial, o sincretismo, que inevitavelmente decorria do contato entre os distintos grupos que aqui coexistiam, era estimulado pelos jesuítas como forma de domesticação dos gentios, desde que não contrariasse aos postulados cristãos, permitindo assim, a continuidade de muitos dos costumes tradicionais. Dessa forma, conservaram-se cantos e rituais aborígenes de reverência ao Deus oficial da Igreja Católica.

... e porque a festa não parecesse somente nossa e dos novos cristãos, muitos dos gentios, cheios de fervor e ataviados à sua guisa, com pena muito louçã e seus maracás nas mãos, tangendo, ordenaram sua folia, com que decorriam pela procissão, e assim foi celebrada com moletes em canto de órgão e salmos bem acompanhados de vozes e também com os cantares e folia dos que se mais souberem mais fizeram...<sup>135</sup>

Nos movimentos de *Santidade*, enquanto os autóctones, malgrado seu contato com os brancos, realizavam êxodos para a *Terra sem Males*, guiando-se por valores e costumes locais, outros agrupamentos tribais, em decorrência da educação realizada nas missões jesuíticas, eram liderados por míticas figuras cristãs, sendo orientados por índios responsáveis por efetuarem uma estreita ligação entre as várias leituras contemplativas.

As crenças de origem africanas que cruzaram o oceano de forma forçada pelo impulso escravocrata do Novo Mundo fincaram raízes profundas em nosso solo, constituindo-se em elementos de composição da identidade cultural do país. Destarte, o misticismo nativo encontrou-se com a devoção africana e suas irmandades, contribuindo para uma circularidade expressiva e cara aos que aqui habitam.

Dos roçados indígenas, nascem os terreiros dos rituais negros. Deste contato, surgiram os candomblés de caboclos e os candomblés de Angola, que futuramente serviriam de base à umbanda, integrando elementos do espiritismo Kardecista, num contexto mais urbanizado da sociedade brasileira.<sup>136</sup>

Como afirma Laura de Mello e Souza, o sincretismo foi o objeto característico da religiosidade originária desde os primeiros séculos.

Traços católicos, negros, indígenas e judaicos misturaram-se, tecendo uma religião sincrética e especificamente colonial. De certa forma, reeditava-se aqui a história – recentemente contada- da cristianização do Ocidente: “toda uma rede de instituições e de práticas, algumas certamente muito antigas, constituía a trama de uma vida religiosa que se desenrolava a margem do culto cristão.” Aqui, tolerou-se e se incentivou o sincretismo quando necessário, mantendo-o nos limites do possível.<sup>137</sup>

<sup>135</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. p. 211.

<sup>136</sup> SIQUEIRA, Deis et LIMA, Ricardo Barbosa de.(orgs.).Op. cit., p. 149.

<sup>137</sup> SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 97.

A autora procurou retratar determinadas nuances da história do Brasil que se referem às suas especificidades, principalmente por se referir ao período colonial, onde os traços identitários e de significação estão fortemente atrelados à metrópole.

O recorte conferido ao trabalho da autora se circunscreveu a trajetória de vários personagens comuns que tiveram suas vidas devassadas pelas visitas e inspeções realizadas pelo Santo Ofício, sob a perspectiva do imaginário traçado a partir de relatos de viajantes, missionários e cronistas sobre as novas terras recém-descobertas e que se delineavam por suas características de *Paraíso* e *Inferno* dentro do contexto elaborado pelos parâmetros do Velho Mundo.

Na *Terra de Santa Cruz*, as manifestações religiosas foram as mais diversas possíveis. Toda multiplicidade de tradições pagãs, africanas, indígenas e judaicas era vivida e inserida no habitual da população. Conforme apregoa Laura de Mello e Souza, “*Traços católicos, negros indígenas e judaicos misturaram-se, pois na colônia, tecendo uma religião sincrética e especificamente colonial*”<sup>138</sup>. Não existiam práticas rituais exclusivas de uma determinada cultura e sim manifestações sincréticas e místicas sem a prevalência de uma ou outra; “... *toda a multiplicidade de tradições pagãs, africanas, indígenas, católicas, judaicas não pode ser compreendida como remanescente, como sobrevivência: era vivida, inseria-se, neste sentido, no cotidiano das populações. Era, portanto, vivência*”.<sup>139</sup>

Alicerçada na perspectiva de análise da *Nova História Cultural* a autora procurou retratar em sua pesquisa uma tendência mundial de atribuir valorização às práticas e as representações cotidianas como objeto de investigação histográfica.

Foi a forte influência do autor Carlo Ginzburg<sup>140</sup> que se revelou evidente em sua escrita, cujas obras são citadas em vários momentos no *Diabo e a Terra de Santa Cruz*. Laura de Mello e Souza, por vezes, refere-se aos colonos como “Menocchios caboclos”<sup>141</sup> “*ao tomar os depoimentos de negros, índios, cafuzos ou mamelucos que, por ocasião de seus processos, deixavam patente críticas ferrenhas ao edifício da fé e da Igreja Católica.*”<sup>142</sup> A explicativa para se adentrar a esse universo da religiosidade popular na colônia portuguesa é a da *circularidade cultural*<sup>143</sup>.

Carlo Ginzburg em sua obra *O Queijo e os Vermes*, reconstituiu, utilizando-se de processos realizados pelos inquisidores durante o século XVI, a vida de um moleiro de Montereale, pequena aldeia do Friuli, de nome Domenico Scandela, conhecido por Menocchio, que ocupava uma posição de destaque dentro da comunidade e que por se manifestar a respeito de ideias advindas de várias partes, aliada a um conhecimento já existente, foi perseguido, preso e queimado pela fogueira da Santa Inquisição.

<sup>138</sup> SOUZA, Laura de Mello e Souza. Op. cit. p. 91.

<sup>139</sup> Idem, ibidem. p. 98-99

<sup>140</sup> Carlo Ginzburg é autor italiano da trilogia sobre religião: “Os andarilhos do bem”, “O Queijo e os vermes” e “A História noturna”. As inovações metodológicas realizadas por Ginzburg despertaram as admirações de muitos estudiosos. Sua proposta consiste em iniciar a análise com pequenos sinais e indícios, para a reconstrução do passado. Seus textos renovaram a abordagem da história religiosa, com interesse principal focado na cultura popular, criando-se uma nova escola chamada micro história.

<sup>141</sup> SOUZA, Laura de Mello e Souza. Op. cit., p. 132.

<sup>142</sup> MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. “Circularidade cultural e religiosidade popular no Brasil colonial: uma análise historiográfica de O Diabo e a Terra de Santa Cruz”. *Revista Urutagua*. [on line]. Revista acadêmica multidisciplinar. Departamento de ciências sociais da Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <http://www.uem.br/urutagua/007/07macedo.htm>. Acessado no dia 13 de maio de 2011.

<sup>143</sup> A esse respeito ver também: BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média*. São Paulo: Hucitec, 1987.

Embora excêntrico e peculiar, por sua instrução diferenciada em uma época em que o ensino se restringia a uma pequena classe privilegiada da população, a história de Menocchio não é apenas um relato insólito e, nas análises do autor<sup>144</sup>, ganha vultuosidade, problematizando questões sobre a escrita da história, suas dificuldades e desafios.

Seus trabalhos, no entanto, são inúmeros e difíceis de precisar, mas sua dedicação à feitiçaria, às práticas subalternas e à cultura abriu um campo de investigação bastante promissor, rumo a uma prática que se interessa pelo detalhe e pelo contexto, que em diálogo, nos impulsiona ao tempo pretérito, em um exercício de decifração das pistas e indícios de nossos antepassados.

A atitude experimental que aglutinou, no fim dos anos 70, o grupo de estudiosos italianos de micro-história (“uma história com aditivos”, como a definiu ironicamente Franco Venturi) baseava-se na aguda consciência de que todas as fases que marcam a pesquisa são construídas, e não dadas. Todas: a identificação do objeto e da sua relevância; a elaboração das categorias pelas quais ele é analisado; os critérios de evidência; os modelos estilísticos e narrativos por meio dos quais os resultados são transmitidos ao leitor.<sup>145</sup>

A ênfase para se entender essa religiosidade é a da *circularidade cultural*, que o autor sistematizou em suas obras. Ginzburg “revelou um núcleo de crenças ainda muito identificadas a resquícios de uma cultura oral e pagã de longa duração”<sup>146</sup>, afastada a possibilidade de uma assimilação direta da cultura dominante pelo populacho e sim a constatação de um movimento recíproco e contínuo que influencia os diferentes níveis sociais.

O conceito de *circularidade*, empregado por Ginzburg em sua obra, foi formulado pelo teórico social e literário Mikhail Bakhtin ao analisar o universo de François Rabelais, identificando que existia um profundo diálogo entre a cultura cômica popular e a cultura oficial renascentista, um campo fronteiro e indefinido de relações harmônicas ou subversivas.

Dessa forma, o universo religioso brasileiro é desde os primórdios da sua colonização, marcado pela forte presença de manifestações oriundas de diferentes referências. Aos portugueses e sua complexa mistura de credos e confianças, mesclando formalidade e paganismo, além de outras influências, veio-se a somar o animismo indígena e os tambores africanos, conferindo um colorido, por vezes atravessado pela dissonância e, uma dinâmica que acena aos mais distintos gostos.

Durante séculos nosso panorama sagrado se definiu por um acentuado catolicismo rústico e pela incidência de movimentos messiânicos nas regiões de norte a sul, enquanto no litoral, a tradicionalidade urbana, das classes superiores da sociedade, coexistiu abertamente com as religiões

---

<sup>144</sup> A esse respeito ver a trilogia de Carlo Ginzburg, formado pelas seguintes obras: GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem*. Feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; GINZBURG, Carlo. *História Noturna*: decifrando o sabá São Paulo: Companhia das Letras, 1991 e GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>145</sup> GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 275-276.

<sup>146</sup> HERMANN, Jacqueline. “A História cultural de Carlo Ginzburg.” Núcleo de pesquisa do Instituto de pesquisa e Ciências Sociais da Universidade Regional do Rio de Janeiro. [on line]. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/humanas/0013.htm>. Acessado no dia 08 de janeiro de 2010.

afro-brasileiras das camadas inferiores, reconhecendo a presença de sistemas cognitivos entrecortados por alcances recíprocos num estado de permanente conflito.

Versão sertaneja da grande tradição judaico-cristã essa variante da catolicidade firmou-se desde o Brasil colônia como vivência praticamente exclusiva da população livre e pobre que se foi avolumando nos sertões. Um de seus traços de maior importância é a crença no retorno do messias, o agente divino dotado de poderes excepcionais cuja missão seria a de conduzir os eleitos a salvação, ao reino da eterna felicidade. Com a modernização e o intenso processo de urbanização e industrialização do país a incidência de organizações religiosas que acolhem em seus discursos ideias messiânicas diminui.

A oferta de bens simbólicos variados e a realização cada vez mais ampla de formas alternativas tornam-se propulsoras de uma configuração originalmente responsável pela reunião de sujeitos que encontram na fé o alento para uma situação de descontentamento com a realidade circundante.

A expansão dos cultos vindos da África e aqui transformados tem acompanhado todo o processo de desenvolvimento da sociedade e sendo por ela favorecido. Destacadamente, o Kardecismo e a Umbanda, práticas então adotadas pela doutrina da Fraternidade Eclética, aparecem intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento urbano-industrial. Entre as funções desempenhadas pelas religiões espíritas, localizadas nas grandes aglomerações citadinas das décadas de 1940 e 1950, verifica-se a capacidade de adaptação de indivíduos inseridos em situações socioculturais desprivilegiadas, ao estilo de vida das grandes e médias cidades, como uma possível via de inserção no processo de acomodação as novas exigências sociais de uma metrópole.

Para que uma crença messiânica surja, é preciso que a religião esteja voltada para a melhoria da vida material, e não para a contemplação ou perfeição da alma, este aperfeiçoamento não interessa senão na medida em que se possa contribuir para melhorar a vida terrena que permanece para certos tipos de religião, o objetivo principal das atividades profanas e sagradas.<sup>147</sup>

Brasília, assim reconhecemos, apresenta-se bastante ilustrativa da especificidade nacional em seu distinto pluralismo. Ao corresponder a um quadro representacional de um Brasil assinalado pela diversidade, com uma extensa área territorial, marcado por um processo de colonização que propiciou a criação de identidades múltiplas e por vezes distintas. Enquanto ideia situa-se em um plano elaborado em torno de noções como *Nova Era* e *Novo Mundo*, antecipando uma modernidade ainda inexistente na época do seu planejamento.

New Age poderia ser caracterizado como um conglomerado de tendências que não teria textos sagrados, dogmas, líderes estritos, nem se caracterizaria como uma organização fechada. Tratar-se-ia mais de uma sensibilidade espiritual do que um movimento espiritual estruturado. Expressaria desejo de harmonia, busca de melhor integração do pessoal e do privado com o ecológico e com o cósmico, partindo-se da presença do divino em tudo em todos os processos evolutivos.<sup>148</sup>

<sup>147</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. p 290.

<sup>148</sup> SIQUEIRA, Deis et LIMA, Ricardo Barbosa de.(orgs.).Op. cit., p. 26.



Aliado a essa perspectiva, de uma nação imersa em uma religiosidade caracterizada fortemente pelos mitos propiciadores do surgimento de determinadas crenças, mestre Yokaanam acompanhou o circuito de transição da nova capital e procurou seguir uma tendência de desenvolvimento, onde se deu o deslocamento de um arranjo milenarista do tipo messiânico, característico do meio rural, para uma sociedade industrial, com a repaginação do imaginário originalmente conhecido por meio da adoção de novos elementos.

O anseio em policiar os costumes e em disciplinar o comportamento dos membros corresponde à necessidade de fundação das *idades santas*, tão comum nos messianismos rústicos brasileiros e também presente na Cidade dos Peregrinos. Essa configuração espaço-social mostra-se imprescindível para que haja a reorganização comportamental pretendida. Os novos padrões de conduta ou o revigoramento de antigas atitudes e valores passam a regular todos os setores da vida do adeso e demonstra ser um dos principais fatores de recomposição da realidade proposta pelo líder e aceita pelos adeptos. Segue-se o abandono da vida mundana em substituição por uma vida austera que deverá estabelecer-se em diálogo com uma comunidade disciplinada.

A transferência da Fraternidade para os arredores de Brasília pode ser entendida como um fluxo de migração de um contexto profano, marcado pela região guanabarina, para um contexto com características sacralizadas, de consolidação do movimento, no atual município de Santo Antônio do Descoberto. A futura capital do Brasil correspondeu aos anseios e propósitos do grupo nesses anos iniciais e, aliada a crença local de um centro místico-esotérico, os *peregrinos da eternidade* a conceberam como o reduto privilegiado e propício para a implantação de uma inovação existencial, uma via de acesso ao sagrado mediado pela prática de variados referenciais e concebida desde sua origem como eclético-religiosa.

Foi no enfrentamento entre os dois imaginários, representado pela cidade carioca e pelo futuro Distrito Federal, que o Planalto Central saiu vencedor. Em uma passagem das entrevistas uma ex-moradora da instituição menciona a especificidade da capital como reduto predestinado e de salvação.

Como Yokaanam veio orientado pelas entidades, pode ter havido algum propósito mais eu não sei ao certo. Minha mãe se integrou ao movimento pelo fanatismo, abandonou tudo o que tinha, levando meu irmão contra a vontade dele e eu por uma ideia fixa: “salvo serão aqueles que estiverem no centro”.<sup>149</sup>

Os discursos que permearam a transferência e construção de Brasília no interior do país encontraram sustentação no enfrentamento de universos sociais responsáveis por criar um lugar para a cidade, em um processo de construção de opiniões favorável e contrária ao empreendimento do governo de Juscelino Kubistchek e, a que a professora Michelle Santos chamou de *imaginário mudancista e imaginário antimudancista*.<sup>150</sup>

<sup>149</sup> **Georgina Rosa da Silva** – 61 anos, ex-moradora da Cidade Eclética. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2010.

<sup>150</sup> SANTOS, Michelle dos. *A construção de Brasília nas Tramas e Imagens e Memórias pela imprensa escrita*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2008.

O imaginário mudancista e o imaginário antimudancista não existiram isoladamente, como espaços exclusivistas, mas se tocavam, se comunicavam. O zelo e o desmazelo em relação ao empreendimento, as ideias e os ímpetos de estima e desprezo lançados sobre a futura realidade, bem como os argumentos e justificativas que inflamavam os dois lados, transitaram por toda a sociedade, pois faziam parte de um mesmo mundo.<sup>151</sup>

Define-se como *imaginários sociais* porque dizem respeito “a participação da atividade imaginativa individual num fenômeno coletivo”.<sup>152</sup> Bronislaw Baczko aborda o imaginário como um sistema simbólico de representações produzidas a partir de experiências, desejos, aspirações e motivações de determinados grupos. Para além das concepções ambíguas de oposição entre imaginário e realidade, tomamo-los aqui enquanto uma atmosfera a interpelar o cotidiano dos indivíduos, de forma presente e atuante e a compor identitariamente os agrupamentos sociais, guiando normas, condutas e padrões.

Através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais, exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento.<sup>153</sup>

Um dos pontos basilares do seu escrito está no enfoque sobre a utilização desse sistema de imagens e conceitos coletivos confronto entre poderes que seriam antagonistas. De acordo com Baczko, esse diálogo levaria os distintos agrupamentos a reorganizarem seus suas metas a fim de atingirem um determinado desígnio.

Os defensores de Brasília se apresentavam publicamente como homens de ideias modernas, comprometidos com o avanço e com a nação; já seus opositores, lutavam pela permanência e ordenação do mundo e viam o Rio de Janeiro como capital definitiva da República brasileira, envolvida com as ambições e metas de uma sociedade alicerçada pelo discurso da razão, da tecnologia e do progresso. Ambas as preleções se apegavam à visão da modernidade a fim de legitimar seus argumentos em um complexo jogo dialético que apontava para as representações de uma época, que se faziam sentir, ainda que indiretamente, na vida de pessoas comuns, distante das polêmicas e disputas.

O *imaginário mudancista* se fez vencedor e se sobressaiu entre as razões de mestre Yokaanam que, aliado às motivações espirituais a permear a identidade da nova capital da federação, tornou-se igualmente a bandeira do grupo rumo à região centro-oeste do país. Foi justamente o lema utilizado pelos opositores à transferência do Distrito Federal para o interior do território nacional, do Rio de Janeiro como centro moderno por excelência, que o messias argumentou como ensejo para a não mais permanência dos eleitos na antiga sede, localizada na Avenida Getúlio Vargas.

A concepção do moderno como oposto a tradição, como processo que envolve a perda da memória e de uma definição religiosa, de desencanto do homem diante do sagrado e de um

<sup>151</sup> Idem, *ibidem*. p. 27.

<sup>152</sup> BACZKO, Bronislaw. Op. cit. p. 310.

<sup>153</sup> Idem, *ibidem*. p. 309.

sentimento de experimentação desenfreado era, portanto, predominante nos discurso proferido pelo messias.

Nos seus discursos, mestre Yokaanam exaltava o cristianismo primitivo, criticava os desvios e as arbitrariedades da Igreja Católica, o sectarismo religioso e as práticas africanizadas nas religiões afro-brasileiras, ao mesmo tempo em que reprovava os novos costumes que trazia a modernidade, exaltava o Evangelho e exortava os seus ouvintes à prática do verdadeiro cristianismo.<sup>154</sup>

*“A construção da Cidade Eclética antecedeu à de Brasília, com propósitos e mentores diferentes, elas tinham a esperança em comum, ligadas à construção de uma cidade perfeita, ideal.”*

<sup>155</sup> Mestre Yokaanam declarou, em duas ocasiões, que ele teria participado de sua localização influenciando, com argumentos espiritualistas, o então presidente Juscelino Kubistchek, sobre o ponto em que deveria ser erguida a sede do novo governo, bem próximo ao local de edificação da Fraternidade Universal, de modo a interligar as duas cidades, ambas com missões já definidas por entidades superiores. Essa versão foi por vezes reforçada e validada pelo grupo, *“foi à bandeira mudancista e espiritual de mestre Yokaanam para o Planalto Central, que estimulou Juscelino Kubitschek e o arrastou a marchar para Goiás, logo depois com a Capital Federal”*.<sup>156</sup>

Quando de seus estudos junto aos padres salesianos o jovem Oceano de Araújo Sá teve acesso ao sonho premonitório de Dom Bosco, segundo ele, antes mesmo que este se tornasse conhecido do grande público. A profecia teria influenciado não apenas os obreiros ecléticos, mas igualmente o imaginário da capital nacional, tornando-se um de seus pilares fundacionais. As coordenadas da predição do jovem padre foram procuradas pelo messias e, localizada, por meio de seus esforços mediúnicos, próxima à comunidade, junto ao *Monte Tábor*<sup>157</sup>, como mostra o texto publicado em seu periódico oficial.

Tomado de êxtase espiritual, neutralizando o espaço e o tempo, Dom Bosco penetrou nos mais altos píncaros do mundo celestial, vendo e prevendo as belezas eternas que se espalhavam diante de suas vistas espirituais. Deslocou-se pra além das fronteiras de seu país terreno, achando-se logo a seguir num distante ponto de nosso planeta. Vislumbrou terras maravilhosas, imensas florestas virgens que se estendiam por grandes espaços continentais, montanhas com suas formas que deixavam ver as diversas figuras imaginárias, praias de uma beleza exuberante, rios formosos e caudalosos que poderiam muito bem aplacar um pouco da sede da humanidade encarnada e desencarnada da Terra. Saudades imensas tomaram-lhe o coração, pois toda aquela visão trazia-lhe um passado de passagens no cenário iniciático de um povo distante no oriente. Tinha a certeza de que aquela era a terra prometida por Abraão e por Moisés, já que esteve presente com estes grandes Manús espirituais. Trabalhara intensamente para que o povo de Deus pudesse encontrar, enfim, um porto de descanso para suas almas e com um arrebuo de amor de devoção, escreveu: *“Que uma grande civilização nasceria no coração do Brasil, entre os paralelos 15º e 20º, quando escavarem as minas escondidas em meio a essas montanhas, donde manam leite e mel. Uma inconcebível riqueza se estabelecerá. Essas coisas sobreviverão na terceira geração.”*<sup>158</sup>

<sup>154</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p.145

<sup>155</sup> Idem, Ibidem, p. 52.

<sup>156</sup> YOKAANAM, Mestre. *Evangelho de Umbanda Eclética...* Op. cit. p. 69.

<sup>157</sup> Topo, distante cerca de 10 km do núcleo da cidade do qual, os obreiros construíram uma ermida e onde esperam construir a Igreja Eclética Universal.

<sup>158</sup> Jornal O Nosso, Brasília, nº 621, ano 55, Período de dezembro/2001.

Os textos e contextos que se dedicam a investigar a cidade de Brasília atribuem a ela uma historicidade anterior a seu planejamento e inauguração, conferindo uma antecedência na ideia de interiorização que buscou dar a esse empreendimento uma maior legitimidade, criando argumentos cada vez mais contundentes de forma a garantir a defesa de sua materialidade. “Cidade céu”, “Capital da Esperança”, “Noiva do Futuro”, “Divisor de águas”, “Marco de inauguração de um novo Brasil”<sup>159</sup>, inúmeras foram às imagens que confeririam a futura capital uma marca diferencial e de distinção com o restante do território brasileiro.

Todas as representações acerca de sua idealização não foram forjadas de modo a inculcar uma expectativa inventiva no cenário nacional, ao contrário, foram vivenciadas de forma esperançosa por milhares de pessoas que se viram mobilizadas por uma utopia e que ultrapassaria a simples construção de um sítio burocrático, tornando-se símbolo de uma nova civilidade que deveria irradiar-se pelo restante da nação.

Não podemos certamente nos esquecer das contradições que envolveram sua mudança, permeada pelos discursos de apoio e de desistência. Essa imagem poética de uma cidade erguida em terra de índio encontrou suporte favorável a sua transferência.

Brasília, inaugurada em 1960, nasceu a partir de dois grandes mitos de criação, a Cidade Utópica e a Terra Prometida. O primeiro está inscrito no planejamento urbano e na arquitetura futurista do Plano Piloto. Os fundadores da cidade estavam imbuídos do sonho e da missão de inaugurar um novo tempo e uma nova *civitas* para o Brasil, fundada no belo, na igualdade e na universalidade.<sup>160</sup>

O mito de Dom Bosco e sua Terra de abundância e fartura, de onde jorraria leite e mel, convergiram para o mito da *Cidade Utópica*, opiniões que encontraram pontes para um colóquio e uma parceria que transformariam definitivamente a historicidade da capital, que trazia em seu projeto de edificação a esperança de um país que comportasse a todos de igual maneira, de uma terra de oportunidades, de abastamento e de sonhos. Essa significação assumiu feições mitológicas, pois a sua realização foi elaborada como o surgimento de algo inteiramente inovador, uma origem ligada a dimensões que encontram reverberação em um tempo a parte, sagrado e extracotidiano.

Sensível à configuração contemplativa a que comporta a região, mestre Yokaanam e seus prosélitos encontraram nas localidades próximas à futura capital do país o local privilegiado e predestinado para a implantação de uma sociabilidade que visa, entre os seus inúmeros propósitos, a junção de ideais religiosos.

Após os incidentes e desentendimentos ocorridos no Rio de Janeiro, tornando insustentável a permanência do grupo na localidade de procedência, a partir do ano de 1947 foi organizada uma campanha objetivando a mudança da Fraternidade e a arrecadação de fundos para construção de uma sede definitiva, prosseguindo assim, o desenvolvimento sucessivo dos messianismos.

<sup>159</sup>CEBALLOS, Viviane Gomes de. *E a história se fez cidade: a construção histórica e historiográfica de Brasília*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Fevereiro de 2005, p. 26.

<sup>160</sup>SIQUEIRA, Deis et LIMA, Ricardo Barbosa de.(org.).Op. cit. p. 152.

As representações simbólicas que envolvem Brasília e o entorno marcam seu imaginário e propiciam o surgimento de seitas e grupos responsáveis por uma reconfiguração do espaço religioso tradicional. Não apenas surgiam diversos agrupamentos sociais em busca de um diálogo diferenciado com o sagrado e que aqui se instalaram, influenciados pela mística a que comporta a região, como o fenômeno continua a proliferar na cenarização cotidiana.

Não apenas surgiram alguns grupos, juntamente com a capital, como é o caso da Cidade Eclética, do Vale do Amanhecer, e da Cidade da Fraternidade, mas o número continua a crescer, tendo sido criados, transferidos de outros locais ou fundados a partir de sonhos e de premonições de pessoas e grupos que continuam a chegar, certos de que na região se gesta uma Nova Civilização.<sup>161</sup>

O sertão foi civilizado e a civilização venceu a barbárie, uma imagem contraditória e paradoxal, de lugares de progresso e de miragens de atraso, de tensões e disputas entre o projeto modernista e a rotina praticada pelos anônimos atores sociais. A capital da esperança apresenta todas as contradições, incoerências e desigualdades presentes em qualquer outra parte do território nacional.

Brasília não é apenas uma cidade, é um patrimônio, foi concebida para desempenhar um papel importante na ativação do Estado-Nação, para lograr ao país um lugar no mundo desenvolvido. A razão instrumental para sua construção a via como o grande sujeito social. Os indivíduos apenas precisavam completar o cenário do beneplácito da modernidade. Contudo, mesmo após a concretização da cidade, os homens e mulheres com suas crianças, desolados com a não concretização do sonho de futuro melhor acalentado pelas palavras de JK, continuaram a existir. Permaneceram, ocupando as canchas da cidade-patrimônio.<sup>162</sup>

Assim, o sonho da nova *Civita* não se realizou, e as milhares de pessoas que aqui vivem, trabalham, estudam e, sonham com um Brasil mais justo, continuaram a existir e foram conferindo a urbe, meticulosamente planejada, sua atual fisionomia, com suas falas, trejeitos e fissuras.

Mestre Yokaanam, antes de falecer, em decorrência de um derrame cerebral no ano de 1985, também se pronunciou acerca das expectativas em torno da capital e não se deixou mascarar ao revelar sua decepção com o sonho da *Terra Prometida*. Brasília não era a cidade que Dom Bosco anteviu e na qual o messias teria apostado.

...alguns anos mais tarde, Yokaanam teria declarado que, infelizmente, Brasília não cumpria aquele fim, pois estava tão poluída quanto o Rio. Não era a cidade que D. Bosco anteviu e na qual ele próprio apostou. Passados exatos 25 anos após a inauguração de Brasília, no dia 21 de abril de 1985, Yokaanam falecia naquela cidade.<sup>163</sup>

<sup>161</sup> SIQUEIRA, Deis et LIMA, Ricardo Barbosa de.(orgs.). Op. cit. p. 29.

<sup>162</sup> KUYUMJIAN, Márcia de Melo Martins. *O Espaço/Mundo do sertão moderno*. Encontro nacional de história oral. Testemunhos: História e Política. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

<sup>163</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 150.

Dando prosseguimento a nossa escrita, apresentamos um espaço urbano e seus componentes materiais e humanos. Uma cidade que foi planejada, desde os primeiros momentos, com o propósito de *Terra Sagrada*.

## CAPÍTULO 2 UM PASSEIO PELA CIDADE: SÍMBOLOS DA URBE

**Como profecia final, devemos estar preparados para o surgimento de novos movimentos nos centros urbanos, orientados não mais por visões religiosas específicas, mas por perspectivas ecléticas e plurais, introduzindo elementos do imaginário da vida moderna de alguma forma ligada a antigas tradições ocultistas e esotéricas. O pluralismo religioso e a difusão pela mídia das mais variadas práticas religiosas e sistemas alternativos de conhecimento criam um caldo de cultura capaz de produzir os mais surpreendentes resultados.**<sup>164</sup>

Lísias Nogueira Negrão

Daremos continuidade ao desenvolvimento aqui exposto, apresentando ao leitor, ainda que de forma sucinta, a *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal*. Como se institui e se estrutura cotidianamente o grupo, quais os principais espaços, sagrados e profanos, a divisão social dos membros e demais informações que se apresentem como pertinentes ao longo de nossa apreciação.

O planejamento, as construções e a organização dos ambientes, guiaram-se, desde o início, anterior a mudança para o Planalto Central, por orientações espirituais; de acordo com o depoimento do messias e registrado em várias passagens de suas obras<sup>165</sup>.

No contínuo esforço consciente de manter a *Nova Jerusalém* longe de um envolvimento mais estreito e íntimo com a sociedade, Yokaanam e seus obreiros, construíram-na isolada por cercas e muros para ser o exemplo de uma irmandade ideal. Sua disposição interna estabelece como centralidade um *obelisco*, entrecruzado por duas avenidas, a saber: *Imortalidade* e *Universal*.

Todas as alamedas fazem menção a algum santo católico ou alguma figura ilustre do cenário brasileiro. Um terceiro eixo denominado *Apóstolo* é cortado verticalmente pelas ruas Paulo Tarso, Peregrinos, Allan Kardec, São Jerônimo, mestre Lázaro e São Sebastião. Na parte inferior encontramos as vias Lavradoras, Samaritanos, Olavo Bilac, Joana D'Arc e Santa Bárbara, que comportam um total de 111 casas de alvenaria, habitadas 140<sup>166</sup> moradores aproximadamente.

As residências e demais instalações correspondem ao patrimônio da cidade e em caso de saída definitiva a família não recebe nenhum tipo de indenização, todos os investimentos permanecem como bens do coletivo. As edificações localizadas na parte extramuros são de responsabilidade dos obreiros externos, assumindo a obrigação pela manutenção das obras, mas se comprometendo, em documento escrito, em caso de desligamento, doar suas posses aos proveitos do grupo ou, vendê-las a outro membro, que assumirá a mesma concordata, pois "*Quem não concordava pedia desligamento da doutrina, principalmente quem era "agregado", ou seja, quem*

<sup>164</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira. Op. cit. p. 10.

<sup>165</sup> Mestre Yokaanam redigiu e publicou ao todo seis obras, são elas: Yokaanam fala à posteridade; O Cristianismo reúne e não divide; Evangelho de Umbanda Eclética; Manual do instrutor eclético universal; Princípios fundamentais da Doutrina Eclética; Roteiro fundamental do verdadeiro cristão; Santa Cecília: Sua vida heroica e seu martírio; Artemidoro: o apóstolo; e A vida de Jesus ditada por ele mesmo e, Onde estamos e para onde vamos.

<sup>166</sup> Atualmente a cidade sofre por conta da carência de pessoal, sua população é de aproximadamente 140 membros internos e 150 membros externos.

*estava no período de experiência, mas também sai com uma mão na frente e outra atrás, só com a roupa do corpo*<sup>167</sup>.

Ainda que de forma simples, com poucos recursos e ressalvados as motivações religiosas, a Fraternidade Eclética organiza-se como qualquer outro centro urbano. No seu interior, além das moradas, existem diferentes estruturas responsáveis por seu funcionamento, como o colégio, a creche, o hospital e várias acomodações distribuídas pelo terreno. Sua transferência tornou-se possível com o dinheiro arrecadado pela campanha pró-sede, principiada ainda no Estado do Rio de Janeiro, a partir do ano de 1947 e mantêm-se na atualidade com as mensalidades dos adesos e com a incorporação de vencimentos de aposentadorias.<sup>168</sup>

Embora não se veja nenhum sinal de luxo, na Cidade Eclética há uma organização que providencia o necessário para todos e sem que haja necessidade de utilizar dinheiro. De acordo com o Irmão Isaías, um dos “public relations” da Cidade, o obreiro interno tem direito a casa (existem mais de cinquenta), alimentação (que apanha em uma cozinha geral) e, na medida do possível, tudo mais que precisar. Como não corre dinheiro dentro da comunidade (à semelhança de Canudos), o obreiro deverá pagar tudo isso com trabalho, estabelecido segundo suas capacidades e as necessidades da organização. Ser um obreiro interno significa ter os mesmos direitos de qualquer um, mas para chegar lá é preciso que o pretendente, antes, se submeta a um estágio de seis meses, fazendo o trabalho diário, para efeito de adaptação e avaliação pelo grupo dirigente. Não existe vínculo empregatício. A qualquer momento a pessoa pode deixar o lugar.<sup>169</sup>

A distribuição dos trabalhos é feita em sistema de revezamento, cabendo aos homens e aos mais jovens as atividades mais pesadas e as maiores jornadas, em contrapartida, compete geralmente às mulheres o cuidado com os templos, a lavanderia, a cozinha ou em qualquer outro lugar que se fizer necessário, respeitando-se as limitações referentes ao sexo, idade e força. Como a manutenção é responsabilidade de todos, incumbe às crianças<sup>170</sup> o cuidado com o jardim, a horta e o pomar.

Eu pegava serviços mais leves, mais “maneiros”. Já tomei conta das crianças de jardim de infância, trabalhei na portaria do hospital, no pronto-socorro, trabalhei anotando o nome das pessoas que faziam curativos e tomaram injeção, na cozinha geral da cidade, servindo e lavando as panelas, na cozinha do hotel como ajudante de cozinheira, na farmácia do hospital, no receituário espiritual com o visto do médico.<sup>171</sup>

Entre as prioridades ocasionadas a época de erguimento dos edifícios, destaca-se o *Palácio de Instrução e Educação*, hoje com o nome de *Colégio Bartolomeu Bueno*. O estabelecimento de ensino recebe auxílio do governo estadual e municipal e ainda que conste como propriedade da comunidade integra-se a rede de ensino da Secretaria de Educação do Estado de

<sup>167</sup> **Georgina Rosa da Silva** – 61 anos, ex-moradora da cidade. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2010.

<sup>168</sup> Moradores que não possuem uma renda prestam serviços na própria comunidade trabalhando nas áreas sociais, na escola, no hospital e no jornal.

<sup>169</sup> FRANÇA, Cássia. *Pobreza honrada: comunidade revive história semelhante a Canudos em Goiás...* Op. cit. p. 06.

<sup>170</sup> A cidade possui poucas crianças, 70% de sua população é composta por adultos, sendo 1/3 idosos.

<sup>171</sup> **Georgina Rosa da Silva** – 61 anos, ex-moradora da cidade. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2010.



Goiás e recebe não apenas estudantes que lá moram, como todos os demais provenientes das regiões vizinhas. Os professores são contratados pelo Estado e pelo município, havendo prosélitos entre os colaboradores, que auxiliam, quando necessário, com recursos financeiros.

Nas dependências interna encontramos, ainda, a creche *Jardim de Alá*, que recebe igualmente ajuda do município de Santo Antônio do Descoberto, mas se mantêm, de fato, com o auxílio dos obreiros. Com instalações modestas, seu funcionamento é feito com muitas dificuldades e o atendimento direciona-se igualmente, ainda que em quantidade menor, às crianças da região, o que ressalta a convivência harmoniosa com as localizações vizinhas.

Da mesma forma que o colégio *Bartolomeu Bueno* e a creche *Jardim de Alá*<sup>172</sup>, o *Hospital* também recebe auxílio da Secretaria de Saúde do Estado de Goiás e do município, sendo responsável pelo acolhimento de toda a população e não restrito aos adeptos de mestre Yokaanam.

Em decorrência das dificuldades financeiras e do auxílio do Estado de Goiás que nunca chega, o Hospital deixou os atendimentos e mantêm-se atualmente apenas como abrigos para idosos, que embora necessitem de melhores acomodações e atendimentos, são recebidos pelos prosélitos que se dedicam aos cuidados que nem sempre são vencidos no modesto ambiente, “os obreiros cuidam bem dos anciões, não falta atendimento médico.”<sup>173</sup> A comunidade se esforça por manter as instalações e os projetos em pleno funcionamento posicionando-se, em alguns momentos, com alguma resistência em admitir a precariedade dos acolhimentos e a falta de solução à vista, porém, a mesma situação de abandono também foi evidenciada pela equipe do jornal *Esquina*, em setembro de 2009.

Os dados do relatório de atividades de 2008, emitido pela Prefeitura da Fraternidade, mostram que foram atendidos 6920 paciente, feitas 40 pequenas cirurgias, entre outros serviços como: atendimentos a diabéticos; hipertensos e pré-natal. Entretanto, a equipe de reportagem do *Esquina* testemunhou mais dificuldades do que os números expõem.<sup>174</sup>

As consultas na Casa de Saúde se fazem juntamente com uma observação espiritual realizada no templo eclético denominado *I Santuário Essênio do Brasil e das Américas*.

A redação do periódico *O Nosso* tem reservado um espaço para transmitir aos fiéis e a todos os leitores uma série de artigos que tratam dos ensinamentos dos antigos *Essênios*, “cujo comportamento, princípios e conhecimentos forneceram modelo e exemplo para os obreiros

---

<sup>172</sup> A referência a Alá advém do reconhecimento de Yokaanam e dos prosélitos da multiplicidade de nomes a que comporta a santidade. De acordo com uma passagem da obra *Yokaanam fala à posteridade*, “*Jeovah, Brahma, Adonay, Zeus, Ahura, Zambi, Allah, Deus, todos são a mesma coisa e todos eles respondem aos anseios sinceros da “nossa religião”, que quase sempre insistimos ser o único melhor e proprietário de Deus*”.

<sup>173</sup> **Irmão Amiel**, morador da comunidade desde 2009. Funcionário público aposentado largou mulher e filhos para viver exclusivamente dentro da fraternidade diz que não precisa de nada material que o espiritual supre todas as suas necessidades. In: FRANÇA, Cássia. *Pobreza honrada: comunidade revive história semelhante a Canudos em Goiás*. Esquina. Jornal laboratório do Uniceub. Setembro de 2009, p. 06. [on line] Disponível em: [http://www.uniceub.br/pdf/JornalEsquina/ESQ\\_NOT\\_1aED\\_2o2009\\_web.pdf](http://www.uniceub.br/pdf/JornalEsquina/ESQ_NOT_1aED_2o2009_web.pdf). Acessado no dia 25 de outubro de 2010.

<sup>174</sup> FRANÇA, Cássia. *Pobreza honrada: comunidade revive história semelhante a Canudos em Goiás...* Op. cit. p. 06.

*ecléticos*”<sup>175</sup>, que por meio de suas práticas, pretendem e se autointitulam os “*continuadores ou os restauradores*”<sup>176</sup> da remota tradição esotérica dessa seita judaica ascética<sup>177</sup>.

As práticas advindas do acesso à sabedoria dos antigos essênios, ou aquilo que, de acordo com os devotos, corresponderiam a seus ensinamentos, os iniciados não revelam, correspondendo aos segredos da doutrina.

A única coisa que se sabe da iniciação é que é dividida em cinco graduações, cujo último é o mais elevado e quem pertence a ele é chamado de sacerdote, se fosse homem ou samaritana, se fosse mulher. Quem é iniciado deve ser enterrado em pé quando morrer. Na cerimônia do enterro os iniciados esticam as mãos nos pés ou na cabeça do falecido e dizem mais ou menos isso, não lembro exatamente: “ir de em paz ao vosso lar” ou era “ir de paz ao vosso destino”. Eu ouvi dizer que Yokaanam foi enterrado num altar.<sup>178</sup>

As atividades religiosas desempenhadas no núcleo social em questão se dividem em dois planos de atuação: um *exotérico*<sup>179</sup>, que compreende o conjunto de conhecimentos e atividades desempenhadas por um grupo ou sociedade, por meio da execução de rituais e liturgias abertas ao público sem distinção e outro plano *esotérico*, que se refere aos ensinamentos partilhados por uma classe selecionada, que dividem uma experiência secreta, objetivando a proteção e a significação real dessa sabedoria. Como doutrina, nos convêm usar as conceitualizações formuladas pelo professor doutor Marcelo Reis, ou seja, aqui “*entendida como um conjunto de normas que orientam e ao mesmo tempo reproduzem as práticas do grupo, à semelhança do seu espaço sagrado, igualmente sui generis*”<sup>180</sup>.

Os preceitos trabalhados na Fraternidade, que embora se defina como eclética, possuem um caráter essencialmente espírita, com um forte acento em cerimônias Kardecista e de Umbanda. O *eclétismo* tão enfaticamente defendido refere-se à seleção de elementos filosóficos e espirituais erigidos em três pilares: o Evangelho e os princípios do cristianismo primitivo, as proposições compiladas por Allan Kardec e o Evangelho da Umbanda Eclética<sup>181</sup>.

O objetivo dos irmãos fraternários e de seu mentor não se caracterizava pela criação de uma nova religião, mas de uma triagem cuidadosa de várias informações oriundas de referenciais diversos.

A nossa luta aqui é de saneamento moral, de restauração das coisas sagradas, profanadas e mutiladas; escolher o que há de mais puro e cristalino em todas as religiões e escolas, unificá-las – porque a verdade é uma só e está parcialmente em

<sup>175</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p.118.

<sup>176</sup> Idem, Ibidem. p. 118.

<sup>177</sup> De acordo com os iniciados e pelo messias assim repassado, a tradição dos essênios seria o embrião do Cristianismo, nomenclatura em homenagem ao seu ilustre membro, Jesus Cristo, ao lado de São João Batista. Yokaanam seria um descendente desse conhecimento, tornando-se o único líder a ter a coragem de repassá-lo aos fiéis.

<sup>178</sup> **Georgina Rosa da Silva** – 61 anos, ex-moradora da cidade. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2010.

<sup>179</sup> Utilizamos para essa definição as considerações de Tiryakian Leuenberger, exposta em: MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 117.

<sup>180</sup> REIS, Marcelo Rodrigues dos. *Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925-2008)*... Op. cit. p. 25. (grifos originais)

<sup>181</sup> Obra escrita por mestre Yokaanam como um guia para a formação de novos obreiros ecléticos. A obra contém os ensinamentos da Umbanda Cristã, praticada na comunidade.

todas e em todos – para depois fundi-las, pelo ecletismo essencial, no Evangelho soberano e único da Fraternidade Universal.<sup>182</sup>

Os ritos *exotéricos*, realizados como forma de beneficência pública, são ministrados no interior do templo, regularmente, conforme a tabela abaixo:

*Domingos:* 09h. Ofício de ação de graça, sob os auspícios da Igreja Cristã Eclética, na sede-matriz principal. Eventualmente, nas demais casas, o ofício referido se realiza, quando ocorre a presença de Sacerdote Eclético Presbítero.  
15h: Ritual de caridade pública em ritual de umbanda eclética.

*Segunda-feira,* às 20h: reservado aos irmãos adeptos e iniciados. Aulas e desenvolvimento mediúnico.

*Quarta-feira* 20h: Trabalho de Caridade pública em ritual de umbanda eclética.  
*Quinta-feira* 19h: reservado aos irmãos iniciados.

*Sexta-feira* 20h: Ritual de caridade pública em ritual eclético-kardecista.

*Sábado:* A partir das 15h: Somente na sede-matriz-principal, reservado aos irmãos iniciados: aulas e atividades diversas.

As sessões dedicadas aos cultos umbandistas dividem-se em duas<sup>183</sup> categorias: *Umbanda Eclética Maior*, fundada nos planos espirituais por mestre Lanuh, e no plano físico por Yokaanam e em relação de complementaridade com a obra de Allan Kardec, buscando o aprendizado da caridade, de forma ativa e direta e a *Umbanda Eclética Menor*, que seriam todos os dogmas de origem africana versados no Brasil e no mundo. A esse respeito convêm-nos pontuar acerca da severidade de Yokaanam quanto às práticas religiosas ministradas nesses rituais, ressaltando as devidas singularidades que envolvem seus atos e praticantes.

Os processos nativos africanistas, usados outrora entre os zulus, cambindas e outras tribos africanas de preparar a cabeça com ervas, banhos de sangue de animais... sacrifício com defloramento de jovens donzelas e preceitos outros exóticos – hoje usados pelos pseudo-africanistas brasileiros – para iludir a boa fé alheia e tomar-lhes vultuosas importâncias, são absolutamente contrários e proibidos em **UMBANDA ECLÉTICA SUPERIOR**, ou **MAIOR**; isto porque o que se pretenderia supor a esse respeito, seria a preparação fundamental do médium, preparação esta que não se realiza com ervas e nem qualquer outro ritual imoral, porque depende unicamente da preparação interna indispensável de cada um deles, ou seja: do avanço moral do médium que, por si esmo, conquista a sua iluminação, através da transformação interior e externa que nele se opera, à proporção que o homem avança no caminho da virtude... amando e sofrendo!<sup>184</sup>

<sup>182</sup> YOKAANAM, Mestre. *O Cristianismo reúne e não divide...* Op. cit.. p. 32.

<sup>183</sup> Ainda que insistam em marcar uma diferença entre a Umbanda Eclética praticada na comunidade e os demais cultos de origem afro e afrodescendentes, nossa participação no Inventário Nacional de Referências Culturais, realizados pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), entre os meses de novembro e março de 2010, nos permitiu uma visão mais comprometida acerca do cotidiano das casas visitadas. Em nossa observação, ressaltada as descrições feitas pelos líderes dos *terreiros*, como são chamados os locais de adoração das entidades, o que pudemos observar é que cada espaço guarda uma especificidade. Embora partíssemos de uma visão generalizada, o cotidiano nos revelou uma reorganização criativa a cada novo contemplar, ou seja, cada pai ou mãe de santo confere a suas práticas peculiaridades e singularidade que escapam a qualquer tentativa de sistematização por nossa parte.

<sup>184</sup> YOKAANAM, Mestre. *Evangelho de Umbanda Eclética...* Op. cit. p. 99. (grifos originais)

Ambos os ensinamentos, embora com horários diferentes, contribuem, de acordo com a crença comumente partilhada entre os adeptos, na solução dos problemas, no auxílio às necessidades e na evolução do indivíduo, ainda que admitam existirem sujeitos com o desenvolvimento mental e espiritual superior a quem a religião não seria uma necessidade.

É possível, a alguns poucos, viver no meio da humanidade sem ajuda de religiões instituídas no transcurso dos tempos. Sabemos existirem criaturas dotadas de elevação suficiente, para viverem flutuando na devoção do pensamento direto, no convívio divino e em perfeito equilíbrio com a espiritualidade.<sup>185</sup>

Junto ao Hospital e o templo principal encontra-se o Pantheon *O Solitário*; uma pequena capela, construída após a morte do messias e onde repousa seu corpo, juntamente com objetos referentes à história da Fraternidade. O local é resguardado de curiosos e o trânsito proibido durante a maior parte do ano, excetuando-se as datas comemorativas.<sup>186</sup> Ao final do Monte Tábor foi construído um segundo *Pantheon* aberto apenas por ocasião da peregrinação anual.

De aparência peculiar, semelhante a um disco voador, o *Shack Comando*, fundado oficialmente em 1948, acomoda as funções de comunicação entre as filiais, recebendo o nome de *Casa do Rádio-Amador – PY – 2WJ*<sup>187</sup>. A permissão de funcionamento foi concedida, provisoriamente, entre os anos de 1965 e 1968 e, findado o período e as operações a que se propunha a época, aliado ao natural desgaste das instalações, o equipamento tornou-se obsoleto.

Eu trabalho no Shack, aqui nós fazemos o jornal O Nosso, que é um jornal de divulgação da Cidade Eclética. Aqui é feita a parte de diagramação, digitação e de formatação.<sup>188</sup>

Na parte externa, existe um modesto *comércio* explorado pela administração local, responsável pela arrecadação de uma singela renda, além da *Prefeitura*, de um *Posto Policial*, do *Nosso Hotel*, praticamente desativado durante parte considerável do ano, além do *Galpão dos Irmãos Solidários*, local de alojamento de todos aqueles que manifestam o interesse em fazer parte do quadro de membros internos, onde são avaliados e observados.

Pouco mais adiante se situa o *Cemitério São Lázaro*, que acolhe não apenas os falecidos da instituição como os demais habitantes da região.

Ao final das terras encontramos o *Monte Tábor*, ponto de chegada das Peregrinações anuais. No caminho há outra capela e duas quedas d' água chamadas *Cachoeira do vovô Barnabé* e *Cachoeira Xangô*.

Há um empenho, por parte dos moradores, quanto à intencionalidade de pouca ou nenhuma alteração no desenho inicialmente criado na época de sua fundação. É realizado um

<sup>185</sup> Idem, ibidem. p. 109.

<sup>186</sup> O Pantheon *O Solitário* é aberto para visitas públicas no natal, na semana santa e no dia do aniversário de nascimento e morte de mestre Yokaanam, 23 de fevereiro e 21 de abril respectivamente.

<sup>187</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 71.

<sup>188</sup> **Irmão Abiatá.** Como já mencionado, os irmãos que não possuem renda, contribuem na comunidade com trabalhos sociais. Abiatá é um exemplo, o adepto interno é um dos responsáveis pela digitação e diagramação do jornal O Nosso. In: DIGITALTVWEB. *Cidade Eclética*. Projeto dos alunos do UniCeub. , coordenado pela professora Ana Paula Ferrari, editores Raquel Castro e Vivian Chagas. Brasil, 2009, 4.07', cor.

exercício rotineiro na manutenção de uma tradição que assentada na valorização da humildade, caridade e pobreza, para a evolução do indivíduo, toma enquanto alicerce um clamor ao ecletismo. Aos internos, a dificuldade é substituída pela realização de um aprendizado responsável pelo crescimento espiritual.

Os moradores não reclamam das dificuldades encontradas na comunidade, como o hospital precário e a falta de lazer para os jovens. Mesmo vivendo de forma simples, modesta e sem luxo, os moradores se mostram felizes por ter escolhido a fé.<sup>189</sup>

Coube a cidade em si, suas ruas e vielas, seus monumentos e documentos, seus visitantes e moradores, seus cheiros e sons, a construção do lugar da aparente estabilidade. A comunidade se quis representar enquanto um sítio de concórdia, sem nenhuma ressonância ou dissidência, o campo da homogeneização, da padronização e de um todo ausente de conflitos; firme, porém harmonioso.

As mínimas e, muitas vezes, imperceptíveis variações na estrutura física da instituição e a conscientização quanto à conservação relativa ao projeto original, estabelece uma impressão de não passagem do tempo. Trata-se de um esforço confesso em preservar uma imagem há muito construída e que encontra, em suas edificações, um sustentáculo em tais pretensões.

Ao passar pelo portão de entrada, a impressão é de que se entra em uma cidade do interior, muito longe da civilização. As ruas não são asfaltadas, as poucas casas existentes são pequenas e muito simples, paredes com pinturas desgastadas, as janelas não ficam abertas. Tudo é muito simples dentro da cidade. Os moradores internos vivem apenas com o básico para a sobrevivência. Lá, parece que o tempo não passa. Segue-se à risca o pensamento do mestre Yokaanam: Vivemos dentro de uma pobreza honrada.<sup>190</sup>

A possibilidade de resgate do passado por meio de lugares, monumentos e objetos empresta a seus membros uma sensação de segurança e de locomoção em um universo de lembranças que assegura um sentimento de identidade. Dessa forma, as construções presentes na Cidade dos Peregrinos representam a garantia da permanência através dos tempos. A memória dos prosélitos faz referência, também, aos ambientes em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços, tomados enquanto base de uma memória, de um período, vivenciado efetivamente ou não.

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode ter apoio no tempo cronológico. (...) Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte, da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo.<sup>191</sup>

<sup>189</sup> FRANÇA, Cássia. *Pobreza honrada: comunidade revive história semelhante a Canudos em Goiás...* Op. cit. p.06.

<sup>190</sup> Idem, ibidem. p. 06.

<sup>191</sup> POLLAK, Michael. *Memória e Identidade social...* Op.cit. p. 02.

Porém, os anos conferiram a arquitetura da cidade, aos que a tomam não como moradores, mas apenas como passantes e suas várias definições: curiosos, turistas, estudiosos ou visitantes, como um reduto simplório, de poucos recursos e em alguns aspectos decadente. A imagem de uma cidade monumental deixa-se substituir por uma observação menos entusiástica, por prédios e instalações precárias e com alojamentos que exigem reformas.

A enfermaria é um espaço de aproximadamente 40 m<sup>2</sup>, escuro e sem nenhum tipo de higiene, os poucos leitos são dispostos lado a lado com espaço apenas para uma mesa onde fica uma garrafa de água e um copo. Os leitos são usados como dormitórios para anciãos com problemas de saúde.<sup>192</sup>

Não obstante os embaraços provenientes de poucos recursos, a instituição mantém-se de forma estável e possui um quadro administrativo necessário para sua manutenção. No intuito de organizar de forma sistemática as delegações gerenciais foi organizado um *Poder Executivo*, encabeçado por um órgão chamado *Comando das Estrelas*, correspondente ao supremo poder espiritual da Fraternidade. É composto por um *Silogeu Espiritual*, formado pelos moradores mais antigos e os mais graduados em termos iniciáticos. O grupo elege um presidente que será apoiado por um *Conselho Secreto Apostolar* integrado por apenas três membros detentores de grau de iniciação inferior. Todo esse arranjo fez-se sentir necessário já nos primeiros anos de instalação nas novas terras, mas vem sofrendo alterações com o passar dos anos.

Após a morte de Yokaanam, a responsabilidade de o Supremo Poder Legislativo foi transferida para o Conselho Espiritual Administrativo, composto por três apóstolos e um sacerdote. Seus representantes são escolhidos pela Escola Iniciática formada por dez obreiros com o mais alto grau de mediunidade, “o conselho decide tudo.”<sup>193</sup>

O prefeito é eleito a cada dois anos e não há restrição quanto à quantidade de vezes em que ele pode ser renomeado, até porque a cidade não dispõe de muitas pessoas. “*Temos uma carência muito grande de material humano.*”<sup>194</sup>

Na ocasião de nossa visita em campo, a prefeitura estava sob o cargo do irmão Hanon, cuja função é coordenar as atividades internas, juntamente com a parceria do irmão Arsênio, obreiro há treze anos e incumbido com as atividades de coordenação social e pelas relações estabelecidas com a sociedade, especificamente na busca por apoio e incentivos financeiros.

Com a presença, em vida, de Yokaanam, todas as principais deliberações e ordens cabiam a ele, com o auxílio do *Comando das Estrelas*, principal portador das queixas e sugestões de seus seguidores. Esse processo de disposição das normas e decisões foi responsável pela rotinização carismática do messias, integrando-se ao cotidiano dos adeptos, como atesta Juraci das Rocha Cipriano, nosso valioso contribuidor.

<sup>192</sup> FRANÇA, Cássia. *Pobreza honrada: comunidade revive história semelhante a Canudos em Goiás...* Op. cit. p. 18.

<sup>193</sup> **Irmão Amiel.** Obreiro interno. In: FRANÇA, Cássia. *Pobreza honrada: comunidade revive história semelhante a Canudos em Goiás...* Op. cit. p.06.

<sup>194</sup> Idem, *Ibidem.* p. 06. **Irmão Maurício.** Obreiro interno.

...carisma e rotinização já estavam coexistindo na Cidade Eclética, mesmo durante a vida do líder, Venerável Yokaanam. O carisma do Mestre, apesar de ser dele, passara de certa forma ao quadro administrativo que tinha nos estatutos da Fraternidade sua força. Ambas as formas de poder: o carismático do líder e o burocrático do quadro administrativo conviviam na comunidade, certamente não sem conflitos.<sup>195</sup>

Destarte, pelas transformações ocorridas com o devir do tempo e em decorrência da morte do messias, pode-se dizer que o carisma, originalmente responsável pela concretização do movimento, não se extinguiu, mas colaborou para o fortalecimento dos vínculos entre os obreiros, guiando e conduzindo costumes e códigos, práticas e representações e, ainda que não tenhamos detectado a presença, na atualidade, de sua imagem a arrebanhar novos integrantes, aqueles que o seguiram o fizeram partilhando da esperança em um mundo melhor, mais *fraterno, eclético, espiritual e universal*.

No momento seguinte, nosso intuito concentra-se por apresentar aos leitores, uma breve, porém comprometida, apresentação da estrutura religiosa a compor identitariamente o grupo.

### **O sagrado que anima o cotidiano**

Surgida em um ambiente urbano-industrial representado pelo antigo Distrito Federal, hoje atual Estado do Rio de Janeiro, a Cidade dos Peregrinos iniciou suas primeiras ações em termos de pregação e atuação no ano de 1942 com um pequeno grupo inicial chamado *Ecléticos e Volantes*. É nesse momento que mestre Yokaanam e seus discípulos principiaram a emolduração de um sistema, pretendido e definido desde os primórdios como *científico, filosófico, altruísta, apolítico e, sobretudo, eclético-religioso*<sup>196</sup>. Assim, iniciaremos nossa análise a partir da nomenclatura a defini-los identitariamente: *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal*.

A referência à noção que permeia a palavra *Fraternidade*, segundo testemunhos colhidos a campo, refere-se à constatação do monoteísmo enquanto crença basilar a configurar o princípio comum dos prosélitos. A confiança em um único pai faz-se instituir uma relação que transpõe os laços consanguíneos. Assim, a irmandade gerada na origem da criação dialoga com a ideia de igualdade e justiça.

Conduzindo essas apreciações a partir da interação entre o sujeito e a coletividade, o que na cenarização diária da Cidade Eclética encontra apoio exemplificador, as atitudes fraternais, que implicam na convicção pretendidamente assumida pelo grupo como o norte a guiar suas atitudes e valores, ganham respaldo frente a renúncia dos adeptos diante da comunidade, o que indica uma limitação da individualidade e uma dedicação exclusiva ao bem maior do conjunto dos adesos.

Quanto ao *eclétismo*<sup>197</sup>, tão enfaticamente defendido pelo mestre e seus fiéis, apoia-se na eleição criteriosa dentre as opiniões de várias escolas filosóficas e religiosas, de modo a

<sup>195</sup> CIPRIANO, Juraci das Rocha. Op. cit. p. 89.

<sup>196</sup> A Constituição Estatutária da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal.

<sup>197</sup> De acordo com a exposição dicionarizada do manual *Houaiss*, o eclétismo seria uma diretriz teórica originada na Antiguidade grega, e retomada ocasionalmente na história do pensamento, que se caracteriza pela

incorporá-las a um corpo doutrinário próprio. Tomando o termo em sentido amplo, podemos encontrar vestígios semelhantes em múltiplos intelectuais e correntes que assim se definiam.

O principal alicerce a sustentar os discursos proferidos pelo messias e defendidos pelos prosélitos assenta-se no critério de escolha ou seleção, distintamente do termo *sincretismo*, que é pelo grupo rejeitado, esclarecendo que, embora ambas as sentenças tenham suas origens no dialeto grego, o *eclétismo* se contraporía ao *sincretismo* pelo cuidado na afluência de sistemas diversos e não apenas na união ao acaso. Pelas mesmas motivações, também é renunciado o vocábulo *ecumenismo*. A defesa de tais postulados causou uma série de divergência entre os seus praticantes e outras tendências estilísticas, além de desentendimentos ao apresentar a proposta à sociedade, deixando-se confundir com estabelecimentos e desígnios outros.

Ai está! Não é isto, pois, o mesmo que formar uma doutrina qualquer ou escola, com pedaços aproveitados de outras escolas, para fundir num todo especial. (legítimo **SINCRETISMO** ou **MISTURA** de alhos com **BUGALHOS**), para formar outra escola (ou religião), tão **SECTÁRIA** como as demais ultrapassadas, como pretendem confundir o insipiente “unificador” plagiário de “religiões irmanadas” e do próprio nome “Boa Vontade”, lançado por nós nos primórdios de nossa Casa no Rio de Janeiro, termos também já usados por nós e já abandonados pelos **ECLÉTICOS**, em face do mau uso que fizeram todos os plagiários expurgados de nossa Casa em 1948/1949 na nossa antiga Sede-Matriz-Principal, sediada na Presidente Vargas do Rio de Janeiro, e depois por todos os Congressos suspeitos realizados, apressadamente, apropriando-se de nossas ideias, como novos **UNIFICADORES** de que documentou e divulgou naqueles anos o nosso jornal, apontando os malabaristas camelôs de Religião.<sup>198</sup>

Os obreiros ecléticos ao conferirem primazia à crença como um setor privilegiado de suas atividades, não as reduz ou minimiza sua influência nas experiências cotidianas, mas a reconhece como fenômeno integrante de suas vidas. A comunidade foi planejada e concebida guiando-se por ideais religiosos, sua dimensão espacial organiza-se por propósitos bem definidos, legitimados como instrumento de manutenção e conquista do grupo.

A contribuição trazida pela *Geografia Cultural*<sup>199</sup> renovada, em todo seu escopo conceitual, nos faz perceber a materialidade e a imaterialidade da cultura. Neste caminho, a *Religião* insere-se por identificar apreciações e temas ligados a esses dois aspectos, tendo o homem e sua atividade de comunicação com o sagrado inserido em um lugar selecionado.

---

justaposição de teses e argumentos oriundos de doutrinas filosóficas diversas, formando uma visão de mundo pluralista e multifacetada.

<sup>198</sup> YOKAANAM, Mestre. *Evangelho de Umbanda Eclética...* Op. cit. p. 67. (grifo original).

<sup>199</sup> A Geografia cultural é o campo da geografia humana que estuda os produtos e normas culturais e suas variações através dos lugares. Dentro dessa perspectiva, enquanto subcampo, a Geografia religiosa, visa entender a religião e suas distintas manifestações enquanto parte integrante do espaço, uma vez que possui uma dimensão palpável e observável, voltando-se mais especificamente para as ideias religiosas e sua relação com uma determinada disposição espacial, na organização dos lugares a partir de uma concepção marcadamente ligada aos domínios da fé. A esse respeito verificar a obra de ROSENDAHL, Zeny. ROSENDAHL, Zeny. "Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2005. p. 191.



A apreciação que aqui nos interessa mais detidamente, não se fixa no campo da veracidade, de uma vivência que permite ao crédulo a liberdade de participar ontologicamente da existência de Deus, mas na análise da experiência da fé no tempo e no espaço em que ela ocorre.

Considerando-se as terras pertencentes ao agrupamento localizado no município de Santo Antônio do Descoberto como *Terra Santa*, segundo imputação dos próprios moradores, percebemos existir hierarquizações referentes à atribuição de valores a acurados recintos. São nos templos e nas peregrinações que essas diferenciações se fazem mais nítidas, é o sentido atribuído pelos adeptos a determinados locais que os distinguem enquanto intervalos destacados e, por conseguinte, motivos de reverenciamento especial.

O Ganges, Jerusalém, a Caaba, Roma, Santiago de Compostela, Nossa Senhora de Guadalupe: tantas metas sagradas para o peregrino. A peregrinação (do latim *peregrinatio*) é um ato de devoção que liga o homem ao divino. O peregrino põe-se em marcha, e sua caminhada, marcada por provações, transforma-o internamente, solitário ou levado por uma multidão, na chegada ele não será mais o mesmo.<sup>200</sup>

A dinâmica da não homogeneidade territorial na Fraternidade constitui uma experiência primordial que obteve em sua construção o mais acabado exemplo.

Instalar-se em um território equivale, em última instância, a consagrá-lo: Quando a instalação já não é provisória, como nos nômades, mas permanente, como é o caso dos sedentários, implica uma decisão vital que compromete a existência de toda a comunidade. Situar-se num lugar, organizá-lo, habitá-lo, são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao criá-lo. Ora, esse universo é sempre a réplica do Universo exemplar criado e habitado pelos deuses: participa, portanto, da santidade da obra dos deuses.<sup>201</sup>

O espaço encontra-se, assim, carregado de sentidos, um segmento limitativo resultante da apropriação e controle por parte de um agente social ou uma instituição. Na Cidade Eclética referimo-nos as extensões nitidamente demarcadas, onde o acesso é controlado e a autoridade é peculiarmente exercida, primeiramente por um único líder, Yokaanam e, em fase posterior, por uma aliança de eleitos. A comunidade adquire uma estrutura específica, praticada pela gestão e distribuição espacial. O poder religioso inscreve-se nas escrituras, sermões, na vestimenta, nos rituais e nas edificações, que encontram uma organização modelar e a que se pretende perpetuar nas demais filiais.

Em uma relação de síntese entre a profecia de Dom Bosco e as aparições de mentores espirituais, com destaque para mestre *Lanuh*, o líder messiânico seguiu para a região próxima à futura capital do país, ainda na década de 1940, em busca das coordenadas do jovem padre salesiano.

Em agosto de 55, o mestre recebeu ordens definitivas de uma Entidade da Cúpula da Casa, para construir uma nova cidade para seu rebanho e todos os homens de boa-vontade. O local exato da cidade estaria marcado por um sinal importante, entre

<sup>200</sup> DELUMEAU, Jean. *De religiões e de homens...* Op. cit. p. 11.

<sup>201</sup> ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.23.

outros, que lhe foi revelado, o qual seria o Monte Tábor semelhante ao de Jerusalém. Depois de explorar o Planalto Goiano por semanas, de aviso a pé ou em jipe, o Mestre Yokaanam achava a marcação: uma cruz de madeira sobre um monte plantado pelos habitantes remanescentes de Portugal numa verdejante planície cerca de 750 milhas a noroeste do Rio de Janeiro.<sup>202</sup>

A chegada dos prosélitos as terras recém-adquiridas constitui-se um dos capítulos mais mencionados na história da instituição, conhecida como *peregrinação êxodo*, a vivência é relembada com grandiosa emoção pelos esperançosos desbravadores e destaque na biografia do messias.

Chegamos no Planalto Central do Brasil com a primeira CARAVANA- Exódina, para fundarmos **a Cidade Eclética e Unificadora também de todos os Religiosos do mundo**, viajando num trem direto, a QUINTA CARAVANA do Esquema previsto para a mudança da Comunidade, do Rio de Janeiro, para o Planalto Central do Brasil, **com 300 famílias**, as quais foram instaladas em 100 barracas militares de DEZ PRAÇAS, bem como as que acolheram as instalações médicos-assistenciais hospitalares, Maternidade, Cozinha, Ambulatório, Serviço-Rádio, Serviço de **Água imediato, Serviço também imediato de Iluminação Elétrica, ali jamais visto naquele deserto** do Planalto Central do Brasil.<sup>203</sup>

Toda a simbologia que envolveu os pioneiros por ocasião da mudança constitui um processo de consagração, de transformação do caos em cosmos, momento anualmente ritualizado e rememorado nas jornadas ao Monte Tábor. A partir dessa experiência os obreiros passaram a controlar a área, ornamentada por imagens, símbolos e significados inerentes a crença por eles adotada.

Dessa forma, as marchas ao Monte Tábor não possuem como único efeito a santificação de uma fração territorial qualquer, mas assegura para o futuro a preservação e a perseverança desse sagrado, por meio da reatualização do momento de revelação referente à *Terra Santa*, onde se ergueria, tempos depois, a *Nova Jerusalém do Planalto Central*.

As caminhadas rumo a paragens de devoção são exemplo de demonstração de fé, que adquire sentido a partir de uma espacialidade e abarca o deslocamento de um posto a outro e que na *Cidade Iniciática dos Peregrinos da Eternidade* apresenta certa regularidade.

Percebemos existir, na configuração e reconfiguração dos ambientes, um forte vínculo entre a natureza e o extramundano, sentimento partilhado por inúmeras religiões, como coloca Jean Delumeau,

A ideia de que a divindade se revela e deve ser venerada nos lugares elevados foi partilhada por todas as religiões do planeta: a Acrópole que domina Atenas, e onde se realizavam as Panatenéias, era o local dos templos por excelência. Mas seria possível multiplicar os exemplos: o Olimpo, em que os gregos situavam a morada dos deuses; o monte Sinai, também chamado de Horeb, em que Moisés recebeu a revelação do nome Yahweh; o monte Fuji, a mais alta montanha do Japão e ponto de peregrinação ao mesmo tempo; o monte Atos, onde vivem monges ortodoxos desde o século X; e ainda, Rocamadou, pendurado no flanco de um planalto calcário abrupto, o Puy etc.<sup>204</sup>

<sup>202</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 52.

<sup>203</sup> YOKAANAM, Mestre. *Evangelho de Umbanda Eclética...* Op. cit. p. 67. (grifo original).

<sup>204</sup> DELUMEAU, Jean. Op. cit. *De religiões e de homens...* p. 14.

Embora todo o interior da Fraternidade seja considerado, por seus habitantes, terra sacra, alguns recantos merecem destaque e atenção especial, é o caso do *Poço de Siloé*. O jardim foi descoberto seguindo orientações de entidades espirituais e suas águas possuem finalidades curativas e terapêuticas, o que lhe garante acesso restrito e vigiado.

Assegurando os mesmos propósitos, os muros e cercas a proteger a parte interna da comunidade ultrapassam as funções de singela defesa quanto à integridade física de seus residentes e exercem desempenhos mágicos, de preservação de um reduto tido, por quem assim o crê, como inviolável e, da mesma forma, protege aos desavisados que ali adentrem, sem o consentimento oficial, acerca da especialidade dos solos que estão pisando.

CIDADE ECLÉTICA  
FRATERNIDADE UNIVERSAL  
A 1km Altitude 1200m  
VIANDANTE!...  
Tomai cuidado porque estais  
Pisando TERRA SAGRADA  
E sede BEM-VINDOS.<sup>205</sup>

*O I Santuário Essênio do Brasil e das Américas*, como templo principal e aberto às visitas públicas, encontra-se envolto a uma importante ritualística limítrofe a demarcar o sagrado e o profano, fazendo-se necessário a adoção de medidas ao ultrapassar os domínios fronteiriços.

O chão assoalhado do recinto dos trabalhos é pintado de tinta esmalte cinza-azulado, onde os assistentes devem penetrar descalços, como símbolo de Humildade e Respeito, a exemplo da antiga advertência à porta do Tabernáculo de Jerusalém: “Deixa lá fora as tuas alparcas, porque estais pisando terra sagrada!”<sup>206</sup>

Tomado como marco central o *Obelisco* estabelece o parâmetro a guiar todas as edificações no terreno, que se assemelha, geometricamente, a uma figura relativamente retangular entrecortada por ruas e avenidas. A partir desse ponto fixo possibilita-se uma orientação na homogeneidade caótica do local, anterior à posse das terras, e sua posterior sacralização. O rito alude-se a fundação de um novo mundo, uma direção alternativa as experiências de cada adepto.

A simbologia a abarcar a imagem de centralidade comporta perspectivas diversas e reverbera na comunidade como ponto ideal a iniciar toda a criação. A principal alegoria modelo da liturgia eclética é representada pela figura de um círculo envolvendo um triângulo equilátero com um ponto ao centro. O sinal indica a presença de DEUS, também chamado de *Ser- Supremo Arquitecto- Deus- Adonay*, associado à origem de tudo, pois de acordo com o messias, “*Jeovah, Brahma, Adonay, Zeus, Ahura, Zambi, Allah, Deus, todos são a mesma coisa e todos eles respondem aos anseios sinceros da “nossa religião”, que quase sempre insistimos ser o único melhor e proprietário de Deus.*”<sup>207</sup>.

<sup>205</sup> Aviso, como sinal de advertência, aos visitantes do local. O comunicado encontra-se próximo ao Monte Tábor, na estrada a caminho da Cidade Eclética.

<sup>206</sup> YOKAANAM, Mestre. *Evangelho de umbanda Eclética...* Op. cit. p. 118.

<sup>207</sup> YOKAANAM, Mestre. *Yokaanam fala à Posteridade...* Op. cit. p. 65.

A circunferência refere-se à própria vida, a existência que flui de um alvo central e que no plano material se repete quantas vezes for necessária, o que indica a crença reencarnacionista presente na doutrina. O triângulo equilátero, por ser uma figura geométrica considerada perfeita, simboliza o equilíbrio e a fase de maior desenvolvimento do espírito e de suas mais depreendidas ações, rumo a uma trajetória evolutiva. Na parte inferior está inserida a legenda “SIC TRANSIT GLORIA MUNDI”, advertindo a transitoriedade da vida mundana.

No intuito de valoração peculiar do terreno de posse da instituição, são adotadas medidas que asseguram a permanência de preceitos já integrados ao cotidiano dos adeptos e aceitos como basilares para sua ordem e manutenção, prevenindo que aprendizados exteriores sejam inseridos de forma desordenada e sem supervisão ou consentimento.

Na parte intramuros da *Nova Jerusalém* não circulam dinheiro, nem pessoas desconhecidas ou desacompanhadas, existe um rigoroso controle a entrada de visitantes para garantir que todas as normas sejam ali respeitadas e obedecidas. Percebe-se uma intenção quanto à separação entre sagrado e profano, que embora apresentem limitações visíveis e materiais permanecem em constante diálogo.

As categorias de sagrado e profano se opõem uma à outra e, ao mesmo tempo, se pressupõem. O âmbito do sagrado se estende a tudo aquilo que ultrapassa o nível cotidiano da existência humana: começam a fazer parte dele, portanto, os seres sobre-humanos, a dimensão do mito, as práticas rituais, as normas e proibições cuja origem não seja considerada humana. Colocando-se em tal perspectiva, é legítima a equação sagrado = alteridade, alteridade em relação ao profano, que coincide com a ordenação normal do mundo. [...] Sagrado e profano não representam apenas polaridades contrárias: ao lado do plano da oposição tem que ser considerado também o do relacionamento que se explica segundo várias modalidades.<sup>208</sup>

A espacialidade que compõe a paisagem da cidade apresenta-se de forma igualmente religiosa, visualizada nas representações e disposições dos templos, nas cores que conferem distinção as construções, na ordenação das casas e na conservação de determinados hábitos e trajetos.

A urbe também é conhecida como *Cidade Rosa*, justamente por essa ser a pigmentação predominante em suas edificações. O colorido seria uma referência simbólica a *São João Batista*, seu patrono oficial.

Rosa, correspondente da alvorada perfeita que se relaciona com os povos orientais, o sol que nasce e descreve sua parábola do Oriente para o Ocidente, onde nasceram, lutaram e morreram pela humanidade os nossos antecessores e, afinal, onde nasceu o Cristianismo fundado por Jesus.<sup>209</sup>

Nos templos as tonalidades destaque são o azul e o branco. O branco assume uma importância significativa não apenas reduzida a doutrina da Umbanda Eclética, mas igualmente nas diversas expressões devotas, associado à limpeza, pureza e paz, logo, também se encontra presente na indumentária dos membros adesos, juntamente com o azul. Os sacerdotes, as sacerdotisas e os

<sup>208</sup> MASSENZIO, Marcello. *A História das Religiões na cultura moderna...* Op. cit. p.110.

<sup>209</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 165.

médiuns em trabalho espiritual durante os dias semanais vestem balandraus azuis, que simbolizam igualmente a passividade e a harmonia, sendo considerada, ainda, a cor da maçonaria, ordenação de grande expressão na composição dos cultos esotéricos.

As cores são muito importantes aqui na cidade e também mostram a diferença entre os irmãos. Qualquer pessoa que não seja iniciada usa uma túnica branca chamada de balandrau. Quem pertence ao terceiro grau usa balandrau amarelo. No quinto grau usa azul marinho.<sup>210</sup>

A francomaçonaria, regular ou tradicional, professa, pela via mística, a independência do seu credo filosófico e a invocação do *Grande Arquiteto do Universo*<sup>211</sup>, adjetivação também comum a mestre Yokaanam. Na fachada de diversos santuários destaca-se a abundância de imagens ligadas aos cultos maçons, com destaque para o compasso e o esquadro, a letra G e o pentagrama.

Os trabalhos maçônicos fazem reviver a construção do Templo de Salomão em sua grandiosidade e perfeição. O maçom deve ser o primeiro artista e arquiteto da construção de seu próprio templo, na edificação de seu próprio caráter, de seu desenvolvimento moral, ético, cultural. Daí porque o maçom deve empenhar-se no papel de construtor social e edificar o templo social da humanidade, combatendo a tirania, os preconceitos, os erros e glorificando o Direito, a Justiça e a Verdade. A sociologia maçônica é diferente, pois, ela não se dirige à sociedade e sim ao indivíduo, na certeza de que homens melhores formarão uma sociedade mais justa, mais perfeita.<sup>212</sup>

Para abarcar as escolhas individuais fez-se valer duas categorias a demonstrar a partilha e a dependência quanto ao envolvimento dos prosélitos, a definir: os *obreiros internos* e *obreiros externos*.

Classificam-se como *obreiros internos* todos os membros que ocupam as dependências da sede-matriz. Uma relação de engajamento, com dedicação voluntária e exclusiva, que requer a “*transferência, para um fundo financeiro, dos rendimentos, soldos e pensões que porventura tenham direito, em troca de benefícios comuns, como moradia, educação, assistência médica, espiritual e social.*”<sup>213</sup>

Com a mudança para o Planalto Central, muitos fiéis permaneceram no Estado do Rio de Janeiro, mas mantiveram seus laços fraternários, com o cumprimento de obrigações, que incluem o pagamento de uma mensalidade, cujo valor é estipulado em comum acordo. Outros se fizeram valer do direito de livre escolha e optaram por desligarem-se por completo.

Impulsionados pelo discurso mudancista de Brasília, alguns membros pioneiros destituíram-se de todos os vínculos institucionais e engrossaram as filas dos imigrantes que seguiram

<sup>210</sup> **Irmão Hanon** – Obreiro interno e prefeito da cidade.

<sup>211</sup> Etimologicamente se refere ao responsável pela criação de tudo que existe independente de uma crença ou religião específica. Na Fraternidade Eclética, esse princípio possui distintas nomenclaturas que o apresentam ao mundo, conforme local de manifestação. Assim, Deus, Cristo, Krishna, Buda, Allah e todas as demais definições corresponderiam à mesma divindade, que se transfigura em roupagens variáveis conforme a cultura ao qual representa.

<sup>212</sup> Site da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal. Disponível em: <http://www.fraternidadeeclética.org.br>. Acessado no dia 21 de março de 2009.

<sup>213</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 57.

rumo à nova capital do país em busca de boas oportunidades. Os que se mantiveram ligados à comunidade, mas que igualmente deixaram-se acalorar pela esperança da *Terra Prometida* e optaram por uma carreira e uma vida fora dos muros da cidade continuaram exercendo suas obrigações enquanto *obreiros externos*.

Além da referência aos antigos essênios, da tradição judaico-cristã e da influência maçônica, a liturgia da comunidade comporta elementos de tradições distintas e milenares, como a hinduísta e a tibetana, em relação dialógica com crenças singulares a conduzir os cultos e a vida dos prosélitos, com destaque o *Comando Espiritual das Estrelas*, uma ordenação extraterrestre<sup>214</sup> que toma parte nas decisões burocráticas ligadas a organização local. Esse arranjo místico, envolto por uma áurea de mistério e segredo, reserva-se a um número reduzido de adeptos, que se organizam em níveis e escalas de intuição e aperfeiçoamento.

Para a formação dos iniciados estão previstos seis graus de aprendizagem, a partir do primeiro, em escala crescente. Assim, de acordo com a formação iniciática do I Santuário Essênio do Brasil e das Américas, os iniciados no 1º, 2º, 3º e 4º graus compõem o que eles denominam as oficinas acadêmicas ecléticas; os sacerdotes, iniciados do 5º grau, compõem o Sacro Colégio; os apóstolos iniciados do 6º grau compõem o Silogeu Espiritual. O sétimo e último grau está reservado aos profetas e ao messias, foi alcançado, entre eles, apenas por Yokaanam. As obreiras ascendem até o 5º grau apenas, mas o Conselho Espiritual Administrativo já vem repensando esta limitação imposta às obreiras. Dentro desta estrutura, existem subdivisões e nomenclaturas secundárias específicas, que não nos interessa detalhar.<sup>215</sup>

Os atos iniciáticos comportam ritos de passagem que inclui o recebimento de um novo nome após a cerimônia do batismo e que garante, aos eleitos, o direito à utilização de uma tonalidade distinta em suas vestimentas de trabalho. A recém-designação torna-se conhecida entre todas as filiais e simboliza a entrada ao quadro esotérico da fraternidade. A denominação assumida, na grande maioria, refere-se a antigas civilizações, com destaque para a grega, romana, hindu e aramaica.

Havia a iniciação, no qual as pessoas mudavam de nome e o novo era seguido de três pontos em forma de cruz para diferenciar o nome profano (o nome iniciático como chamavam) do nome comum. A cerimônia era secreta como na maçonaria, isto é, aqueles que ingressavam não poderiam revelar seus conhecimentos para ninguém.<sup>216</sup>

O copioso corpus simbólico a conciliar os dogmas estende-se, notoriamente, as sessões de caráter público, mas limita-se a abranger ao espiritismo, Kardecista e de Umbanda.

A menção a nomenclatura *espiritualista* a compor a nomeação da instituição, refere-se ao envolvimento de Yokaanam com o espiritismo enquanto prática religiosa e a relação de contiguidade com a obra de mestre Allan Kardec, como exposto em sua biografia e obras.

<sup>214</sup> Temática controversa e pouco pronunciada pelos obreiros internos. De acordo com a antropóloga Gláucia de Mello, "Ainda que evitem falar deste assunto, os obreiros admitem o envolvimento de mestre Yokaanam e alguns iniciados com seres de outros planetas. Avessos ao sensacionalismo, o Conselho Administrativo Espiritual mencionou, no entanto, o messias estabelecia contato com extraterrestres através da mediunidade." Ver: MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 137.

<sup>215</sup> Idem, ibidem. p. 69.

<sup>216</sup> **Georgina Rosa da Silva** – 61 anos, ex-moradora da cidade. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2010.

Uma vez conhecida **UMBANDA ECLÉTICA** tal como Escrituras da Nova Revelação, como foi criada para a nova Obra complementar de Mestre Allan Kardec nos setores mais humildes da vida; como escola de humildade, experiência e realização, sobretudo, para os religiosos de todas as camadas, vamos agora, adiante, caracterizar com exemplos o que antes foi dito.<sup>217</sup>

O uso de adereços e imagens, com ênfase para os santos católicos, ornamenta e concebe peculiaridade ao altar principal do *I Santuário Essênio do Brasil e das Américas* e é tomado como modelo a ser seguido nas demais dezesseis filiais, resultante da vasta ritualística a permear seu desenrolar diário. Um envolvimento que advém da crença *universal* do espírito, em síntese harmônica e conciliatória de todas as religiões, pois como se posicionou o messias em uma de suas pregações apostólicas, “o *Espiritismo, caracterizado pela mediunidade, ativa ou não, é comum a qualquer ser vivente*”<sup>218</sup>.

A organização espacial e a disposição das construções templárias e residenciais, determinam, em grande parte, a utilização das mesmas por seus moradores, que atribuem à paisagem local familiaridade e singularidade enquanto caráter identificador da comunidade. Como elemento distintivo, a estética faz-se notar nas edificações que compõe seu cenário, um aspecto visual a conferir uma experiência ligada a essas imagens e que integram valores aos que nela vivem, ou apenas por ela passam. Um reencontro da dimensão do sujeito, aqui também cidadão, como elemento fundante da urbe. A experiência adquire peso na composição dos traços e formas a desenhar seu sítio urbano. É preciso considerar o tempo a transformar o projeto original, uma ideação que se completa a partir de representações formadas por comentários, estilos de vida e de apropriação dos monumentos.

Resultado de um processo simbólico e discursivo, a identidade é determinada a partir da sua relação com a alteridade. Sujeita a vetores de força e jogos de poder, que reverberam na formação de agrupamentos sociais e sentimentos de partilha comum, faz parte de um processo contínuo de definir-se e de inventar e reinventar as trajetórias pessoais. Nesse circuito de pertencimento, o indivíduo é levado a abrigar destinos desconhecidos frente à multiplicidade de bens culturais à disposição e que, na discussão contemporânea, leva ao ganho de espaço de embates e enfrentamentos acerca da sua noção e aplicabilidade cotidiana.

Tornamos-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age, a determinação a se manter firme a tudo isso, são fatores cruciais para o pertencimento quanto para a identidade.<sup>219</sup>

Os anos conferiram a Cidade Eclética uma aparente e, aos olhos dos mais desavisados, enganosa feição de estabilidade, equilíbrio e permanência, em contraponto a *liquidez*<sup>220</sup> e mobilidade dos centros citadinos. A adesão fez parte de uma escolha, acarretando direitos e deveres e que, se

<sup>217</sup> YOKAANAM, Mestre. *Evangelho de Umbanda Eclética...* Op. cit. p. 75. (grifo original).

<sup>218</sup> Idem, *ibidem*. p. 78.

<sup>219</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade...* Op. cit. p. 17.

<sup>220</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência...* Op. cit. p. 15.

faz mais proeminente entre aqueles que optaram por viver intramuros. Esse tipo de engajamento, com dedicação e comprometimento exclusivo, corrobora para a sensação de indivíduo totalmente centrado, unificado, contínuo e idêntico, ainda que haja uma escolha, essa se processou juntamente com uma renúncia. Recusa a um diálogo maior com a sociedade, de partilhar das sensações, novidades, dinâmica e fluidez do mundo contemporâneo, ou *pós-moderno*, para nos referirmos às postulações de Michel Maffesoli, ainda que a intenção, aqui, não seja a de conceituar, tarefa fadada ao fracasso, frente às controvérsias e desafios, como expõem o autor:

A sociedade está em constante recomposição e não existem começos nem fins abruptos. Quando os diversos elementos que compõem uma determinada entidade já não podem, por desgaste, incompatibilidade, fadiga etc., permanecer juntos, eles entram de diversas maneiras numa outra composição e, desse modo, favorecem o nascimento de outra entidade. Foi isso que antes que encontrássemos um monte adequado, presidiu a elaboração da pós-modernidade. Saturação-recomposição.<sup>221</sup>

Foi justamente pensando nessa nova sensibilidade a permear as ações humanas e que se sustenta com o respaldo do atual posicionamento da academia, que encontramos meios para direcionar uma atenção mais substancial ao fenômeno religioso e sua atuação enquanto forma de apreensão de uma determinada unidade cultural, aliado a empatia e curiosidade despertada pelo universo multirreferencial localizado na Cidade dos Peregrinos.

O atual cenário contemporâneo assiste a uma retomada de contendas antes descartadas dos grandes centros de debate. A ideia de *retorno do sagrado* apresenta-se como uma questão problemática. Logo, é preciso pensá-la a partir de uma resignificação, como bem coloca Michel Maffesoli.

Resta, quem sabe, questionar a ideia de retorno. Nela, há uma aceção de reversão, de regressão, de engano. Penso que certos elementos colocados de lado pela razão retornam não no sentido do idêntico ou da regressão, mas da ocupação de um novo lugar de destaque. Em outras palavras, nunca desapareceram. Estavam apenas em posição secundária, ou latente.<sup>222</sup>

A contestação moderna pretendeu a uma reflexão segura e acabada da sociedade, mas o fracasso das *verdades* testadas até as últimas consequências levou à ampliação dos círculos de diálogo, às vozes de novos atores sociais que reivindicam atuação de forma cada vez mais dinâmica. Nesse estado de reconciliação com a simultaneidade, os modos de pensar, se posicionar e de sentir acompanharam a oscilação e, diferentemente dos grandes modelos explicativos que englobavam o todo, percebe-se, hoje, uma maior abrangência nas probabilidades de percepção e inserção no mundo.

<sup>221</sup> MAFFESOLI, Michel. *Notas sobre a Pós-Modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Ed. Atlântica, 2004, p. 20.

<sup>222</sup> MAFFESOLI, Michel. *Revista FAMECOS...* Op. cit. p. 06.



O que caracteriza o *religare*<sup>223</sup> dessa nova temporalidade que se apresenta está diretamente relacionado à dinâmica, à mobilidade e à dispersão. Percebe-se uma desregulação, onde as grandes instituições perdem, de forma crescente, sua capacidade de enquadramento do crer.

Em um momento em que as verdades e as diferenças se apresentam a todo instante, falar da fé em um *único* e *absoluto*, gera, naquele que crê, uma constante disputa. Michel De Certeau nos adverte para uma *teologia da diferença*<sup>224</sup>, de uma certeza na movimentação que nos leva ao encontro com o *Outro*. Partilhamos de sua percepção ao se referir a esse exame atual de *lieu de transit*<sup>225</sup>, apontando para o declínio da tradicionalidade, substituída pelo fenômeno da pluralização das opções do indivíduo nesse contínuo trânsito, à procura do que não conseguem encontrar em uma única passagem.

Le Dieu de ma foi ne cesse de tromper et de guider le désir qui cherche à le prendre. Il le trompe, car rien de ce que jê sais n'lui. Il le guide, car jê ne l'attendais pás là ou Il vient... Il n'est le Même qu'em resurgissant comme l'Autre.<sup>226</sup>

A busca da transcendência, longe de constituir uma fuga no registro da irrealidade, pode ser vista como tentativa de um encontro com algum *Outro*, "*paradoxal, íntimo e longínquo*"<sup>227</sup>, tal como nos revelam os místicos; "*Dizer do outro*"<sup>228</sup> (dire l' autre). Essa alteridade, rumo ao desconhecido, que é igualmente "*tremendum et fascinans*"<sup>229</sup> nos remete ao sublime, que ao invés de alienar, integra elementos opostos e constrói a totalidade, pois "*a espiritualidade responde às perguntas de uma época, formuladas nos termos dos homens que falam e vivem nessa sociedade, que sejam ou não cristãos.*"<sup>230</sup>

Essa caracterização da sociedade não se faz notar unicamente pelo encolhimento de uma esfera religiosa diferenciada, mas igualmente pela disseminação dos feitos da crença, que se distanciam dos redutos específicos de manifestação dos cultos, para atuar com mais liberdade em qualquer recinto.

Diferentemente daquilo que nos dizem, não é a indiferença com relação à crença que caracteriza nossas sociedades. É o fato de que a crença escapa totalmente ao

<sup>223</sup> A esse respeito ver a obra de CERTEAU, Michel De. *La fable mystique*. La spiritualità religiosa tra il XVI e il XVII secol. Paris: Gallimard. O Deus da minha fé não cessa de frustrar e guiar o desejo que busca compreendê-lo. Ele o frustra porque nada do que sei é ele. Ele o guia porque eu não o esperava lá onde ele vem... ele só é o *Mesmo* aparecendo como *Outro*. (tradução livre)

<sup>224</sup> JOSGRILBERG, Fábio B. *Michel De Certeau: a teologia da diferença e a missão cristã*. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CA/.../1503>. Acessado em: 05 de agosto de 2010. p.10.

<sup>225</sup> BINGEMER □ □ Maria Clara Lucchetti. "Experiência do sagrado e experiência de Deus". *Revista Magis*. Cadernos de Fé e Cultura. nº 47, julho de 2005. Disponível em: <http://www.clfc.puc-rio.br/pdf/fc47.pdf>. p. 16. Acessado em 04 de julho de 2010. Tradução: Lei de trânsito. (tradução livre)

<sup>226</sup> JOSGRILBERG, Fábio B. *Michel De Certeau: a teologia da diferença e a missão cristã...* Op. cit. p. 12. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CA/.../1503>. Acessado em: 05 de agosto de 2010 "O Deus da minha fé não cessa de frustrar e guiar o desejo que busca compreendê-lo. Ele o frustra porque nada do que sei é ele. Ele o guia porque eu não o esperava lá onde ele vem... ele só é o *Mesmo* aparecendo como *Outro*." (tradução livre)

<sup>227</sup> Idem, ibidem. p. 12.

<sup>228</sup> AUGRAS, Monique. "Espiritualidade e Mitos: Dizer do outro". *Revista Magis*. Cadernos de Fé e Cultura. nº 47, julho de 2005, p. 20. Disponível em: <http://www.clfc.puc-rio.br/pdf/fc47.pdf>. Acessado em 04 de julho de 2010.

<sup>229</sup> Cf. OTTO, Rudolf. *O Sagrado: Sobre o irracional na ideia do divino e sua relação com o irracional*. Lisboa: Edições 70.1992. p. 202/203.

<sup>230</sup> Idem, ibidem. p. 20.

controle das grandes Igrejas e das instituições religiosas. Obviamente, com mais frequência, é através do levantamento da proliferação incontrolada das crenças que se apresenta a descrição do panorama da religiosidade atual.<sup>231</sup>

O que está em pauta é considerar e decidir, diante dos riscos, quais dos flutuantes e sedutores fins devem ter prioridade. Tudo corre agora por conta do sujeito, cabe a ele descobrir que é capaz de fazer e escolher os arremates a que essa capacidade poderia melhor servir. Para que as possibilidades continuem infinitas, nenhuma deve ser capaz de petrificar-se em realidade, mas organizar-se a partir da individualização e da subjetivação. O aspecto decisivo em que se percebe mais nitidamente essa perda de regulamentação encontra-se na liberdade pessoal em erguer seu sistema de fé, não necessariamente ligado a um corpo único e institucionalmente validado. Fato esse que se fez sentir em outras épocas e espaços e que, ganha, a cada dia, mais vulto em nosso meio social.

Na verdade, pode-se falar de individualização do religioso desde quando intervém a diferenciação entre uma religião ritual, que requer unicamente dos fiéis a observância minuciosa das práticas prescritas, e uma religião da interioridade que implica, sob o modo místico ou ético, a apropriação pessoal das verdades religiosas por parte de cada crente. Em todas as grandes religiões, essa diferenciação se manifestou, sob formas diversas, bem antes da emergência da modernidade.<sup>232</sup>

Assistimos a retomada da destradicionalização da religiosidade, a partir da ênfase no presente, nas diferenças, na experimentação e no diálogo mais abrangente com vários referenciais de origens diversas.

No cristianismo, foi o calvinismo que impeliu mais longe essa lógica ética da individualização religiosa, desenvolvendo a ideia de que cada um deve encontrar, em todos os aspectos da sua vida cotidiana no mundo e particularmente em sua vida profissional, a confirmação de que ele está pessoalmente salvo.<sup>233</sup>

A crescente complexidade das sociedades fez emergir a consciência de que o indivíduo não é autônomo, mas formado na relação com o *Outro*, em um diálogo que se constrói na interação e que se faz visualizar de forma fragmentada, provocando um *descentramento* ou *deslocamento*<sup>234</sup> do sujeito, que desemboca na remodelação de práticas e representações que garantam a seus intérpretes a voz e o reconhecimento nas comunidades.

Para aqueles que elegeram a vinculação interna junto a Fraternidade como um ideal de vida, essa escolha se deu frente à abundância de ofertas. Na disputa, o ideal religioso se fez mais convincente, mas como membros da instituição, os papéis desempenhados por esses moradores apresentam certa regularidade, fornecendo, àqueles que, como nós, lançam a ela um olhar, uma aparente estagnação.

<sup>231</sup> HERVIEU-LÉGER, Danièle. Op. cit. p. 42.

<sup>232</sup> Idem, ibidem. p. 139.

<sup>233</sup> Idem, ibidem. p. 140.

<sup>234</sup> Cf HALL, Stuart. "A Produção Social da Identidade e da Diferença" In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

Os testemunhos fornecem e reforçam a tese de familiaridade e permanência, como certificado nas entrevistas que se seguiram juntamente com a pesquisa. Não raro os residentes referiam-se as suas vivências como segura e sem sobressaltos, que conferem ao grupo um perfil identitário aparentemente estável e acabado. Aos obreiros externos a interação junto a outros arranjos sociais possibilita uma disposição diferenciada, que é lançada a doutrina, em um processo de significação e resignificação de suas escolhas.

Nascida de um projeto religioso, com uma arquitetura que se compõem a partir de envolvimento distintos e que se deixa entusiasmar, em alguns momentos, pela peculiaridade, excentricidade ou pela tradicionalidade, a *Nova Jerusalém* do Planalto Central é concebida no imaginário local e popular de abundantes formas: seita, messianismo, milenarismo, umbanda, espiritismo, fanatismo, e como ordena igualmente a demanda econômica, atração turística da *Brasília Mística*<sup>235</sup>.

A despeito de todas as demarcações, essas mesmas pessoas que integram e interagem com a cidade conferem sentido a sua fisionomia. É possível perceber indícios definidores de uma maneira de ser cara aos seus habitantes; o modo de se vestir, de falar e de se portar confere distinção aos que lá residem. Partilhando dos princípios estabelecidos pela doutrina eclética, concebida por mestre Yokaanam e os demais membros, os obreiros observam uma disciplina tomada por restrições e determinados princípios, os quais regem o comportamento, o ritmo cotidiano e a moral na instituição.

Assim, no interior da cidade, os homens não podem usar bermudas ou camisas sem mangas, mas podem usar mangas curtas; a barba e os cabelos longos são apropriados apenas aos homens mais velhos, por força de motivação religiosa. Quanto às mulheres, elas devem manter os cabelos longos, pelo menos até abaixo dos ombros, nunca mais curtos do que isso, e não devem cortar a franja.<sup>236</sup>

A Fraternidade Eclética é responsável por agregar em seu espaço indivíduos comum, mas não típicos, pois como coloca o historiador Robert Darnton, “*não acredito que exista algo como o camponês típico ou um burguês representativo*. Esses moradores encontram-se ligados por uma visão de mundo coletiva, vinculados e definidos por uma historicidade, legitimadora das tradições, ou seja, pertencer à comunidade os define, os molda e os guia. Marcado pela interface de diálogo entre os membros e a instituição, para dar estabilidade e continuidade à obra, os obreiros precisam manter um vínculo com o tempo pretérito, pois nele está reunida a imagem do presente e do futuro.

Incluídos em um meio urbano em processo crescente de modernização, como o Estado do Rio de Janeiro já assim se fazia representar na década de 1950, os pioneiros *Ecléticos* e *Volantes* dispunham de uma multiplicidade de sentidos que lhes era oferecido como integrantes de uma dinâmica social, mas optaram por inserir-se a uma comunidade de ideias e princípios.

Além de audacioso, o projeto de construção da *Cidade Iniciática dos Peregrinos da Eternidade*, tornou-se o símbolo de uma expectativa de integração. Sua mudança para a região do Planalto Central significou a adesão ao lema de expansão para o interior do país, seguindo as

<sup>235</sup> Cf SIQUEIRA, Deis. *As novas religiosidades no Ocidente*: Brasília, cidade mística. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

<sup>236</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 105.

tendências da época, com a transferência do Distrito Federal e a promessa na implantação de uma nova sociedade, mais justa e igualitária, que se fez sentimento e decisão, também, nos discursos proferido pelo messias e reforçado por seus seguidores rumo a *Terra Prometida*.

Numa peregrinação em São João do Meriti, baixou lá uma entidade que determinou o que devíamos fazer. E eu estava presente, ouvi o que o Mestre encarnado espiritual, através do Mestre Yokaanam falou o que nós devíamos fazer. [...]. A indicação, ele fez alguma coisa meio velada assim: você vai pra tal lugar assim, assim, lá você encontra um monte que tem um cruzeiro; é naquela região que vocês devem ficar. E tinha mesmo o monte, aquele que tem lá em cima; não sei se tem ainda esse cruzeiro, mas tinha um cruzeiro bem grande lá e foi determinado que a gente viesse pra cá.<sup>237</sup>

No entanto, o novo e o velho se misturaram, irrompendo um modelo alternativo de sociabilidade. Surgiram as adaptações, modificações e alterações, um colorido aos horizontes, uma dinâmica ao desenrolar do devir; o tempo conferiu a Fraternidade uma imprevisibilidade nas ações e propostas. O que era apenas um esboço ganhou corpo e forma no agir diário de seus moradores, na junção entre o visível e o invisível, pois como afirma Michel De Certeau,

O cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio de nos mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo memória”, segundo a expressão Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta “história irracional” ou desta “não história”, como diz ainda A. Dupront. O que nos interessa ao historiador do cotidiano é o invisível.<sup>238</sup>

No momento seguinte convidamos o leitor a um passeio pela composição cotidianamente arquitetada, pelos ritmos que animam e que conferem vitalidade às trajetórias humanas.

### **A Religião e a Norma: Espaços de diversidade**

A Cidade Eclética constitui-se em um sítio histórico e cultural planejado e fundado em finais da década de 1950. O processo de transferência da sede-matriz do Rio de Janeiro, então capital do país, para a região do Planalto Central, relaciona-se a questão da religião como representação e, se inscreve, também, nas disputas políticas que remetem tanto ao problema da

<sup>237</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo...* Op. cit. p. 53.

<sup>238</sup> CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano...* Op. cit. p.31.

busca por um local apropriado, livre das dissidências com diversos segmentos sociais, quanto ao imaginário construído sobre a *cidade ideal*<sup>239</sup>.

Argan se posiciona no amparo da compreensão de cidades entendidas como uma obra de arte resultante de ações conjuntas, complexamente emaranhadas. O espaço como resultado de criação coletiva, “do tecer diário estético humano”<sup>240</sup>, com suas singelas vivências, a exemplo das considerações do estudioso Michel De Certeau, cuja reflexão aborda os passos, ações e astúcias do viver, resignificado e moldado paulatinamente: “Supõe-se que as práticas do espaço correspondam, elas também, a manipulação de base em uma ordem construída”<sup>241</sup>.

O autor defende que o caráter artístico não está no projeto do desenho, mas sim na desordem de eventos que refletidos e espacializados no tecido metropolitano expressam ao habitante a historicidade e a essência de sua localização, a herança do pretérito e do acaso tramitado no presente, representativo de valores e conceitos diversos.

Pensar uma *Cidade* é tarefa pautada por idealizações, por esquemas de intervenção de seu plano físico e imaginal, que refletem muito mais do que se objetivava com a sua construção ou reformulação, o que sugere indícios sobre a expectativa ou necessidade de agir sobre uma dada sociedade no tempo, conferindo-lhe novas características e significações.

O ambiente não é uma simples coisa inerte. Certamente, é composto de espacialidade: são os lugares, os monumentos, as ruas, mas ao mesmo tempo, segundo a expressão consagrada, esses lugares possuem um gênio, o *genius loci*. Esse gênio lhes é dado por construções imaginárias, sejam elas contos e lendas, memórias escritas ou orais, descrições romanescas ou poéticas. É tudo isso que faz com que o estático espacial se anime e anime, *stricto sensu*, dá-lhes vida e ele vivifica.<sup>242</sup>

A partir dessa concepção, é possível ver a paisagem citadina pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, e também ler as entrelinhas de suas avenidas para além de um amontoado de aço e de concreto, e enxergar o passado de outras gerações contidas no agora. Assim, o ambiente urbano representado na Cidade Eclética é ponderado não como uma extensão amorfa, com sentidos definidos a priori, mas resultado de uma relação que se baseia na prática de seus habitantes.

Mas embaixo (down), a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres, *wandermänner*, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um texto urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se veem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo-a-corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam à legibilidade. Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada.<sup>243</sup>

<sup>239</sup> Cf. ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

<sup>240</sup> CAVALCANTI, Ana Rosa Chagas. “A arte diária da urbe inventada”. *Vitruvius*. Resenhas on line, ano 07, 12/2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/07.084/3053>. Acessado no dia 16 de junho de 2010.

<sup>241</sup> CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano...* Op. cit. p. 180.

<sup>242</sup> MAFFESOLI, Michel. *Mundo Imaginal...* Op. cit. p. 116.

<sup>243</sup> CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano...* Op. cit. p. 171.

Desde o início do transitar de seus moradores pelas singelas avenidas, as tensões entre o projeto original e a rotina se fizeram sentir de forma proeminente. A convivência, as condutas e normas contrapuseram-se à sensação de liberdade, escolha, decisão e superação. O cenário modificou-se e a estranheza diante dos novos horizontes tornou-se latente. Novamente, os valores que integram as noções de tradição e modernidade transformaram-se em enfrentamento.

Problematizações que se deixam conceituar de formas distintas, o par antigo e moderno desenvolve-se em um contexto ambíguo e complexo no núcleo sócio-religioso que aqui nos interessa mais comprometidamente. Dessa relação, é importante assinalar que a tradição não se contrapõe necessariamente à modernidade. Sem esquecermo-nos das incongruências e fissuras existentes dentro de tais atitudes, não nos convém postular a ideia de um antagonismo imediato entre uma e outra categoria, mas de reconhecer relações de coexistência entre elas, que podem se processar, tanto no âmbito da complementaridade, quanto dos arranjos e das superposições históricas.

A oposição antigo/moderno, que emerge periodicamente nas controvérsias os *intelectuais* europeus desde a Idade Média, não pode ser reduzida à oposição *progresso/reação*, pois se situa fundamentalmente em nível cultural. Os “antigos” são os defensores das tradições, enquanto os “modernos” se pronunciam pela *inovação*. No caso especial da *história*, a oposição antigo/moderno introduz uma *periodização*, que é vista também no quadro do contraste entre concepções cíclicas e concepções lineares de tempo. No fim do século XIX, a oposição antigo/moderno volta a encontrar-se no campo das artes, em que várias tendências se definem como *modern style*. No campo religioso, origina-se a corrente modernista, condenada pela *Igreja* como *heresia*. No século XX, o ponto de vista dos “modernos” manifesta-se acima de tudo no campo da *ideologia* econômica, na construção da modernização, isto é, do desenvolvimento e da *aculturação*, por imitação da *civilização* europeia.<sup>244</sup>

Partimos do reconhecimento de que em uma sociedade dita tradicional, a identidade social dos indivíduos é limitada pela própria tradição, pelo parentesco e pela localidade, mas não deve ser considerada como uma progressão que desemboca na modernidade, em um movimento linear e contínuo.

Embora se apresente como fator determinante, a existência de uma sociedade tradicional não é condição suficiente para que irrompam fenômenos de tendência messiânica e milenarista, para tanto, é necessário motivação, proveniência decorrente de uma situação de instabilidade ou de tensão.

A crise que levou a formação do movimento liderado por Yokaanam deve ser entendida como um conflito de estrutura, relativo à configuração interna do ambiente em que surgiu, um colapso referente à mudança social. Uma característica distintiva do grupo em questão é a ausência de algum evento dramático como detonador da rejeição da ordem existente e da expectativa de instalação ou restauração de uma estrutura tida como familiar.

Entre as motivações, a inadequação ao clima guanabarinense<sup>245</sup>, as querelas e desentendimentos com instituições e facções políticas fortaleceram a necessidade de mudança, e entre as causas religiosas, as prédicas escatológicas reforçaram a urgência e necessidade de

<sup>244</sup> LE GOFF, Jacques. *Memória e História...* Op. cit. p. 173.

<sup>245</sup> Mestre Yokaanam e os obreiros ecléticos entendem que do estilo de vida urbano ocidental decorrem os vícios, a maldade, a corrupção, a violência, a imoralidade, a falta de caridade e de humildade, contrários a tudo aquilo que eles acreditam.

migração, não para qualquer região do país, mas para um local que acomodasse as expectativas dos fiéis e que os abrigassem quando do momento do juízo final.

O Rio de Janeiro não era o lugar adequado para a construção da *cidade santa*, não apenas pela corrupção representada pela metrópole, mas em decorrência das catástrofes que atingiriam o planeta, sendo todo o litoral brasileiro, de norte a sul, submerso sob o impacto de um asteroide que se projetaria no Oceano Atlântico.

As ilhas da bacia do Mediterrâneo estão submergindo rapidamente... A Europa está condenada a desaparecer... haja visto que sucedeu à Holanda, que foi apenas um aviso... A Ásia, a Oceania, a Austrália, o Canadá e a América do Norte estão condenados a sofrer terrível demolição de lado a lado. De forma que sobreviverá, sofrendo menos, a América do Sul, onde, através dessa joeira imensa, vão ficar uns poucos em grupos aqui, ali e acolá.<sup>246</sup>

A partir da segunda metade do século XX, coincidindo com o surto de modernização da sociedade brasileira, a incidência de agrupamentos reunidos em torno de uma base acentuadamente religiosa, com intervenção de um líder carismático, apresenta-se em diminuto. A mudança de valores, decorrente das sucessivas transformações políticas, econômicas, culturais e sociais em escala mundial, fez escassas manifestações com característica messiânico-milenarista, mas não as tornaram nulas e isentas da cenarização cotidiana. Ao contrário da maioria dos congêneres famosos, a Fraternidade Eclética surgiu em uma grande zona urbana, sofrendo por ela influência e aceitando a incorporação de aspectos selecionados de sua ambiência, como afirma Negrão em seu estudo sobre os peregrinos:

Tendo surgido em um ambiente urbano-industrial, não deixa de sentir sua influência. Daí a aceitação de aspectos selecionados deste universo cultural: a especialização de atividades segundo critérios de eficiência, a aceitação fundamental da racionalização e da planificação.<sup>247</sup>

Ainda que seus primeiros adeptos fossem, em sua maioria, provenientes de pequenas e médias cidades do interior do país, o núcleo religioso conduzido pelo messias não pode ser considerado como um produto primitivo ou camponês. Proveniente de uma atmosfera citadina e industrial não deixa de sentir sua presença e que irá refletir-se em sua estrutura organizacional.

O grau de instrução de mestre Yokaanam corroborou para a aceitação de novos elementos e para a incorporação de experiências diversas, que justificaria a tendência por uma doutrina aberta a variações, que desde o início usa como prerrogativa a seleção de conhecimentos distintos para o acesso do homem com o sagrado, que pode ser obtido, também, por vias alternativas, não se filiando apenas aos dogmas pregados pela Igreja Católica e que era predominante nos messianismos tradicionais, ainda que fosse um catolicismo rural e não ligado à oficialidade.

O que se percebe, porém, é uma significativa alteração do imaginário religioso dessas pequenas comunidades, que passam a incorporar em sua preleção elementos multirreferenciais,

<sup>246</sup> YOKAANAM, Mestre. *O cristianismo reúne e não divide...* Op. cit. p. 155- 156.

<sup>247</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Um movimento messiânico urbano...* Op. cit. p. 281.

aclamando uma posição favorável ao *eclétismo*, tão enfaticamente defendido pelos adeptos da Fraternidade.

A ideia que perpassou o planejamento e a construção da instituição apresentou-se, em muitos momentos, em descompasso ao que foi vivenciado na cotidianidade. A Cidade dos Peregrinos tornou-se fisicamente concreta e, em diversas situações, regida por códigos e regras incontestavelmente determinados, fazendo surgir uma suposta contradição entre a noção e a efetividade exigida ao designá-la.

A cidade com toda rigidez da sua disciplina acabou perdendo muitos moradores internos e também devido à falta da presença do próprio mestre Yokaanam. Com a saída de muitos jovens, todo o funcionamento da fazenda entrou em crise reduzindo a produção de alimentos. O desânimo tem levado muitos obreiros a deixarem a cidade.<sup>248</sup>

A imagem de uma urbe com um discurso pronto, de mensagens a garantir a continuidade do projeto original e as intenções iniciais, onde o espaço deixa de ser o lugar praticado, para se transformar no espaço dado aprioristicamente, demonstrou todas as contradições e roturas entre a *cidade ideal*, pensada por Yokaanam e a *cidade real*, vivenciada rotineiramente por aqueles que conferiram a ela contornos nítidos e observáveis.

Por se tratar de um agrupamento que se autointitula o *Primeiro Santuário Essênio do Brasil e das Américas*, a Fraternidade Eclética, desde suas primeiras pregações, enfatiza a necessidade de uma renovação dos valores éticos e morais que circulam na sociedade brasileira atual, logo, a ênfase em atitudes mais contidas que reverberam nas práticas e representações dos fraternos estabelece-se como norma para um convívio harmonioso.

No modo de vida dos fraternários, vigoram valores fortemente impositivos e contrastantes. Superestima-se o pudor, a disciplina, a obediência aos chefes e aos mais velhos, a vida sóbria. O puritanismo eclético se expressa na quantidade de regras de proibições a certos costumes e o rigor nele contido está muito próximo daquele exigido entre certas seitas protestantes. A disciplina é a sua rotina de vida: submete-se aos horários em todas as atividades e não discutem as ordens recebidas. Quanto ao regime de vida sóbrio, até os que dele discordam devem concordar, se pretendem continuar em convívio com os fraternários. Emparam forte sentimento a esses valores e eles constituem-se nos atributos a partir dos quais se qualificam se concebem a si próprios e às pessoas do mundo.<sup>249</sup>

Para que permaneçam integrados de forma coesa e relativamente estável por mais de cinco décadas, uma disciplina rígida e uma rotina bem organizada fizeram-se imprescindível no espaço da comunidade. Assim, é exigido de seus membros responsabilidade e disponibilidade, por meio de um acordo prévio, para a realização das atividades necessárias para seu funcionamento. Contudo, casos de inobservância dos preceitos estabelecidos apresentam-se com relativa incidência,

<sup>248</sup>COSTA, Walfreds Chaves. *Peregrinação rumo ao Planalto Central: A Fundação da Cidade Eclética*. [on line] Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/42083/1/PEREGRINACAO-RUMO-AO-PLANALTO-CENTRAL--A-FUNDACAO-DA-CIDADE-ECLETICA/pagina1.html>. Acessado no dia 11 de março de 2011.

<sup>249</sup>DIAS, Eurípides da Cunha. Op. cit. p. 82.



ocasião onde são impostas penalidades referentes à má conduta, a falta de disciplina ou a não obediência aos princípios normatizados.

As punições são aplicadas conforme o grau de insubmissão do adepto e vão desde uma simples advertência, de forma individualizada, a suspensão temporária ou a expulsão, medida justificada e comunicada em boletim de circulação interna.

Pequenas advertências são, no entanto, comuns, sobretudo aos jovens, por exemplo, quando um adolescente é surpreendido fumando escondido ou namorando em lugar proibido; ou ainda, quando uma moça vaidosa corta os cabelos mais curtos do que o permitido ou muda-lhes a cor, usa bijuterias exageradas ou um vestido curto do que o permitido. O serviço de disciplina é encarregado de vigiar e de aplicar a advertência. Em casos mais graves, o problema é levado e submetido às instâncias mais elevadas.<sup>250</sup>

Uma vida em comunidade requer, entre tantas outras iniciativas, a abdicação da liberdade e, muitas vezes, da falta de condescendência em relação a alteridade e, ainda, da sistematização de uma relação ambígua entre confiança emocional e vigilância aos sujeitos que partilham desse mesmo espaço.

Nós não tínhamos direito a nada. Nosso direito era trabalhar e obedecer às regras. Trabalhar sem receber salário. Qualquer coisa que você fizesse era preciso pedir autorização, para visitar algum parente, viajar, etc. Se fosse concedido. Alguns tinham privilégios (ex-militares, pessoas de maior nível cultural, que tinham dinheiro e largaram tudo), pois eram colocados em funções melhores.<sup>251</sup>

O estado de intolerância encontra-se arregimentando em bases preconceituosas da não aprovação do próximo, da deslegitimação da identidade alheia e da negação desta. Uma concepção que adquire na cotidianidade o sentido pela manutenção de exclusões sociais, de grupos e indivíduos situados à margem por incorporarem a acepção mais acabada da diferença.

Na Cidade Eclética, as regras quanto ao isolamento e as restrições quanto ao fluxo de informações a circular em seu interior nos mostra que a preocupação ultrapassa a preservação e segurança dos residentes internos, mas advêm do medo e do receio, dos setores responsáveis pela gestão local, de que o mundo extramuros seja concebido como atraente e, suas infinitas possibilidades se apresentem como opção, principalmente aos mais jovens que, embora sejam quantitativamente em número reduzido, representam a continuidade da instituição, o seu sucesso ou fracasso e a manutenção das tradições.

Vivemos num mundo capitalista e globalizado com regras claras e fronteiras cruéis: inserção ou exclusão. As oportunidades são muito atraentes e a escassez representa miséria e penúria. Ainda que queira sinceramente se comprometer com o ideal religioso, é muito difícil ao jovem obreiro eclético abrir mão das seduções do mundo extramuros da Cidade Eclética.<sup>252</sup>

<sup>250</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 104.

<sup>251</sup> **Georgina Rosa da Silva** – 61 anos, ex-moradora da cidade. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2010.

<sup>252</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p.172.

A adjetivação de perniciosidade a pairar sob a sociedade, de acordo com os adeptos, e que era combatida de forma tão incisiva pelo messias, revela a dificuldade de aceitação do diferente, da estigmatização de tudo o que se apresenta díspar e desprovido de quaisquer atributos qualificáveis e passíveis de envolvimento mais íntimo. A preocupação, que levou ao isolamento da Fraternidade, revela, igualmente, um julgamento de valores, de não entendimento de um mundo diverso e nem sempre negativo.

Não conhecia antes o imoralismo e famigerado bambolê. Vi duas moçoilas de 12 anos, que passeavam na rua fazendo uso do bambolê; e foi suficiente para sentir imediatamente nojo e revolta. Nojo por que tudo que não presta tudo que é inferior, negativo, indecente, baixo e imoral, logo encontra apoio e adesão coletiva; e revolta, porque não posso compreender como tanto pseudomoralistas, bem como pais, esposos... e afinal as autoridades superiores do país consentem tamanha ofensa pública à moral e aos bons costumes, deslavada imoralidade abertamente praticada nas vias públicas e nas praias, legítima prostituição cínica, sancionada e aplaudida como inocente e bonita moda dos nossos dias. Uma coisa horrivelmente indecorosa ver-se uma senhora ou moça de família remexendo o corpo, sacudindo suas carnes nas vias públicas, como as mulheres mundanas dos cabarés para maiores de 18 anos.<sup>253</sup>

O estigma que é atribuído ao que se localiza fora de suas extensões associa-se, muitas vezes, à fantasia coletiva de predestinados, criada por alguns prosélitos, já que, "*havia muitas pessoas com problemas psicológicos e psiquiátricos, que acreditavam serem escolhidas pelo divino.*" e reflete, ao mesmo tempo, a aversão e o preconceito sentido perante diversos segmentos sociais levando à necessidade de afastamento.

A concepção de graça, que inicialmente foi atribuída ao líder, ultrapassou o limiar individual e se estendeu a seus seguidores. Assim, toda a comunidade atribui a si mesma, como coletividade, características que não apenas os diferenciam dos outros, mas lhes reserva um posto privilegiado, que é responsável, em grande parte, por sua coesão, assentada em uma tradição que engloba um seleto número de eleitos.

A participação na superioridade de um grupo e em seu carisma grupal singular é por assim dizer, a recompensa pela submissão às normas específicas do grupo. O orgulho por encarnar o carisma do grupo e a satisfação de pertencer a ele e de representar um grupo um grupo poderosos, e segundo a equação afetiva do indivíduo, singularmente valioso humanamente superior, estão funcionamento ligados à disposição dos membros de se submeterem às obrigações que lhes são impostas pelo fato de pertencerem a esse grupo.<sup>254</sup>

Nessa situação limite entre o pertencimento e a exclusão, a afetividade apresenta-se como fator decisivo, a satisfação da integração no carisma grupal, de parte de um recanto inacessível aos demais compensa o sacrifício decorrente da submissão às normas superiores.

A ideia de paraíso perdido está ligada a visão de inocência, de participação a um grupo, sem interesses egocêntricos, que se remete a uma sensação de conforto e bem-estar. Em

<sup>253</sup> YOKAANAM, Mestre. *Yokaanam fala à posteridade...* Op. cit. p. 89.

<sup>254</sup> ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*; tradução Vera Ribeiro; tradução do pós-fácio à edição alemã, Pedro Sússekind – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, 2000, p. 26.

contrapartida, essa quimérica visão do Éden a atravessar séculos e tingir, das mais diversas tonalidades imaginários, por vezes convergentes, outrora, divergentes, revela uma relação conflituosa a utópica e almejada segurança, com a sonhada sensação de liberdade.

A palavra paraíso, pelo intermediário do grego *paradeisos*, vem do antigo persa, *paradeisa*. Este termo designava uma vegetação em torno de um muro, protegendo-o contra os ventos quentes e ressecantes do deserto. Pois, nosso paraíso terrestre [...] de início foi o sonho dos povos do deserto que concebiam a felicidade em meio a uma vegetação luxuriante e perfumada se espalhando graças, à abundância de água sob temperatura amena e equilibrada, nem quente, nem fria. Pois o texto transmitido aos judeus, aos cristãos e aos muçumanos através do mito de Adão e Eva, foi concebido por povos que tiveram a cruel experiência do deserto e que asseguraram ter errado por ele durante quarenta anos antes de ser levada a terra onde colherem *leite e mel*.<sup>255</sup>

O *Paraíso* cristão esteve associado à origem de muitos textos e imagens de significativa beleza e majestade. Uma vasta iconografia reverberou na fantasia popular e atravessou longos períodos triunfando nas obras de artistas e escritores religiosos. Ao lançarmos nosso olhar para a historiografia cristã percebemos que a presença de dois discursos sobre o paraíso coexistiram dialogicamente. Tinha-se a imagem da Jerusalém celeste e do jardim eterno e, ao mesmo tempo, afirmava-se sua irrepresentabilidade aos olhos humanos, visto sua magnitude célica e incessível aos simples mortais, pois “*As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, São as que Deus preparou para os que o amam*”.<sup>256</sup>

...se pode sublinhar que, o mundo fenomenal, isto é, o mundo das imagens, jamais foi considerado, a não ser separado de Deus. Não esqueçamos que ele deriva do pecado original e permanece, por isso, na mais completa impiedade.<sup>257</sup>

Ainda que não representável, sua existência material assumiu estatuto de certeza durante toda a Idade Média, estendendo-se ao século XVIII. O iluminismo trouxe, com efeito, uma desconfiança crescente do conteúdo e da credibilidade histórica do início do Gênesis. Com a ascensão do domínio da razão e o lema moderno de racionalização das experiências, a iconografia cristã passou a ser questionada quanto à confiabilidade de suas narrativas.

A sensação de perda desse paraíso encontra-se guardada nas memórias e relatos, que se liga a uma lembrança de felicidade que havia a tempos remotos e nem sempre vividos fisicamente pelo sujeito, mas que carrega em si a certeza da não possibilidade de ser passível de aceder e que se transformou em utopia. Um saudosismo atávico que se reproduz e se reinventa nas várias tentativas de tornar-se e sentir-se parte de algo afável e acolhedor.

Para além das disputas e da desapareição dos laços de sociabilidade que formavam a estrutura das sociedades tradicionais, aquele que crê, aspira a uma reconciliação desse ideal há

<sup>255</sup> DELUMEAU, Jean. “O jardim das delícias: a saudade do paraíso terrestre” *Revista multitexto*. Pontifícia Universidade Católica. [online] Rio de Janeiro. nº 03. Disponível em <http://www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/ctch/publicacoes/pdf/multitextos%2003.pdf>. Acessado no dia 14 de janeiro de 2010.

<sup>256</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>257</sup> MAFFESOLI, Michel. *A contemplação o mundo...* Op. cit. p. 90.

muito deixado para trás, “*aspiramos, além das solicitações do presente, a uma situação que seria o inverso do que acreditou constatar Sartre quando escreveu que o inferno são os outros*”.<sup>258</sup>

A busca por uma sensibilidade diferente da anterior, vivida no Estado do Rio de Janeiro, apresentou-se como uma incerteza. Os prosélitos não pretendiam o regresso a uma experiência passada, em terras interioranas, pelas centenas de vilarejos nordestinos, nem conseguiam, de fato, visualizar o que seria a nova morada. A alusão era a de um retorno desconhecido há tempos remotos, anterior a gerações e que resultaria em um futuro promissor, reservado ao seletivo número de eleitos.

A aparente unidade e homogeneidade presente na Fraternidade Eclética tornaram-se uma realidade possível, entre outras razões, em decorrência do bloqueio do fluxo de comunicação entre os fraternários e a coletividade externa aos muros da cidade. As trocas e diálogos entre os adesos estabelecem-se de forma inclinada para o interior e contribuem para alicerçar e fortalecer a obra. Há, principalmente entre os setores administrativos, uma preocupação latente na resguarda aos processos de trocas de informações entre os obreiros internos, principalmente os membros mais jovens, e os milhares de elementos alternativos disponíveis diante da dinamização e velocidade das mensagens veiculadas pelos plurais suportes na contemporaneidade.

O projeto de construção da *cidade santa* do Planalto Central realizou-se e, permanece assim arquitetado, através de um processo de tentativa da eliminação da ambivalência, da busca pela padronização dos gostos e predileções, do investimento na homogeneização e do esforço pelo banimento das contradições de seus moradores, atitude justificada em termos religiosos. Esse estado de união, lealdade e identidade simbólica contribuem para seu fortalecimento, pela manutenção do poder e ininterruptão da organização.

Era proibido usar roupas curtas e as mulheres não poderiam usar calças, principalmente quem viesse de fora para ser atendido. Na recepção tinha saias longas disponíveis para as mulheres. As que moravam lá não poderiam usar franja, nem cabelo jogado para o lado e todas de dentro ou fora da cidade não poderiam usar roupas coladas. Era proibido fumar e consumir bebida alcoólica.<sup>259</sup>

Como resultado de um processo de socialização resultante da interação entre indivíduo e a coletividade, engendrando personalidades, capacidades e comportamentos que se misturam em uma disputa pela escolha de traços identitários, forma-se uma marca que transforma o lugar; geográfico, geométrico e variável de tempo, em espaço; simbólico.

Nesse transformar; o espaço guarda em si as dimensões do movimento da história vivida, passível de ser resgatado pela via da memória, através dos sentidos e do corpo. Como importantes registros, as lembranças eternizam ambientes como referências para incessantes reencontros ao passado. Assim, esses lugares, segundo Nora, “*são lugares, com efeitos, nos três sentidos da palavra; material, simbólico e funcional. [...] Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se sua imaginação o investe de uma*

<sup>258</sup> DELUMEAU, Jean. *O jardim das delícias: a saudade do paraíso terrestre...* Op. cit.

<sup>259</sup> **Georgina Rosa da Silva** – 61 anos, ex-moradora da cidade. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2010.

*áurea simbólica.*"<sup>260</sup>. Portanto, se encarregam de cumplicidade, significações, afetividade ou pertencimento.

Na Cidade dos Peregrinos, da memória dos breves relatos e dos espaços, do visível e do invisível, do material e do onírico, do individual e do coletivo, renasce o passado, pois "a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto."<sup>261</sup> Um tecido urbano singular e de ares interioranos, cercado não apenas por suas características geográficas de terrenos irregulares, mas por panoramas que despertam o imaginário popular. *Memória e Paisagem* se comunicam por meio do olhar, resgatados pelo lembrar-se de tempos jazidos e construídos no desenhar local em um retrato pintado pela junção do material e do praticado.

Concebemos aqui a urbe como *materialidade*, resultado da ação humana sobre a natureza e, *sociabilidade*, pois envolve os distintos sujeitos em sua invenção e reinvenção dos afazeres cotidianos, assim como afirma Sandra Pesavento:

...ao lado das imagens icônicas da materialidade urbana, há toda outra linha de representação que exhibe a cidade através da sua população, com suas ruas movimentadas, o povo a habitá-la, a mostrar sua presença e também a sua diversidade, em imagens ora ternas, ora terríveis de contemplar.<sup>262</sup>

Aliado a materialidade e a sociabilidade, não menos importante, mas crucial na emergência de uma história cultural urbana, a Fraternidade Eclética é visualizada pelo seu tecido social concreto, que se desenha por meio do pensamento e da perspicácia de seus moradores e passantes, transformando-se em imagens e discursos, que se revelam pelas *sensibilidades* daqueles que da sua área se utilizam.

A fisionomia de uma cidade é igualmente composta por recortes de existências, por forças que as representam e as sustentam, retalhos de vozes, sons e figuras, memória viva. Se o espaço é capaz de exprimir a condição do ser no mundo, a memória escolhe redutos privilegiados a se resignificar, de onde partem ruas e avenidas, densamente povoadas por sopros e movimentos, lembranças que se apoiam nas pedras e cascalhos.

Essa diversidade inaugura uma ordem e um ritmo cuja sequência é portadora de um sentimento de identificação para além de um contorno apenas visual, pois a paisagem citadina, seja qual for, possui um mapa auditivo compartilhado e vital para seus habitantes que, decodificando sonoridades familiares, alcançam equilíbrio e segurança.

Escutando os depoimentos, percebemos que as passagens e vielas possuem uma fisionomia assim como uma trajetória biográfica. Perceber sua extensão além das suas edificações, observar atentamente a maneira como as pessoas que lá residem representam a si mesmas é uma relação da ordem do sensível, para além da descrição pelo olhar, mas que avança sob outros sentidos, conferindo profundidade de sentimentos a esses espaços, tomando como índices significativos dos lugares, os seus aromas, as suas texturas, os seus sons, seus rumores, seus gostos e seus sabores, que ali foram produzidos e provados. Gestos, expressões faciais, movimentos

<sup>260</sup> NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares...* Op. cit. p. 21.

<sup>261</sup> Idem, *ibidem*. p. 19.

<sup>262</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias...* . Op. cit.

e posturas corporais, tons de voz e silenciamentos, comportam mensagens sobre estados emocionais, como assim o coloca Pesavento:

... a sensibilidade revela a presença do eu como agente e matriz das sensações e sentimentos. Ela começa no indivíduo que, pela reação do sentir, expõe o seu íntimo. (...) Mas, mesmo sendo um processo individual, brotado de uma experiência única, a sensibilidade não é, a rigor, intransferível. Ela pode ser também compartilhada, uma vez que é, sempre, social e histórica.<sup>263</sup>

*“A dimensão do mundo sensível não se rege por leis, regras ou razões, mas pelas emoções, que se traduzem externamente e se solidificam em registros passíveis de serem resgatados pelo historiador. A apreensão dos seus significados se dá através da tradução destas subjetividades em vestígios materiais e palpáveis, que operam como a manifestação exterior de uma experiência íntima, particular ou coletiva”*<sup>264</sup>. Assim, o objeto ao qual rendemos culto possui, além do aspecto visual capturado pelo olhar atento do investigador que aqui se coloca, outra forma de se representar, por meio dos cheiros, ruídos e silêncios.

Uma cidade de ritmo relativamente estável, de uma dinâmica que obedece ao tocar da trombeta, às 06:00horas da manhã e que descansa ao anoitecer, às 21:00horas. O por do sol tonaliza a paisagem semiárida, de chão batido das pequenas ruas de casas coloridas. Habitantes com trajés e sorrisos singelos, por vezes desconfiados, com a presença do intruso observador entre eles, os de *dentro* e os de *fora*<sup>265</sup>, que inevitavelmente alteram a rotina dos que ali vivem. Uma cidadela de poucos rugidos, sons sempre muito semelhantes a conferir vitalidade ao local, o perfume de mato e terra, principalmente após as chuvas no cair da tarde permeiam os ares da comunidade, que nos finais de semana e nos dias de visita pública adquire um compasso mais acelerado e festivo, no entanto, em dias rotineiros se acalma em um feitio interiorano, com seus atores nas portas das residências, conversas no entardecer e a fragrância do café convidativo a um prosear mais íntimo. Todos repartem um com o outro as experiências de suas vidas, suas histórias e trajetórias, os laços familiares se estendem e ultrapassam as relações consanguíneas.

Foram os modos de sentir, os anseios, as esperanças, os desejos e os medos que corroboraram para ocupação de seus espaços por seus integrantes, que aderiram a uma crença, permitindo erguer a cidade, tornando-se necessário a adoção de medidas partilhadas por todos. Uma relação processada não apenas no âmbito da concordância amigável e passiva, mas que apresentou dissidências e contradições, fazendo emergir estratégias de subversão, diálogos alternativos que reverberaram nas práticas e representações de seus internos e na adesão de novos membros e que encontrou maior expressão após a morte de seu fundador.

A magnética figura de Yokaanam colocava em forte evidência a incompatibilidade entre o ideal missionário e a sociedade corrompida; por seu caráter conservador, impunha uma disciplina profundamente moralizante, um estilo de vida socialmente

<sup>263</sup> PESAVENTO, Sandra. “Sensibilidades: escrita e leitura da alma” Op.cit., 2007, p. 13-14.

<sup>264</sup> CRISTINA, Eliane. “Nas franjas do texto e do tempo: sensibilidades no espaço das experiências reducionistas.” *Revista de História*, São Paulo, v. 156, p. 59-77, 2007, p. 62.

<sup>265</sup> Cf. ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L. *Os Estabelecidos e os Outsiders...* Op. cit.

alienante e que, desde seu falecimento vem tornando-se, sobre alguns aspectos, mais moderado.<sup>266</sup>

Os embates e enfrentamentos fizeram surgir alterações nas intencionalidades que circundaram o projeto original e o propósito de implantação de uma ordem marcadamente voltada para fins religiosos na *Cidade Inicial dos Peregrinos da Eternidade*.

Com a chegada dos pioneiros ao município de Santo Antônio do Descoberto os primeiros obstáculos fizeram-se sentir e adquiriram proporções agigantadas, transformando-se em motivações para renúncias. As precárias acomodações, a falta de proventos e de recursos levou ao pronunciamento de alguns desistentes que, tomados pelas dificuldades, revisaram suas iniciais intenções de firmamento no novo território.

A época de instalação da Cidade Fraternidade é chamada de *tempos heroicos* pelos peregrinos, por ter sido extremamente dura. Moravam em tendas de lona, durante uma estação de chuvas torrenciais, e repartiam entre si o pouco que tinham; a alimentação era muito pobre, angu e quando muito um pedaço de carne. Grande parte dos peregrinos não resistiu e voltou ao Rio.<sup>267</sup>

À medida que as relações foram se desenrolando, os direitos e deveres da cada irmão fraternário apresentaram-se de forma mais nítida no convívio interno da coletividade. Para alguns a experiência foi marcada por imposições severas e pouco conciliatórias, levando a desentendimentos irremediáveis que forçaram um afastamento definitivo. As lembranças que permeiam esses depoimentos nos chegam de forma ressentida. Narrativas marcadas por grandes silêncios, pausas e uma urgência na finalização da exposição.

Sai de lá porque minha mãe virou a cabeça para ir embora, a vida era muito sofrida e sacrificada. Vivemos lá durante 12 anos. Mas o processo foi trabalhoso, mamãe teve que fazer um ritual que duraram sete meses para conseguir sair de lá, pois todos conseguiam sair menos a gente. Mas os gestores não tinham conhecimento desse fato, foi um acordo secreto entre mamãe e o Velho Cardoso para conseguirmos nos desprender de lá.<sup>268</sup>

Yokaanam não se representou de maneira carismática na concepção de todos, ao contrário, incorporou o papel de um ditador, severo e intransigente, o que justifica a forma apressada e pouco amigável, de determinados ex-adeptos, ao se referir ao messias. O rompimento dos laços com a instituição se deu em meio a um processo doloroso e lento, a autorização para o desligamento nem sempre se apresentou tranquilamente, como se faz sugerir seu corpo administrativo, mas irremediável para aqueles que não encontraram na Fraternidade os anseios de uma vida melhor.

Os que permaneceram superaram paulatinamente as dificuldades e lentamente a cidade ganhou formas, o terreno foi remodelado e as edificações conferiram um colorido à paisagem sinuosa, característica do cerrado brasileiro. Os adeptos, inicialmente mal vistos pela população local,

<sup>266</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p.181.

<sup>267</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo...* Op. cit. p.61.

<sup>268</sup> **Georgina Rosa da Silva** – 61 anos, ex-moradora da cidade. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2010.

integraram-se ao *vai e vem* do município e estabeleceram relações de boa vizinhança, interagindo econômico, educacional, política e socialmente com a região; “*Eles aceitam, no entanto, doações voluntárias e espontâneas diversas*”.<sup>269</sup>

Porém, nem sempre o convívio foi entorpecido, mas marcado por discórdias e aspirações que não foram preenchidas por seu discurso fundador, já que “*os desentendimentos eram constantes por consequência de fanatismos e disputas*”<sup>270</sup>.

Os conflitos não acontecem apenas entre as gerações na Fraternidade; surgem também entre os elementos adultos, inclusive da Direção. Yokaanam permanecia como autoridade suprema da organização, mas muitos membros antigos e prestigiosos, particularmente os ligados à Prefeitura, se indispuseram contra suas determinações.<sup>271</sup>

Os diálogos e as vias alternativas tornaram-se uma urgência para o prosseguimento da obra, exigindo apropriações e resignificações. A *astúcia* dos moradores compôs-se em uma rede de antidisciplina que, tornou-se evidente por meio da resistência ou da inércia com relação às imposições comportamentais, esvaziando todas as pretensões de unificação e obediência exacerbada, como nos faz notar no depoimento abaixo, referente aos relacionamentos afetivos entre os sexos.

Para fazer qualquer coisa era preciso autorização. Para se casar no civil a pessoa tinha que ir até Anápolis. Para se casar no religioso era na cidade mesmo. Quando era autorizado, eles emitiam um boletim por escrito e falado no alto-falante. Para fazer pedido de noivado, o processo era o mesmo. Relacionamento sexual somente após o casamento, mas às vezes aparecia alguma mulher grávida e o casamento era feito às pressas. Isso acontecia muito e era uma maneira de apressar o casório entre os namorados, sem esperar muito.<sup>272</sup>

Embora as relações íntimas sejam proibidas àqueles que não possuem os vínculos matrimoniais, essas incidências fogem a regra e apresenta certa regularidade, o que torna necessário burlar as normas e determinações legais quanto à aprovação do casório pelo quadro administrativo local e seu posterior preparativo.

Percebemos assim que é no *habitual* que homens e mulheres, viventes desse tempo acelerado, encontram um tipo de estabilidade assegurada pelo conhecimento que dele se tem e, apesar de ser justamente a esfera do que se reproduz, existe um reinventar de fazeres que, seja por desgaste ou acréscimo, o transforma. Esses atos seriam apenas aparentemente repetitivos, pois sua produção ocorre em um contexto diverso, que individualiza os eventos e estabelece uma continuidade, revelando-se híbrido, plural, miscigenado e complexo. É, pois, na cotidianidade que realizamos, construímos e vivemos nossas identidades.

<sup>269</sup>MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p.13.

<sup>270</sup>Georgina Rosa da Silva – 61 anos, ex-moradora da cidade. Entrevista realizada em novembro de 2010.

<sup>271</sup>DIAS, Eurípides da Cunha. Op. cit. p. 78.

<sup>272</sup>Georgina Rosa da Silva – 61 anos, ex-moradora da cidade. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2010. Embora a depoente tenha se afastado por completo da comunidade no ano de 1968, nossa visita constatou, por meio de outros relatos, que a realidade e as regras relacionadas ao envolvimento amoroso dos moradores, permanecem inalteradas, o que reforça a intencionalidade quanto à manutenção do projeto original.



A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de consumo: está é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com os produtos próprios nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.<sup>273</sup>

No núcleo social em questão, as deliberações formam micro resistências que se mobilizam em recursos inimagináveis por meio de atos singelos e despercebidos, ou seja, *nos detalhes*. Recursos ocultos em uma subversão silenciosa, sem objetivos políticos específicos e sem muitos propósitos, apenas a fim de conferir ao simples passar do dia-a-dia um tempero mais sugestivo.

O conceito de *poética do detalhe*<sup>274</sup>, formulado por Beatriz Sarlo, preza pela investigação do “*vestígio daquilo que se opõe à normalização e as subjetividades que se distinguem por uma anomalia*”<sup>275</sup>

Apesar do projeto da Fraternidade Eclética ter sido pensado no esforço seletivo quanto às referências religiosas e filosóficas, os anos conferiram à doutrina um caráter essencialmente espírita, que permitiu a disseminação de práticas que contribuíram para o fortalecimento dessa postura, refletindo no imaginário de Brasília e conferindo à comunidade a identidade de um centro religioso não eclético como assim se define, mas Kardecista e Umbandista. Os visitantes que a procuram dirigem-se com intuitos específicos, ligados principalmente às sessões de cura e não ao autoconhecimento.

Concebida como um, dentre os vários centros místico-esotéricos instalados na região, a Cidade Eclética, tendo em vista a concepção de *Brasília Mística*, por Yokaanam assim também reconhecida, ainda que posteriormente por ele desqualificada enquanto tal; foi resignificada ao longo dos anos, com atribuições de centro atrativo de turistas com motivações espirituais. Apesar da resistência e da observação a uma série de ressalvas quanto ao atendimento público, gradualmente os prosélitos aderem à receptividade de novos visitantes. O que a princípio motivava unicamente por fins doutrinários incorporou-se a sua rotina e, assim, o previsto inicialmente, uma instituição religiosa, foi lentamente transformado por meio do praticar daqueles que por lá passam e que lá moram.

Timidamente a Fraternidade, ao lado de diversos exemplos, como o Vale do Amanhecer, a Cidade da Paz, o Templo da LBV, e tantos outros distribuídos pelo Planalto Central, passa a estampar os sites da internet, os guias e as notícias dos jornais acerca das atratividades disponíveis, com realce para o roteiro místico oferecido àqueles que pretendem conhecer *outra* capital do país, para além dos monumentos cívicos que a consagraram como centro político modernista.

O turismo místico é um segmento de conhecido potencial em Brasília. O Vale do Amanhecer, o Templo da LBV, a Cidade da Paz, a Cidade Eclética, o sonho profético de Dom Bosco, os inúmeros templos religiosos, os monumentos em forma de pirâmides e as incríveis semelhanças com o Egito Antigo são os elementos que integram o roteiro mágico da cidade. O misticismo de Alto Paraíso, no Estado de

<sup>273</sup> CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano...* Op. cit. p. 39.

<sup>274</sup>Cf. SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

<sup>275</sup> Idem, *ibidem*, p. 15

Goiás, a 284 km de Brasília, contribuiu significativamente para aumentar o fascínio daqueles que se interessam pelos mistérios do Planalto Central.<sup>276</sup>

A paisagem geográfica e natural a compor o cenário da instituição, igualmente foi se transformado conforme a apropriação de seus habitantes, incorporada ao hábito dos mais púberes como área de lazer. Lentamente as peregrinações, favorecidas pelo ambiente montanhoso das chapadas do centro oeste brasileiro, passaram a terrenos de exploração, caminhada, escoteirismo, ecoturismo, turismo religioso, ou simplesmente, como assim o fazem os moradores, não apenas os fraternários, mas de todo o município de Santo Antônio do Descoberto, ponto de recreação.

Com o aumento significativo do número de pessoas, o comércio, localizado na parte extramuros expandiu, e hoje, ainda que de maneira pacata e pouco rentável, já apresenta uma elevação quanto ao saldo comparado há algumas décadas anteriores, renda essa aplicada a manutenção da cidade. O modesto negócio precisou se acomodar as novas exigências de demanda, suprimindo o estabelecimento de lanches e guloseimas, principalmente aos finais de semana, quando o trânsito é mais significativo.

Concebida com o propósito de isolamento intencional da sociedade, a Cidade Eclética se posicionou, e ainda assim o permanece, de forma incisiva quanto aos cuidados em decorrência de influências externas, o que desde o início corroborou para a implantação de um sistema de normas firmemente estabelecidas. A ala mais jovem destacou-se, desde o início, como uma das principais metas de mestre Yokaanam e, posteriormente, do corpo administrativo, visto a sobrevivência do núcleo eclético-religioso.

Os problemas de falta de divertimento para a juventude, associados a uma rígida disciplina interna e a trabalhos contínuos, tem provocado tensões internas que irrompem às vezes sob forma de insubordinação dos jovens.<sup>277</sup>

Diante dos poucos recursos e muitas vezes pelo desacordo com os códigos e preceitos, muitos adolescentes passaram a vislumbrar uma vida de mais oportunidades, o que levou, com o passar das décadas, a um desligamento, total ou parcial com a comunidade. Os que ali permaneceram encontraram estratégias que possibilitassem sua estadia, não como algo obrigatório, mas prazeroso.

A essa outra dinâmica, proveniente do aumento do fluxo de visitantes, levou a adoção de medidas a lidar com a novidade, que por sua vez tornou-se motivação pela criação de práticas alternativas a animar o cotidiano da cidade, responsável por um novo traço identitário, pois assim como coloca Ronald Vainfas, “*o social só faz sentido nas práticas culturais e as classes e grupos só adquirem alguma identidade nas configurações intelectuais que constroem*”.<sup>278</sup>

---

<sup>276</sup>GAMA, James. *Brasília: a terra prometida e o turismo místico e religioso da capital do país*. Dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em gestão e marketing da Universidade de Brasília. Brasília, março 2004, p. 25.

<sup>277</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo...* Op. cit. p. 76.

<sup>278</sup> VAINFAS, Ronaldo. “Caminhos e descaminhos da História”. In: *Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs.). Domínios da História...* Op. cit. p.154-155.

Noção que deve ser pensada para além dos campos oficiais de produção, as *práticas culturais* encontram-se presentes na relação diária de agentes comuns, nos usos e costumes que caracterizam a sociedade. A História Cultural incide, pois, sobre a investigação minuciosa de textos, imagens e ações que levam a discussão dessas *representações* construídas pelos homens.

São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros.<sup>279</sup>

Quando do surgimento dos *Ecléticos e Volantes* e a posterior anunciação da missão de Yokaanam, de elaboração de uma nova sensibilidade religiosa, a Fraternidade Eclética, localizada a época na Avenida Getúlio Vargas, arrebanhou um número significativo de fiéis responsáveis pela sua notoriedade e repercussão. Esse sobressalto vertiginoso conduziu a necessidade de uma reorganização, em termos de disposição administrativa, financeira e doutrinária, com a adoção de medidas que salvaguardassem as pregações e atuações iniciais, fortalecendo os propósitos já, publicamente, anunciados.

Destarte, foram tomados os primeiros comedimentos condizentes a recém-adquirida situação ao qual se encontrava os primeiros adeptos em fins da década de 1940, a exemplo dos regulamentos que já se pronunciavam enquanto basilares para a adesão de novos membros, à abdicação de costumes tidos como inadmissíveis aos obreiros ecléticos e o aprendizado de caridade, humildade e pobreza, considerado, pelos fraternários, como cabal para a vinculação dos possíveis interessados.

Nesse momento, as representações, forjadas em grande parte pelo messias, contribuíram para o fortalecimento da imagem positiva do grupo informando e autorizando práticas cotidianas, tanto sagradas quanto profanas.

Iniciou-se a elaboração dos regulamentos da instituição, estabelecida no Registro Civil de Pessoas Jurídicas do Rio de Janeiro em 27 de março de 1946 (CGC nº 02.288.017/0001-11), e a sua Constituição Estatutária data de 27 de setembro de 1949. Juntamente com o registro civil houve a sistematização dos ensinamentos doutrinadores pregados pela Umbanda Eclética Cristã, sustentáculo base de sua formação religiosa, além dos direitos e deveres de seus integrantes, nesse propósito, “*Yokaanam foi duro na prescrição de normas de conduta pessoal da casa e considerou vários preceitos como impraticáveis e incompatíveis com o trabalho.*”<sup>280</sup> Entre as recomendações podemos citar:

1. Extraviar valores ou objetos pertencentes à Instituição, ou aos semelhantes.
2. Ser condenado em processo por crime infamante comprovado,
3. Ser exonerado de função pública ou privado por motivo deprimente,

<sup>279</sup>BARROS, Jose de Assunção. *A história cultural e as contribuições de Roger Chartier...* Op. cit. p. 131.

<sup>280</sup> Site oficial da comunidade. Disponível em [www.fraternidadeeclética.org.br](http://www.fraternidadeeclética.org.br). Acessado em 16 de março de 2009.

5. Exercer atividades suspeitas de contravenção da ordem pública e dos bons costumes, dentro e fora da comunidade;
6. Fazer uso da mediunidade ou dos serviços gerais espirituais da comunidade para fins inconfessáveis;
7. Fazer uso do nome da instituição para fazer rifas, quermesses, sorteios ou qualquer outra forma de ganhar dinheiro;
8. Usar processos como bola de cristal, baralho, horóscopo, grafologia, etc.;
9. Receber dinheiro ou presentes, em paga disfarçada dos serviços religiosos e de caridade prestada ao semelhante. <sup>281</sup>

Contudo, apesar do sucesso pessoal de Yokaanam e de sua Fraternidade, principalmente nos centros espíritas de Guanabara e da popularidade que adquiriu, grandiosos também foram os desentendimentos, não apenas com a sociedade externa ao grupo, mas igualmente com alguns ex-adeptos, como revela o trecho da reportagem abaixo, onde o messias deixa transparecer problemas internos e de contestação da liderança, que existiriam desde o início.

Deixaram-me só na arena dos holocaustos. Hoje, esquecidos dos benefícios que receberam de mim, escarram pelas esquinas, às escondidas, na mão que outrora beijaram e muitas vezes apertaram, jurando solidariedade e amor eternos. Eu despedi alguns como medida extrema de profilaxia inevitável em favor do Evangelho. Estavam, comprometendo a obra com sua conduta pagã negativa, escudos numa antiga amizade. <sup>282</sup>

Em meados da década de 1950, após as constantes desavenças com determinados segmentos sociais e dissidências internas, a instituição adquiriu uma representação que a definia enquanto portadora de caráter duvidoso, digna de desconfiança e suspeita, “*atacada por excessos e calúnias veiculadas pela imprensa, propagadas por ex-adeptos excluídos por má conduta e atividades ilícitas diversas no seio da Fraternidade*” <sup>283</sup>. Essa postura levou a adoção de medidas emergenciais quanto à necessidade de construção de uma nova sede.

Com a chegada dos primeiros obreiros ao Planalto Central, a Cidade Iniciática inicia o processo de reconstrução de sua imagem e com o passar dos anos passa a gozar de uma boa feição, primeiramente entre os moradores do município, e posteriormente, nas localizações vizinhas, atraindo, a cada ano, um maior número de curiosos e necessitados.

Com o seu crescente contingente de visitantes a cidade aderiu à criação de deslocamentos complementares as inúmeras práticas já existentes, de modo a resguardar o seu interior e se acomodar a nova dinâmica, referente à presença daqueles que passam a conhecer, percorrer ou revê-la. Assim, após um longo período em que o grupo se protegeu do contato midiático, pouco a pouco, diante da demanda de interessados, pesquisadores e estudiosos em geral, a comunidade foi-se integrando aos apelos externos e estabelecendo critérios de visitação, com horários, dias e propósitos marcados com antecedência.

A prefeitura também passou a disponibilizar um número mais significativo de membros a servir de guia nessas incursões públicas, estabelecendo condições alternativas e concedendo

<sup>281</sup> Site oficial da comunidade. Disponível em [www.fraternidadeecletica.org.br](http://www.fraternidadeecletica.org.br) Acessado em 16 de março de 2009.

<sup>282</sup> NASSER, David e MANZON, Jean. “O Profeta Voador”. *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 1949.

<sup>283</sup> YOKAANAM, Mestre. *Yokaanam fala à posteridade...* Op. cit. p. 82.

exceções quanto ao que era rigidamente imposto. Por sua vez, verifica-se, principalmente entre os obreiros mais velhos, uma preocupação diante do cenário que lentamente se transforma e que se vê, dia após dia, mais modificado pela circulação de novos agentes a se movimentar pelas terras dos *peregrinos da eternidade*. A hospitalidade de alguns, é facilmente confrontada com a desconfiança de outros, que veem com certa hostilidade a mudança de princípios e normas a se fazer notar nos últimos anos.

A receptividade maior fica a cargo da ala mais jovem, ainda que em número reduzido; ao lado dos fraternários já habilitados a lidar com os apreciadores, visto que o recebimento de pessoas desconhecidas à instituição sempre foi uma constante, principalmente a procura de atendimento ligado às sessões religiosas ministradas *I Santuário Essênio do Brasil e das Américas*, em relação de complementaridade a unidade de saúde.

A *Juventude Eclética Universal* se coloca de forma mais hospitaleira a lidar com esse tráfego de passantes e curiosos e também são os responsáveis pelas festividades e encontros a se realizarem fora do calendário oficial. É importante destacar que esses momentos festivos se dão sempre em uma situação de vigilância e respeito às regras, como a proibição do uso de bebidas alcoólicas, cigarros, roupas extravagantes<sup>284</sup> e relações mais íntimas entre os sexos.

A disciplina proíbe-lhes o uso do fumo e de bebidas alcoólicas, qualquer que seja a ocasião. Da mesma forma, o jogo e todos os tipos de drogas são terminantemente proibidos. No interior de suas residências, eles podem assistir à televisão, escutar o rádio, ouvir música e, naturalmente, ler o que lhes agrada.<sup>285</sup>

As crianças e os adolescentes são educados assumindo, conforme as condições físicas, responsabilidades perante o coletivo. Os relacionamentos devem ser comunicados aos superiores, seguido a todos os residentes. Os encontros se dão na esfera pública, com horários e locais estabelecidos, sendo coibido aos casais encontrarem-se fora do acordo previsto.

Concubinação e uniões não-oficiais não são ali toleradas; o divórcio, no entanto, é aceito na cidade. Os casamentos podem ser realizados no interior do templo ou podem ocorrer fora da comunidade, de acordo com a preferência do casal. Importante é a oficialização, a definição da situação civil e a bênção divina.<sup>286</sup>

A imagem de uma resistência que se encaixa na *poética do detalhe* também é demonstrada porque, no espaço da cidade, há remotas possibilidades de uma contestação explícita como levante manifesto e sim, formas cotidianas de oposição, levando a atitudes de insubordinação e desobediência.

Torna-se aqui oportuno novamente frisar, que aderir a Fraternidade Eclética faz parte de uma escolha e, requer, em contrapartida, a abdicação de certa vivência exterior. Os que ali residem o fazem de forma consciente e satisfatória. A ideia de recomeço, segurança, familiaridade, estabilidade e tranquilidade corroboraram e, ainda, justificam a adesão e permanência na instituição, que embora

<sup>284</sup> As roupas que usam no dia-a-dia são igualmente sóbrias e simples, conforme os escassos recursos de que dispõem e da observância de algumas regras.

<sup>285</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p. 106.

<sup>286</sup> Idem, *Ibidem*, p. 107-108.

se defina primordialmente como um centro religioso, ultrapassa essas características e apresenta-se como um reduto pacífico e de morada digna aos que optaram por ali construir suas trajetórias.

A vida em comunidade religiosa representa frequentemente uma opção considerável para aqueles que se encontram abandonados à própria sorte. É sabido deles que uma parte significativa dos obreiros ecléticos engaja-se na fraternidade com vistas à assistência social, se aceitos; o que significa uma vida bastante modesta, mas digna e tranquila. A constituição da fraternidade prevê a assistência social e espiritual a todos os necessitados; daí que admitam candidatos que visam apenas aos benefícios sociais, mesmo sem engajarem espiritualmente, apenas pela bem-vinda cooperação no trabalho comunitário.<sup>287</sup>

Aqueles que procuram a Cidade dos Peregrinos na atual composição, o fazem por motivos diversos, prevalecendo às razões religiosas, que incluem as sessões de cura e os aconselhamentos espirituais, seguido de curiosos, turistas e pesquisadores, deixando-se representar como um reduto místico no coração do Planalto Central. Mal vista por uns, em razão das várias restrições quanto ao acesso a seu interior, pelos trajes peculiares e as normas muitas vezes mal compreendidas aos que de fora lançam olhares e opiniões, mas respeitada e admirada por muitos, diante da estabilidade e seriedade da obra e sua atuação, muitas vezes, caridosa e humilde para com os necessitados. Um projeto que se fortaleceu com o devir do tempo, legitimando não apenas as intenções de seu mentor, mas seus propósitos levados adiante por seus correligionários, após seu falecimento.

Data de importância assinalável se prende ao ano de 1985. No dia 21 de abril, na cidade de Anápolis, vítima de derrame cerebral, veio a óbito Oceano de Araújo Sá, ou como era mais conhecido entre seus seguidores e simpatizantes, mestre Yokaanam.

Em 1985, no dia 21 de abril, Yokaanam falece em uma sede da Cidade Eclética em Anápolis (GO), vítima de síncope cerebral (AVC). Assume a direção da cidade um triunvirato formado por antigos seguidores do mestre, que dividiram suas responsabilidades.<sup>288</sup>

A posição privilegiada no interior da pequena urbe era ocupada pelo messias, não apenas por ser seu instrutor e fundador, mas porque seus adeptos assim o reverenciavam, atribuindo-lhe poderes específicos: o carismático do líder e o burocrático da administração.

Logo abaixo, mas por Yokaanam eleito, havia o *Supremo Conselho Apostolar*, seguido do *Círculo Apostolar*. Ambos os arranjos eram compostos por adeptos dos 5º e 6º graus<sup>289</sup>, mas sempre em acordo com as deliberações do mestre. Após o ano de 1985, as subdivisões persistiram e tornaram-se as principais responsáveis pela organização e reorganização da cidade. Aquilo que era

<sup>287</sup> Idem, Ibidem. p. 124.

<sup>288</sup> COSTA, Walfreds Chaves. *Peregrinação rumo ao Planalto Central: A Fundação da Cidade Eclética*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/42083/1/PEREGRINACAO-RUMO-AO-PLANALTO-CENTRAL--A-FUNDACAO-DA-CIDADE-ECLETICA/pagina1.html>. Acessado no dia 11 de março de 2011.

<sup>289</sup> As obreiras ascendem até o 5º grau apenas, embora ressalvem que o grau mediúnico seja mérito de cada um, portanto, não há qualquer preconceito que justificaria o posicionamento feminino sempre em posição inferior. O 7º e último grau estaria reservado apenas aos profetas e ao próprio messias consagrado pela tradição cristã, Jesus Cristo, entre eles, somente Yokaanam teria atingido esse desenvolvimento.

extraordinário, fora da esfera do comum e do cotidiano, com a transferência para Santo Antônio do Descoberto, integrou-se a rotina, transformando-se em algo permanente. Dessa forma, o carisma do guia, que inicialmente foi o grande responsável por reunir os fiéis, foi rotinizado diante da necessidade de gestão local.

Com a lacuna do instrutor no transcurso dos anos, o respeito e a admiração pelo homem Oceano de Araújo Sá e, pela figura do profeta que ele representou, permanece latente entre os membros, destacadamente entre os mais velhos, que assumem a incumbência de transmissão dessa herança aos descendentes, porém, sua imagem e presença, antes tão enigmática e persuasiva, já não mais se mantêm como elemento arrebatador de mentes e corações devotos.

Com a ausência em vida do *Solitário*, seu dom, originalmente responsável pela efetivação do movimento, servindo, ainda, para conduzir as práticas e fortalecer os vínculos, permaneceu disseminado em meio ao grupo. Entre os eleitos, além do profundo respeito pelo criador da obra, há a certeza do caminho escolhido, da responsabilidade de cada membro pela manutenção e pelo relativo equilíbrio adquirido, revelando a participação ativa e consciente dos envolvidos, o que mostra que a construção da *Nova Jerusalém* não foi o sonho de um único homem, mas um desejo coletivo realizado por todos e constantemente confirmado pelo reatar dos votos, pois a qualidade dos eleitos depende de uma postura positiva e dinâmica no sentido de ação.

O elemento que molda nossos destinos chama-se livre-arbítrio, ou seja, a manifestação de nossa vontade é que irá direcionar nossa experiência, a partir do momento em que nossas escolhas nos aproximam das energias afins e nos afastam das contrárias ao objetivo de nossos anseios. No decorrer das encarnações sucessivas, a resultantes geradas por nossas atitudes – inclusive psíquica – surgirão a nos reencontrar no tempo, magnetizadas pela conformação de circunstâncias que lhes propiciem a reedição. Portanto, o êxito ou o fracasso que obtivemos na vida será de responsabilidade nossa, o que significa dizer que os ELEITOS, em verdade, se auto-elegem. Se desejar tornar-se um ELEITO, meu Irmão comece imediatamente a desenvolver a integridade de sua consciência, buscando apoio naqueles que já se adiantaram no caminho em busca da luz.<sup>290</sup>

As vivências e motivações daqueles que optaram por conduzir suas trajetórias junto a esse pequeno reduto localizado no coração do Planalto Central possui algo que se esquia a nossa definição, é o *outro* que nos escapa. *Deus* está sempre escapando e não cabe a nós, investigadores, discutir a veracidade dessas experiências. Conforme Michel De Certeau, são os indícios do *Outro* a fonte mantenedora das religiões e da história.

O autor, por sua vez, diz que a personalidade de uma pessoa consagrada à vida religiosa, “*tem um valor de enigma, mais do que de exemplo. Quem é essa figura enigmática?*”<sup>291</sup>

<sup>290</sup> Jornal *O Nosso*, nº 617, ano 55, agosto de 2001.

<sup>291</sup> CERTEAU, Michel De. *La debilidad de creer*. Buenos Aires: Katz, 2006. p. 27. In: SUNG, Jung Mo. “É verdade que Deus morreu: Reflexões em torno do fundamento da nossa luta e esperança.” *Estudos Teológicos* São Leopoldo v. 50 n. 1 p. 24-40 jan./jun. 2010. [online]. Conferência apresentada no Congresso Internacional Conferência apresentada no Congresso Internacional “¿Es verdad que Dios ha muerto?: Diálogos y reflexiones desde la Ciencia, la Filosofía y la Teología”, realizado na Cidade de México, entre 6 a 10 de outubro de 2008. O artigo foi recebido em 28 de janeiro de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 24 de fevereiro de 2010. Jung Mo Sung é Teólogo e filósofo, graduado em Filosofia pela Faculdade Associada de Ipiranga (1984). Mestre em Teologia Moral Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1993), com Pós-Doutorado em Educação pela

---

Não há resposta, salvo a que procede de uma necessidade interna. Porque a vida religiosa não recebe sua justificação de fora. Não tem uma utilidade social por razão de nem ser um conformismo, como se devesse estar bem adaptada, fundindo-se com a parede. Tampouco é a simples consequência de uma doutrina. O que a define não é o benefício da sociedade ou o proveito que dela extrairá o religioso, senão um ato: o ato de crer.<sup>292</sup>

Nas próximas páginas, convidamos os leitores, a juntos, nos aventurarmos em busca desses personagens, suas trajetórias, anseios e esperanças. Atores sociais que optaram por uma necessidade interna, um empenho de fé que ultrapassa nossos esforços analíticos enquanto observadores, por mais compromissados que estejamos com nossa labuta, porque no discurso histórico o *real* também nos escapa.

---

Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1993), com Pós-Doutorado em Educação pela (1993), com Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2000). É professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo. Concentra suas pesquisas e atuação docente em Teologia, Economia e Educação. jung.sung@metodista.br. Disponível em: [www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos\\_teologicos/article/.../56](http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/.../56). Acessado no dia 12 de abril de 2011.

<sup>292</sup> Idem, ibidem, p. 27.



### CAPÍTULO 3 E A CIDADE SE FEZ MEMÓRIA

Cada vez mais rara vai-se tornando a possibilidade de encontrarmos alguém verdadeiramente capaz de historiar algum evento. Quando se faz ouvir num círculo o desejo de que seja narrada uma historieta qualquer, transparecem, com frequência, cada vez maior, a hesitação e o embaraço. É como se nos tivessem tirado um poder que parecia inato, a mais segura de todas as coisas seguras, a capacidade de trocarmos pela palavra experiências vividas.<sup>293</sup>

Walter Benjamin

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita.<sup>294</sup>

Michel Pollak

Em seu ensaio, publicado no ano de 1936, Walter Benjamin direcionando seu olhar e suas esperanças para o transcorrido que, em alguns momentos, é tomado por contornos idealizados. “O narrador” é mais do que uma discussão sobre o conto do escritor russo sugerido no título, mas envereda-se por outros caminhos. Nikolai Leskov seria um exemplo a ser valorizado, um passado que estaria em vias de devastação. Diante dos acontecimentos de uma época, “*apagar-se-ia assim, a faculdade de intercambiar experiências através do contato humano*”<sup>295</sup>, ressaltando a superficialidade que se abatera sobre o ato, já que, “*é cada vez mais raro encontrar pessoas que saibam narrar qualquer coisa com correção*”.<sup>296</sup>

Benjamin nos fala de um conselheiro, um homem capaz de retirar das histórias a sabedoria e envolver seus observadores enquanto companheiros do que é recordado. O autor, igualmente, nos chama atenção para um personagem enraizado no imaginário popular, que se apresenta como um lapidador, figurante entre os mestres e os sábios, aquele que na sua arte de dizer e de recomendar abarca uma infinidade de temas, nada escapa a sua explanação, dominando o acervo de toda uma vida.

O *narrar*, por sua vez, supõe a presença de ouvintes e estes não são indivíduos isolados, mas enredados por laços sociais, ou seja, uma prática que só adquire sentido se for direcionada ao coletivo. Trata-se, pois, de uma troca, um convite ao diálogo, entre aquele que conta e aquele que ouve; ambos carregam no âmago de suas ambições o interesse na conservação do que

<sup>293</sup> BENJAMIM, Walter. “O Narrador – Observações acerca da obra de Nicolau Leskov” In: *Os pensadores – textos escolhidos*. Vol. XVIII. São Paulo, Abril Cultural, 1975, p. 63.

<sup>294</sup> POLLAK, Michael. *Memória e Identidade social...* Op. cit. p. 08.

<sup>295</sup> EWALD, Felipe Grune. “Memória e Narrativa: Walter Benjamin, nostalgia e movência”. *Revista Eletrônica de crítica e teoria de literaturas*. PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 04 N. 02 – jul/dez 2008. [on line]. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/download/5994/4525>

<sup>296</sup> BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Tradução de Maria Amélia Cruz et al. Lisboa: Relógio D'Água. 1992, p. 28.

foi relatado e essa é uma tarefa condicionada não apenas à voz, mas aos gestos e ao esforço revelado, apreendidos na feitura do trabalho e que de várias formas sustentam o fluxo do que é dito.

Quando Walter Benjamin<sup>297</sup> coloca a narrativa enquanto uma habilidade destinada ao fim, seu argumento se baseia no exame de um sentimento por ele partilhado. Segundo o autor, as causas dessa crise estariam ligadas ao incremento contínuo da ciência e à privatização da vida, de uma subjetividade que é determinante para a formação do sujeito, menosprezada em favor de uma postura objetiva.

Porém, intuímos aqui ressaltar a dinâmica do mundo, sua movência e o reconhecimento de uma redefinição da comunicação oral, propiciados, igualmente, pelo desenvolvimento da técnica que, em muitas circunstâncias, ao invés de devastar, provoca um redimensionamento dos espaços da voz na vida cotidiana.

A despeito de nunca ter sido extinto da produção histórica, o elemento narrativo foi, em grande parte, combatido pelo paradigma moderno e sua busca pela imparcialidade e pela verdade, abolindo o recurso às destrezas ficcionais de representação, que se voltava de forma mais acentuada para os elementos estéticos e retóricos inerentes ao campo literário.

O ânimo a conduzir a utilização da oralidade na historiografia contemporânea é compreendido mais proficuamente frente ao impulso com o fortalecimento de tendências e correntes que influenciaram muitos analistas sociais a ampliar, não só o objeto a ser pesquisado, como a noção de fonte e sua credibilidade nos meios científicos e acadêmicos.

O interesse que desperta atualmente a questão da oralidade pode ser exemplificado pelos numerosos eventos e trabalhos de cunho acadêmico que se desenvolveram em torno de sua relação com a antropologia, à história e a literatura. Abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo da comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humana.<sup>298</sup>

Árdua empreitada cabe àquele que se propõem a tomar os testemunhos orais enquanto peça motriz de suas ambições, depoimentos de personagens anônimos no experimento de cada dia, interpelados pelos questionamentos do entrevistador e pelos eventos de um momento, carregado pelas emoções, vivenciadas efetivamente ou não. Um exercício onde o real se mistura ao imaginário, demonstrando como as construções do espírito participam de uma determinada realidade sociocultural. Nesse incessante contar, as recordações pessoais são preenchidas pelo grupo e assim, *“o tempo da memória ultrapassa o tempo da vida individual e encontra-se com o tempo da história.”*

<sup>299</sup>

Para a historiografia, as questões referentes ao tempo e suas distintas fisionomias é tamanha, que usualmente se coloca como definidor relacionado à temática da pesquisa. Sua

---

<sup>297</sup> Intelectual inclassificável, Walter Benjamin (1892-1940) foi um inovador que jamais se deixou restringir por divisões acadêmicas ou posturas ideológicas prontas.

<sup>298</sup> AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral...* Op. cit. p. 15

<sup>299</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: Memória, Tempo e Identidade*. Coleção leitura, escrita e oralidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 65.

delimitação é crucial para o *metier* do historiador, assim como o recorte do objeto de interesse, que é igualmente modificado pelas indagações e convenções de uma época.

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que, inserido à vida humana, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro.<sup>300</sup>

Para Norbert Elias, o *tempo* deve ser considerado um processo simbólico de aprendizagem, uma instituição alcançada por cada um dos indivíduos em seu processo de desenvolvimento e racionalização que, enquanto ser sociável, é responsável pela criação de determinados padrões de ordenação e identificação, apreendidos pela linguagem, como sistema de representação presente em seus afazeres diário, seu estar e se posicionar no mundo. Para o autor, trata-se de uma noção que deve ser entendida com função de orientação e integração desenvolvida pelas sociedades a fim de uma convivência mais harmônica.

O que chamamos tempo é, em primeiro lugar, um marco de referência que serve aos membros de certo grupo e em última instância, a toda humanidade, para instituir ritos reconhecíveis dentro de uma série contínua de transformações do respectivo grupo de referência ou também, de comparar certa fase de um fluxo de acontecimentos.<sup>301</sup>

Nessa relação, o homem é simultaneamente construtor e escravo de sua conceitualização, pois além de inventar das avaliações temporais, que conduzem a vida e o convívio social é, igualmente, por ela afetado à medida que é obrigado a se inserir aos acordos, modelos e medidas que o tornam parte de um mesmo conjunto que adota como referencial um *processo civilizador*<sup>302</sup>.

Em uma esfera religiosa de definição, a concepção de *tempo* e, mesmo de *espaço*, passa a ser entendida como uma abstração, ou seja, uma prática que ultrapassa as categorias do cotidiano e participa da ordem do indizível, o que confere a seus personagens uma eternidade. A fim de utilizarmos uma expressão do romeno Mircea Eliade<sup>303</sup>, podemos aqui nos referir a um *tempo mítico*, distinto do *tempo histórico*, este, por sua vez; compreende um momento reversível ritualisticamente, conferindo perenidade ao grupo e, dessa forma, coletivamente reatualizar o passado das tradições no desenhar do momento presente.

Cabe, portanto, ao trabalho de linguagem, reconstruir essa experiência, interpretá-la e trazê-la a memória, ajustando aos moldes comunicativos de cada agrupamento, a fim de conferir inteligibilidade às mediações com o sagrado, transmitindo e conservando as vivências devotas que ultrapassam o efêmero e transformam-se em duradouras.

<sup>300</sup> Idem, ibidem, p.33.

<sup>301</sup> ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1998. p. 84.

<sup>302</sup> Cf. ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.1.

<sup>303</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano...* Op. cit. p. 16.

Ao se lançar a tarefa de interpretar o real em um processo de construção do conhecimento, o pesquisador é interpelado pelas influências e demandas de um período, voltando seus olhos para o *outro*; traduzi-lo, sem, contudo, modificá-lo. No entanto, altera as impressões do acontecido, que é rememorado sob novas formas, cores e efeitos. Ao nos posicionarmos enquanto veículos de captação dessas lembranças admitimos a responsabilidade quanto à perspectiva de análise que ultrapassa o roteiro de perguntas e respostas, mas que se deixa entusiasmar por um emaranhado de emoções, gestos, ruídos e gostos. É no mundo das *sensibilidades* que os testemunhos ganham vida, adquirem expressão e assumem peso e confiabilidade necessários na composição do trabalho.

Porém, devemos registrar, que “*na verdade, nenhuma história, conquanto processo e construção da trajetória da humanidade ao longo dos tempos, é oral*”<sup>304</sup>. A história oral é um procedimento metodológico que visa, por meio das fontes e documentos, o registro das narrativas que, por sua vez, apresentam-se enquanto interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões, revelando conflitos, fissuras, diálogos e identidades.

Assumimos o compromisso de um arranjo alimentado pela oralidade, extraída das entrevistas e das valiosas conversas informais, como um procedimento a sustentar a escrita que aqui surge lentamente.

Essa é, sem dúvida alguma, uma história de fragmentos, de composição em mosaico. Pouco fiável, dirão alguns, pois aquele que rememora não apenas reconta o que viveu a cada momento evocativo, como lida com o *gap* inegável existente entre o tempo do vivido e o tempo da narrativa. A história oral de uma cidade é tecida e retecida continuamente. O depoente, no caso, é o senhor do tempo, refazendo o que diz sobre o passado da cidade em cada vez que discorre sobre ele.

<sup>305</sup>

A metodologia ao qual fazemos alusão não corresponde a um compartimento da história vivida, mas sim, ao registro de depoimentos sobre essa experiência. Trata-se de um caminho para produção de um conhecimento que se revela no confronto de *subjetividades* e *temporalidades*. Assim, *Mnemosine* surge como principal alicerce das declarações, como um cabedal infinito de variáveis que dialogam entre si revelando e ocultando lembranças. Como afirma Ecléa Bosi, “*o papel da consciência, quando solicitada a deliberar, é, sobretudo, o de colher e escolher. A lembrança traz à tona na consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida.*”<sup>306</sup>

A memória, considerados os referenciais do presente, apresenta-se, como uma escritura do passado, uma reconstrução mental, consciente ou não, que é formada a partir de percepções decorridas e passíveis de serem modificadas por novas sobreposições. O importante nesse processo é a sua reatualização, visto que os fatos pronunciados são trabalhados pelo presente, como coloca Ecléa Bosi, apoiada nas considerações de Henri Bergson e Maurice Halbwachs,

<sup>304</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: Memória, Tempo e Identidade...* Op. cit. p. 34.

<sup>305</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias...* Op. cit. p.20.

<sup>306</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. 11.

Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça à lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.<sup>307</sup>

A constituição do documento e a incorporação dos testemunhos se resolvem como estratégias enriquecedoras da pesquisa histórica, visto que nos permite ampliar o olhar, tornar o *invisível* em *visível* pela mediação da experiência que inclui a totalidade do corpo. O falar é marcado por sentimentos que muitas vezes não se tornam claros no papel, na transição do oral ao escrito preciosidades se deixam pelo caminho, mas ainda é enriquecedor o ordenar de travessias em que os diversos significados e imaginários se encarregam de articular reminiscências que se remetem não só ao caráter identitário do passado, mas principalmente do presente e que encontra reverberações no futuro.

*Memória e História* assumem uma relação de força e diálogo, onde são permitidos os atos de esquecimento, de lembrança, de omissão e de silenciamento, tornando cada declaração única e singular diante da possibilidade de revelar emoções e identidades.

Os gregos antigos fizeram da Memória uma deusa, de nome *Mnemosine*. De suas núpcias com Zeus, foram geradas nove<sup>308</sup> musas.

*Mnemosine*, revelando ao poeta os segredos do passado, o introduz nos mistérios do Além. A memória aparece então como um dom para iniciados, e a *anamnesis*, a reminiscência, como uma técnica ascética e mística. Também a memória joga um papel de primeiro plano nas doutrinas órficas e pitagóricas. Ela é antídoto do Esquecimento. No inferno órfico, o orto deve evitar a fonte do esquecimento, não deve beber nos Letes, mas, ao contrário, nutrir-se da fonte da Memória, que é uma fonte de imortalidade.<sup>309</sup>

De acordo com essa orquestração, a *História* é filha da *Memória*. Entretanto, no método historiográfico, essa é uma relação nem sempre simples e harmônica, mas por vezes se apresenta ao investigador como uma tarefa ambígua e tensa. Esse se tornou um exercício complexo e hoje foge do véu de objetividade que garantia, a nós historiadores, a certeza de tempos idos. A prática nos ensinou a considerar fenômenos como a triagem consciente ou inconsciente, a interpretação e a distorção; pois, "*a memória é seletiva, nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado*".<sup>310</sup>

<sup>307</sup> Idem, *ibidem*. Op. cit. p. 55

<sup>308</sup> MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. *História e Memória: Algumas observações*. [on line]. Disponível em: [www.fja.edu.br/proj\\_acad/praxis/praxis\\_02/.../ensaio\\_2.pd](http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/praxis_02/.../ensaio_2.pd). Acessado no dia 15 de abril de 2011. Raimundo nonato é doutorando pela Universidade de Campinas (UNICAMP), professor do curso de Licenciatura em História das Faculdades Jorge Amado e da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). De acordo com o autor em seu texto As nove filhas de Mnemosine eram: Clio (história), Euterpe (música), Tali (comédia), formulado a partir das considerações de Peter Burke, Henry Rousso e Jacques Le Goff. Melpômene (tragédia), Terpsícore (dança), Erato (elegia), Polínia (poesia lírica), Urânia (astronomia) e Calíope (eloquência).

<sup>309</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória...* Op. cit. p. 438.

<sup>310</sup> POLLAK, Michael. *Memória e Identidade social...* Op. cit. p. 04.

Memória não é a certeza do acontecido, mas um fenômeno que traz em si um sentimento de continuidade e de coerência, seja ele processado particularmente ou em grupo, em uma ação de organização, intencional ou não.

A questão central na obra de Maurice Halbwachs consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir do coletivo, posto que todas as lembranças sejam encadeadas no interior de uma sociedade. Destarte, se Mnemosine é hoje reconhecida enquanto um fenômeno construído social e individualmente, podemos dizer que há uma estreita relação com o anseio de identidade, uma relação mediada por conflitos e harmonizações. Ao pronunciar que a memória individual faz parte de uma existência social, o autor nos faz pensar que para obter uma lembrança é necessário que essa reformulação se opere a partir de dados ou noções comuns que se encontram imerso entre o nosso espírito e os do grupo, há um reconhecimento entre os que partilham de uma mesma prática no sentido de identificação.

Ainda que estas sejam preocupações comuns a muitas áreas das ciências humanas, a *história oral* tem como finalidade precípua relacionar estes dois aspectos de maneira a propor que um conduza ao outro. Em conjunto, *memória e identidade* se enlaçam possibilitando a realização de estudos que partam do *tempo presente*, de personagens vivos, que mais do que testemunhar um evento, ou relatar rumos, permitam ver o processo de seleção dos acontecimentos, de constituição de discursos e assim se abrem a exames que extrapolam a constatação dos fatos. O que antes era tido como imperfeições do método, entremeado por imprecisões, tornou-se elemento essencial na análise, na medida em que possibilita que o documento produzido seja uma visão da apropriação individual do imaginário coletivo.

O importante é pensar a memória do sujeito como dependente das relações estabelecidas ao longo de sua trajetória, o que implica entender que esse lembrar é atualizado e resignificado. Os que são instigados a recordar o fazem a partir de um lugar, situado no presente, logo, conferem contornos próprios a esse rememorar.

Ao redimensionarmos essa compreensão aos *Peregrinos da Eternidade*, percebemos que as pessoas que vivem na Fraternidade Eclética fazem ou fizeram parte de uma sociabilidade que gira em torno de um ideal religioso e de bem estar que a cidade pretende suscitar.

Cabe aqui enfatizar que nossa intencionalidade, desde o momento inicial da investigação e sua posterior fase de produção de documentação em campo, não foi a de formulação de interrogatórios direcionados aos *guardiões especializados do saber*<sup>311</sup>, como detentores autorizados de um conhecimento versado por poucos, mas sim, de privilegiar a todos aqueles responsáveis pela animação cotidiana da comunidade. Dessa forma, a incorporação dos testemunhos e relatos apresenta-se como uma estimada fonte satisfatoriamente empregada. No entanto, não tomamos como nosso intuito discorrer acerca de todos os depoimentos recolhidos, mas avaliá-los, decodificá-los ou, em alguns momentos, apenas, respeitosamente, ouvi-los.

O ato de contar significa uma transmissão das experiências que o passado da instituição adquiriu em seu caminhar pelo mundo material e sobrenatural. Recuperar essa oralidade estimula os laços de solidariedade e integração social que sustenta a memória coletiva.

---

<sup>311</sup>BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade...* Op. cit. p.

Essas experiências que atravessam gerações enredam-se pelas narrativas e encontra uma dimensão utilitária, pois “*essa atitude pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida.*”<sup>312</sup>

Procuramos selecionar adeptos internos e externos, com variáveis faixas etárias, de modo que o contemplar dos horizontes referenciais a conduzir essas narrativas nos fornecesse valiosos e sólidos alicerces.

### **O exercício da memória: Reconstruindo a cidade**

**Os sujeitos construtores da história da humanidade são muitos, são plurais, são de origens sociais diversas. Inúmeras vezes defendem ideias e programas opostos, o que é peculiar à heterogeneidade do mundo em que vivemos. Seus pensamentos e suas ações traduzem, na multiplicidade que lhes é inerente, especial riqueza do ser humano: a alteridade. A alteridade que é referência de diferentes identidades – étnicas, culturais, nacionais, religiosas, sociais, de gênero, ideológicas. Alteridade que traduz a multiculturalidade e a diversidade do potencial criativo do ser humano nas mais diferentes áreas de atuação.**<sup>313</sup>

**Lucília de Almeida Neves Delgado**

Daremos continuidade a nossa reflexão partilhando da mesma opinião de Lucília de Almeida Delgado que confere merecidamente aos sujeitos desconhecidos o reconhecimento por suas ações, pelo tecer diariamente arquitetado de construção do real e que são, também, os responsáveis pela escrita da história. Certamente não nos esquecemos de nossos ilustres heróis, dos homens públicos, de grandes feitos e inesquecíveis discursos, mas detemo-nos, nesse momento, aos personagens anônimos, homens e mulheres que com sua labuta e superação foram os responsáveis pelo traçado de uma feição para essa cidade.

Diante das transformações mundiais registradas em ritmos cada vez mais acelerados, dos valores e ações que se transformam diante do resgate do tempo e do espaço, a escrita da história depara-se com um novo desafio e dispõem-se a abordar as mais diversas intervenções do indivíduo em diferentes períodos e circunstâncias, sem privilegiar personagens notórios.

A chamada nova história cultural não recusa de modo algum as expressões culturais das elites letradas, mas revela especial apreço, tal como a história das mentalidades, pelas manifestações das massas anônimas: as festas, as crenças heterodoxas. [...] sua preocupação em resgatar mais explicitamente o papel das classes sociais, da estratificação e o conflito social.<sup>314</sup>

<sup>312</sup> BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

<sup>313</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: Memória, Tempo e Identidade...* Op. cit. p. 55.

<sup>314</sup> VAINFAS, Ronaldo. “Caminhos e descaminhos da História”. In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs.). *Domínios da História...* Op. cit. p. 56-57.

Nosso olhar sobre os fragmentos de experiências vivenciadas pelos adeptos, portanto, o exercício da memória, é realizado por meio de fios e rastros que nos ajudam a construir uma orientação passível de significado em uma determinada trama, que pela interseção de sintomas, indícios e pistas, combinados ou cruzados e pelo crivo da organização e composição, nos permite oferecer deduções e desvelar sentidos.

Pequenos trechos carregados de historicidade que emergem de forma tangível no ato de recordação do tempo escoado e que encontra em cada prosélito um reduto em potencial. Relatos orais, que tomados como um mosaico forma um todo coerente sobre a *Cidade dos Peregrinos*, lembranças individualizadas, mas que apoiadas no grupo, expressam valores, sentimentos, medos e expectativas, desejos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a vinculação, permanência ou desligamento da comunidade.

Recomeçar em um lugar distante se apresentava como um campo de oportunidades, solapando as incertezas de uma dezena de fiéis que adeririam ao ambicioso intento proposto pelo messias e seus admiradores mais próximos. Em sua grande maioria, os seguidores pioneiros eram provenientes de classes menos favorecidas financeiramente, com atividades empregatícias muitas vezes sem vínculos institucionais, portanto, a possível alteração de territórios não interromperia caminhos já definidos e, aliado ao empreendimento de construção da nova capital, que agregava em seu discurso fundador a mensagem de esperança a todos os brasileiros, a transferência fez-se decisiva e, para muitos, inspiradora.

O projeto idealizado por Yokaanam objetivou, desde os primórdios da instituição, um retorno aos ensinamentos da tradição dos antigos essênios, colocando-se como seu autêntico restaurador, com vistas “*ao ressurgimento da palavra perdida do Santuário Mater. das Iniciações nas cavernas do Mar Morto.*”<sup>315</sup>

Ao contrário do que o faz sugerir a fala do messias, limitados são os princípios que tomam como referência a seita judaica. A grande maioria dos adesos desconhece seu significado e aplicabilidade no interior da cidade, “*eu não sei disso não!*”<sup>316</sup> Assim, embora se autointitulem continuadores de uma longínqua sabedoria, seus propósitos se restringem há alguns poucos moradores, não como prática habitual dos afazeres diários de seus membros, mas atributo de distinção entre os adeptos internos e uma seleta aliança de eleitos e que em muitos momentos, ao invés de uma fraternidade comunal, vê-se tomada por sentimentos de desconfiança e atritos.

Para se tornar um iniciado ele deveria se inscrever e a partir daquele momento ele seria observado e testado todos os dias no seu cotidiano sem que a própria pessoa percebesse que estava sendo testada. Eu sempre quis fazer parte daquilo, mas nunca consegui isso me deixava chateado e triste, até que esqueci e deixei de lado.  
<sup>317</sup>

<sup>315</sup> Site da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal. Disponível em: <http://www.fraternidadeecletica.org.br>. Acessado no dia 21 de março de 2009.

<sup>316</sup> **Irmão Maurício**. Obreiro interno.

<sup>317</sup> **Georgina Rosa da Silva** – 61 anos, ex moradora da cidade. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2010.



Dessa forma, é construído um valor tradicional que toma como alicerce uma relação de exclusão, pois apenas os iniciados, admitidos na ordem esotérica da comunidade, podem participar e compartilhar de sua verdade e de seus rituais, consubstanciando um ideal que não se realizou entre seus integrantes enquanto projeto de vida e impôs-se como predicativo de subordinação, que ultrapassa os privilégios doutrinadores e se instala nas atividades rotineiras.

Alguns tinham privilégios, ex militares, pessoas de maior nível cultural, que tinham dinheiro e largaram tudo, pois eram colocados em funções melhores, e também os iniciados, mas ninguém reclamava; Yokaanam era rigoroso e todos o respeitavam. Ele deveria ser assim, senão viraria bagunça.

Como mencionado anteriormente, para a grande maioria, a filiação junto à instituição efetivou-se primeiramente por motivações espirituais, seguido de busca por soluções relacionadas a problemas de saúde e por fim, curiosos e frequentadores eventuais, que no transcorrer dos anos, integraram-se a seu quadro permanente. As razões pouco se alteraram, mas em sua atual composição, podemos, ainda, mencionar o turismo religioso como motivo de visitação e em muitos casos, adesão definitiva e que encontra na defesa à “*unificação, seleção e restauração moral e espiritual, pacificamente, de todas as Religiões e Escolas do Planeta*”<sup>318</sup>, o discurso agregador a arrebanhar futuros integrantes, visto que o sujeito contemporâneo encontra-se diante de um complexo modo de experimentação do habitual e que se faz sentir em todas as esferas, assim, a religião e suas ramificações também são influenciadas e influenciam nesse ir e vir de dúvidas e incertezas.

Fiquei quase dois anos internado, em um Hospital do Rio, na Beneficência Portuguesa e minha mulher, que é espírita me dizia para escrever ao Mestre. Acabei escrevendo, não que eu acreditasse nestas histórias de espiritismo, galinha preta. O Mestre veio ao meu encontro e me levou à sede do Rio de Janeiro, para trabalhos. Lá me disseram que eu era médium. Eu não acreditei, nunca tinha sentido aquelas coisas. Um dia destampeei a choro na sessão e todos pulavam ao redor de mim gritando que eu tinha recebido o IBG, guias meninos (Cosme e Damião), o guia mais elevado, porque é inocente. De lá pra cá venho desenvolvendo a mediunidade. Hoje graças a Deus acredito.<sup>319</sup>

Embora a referência aos essênios não encontre respaldo entre a totalidade dos moradores da *Nova Jerusalém*, o apelo explícito em prol da defesa ao ecletismo tornou-se atributo de distinção e identificação do grupo, que se refere a essa reunião proposital como “*o verdadeiro caminho rumo à evolução da humanidade.*”<sup>320</sup>

A Fraternidade Eclética contém um pouco de bom das outras religiões. Por exemplo, do catolicismo ela tem os santos católicos, todos os santos católicos nós reverenciamos. Do espiritismo, o chamado espiritualismo espírita, nós temos, nos ligamos muito à doutrina de Kardec e também a doutrina dos caboclos e preto-velhos.<sup>321</sup>

<sup>318</sup> Site da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal. Disponível em: <http://www.fraternidadeeclética.org.br>. Acessado no dia 21 de março de 2009.

<sup>319</sup> CIPRIANO, Juraci das Rocha. Op. cit. p. 25.

<sup>320</sup> Irmão Daniel Ventura - Obreiro interno.

<sup>321</sup> Irmão Isócrates – Obreiro interno.

Essa foi, desde o início, uma árdua tarefa, mas que nos primeiros anos encontrou na figura carismática de Yokaanam e em seu excepcional poder de persuasão, não apenas um encontro aos anseios de seus seguidores, mas um reforço às expectativas daqueles que procuravam alento e conforto em suas mazelas.

Eu vim à primeira vez aqui, para me curar; não sei o que tinha me diziam que era coisa psiquiatra; aqui me disseram que era espiritual; foi só participar de algumas sessões que já me encontrei melhor; depois as palavras do mestre me faziam bem. Hoje sou médium aqui, porque tudo aqui é limpo, bem organizado. O mestre não tem comparação com estes pais de santo, ou outros médiuns como eu, ele sabe tudo e ensina a gente.<sup>322</sup>

À medida que as pregações transformavam-se em milagres, sua popularidade arrebanhava mais adesos, envoltos a um sentimento de credulidade e confiança, inserindo-o na categoria dos profetas, “o mestre é o espírito de mais alta hierarquia que está sobre o planeta; é um emissário de Cristo com a missão de colocar as religiões em seu lugar.”<sup>323</sup>

Aqui no Rio tava tudo bagunçado, não se sabia quem era homem, quem era mulher. A gente não conseguia mais segurar as filhas, não acredito nos moços não, todos querem se aproveitar das moças. Era uma *brigaida* com meus filhos por causa de baile, vestido curto, pintura, que não acabava mais, aqui tudo mudou graças a Deus.<sup>324</sup>

A análise sobre a oralidade dos fraternos da Cidade dos Peregrinos nos revela novos atores, principalmente ao realocar sujeitos comuns que tomaram parte do movimento e lhe conferiram solidez, mesmo após a morte do messias.

A transferência da sede matriz para a região do Planalto Central significou não apenas a confiança em seu mentor espiritual, com apoio e incentivo, moral e financeiro, mas representou a esperança de tempos mais fartos e promissores, coligado às motivações religiosas e de aprendizado espiritual, pois “é uma cidade ótima para se viver, quem quer evoluir espiritualmente e fisicamente é uma cidade ótima.”<sup>325</sup>

Frisamos novamente que integrar-se ao grupo eclético exige não apenas um comprometimento disciplinar, pois as denominações da localidade ultrapassam a de uma simples cidadela, com seus habitantes, passantes e turistas, mas define-se, antes de tudo, como um reduto consagrado, erguido com propósito de “reconciliação, se assim melhor me farei entendido; reunião sob o mesmo teto e sob o mesmo pólio do Evangelho várias religiões.”<sup>326</sup>

Em seus depoimentos, os personagens centrais a animar esse espaço, deram forma a um desenho idealizado, em grande parte por seu mestre, mas por eles levado a cabo, incorporando em suas trajetórias a convicção de uma escolha acertada, de ajuda ao próximo, de saneamento moral e de amparo em suas queixas.

<sup>322</sup>CIPRIANO, Juraci das Rocha. Op. cit. p. 25.

<sup>323</sup>NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo...* Op. cit. p 129.

<sup>324</sup>CIPRIANO, Juraci das Rocha. Op. cit. p. 26.

<sup>325</sup>**Irmão Daniel Ventura** - Obreiro interno.

<sup>326</sup> Site da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal. Disponível em: <http://www.fraternidadeecletica.org.br>. Acessado no dia 21 de março de 2009.

Tudo aqui é grátis, tudo. O atendimento... muitas vezes a pessoas não tem como comprar remédio e medicamentos daqueles que são atendidos no hospital. Nós temos a farmácia interna do hospital que oferta esse medicamento para aqueles que não têm condição.<sup>327</sup>

Uma urbe envolta a um imaginário de possibilidades e aventura, que abarcava não apenas a sua construção, mas que se reforçava pela proximidade com a presença do messias, como parte de um propósito sagrado “*todos o respeitava muito, Yokaanam falou, a água parou, o povo dizia. Havia muitos puxa-saco e muita paparicação.*”<sup>328</sup>

Na época de seu planejamento e posterior edificação a Fraternidade Eclética era um território em aberto, um campo em que se ergueriam prédios e monumentos urbanísticos, mas era, igualmente, o espaço de sonhos, esperanças e fé, sentimentos responsáveis por traçar rumos desconhecidos na vida daquelas pessoas.

Seus moradores, portanto, relembram, refazem e redimensionam a experiência de transferência e construção da cidade como um momento único, marcado por percalços e grandes obstáculos, mas que encontrou no tempo um conselheiro amigo. As narrativas nos trouxeram uma reflexão mais acurada sobre a ação e importância da memória. Nessas apresentações, cada prosélito assumiu a função de garantir uma projeção que envolve semelhanças e diferenças como dimensões de identidades múltiplas e em constante elaboração.

Assim, percebemos que a Cidade dos Peregrinos foi à realização de uma utopia. Um projeto que significou a consumação de uma aspiração, de transformação das condições sociais e de implantação de um arranjo alternativo, um novo *estar* no mundo, marcado pela atuação ativa dos envolvidos, como parte integrante e fundamental de um todo acalorado por motivações religiosas, pois “*viver na Fraternidade foi uma grande experiência de vida, um aprendizado.*”<sup>329</sup>

### Fontes doutrinárias

Tomados como objetos de análise, os folhetins e obras utilizadas nas sessões ministradas na Cidade Eclética, voltadas principalmente para os adeptos, internos e externos, apresentam ínfimas alterações em relação ao conteúdo elaborado pelo messias. Como o processo de construção da memória é seletivo, definindo quais fatos do passado devem ser lembrados, esquecidos ou apagados, os materiais didático-religiosos, aliado às cerimônias, possuem o poder de reforçar o carisma do líder, enquanto escolhido por Deus, mas principalmente, enaltecer seus ensinamentos, que devem ser repassados em nível de conhecimento, as gerações futuras, que assumirão o mesmo compromisso quanto a sua transmissão.

Ainda que a passagem do tempo tenha sido responsável por singelas modificações no arranjo da comunidade, visto que o grupo, por mais resistente e cuidadoso que se apresente quanto

<sup>327</sup> Irmão Isócrates – Obreiro interno desde o ano de 1982. Entrevista realizada em agosto de 2009.

<sup>328</sup> Georgina Rosa da Silva – 61 anos, ex-moradora da cidade. Entrevista realizada em novembro de 2010.

<sup>329</sup> Idem, *ibidem*.

ao contato exterior, não se encontra alheio às mudanças socioculturais que os cercam, o conteúdo dos preceitos permanece alicerçado nos escritos de seu líder.

Com exceção da observância aos princípios morais e religiosos, da prática exotérica e, sobretudo da formação esotérica, as quais permanecem quase inalteradas, a dinâmica política, econômica e social da Fraternidade acompanha, ainda que a passos lentos, o movimento da modernidade. Dito de outro modo, ela parece estar abandonando a forma de milenarismo que esteve em sua origem – aquela do messianismo tradicional ocidental, de natureza apocalíptica, orientada pela concepção linear do tempo que corre para o Fim, para o desfecho de uma História Sagrada – e assimilando progressivamente outra modalidade de milenarismo que, genericamente, vimos denominados de Nova Era.<sup>330</sup>

As bibliográficas e biografias, por Yokaanam redigidas, são revendidas aos visitantes como ferramenta não apenas de conhecimento espiritual, mas de reforço por uma tradição que, pela via da memória, será reelaborada no espaço da cidade, compondo identitariamente o grupo e que não estão isentas de reformulações, novas leituras e sobreposições, como pontuou Michel De Certeau,

Longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos lavradores de antanho – mas, sobre o solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas -, os leitores são viajantes: eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram, arrebatam os bens do Egito para com eles se regalar. A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar, e multiplica a sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não se protege contra o desgaste do tempo (nós nos esquecemos e nós a esquecemos); ela pouco ou nada conserva de suas aquisições, e cada lugar por onde ela passa é a repetição do paraíso.<sup>331</sup>

Ao longo de sua jornada o *Solitário* publicou e divulgou um vasto material de apoio. Os conteúdos de seus registros permanecem enquanto principal alicerce a conduzir os rituais, as normas e as condutas que informam os seus moradores.

Os ritos, embora com feições distintas, cumpre em cada sociedade e a partir de cada instância definidora, o papel de ordenação e manutenção do mundo, contribuindo para a identidade dos agrupamentos sociais ao conferir sentido às suas ações.

Em nossa análise, simplificada para um contexto religioso, o rito é uma remissão mística totalizante, resultado de um exercício que se realiza por meio de gestos e atos, visando um diálogo com o mundo material e sobrenatural.

O rito coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá o sentido do que é importante e do que é secundário. O rito nos permite viver num mundo organizado e não-caótico, permite-nos sentir em casa, num mundo que, do contrário, apresentar-

<sup>330</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de... Op. cit. p. 179.

<sup>331</sup> CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano, Artes de Fazer...* Op. cit. p. 269-270.

se-ia a nós como hostil, violento, impossível. Se é verdade que o cosmo tem a força de opor-se ao caos, isso se deve ao rito e à sua força organizada.<sup>332</sup>

É necessário assumir como critério orientador a disposição cultural que confere sentido ao rito, que é internamente reelaborado e resignificado, dando ênfase aos momentos de destaque da existência humana. Desta maneira, o indivíduo não se limita a sofrer os eventos, mas os transforma, conferindo-lhes um significado inerente a sua posição social.

Entre os elementos fundacionais que sustentam e conferem perenidade ao corpus religioso dos fraternários, cumpre-nos pontuar que nossos esforços não tiveram como pretensão compreender a amplitude das práticas a compor o imaginário daqueles que se posicionam como adeptos ecléticos. Compartilhamos, pois, do posicionamento de Clifford Geertz, em diálogo com o diário póstumo de Malinowski, ao demonstrar que “*no caso dos nativos, não é necessário ser um deles para conhecer um*”<sup>333</sup>.

Em todas as três sociedades que estudei intensivamente, [...], tive como um dos meus objetivos principais tentar identificar como as pessoas que vivem nessas sociedades se definem como pessoas, ou seja, de que se compõe a ideia que elas têm do que é um eu [...]. E em cada um dos casos, tentei chegar a esta noção tão profundamente íntima, não imaginando ser outra pessoa, [...] para depois descobrir o que este pensaria, mas sim procurando, e depois analisando, as formas simbólicas, palavras, imagens, instituições, comportamentos, em cujos termos as pessoas realmente se representam para si mesmas e para os outros, em cada um desses lugares.<sup>334</sup>

A configuração doutrinária adotada na Cidade dos Peregrinos se apresenta como fundamentalmente espírita, apesar de se pretender eclética, apenas as práticas de Umbanda e Kardecismo destacam-se como preceitos consagrados aos cerimoniais de forma intensa e contínua. Os elementos católicos devem-se antes ao sincretismo da umbanda do que a nomenclatura a definir a instituição assim o faz sugerir.

Em relação às demais formações filosóficas e religiosas, diversas referências são adotadas, incluindo a forma de evidenciar a personalidade de líderes e chefes de prestígio mundial, “*espíritos elevadíssimos que vieram ao mundo com a missão de dar seu exemplo de bondade e humildade.*”<sup>335</sup>

Ainda que repudiem dogmas comuns aos cultos de origem afro e afro brasileiros, nas sessões ministradas na comunidade é habitual a utilização da mitologia, do fumo e do álcool na realização de vários rituais, porém, de forma resignificada, em uma escolha deliberada entre as informações permitidas e outras descartadas.

Usarão o fumo apenas como esmeril do preconceito e também em substituição ao incenso rico na sementeira da Caridade entre as massas pobres, para que não esqueçam nunca que o expurgo das vibrações negativas dos ambientes em torno do homem e as honras nos altares, dispensam turbulos de ouro e processos suntuosos

<sup>332</sup> TERRIN, Aldo Natale. “O rito: definição e classificação” In. *Antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo, PAULUS, 2004. (introdução)

<sup>333</sup> GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: vozes, 1997, p. 85.

<sup>334</sup> Idem, ibidem. p. 98.

<sup>335</sup> YOKAANAM, Mestre. *Evangelho de Umbanda Eclética...* Op. cit. p. 78.

em busca de purificação! Em casos especiais de manejo das forças da Natureza na ação mágica e piedosa para atenuar os males e os desastres físicos e psíquicos oriundos dos desvios morais, das fases punitivas de retorno – usarão também o álcool somente para combater e imunizar os médiuns das moléstias contagiosas, em uso externo em lugar dos instrumentos e atavios do preceituário pomposo científico, no labor constante da caridade cristã. Assim, a bebida e o fumo, destarte, usados com absoluto e justo critério e prudência, servirão apenas como instrumentos científicos da ciência divina para também dispensar e substituir os hospitais terrenos, onde pobres não dispõem de recursos para tão custosas e aparatosa assistência técnica, pelo menos...<sup>336</sup>

O templo principal localizado na sede-matriz possui estatura mediana, suas acomodações comportam em média 400 a 500 assentos. As paredes são ornamentadas por quadros e gravuras de personagens tratados com distinção pelo grupo e ainda, espíritos e santos já consagrados pelo imaginário popular.

No altar, talhado em mármore, o destaque são as figuras de Jesus Cristo, São João Batista (patrono da cidade), Mestre Lanuh (mentor espiritual da Fraternidade) e Nossa Senhora da Conceição. A composição possui, ainda, uma cruz apoiada em uma base, figurando uma rocha e a seus pés, a Bíblia: *“a cruz sobre o mundo e forma de rocha significa a vitória do espírito sobre o holocausto, o esplendor triunfante de Deus e de Jesus sobre o homem, a carne e a matéria, figuradas na rocha.”*<sup>337</sup>

Ao início das sessões o templo é aberto ao público, trajado de forma adequada quanto às regras da comunidade e rigorosamente verificado. Os assistentes tomam seus lugares, homens à direita do corredor central e as mulheres à esquerda. Os médiuns adentram o recinto por portas laterais e após os cumprimentos (cruzam as mãos sobre o peito e separam-nas em direção ao altar) e do sinal da cruz, iniciam-se as consultas. A seguir forma-se um círculo no centro para o momento do incensório, em que o local é aromatizado por ervas conduzido por um minuto de silêncio e meditação, rompido pelo hino da Fraternidade tocado no alto falante.

No Céu, no Céu,  
Fulgente luz apareceu... (bis) Refrão  
Iluminando a Terra inteira do Senhor  
Com o Evangelho Seu! (bis)

O Archote de Deus, empunhando...  
A trombeta novamente ecoou;  
E, as Trevas do Mundo dissipando,  
Os rebanhos de Cristo unificou.  
(Repete: No Céu, no Céu... etc.)

Desfraldada, a Bandeira de Jesus,  
Eis a Obra de Paz Divinal!  
Salve a Fé e o Evangelho, salve a Cruz  
E a Doutrina do AMOR UNIVERSAL!  
(Repete: No Céu, no Céu... etc.).<sup>338</sup>

<sup>336</sup> Idem, ibidem. p. 87.

<sup>337</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo...* Op. cit. p.84.

<sup>338</sup> Site da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal. Disponível em: <http://www.fraternidadeecletica.org.br>. Acessado no dia 15 de outubro de 2009.

Após a abertura dos trabalhos é formado um túnel por onde passam as crianças menores de 14 anos, acompanhadas ou não pelos pais e tem-se finalmente início às consultas espirituais, os *passes*. Tanto os homens, como as mulheres adentram com os pés descalços no templo e não podem levar nenhum objeto metálico sobre seus corpos e ao final da consulta saem pelo corredor central.

O *passo* consiste em uma prática de profilaxia espiritual em que os guias, entidades sobrenaturais, encarnados nos médiuns, fazem sinais em torno do indivíduo atendido perguntando de seus problemas, seguido de orientações. As entidades ou guias são os caboclos e preto-velhos, elementos típicos da mitologia umbandista.<sup>339</sup>

Irmãos! Esse preto velho que estais aí sentado e também vereis como **CABOCLO** ou **ÍNDIO**, no centro do **CORAÇÃO**, do mundo, ao qual estão ligadas todas as figuras mais importantes, ou não, pelas quais passou e representou, reencarnado na erra, através dos inúmeros séculos, em diversos países, com diversos nomes, títulos, poderes, nacionalidades e identificações diferentes, é o mesmo espírito aí vestido com a roupagem-macacão fluídico adequado de preto velho ou de caboclo, para apagar todos os nomes, títulos e poderes do passado e humilhar seu **ORGULHO** e **PRECONCEITOS** hipócritas, que os fizeram **PERDER-SE** nas Trevas do mundo e menosprezadas da Terra... exclusivamente a serviço dos Comandos de Cristo.<sup>340</sup>

Os indivíduos que tiverem necessidades de assistência médica dirigem-se, após o *passo*, para o Hospital, onde são atendidos por médicos gratuitamente. A todos os visitantes e consulentes é recomendado o ritual da corrente branca universal, pois:

Todas as pessoas, indistintamente, pretendendo **ASSISTÊNCIA OU AJUDA ESPIRITUAL**, cura a distância para seus males físicos, por se encontrarem em lugares longínquos da Fraternidade Eclética, desejando conforto, proteção e alívio para suas dores e aflições íntimas, devem proceder da seguinte forma, independente de terceiros:

- Ao se recolher ao leito para dormir, preparar seu coração para orar, expurgando-o de todas as vibrações e sentimentos inferiores. É importante saber que é indispensável **O BOM ESTADO DO CORAÇÃO**, afastando ódios, vinganças, ambições ilícitas, antipatias, ciúmes, rancores, etc. Nesta disposição, fazer sua **PRECE** como melhor lhe parecer e de acordo com sua fé ou religião, contanto que seja sentida e sincera. É, sobretudo, pedir ingresso na "**CORRENTE BRANCA UNIVERSAL**" da **FRATERNIDADE ECLÉTICA**, dirigida espiritualmente pelo Venerável: Mestre: Yokaanam: durante a noite, para que possa merecer e receber os benefícios espirituais durante o sono;

- Se for o caso de tratar-se de enfermo, ou interessado por outra pessoa enferma, deve colocar à cabeceira da cama do necessitado, um copo com água pura e pedir que ali sejam depositados os fluídos benéficos e curadores necessários, segundo a vontade divina e os **MÉRITOS** do suplicante... Pois Jesus não curou tudo e a todos!...

- No dia seguinte, essa água deverá ser tomada em parcelas, em três ou quatro vezes. Se, porém, for para **DESCARGA** de vibrações negativas no ambiente ou pedido de "operação espiritual" de moléstia grave sem solução pela ciência oficial dos homens, deverá ser com água do Mar ou colocar uma colher de sopa com sal na água; e depois jogada fora, em água corrente pela manhã.

Esta corrente trabalha, incessantemente, enquanto dormem os suplicantes e necessitados em geral, a serviço incondicional do bem da humanidade.

<sup>339</sup>NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo...* Op. cit. p. 88.

<sup>340</sup>YOKAANAM, Mestre. *Evangelho de Umbanda Eclética...* Op. cit. p. 78. (grifos originais)

Não tem compromissos de ordem material com ninguém e dispensa qualquer interferência de terceiros que, porventura, possam encontrar oportunidade de quaisquer especulações ou simonia!

Age e trabalha em conjunto com as vibrações do Astral Superior e congrega mentalmente em cadeia todos os Grandes Iniciados Perfeitos da Índia, Palestina, Egito, etc. Não exige intermediários para os suplicantes. Basta que estes obedeçam às instruções dadas acima e que, por fim, estejam mentalmente em condições simpáticas, para que possam ter ingresso na **CORRENTE BRANCA UNIVERSAL** que vibra numa velocidade astronômica e repudia qualquer vibração negativa ou de propósitos inferiores e mundanos, por motivo lógico de despolarização magnética!...<sup>341</sup>

Os atendimentos e consultas são realizados de forma particular no salão e conforme a precisão, o paciente é encaminhado para um recinto mais tranquilo e discreto do templo. Cada caso é analisado e tratado de forma específica, assim, os aconselhamentos e receituários são recomendados após um prognóstico detalhado. As orientações vão desde simples banhos e orações a práticas mais demoradas, exigindo um maior comprometimento e devoção por parte do fiel.

Termo bastante corrente no panorama religioso nacional, o *médium* seria um intermediário entre os vivos e os mortos. De acordo com a doutrina trabalhada na Fraternidade, todos os indivíduos possuem essa capacidade de diálogo com o *plano espiritual*, em maior ou menor grau. Os obreiros, com uma atuação mais aguçada nesse sentido, ficam responsáveis pela mediação entre o sagrado e o profano, de forma a orientar todos aqueles que buscam algum tipo de consolo, não intervindo, porém, em assuntos de ordem financeira, afetiva ou de prejuízo a terceiros.

A categoria *plano espiritual* é fundamental para a compreensão do imaginário espírita e na atuação de suas práticas na religiosidade brasileira, uma tentativa de abordagem que nos orientará será dada por Bernardo Lewgoy.

A categoria "plano espiritual" é fundamental no espiritismo. Trata-se de um termo polissêmico, que designa o lugar onde habitam os espíritos e um conjunto de valores que orientam suas ações, simultaneamente um parâmetro de seu ethos e um projeto para o mundo.<sup>342</sup>

A mediunidade, segundo os preceitos difundidos por Allan Kardec e aceitos pelos fraternários, consiste em um dom recebido de Deus gratuitamente àqueles que seriam os intérpretes dos espíritos para a instrução dos homens, a fim de mostrar-lhes o caminho do bem e conduzi-los à fé.

O espiritismo não é propriedade de religião nenhuma, nem foi inventado pelo brilhante e sábio Mestre Allan Kardec. Pois, a **MEDIUNIDADE** é comum ao homem, desde os seus primeiros séculos e gerações e antes mesmo do nascimento da primeira religião no mundo.<sup>343</sup>

<sup>341</sup> Trecho extraído do folheto informativo fornecido aos visitantes da Cidade Eclética.

<sup>342</sup> LEGOY, Bernardo. "Chico Xavier e a cultura brasileira". *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, [online] São Paulo. 2001. V. 44. nº 01. Disponível em: <http://www.http://www.scielo.br/pdf/ra/v44n1/5341.pdf>. Acessado em 21 de maio de 2008.

<sup>343</sup> YOKAANAM, Mestre. *Evangelho de Umbanda Eclética...* Op. cit. p. 50. (grifo original)



As *entidades protetoras*, que seriam almas desencarnadas, intervêm com advertências e recomendações aos consulentes, que recebem *passes* magnéticos na forma de uma energia vibratória que atua no auxílio de perturbações de origem espiritual e na cura de doenças.

Toda cultura possui um mundo sobre-humano, povoado por seres sobre-humanos que, de maneira dinâmica e articulada, remete à dimensão social, econômica e política dos contextos históricos específicos, considerados nas várias formas de seu devir.<sup>344</sup>

A investigação pretendidamente racional de fatos que revelam a comunicação com o mundo dos mortos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação de dogmas sistematizados sob aspectos científicos, filosóficos e religiosos e que, no Brasil, se construiu a partir da atuação do médium Francisco Cândido Xavier.

Sua dimensão como santo, aliado a humildade e carisma de sua figura foram os grandes responsáveis pela síntese entre o Kardecismo e um catolicismo popular e tradicional. O resultado dessa postura, bem como o caráter nacionalista de suas obras, dará toda a especificidade da religião praticada e consagrada no país, principalmente a partir da década de 1940, permitindo uma maior capacidade de interação, bem como uma mudança no imaginário proposto originalmente pelo Kardecismo.

O ponto mais importante na consideração do lugar de Chico Xavier na cultura e na religiosidade do Brasil do século XX reside na peculiar combinação que este realiza, através de sua biografia, entre o espiritismo Kardecista com um catolicismo familiar e popular bastante tradicional. É o resultado desta síntese – posteriormente articulada a uma perspectiva mito-histórica e corporativa de nacionalidade – que definirá a face dominante do espiritismo kardecista no Brasil a partir da década de 1940.<sup>345</sup>

Yokaanam se colocou desde o princípio de suas pregações como continuador da obra de Kardec, assim, às práticas Kardecista é destinado um corpus específico, reelaborado no espaço ritual da cidade, em sessões particulares, com datas e horários estipulados por seu calendário litúrgico<sup>346</sup>.

<sup>344</sup> MASSENZIO, Marcello. *A História das Religiões na cultura moderna...* Op. cit. p. 118.

<sup>345</sup> LEGOY, Bernardo. *Chico Xavier e a cultura brasileira...* Op. cit. p. 62.

<sup>346</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de... Op. cit. p. 106. "Algumas festas são eventualmente organizadas no interior da comunidade, além daquelas previstas pelo calendário oficial de festas e feriados: o 01.01 – Dia da Paz e da Fraternidade Universais; o 01.05 – comemoração do Dia Universal do Trabalho; o 07.09 – comemoração do dia da Independência do Brasil; o 02.11 – homenagem aos mortos no dia de Finados; o 15.11 – comemoração do dia da proclamação da República do Brasil e o 25.12 – comemoração do dia de nascimento de Jesus Cristo. São seis as comemorações oficiais particulares à FEEU: o 23.02 – comemoração do dia do nascimento do Mestre Yokaanam; o 27.03 – comemoração do dia da fundação oficial da FEEU; o 21.04 – homenagem ao Mestre Yokaanam no dia de sua morte; o 13.05 – homenagem à Mãe-Preta Universal; o 24.06 – homenagem a São João Batista; o 04.11 – comemoração do dia da fundação oficial da Cidade Eclética. Além das festas civis e religiosas, os obreiros da fraternidade, incluindo-se os das filiais, reúnem-se na sede matriz da Cidade Eclética três vezes por ano para os seus encontros e estudos esotéricos – são 22 dias durante o mês de junho, 18 dias durante o mês de dezembro, mais o período esotérico da Semana Santa. Na Semana Santa, eles realizam a peregrinação ao Monte Tábor, na quinta-feira; na sexta-feira, realizam uma ceia simbólica no interior do templo com a distribuição de pão com um pedaço de peixe e uma tacinha de vinho a todos os participantes, e concluem a semana com uma missa eclética cristã, no domingo. São períodos movimentados na cidade, uma oportunidade de encontro e confraternização entre eles. Os que vêm de fora ficam hospedados tanto no albergue quanto em casa de obreiros amigos. Não há nenhuma forma de celebração ou festividade durante a época do carnaval.

A única diferença que notamos entre os médiuns Kardecistas e o médium de Umbanda visto pelos nossos olhos espirituais é somente que o primeiro recebe incorporações e trabalha sentando em volta das mesas ou em outros ambientes fechados, onde não se percebe o fenômeno; e o segundo, o de Umbanda Eclética Superior, recebe e trabalha de portas abertas, geralmente de pé, mas funciona em qualquer posição que seja necessária, ao objeto da caridade, deitado, em pé, sentado, acocorado, etc.<sup>347</sup>

Acerca das oficinas ecléticas, pouco se divulga, inclusive entre os próprios membros, somente alguns poucos eleitos possuem acesso aos segredos do culto. Apenas a circular interna de número 48, de 02/12/1968, publicada posteriormente no jornal *O Nosso* de janeiro de 1969, nos fornece “algumas informações fragmentárias e obscuras sobre as ciências que na Fraternidade se estudam.”<sup>348</sup> Segundo o boletim,

O tronco mater. de todos os mistérios sagrados, como remanescentes e portador da mensagem síntese de todos os santuários Iniciáticos desaparecidos, está localizado nas cavernas de Engadi, no mar morto, onde se instalou como legítima bandeira de Moisés e seus discípulos sob o comando espiritual de Essen. Nessa caverna, estiveram outros instrutores da História, João, o mergulhador do Jordão, e o maior Iniciado de todos os tempos, Jesus de Nazaré. O comandante espiritual Essen, teria tomado posse da Arca das Relíquias e Documentos Secretos de seu mestre Moisés, fundando a Academia Hermética dos Iniciados Perfeitos, também denominada Santuário Essênio do Mar Morto.<sup>349</sup>

De acordo com passagens do informativo, entre todos os líderes espirituais que tiveram acesso aos ensinamentos, por meio de revelações, apenas Yokaanam teria manifestado a coragem de repassá-los, “*transplantando-os para o Brasil, para as Américas e para o mundo*”<sup>350</sup>, criando o *Primeiro Santuário Essênio do Brasil e das Américas*, ou seja, a Cidade Iniciática dos Peregrinos da Eternidade ou Cidade Eclética.

Dedicam-se as reuniões à revelação dessa sabedoria, desenvolvida pelo messias e continuada por seus apóstolos, em posse da *Arca das Relíquias e dos Documentos Secretos*<sup>351</sup>, que lhes garantem o privilégio e o poder de a tudo conhecer, “*entre o passado, o presente e o futuro, não apenas nesse mundo, mas de toda a pluralidade de mundos existentes.*”<sup>352</sup>

Como parte de um mistério reservado a poucos, os ensinamentos ocultos, tornaram-se motivo de desconfiança entre o grupo, de inveja e de ostentação, levando, inclusive a

---

Eles consideram que não há nada a comemorar neste período. As atividades espirituais e até mesmos os ritos religiosos regulares ficam suspensos. Isto porque eles dizem que se trata de uma época em que as energias espirituais positivas estão muito baixas. No dia de comemoração do nascimento de Yokaanam, o Pantheon é aberto à visita e, à noite, os obreiros fazem uma corrente espiritual no interior do templo, com a participação de todos os médiuns, os quais em ritual simbólico dão-se as mãos.”

<sup>347</sup> YOKAANAM, Mestre. *Evangelho de Umbanda Eclética...* Op. cit. p. 127.

<sup>348</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo...* Op. cit. p.93.

<sup>349</sup> Idem, *Ibidem*. p. 93.

<sup>350</sup> Idem, *Ibidem*. p. 94.

<sup>351</sup> Idem, *ibidem*. p. 94. De acordo com Yokaanam, a Arca das Relíquias e os Documentos secretos simbolizam os ensinamentos deixados por Moisés à humanidade. Trata-se de uma sabedoria partilhada por poucos, devido à corrupção dos povos. Dentre os grupos dignos desse conhecimento, os antigos essênios teriam destaque, o messias, enquanto mestre da antiga seita seria, pois, um guardião desse segredo, repassado a alguns poucos eleitos na cidade iniciática.

<sup>352</sup> Idem, *ibidem*. p. 95.

desentendimentos e desistências. “*Minha mãe sempre sonhou em ingressar na iniciação, mas nunca conseguia e ficava frustrada, pois não entendia porque nunca fora selecionada.*”<sup>353</sup>

De acordo com as formulações do mestre, os mandamentos Ecléticos Universal estariam codificados segundo três grandes planos de ação.

1º Escolher as religiões mais dignas em espiritualidade apostólica, exemplificadas nas disciplinas de reforma e de esforço cotidiano.

2º Reunir as Religiões, tolerando-lhes apenas os rituais de excelência, característica fundamental e de responsável dignificação igualitária.

3º Expurga-lhes, pouco a pouco, todos os senões sectários e mercenários incompatíveis que, por falta de compreensão, discernimento, responsabilidade ou de pureza, deslustram, comprometem, desfiguram, profanam e separam as Religiões, entre si e perante os povos desiludidos com todas, por falta de exemplos dignos e edificantes, acima das palavras e discursos... E, por fim, restaurar-lhes todas as coisas, profanadas ou desvirtuadas, num certo eixo de gravidade universal, onde se estabelecerá um comando de conjunto pacífico e moral de todas as atividades sociais e religiosas no solo de uma gigantesca e belíssima CATEDRAL ECLÉTICA, que servirá de templo universal para todas as Religiões, exatamente como confirmou o que afirmou a 38 anos o irmão “Jacob” (pseudônimo de Fred Figner) no livro “Voltei”, psicografado por Chico Xavier no seu capítulo “No santuário Magnífico”.<sup>354</sup>

Na referida passagem faz-se referência à obra *Voltei* de Francisco Cândido Xavier, o qual psicografou o que lhe foi dito pelo espírito do irmão *Jacob*, que trata da construção de um templo grandioso a serviço das questões do espírito<sup>355</sup>.

Para atingir esse resultado, uma condição essencial, qual seja, independência e libertação das preocupações da vida material. Tal condição pode ser encontrada em uma espécie de comunidade que proporcionaria a cada membro os lazes indispensáveis a permitir sua ocupação proveitosa nos trabalhos essenciais, ao abrigo de importunos e curiosos. É uma reunião desse gênero, que tenciono consagrar ulteriormente a minha propriedade, que se tornaria, assim, o **PORT-ROYAL DO ESPIRITISMO**, mas sem caráter monástico. Tratar-se-ia de uma grande família, unida pelos laços da verdadeira Fraternidade e pela comunhão de crenças e princípios, sendo as relações mútuas determinadas em regulamento com preceitos acalçados sobre a prática rigorosa da abnegação, da caridade e da moral espírita.<sup>356</sup>

Não se trata, conforme declarado em ocasiões outras, de uma nova religião, uma vez que a doutrina eclética pretende a seleção daquilo que o messias e seus seguidores julgam o melhor de outras denominações religiosas já existentes, visando à reunião e à restauração do que é entendido como o verdadeiro cristianismo, preconizado assim, de acordo com a validação do grupo, por São João Batista e restaurado na figura de Yokaanam.

A Igreja Cristã Eclética adota a crença na reencarnação, além das outras liturgias: o batismo, a confirmação, a celebração do casamento e missa de ação de graças, além de assistência espiritual individualizada (...) incluindo-se a comunhão

<sup>353</sup> **Georgina Rosa da Silva** – 61 anos, ex-moradora da cidade. Entrevista realizada em novembro de 2010.

<sup>354</sup> YOKAANAM, Mestre. *Yokaanam fala à Posteridade...* Op. cit. p. 65.

<sup>355</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de... Op. cit. p. 110.

<sup>356</sup> YOKAANAM, Mestre. *Evangelho de Umbanda Eclética...* Op. cit. p. 71-72. A exemplo da passagem, o propósito de mestre Yokaanam guarda significativas semelhanças ao projeto por Alan Kardec também tencionado. O respectivo trecho se refere à tradução feita por Ivo de Magalhães, referente ao artigo de Allan Kardec, publicado na “Revue Spirit” de 1º de janeiro de 1907, nº 01, p. 09 a 11. (grifos originais)

simbólica, sempre celebrada por sacerdotes obreiros, formados e orientados segundo os ritos sacramentais da Igreja Cristã Eclética.<sup>357</sup>

Em relação ao contato com seres extraterrestres, relatado no periódico *O Nosso* entre os anos de 1966 e 1967, os membros não mais se referem, preferindo manter-se em silêncio ou justificando em termos espirituais a especificidade das criaturas mencionadas anteriormente em várias obras e entrevistas. Após muitas ressalvas e de forma breve, alguns prosélitos se pronunciaram sobre o assunto.

Por se definir enquanto uma obra eclético-religiosa o espaço imagético a abarcar a pluralidade de religiões, filosofias, credos e confianças fez-se instituir de forma abundante nas atividades esotéricas a erguer os princípios da Cidade Iniciática, como nos mostra o hino abaixo,

#### Hino de licença

Ao mestre São Jerônimo, Patrono Espiritual da Umbanda Eclética Superior

**Yokaanam**

Eu recebo ordens

De **BRAHMA** nas alturas... (bis)

Senhor do Universo

E de todas as criaturas!

O Mestre "Quatro Luas"

No "terreiro" está,

Com a **Virgem Maria**

E seu Pai **Oxalá**.

Ele quer paz, caridade, fé e amor (bis)

No Terreiro de **Ogum, Oxóci e Xangô...**

**Xangô!**...<sup>358</sup>

Yokaanam compilou e publicou um vasto material em vida, onde estariam codificados todos os ensinamentos da doutrina eclética. Conforme a antropóloga Gláucia Buratto de Mello, é na obra *O Cristianismo reúne, não divide!* que o mestre revela efetivamente sua predestinação tomando enquanto marco o momento de seu nascimento.

Yokaanam nasceu no dia 23 de 1911, às 03:40 horas da manhã, portanto sob os auspícios de um Tema Búdico, no dizer dos Iniciados Templários do Oriente. E, inevitavelmente, com os homens, sem os homens e apesar dos homens, o seu Tema Kabalístico Astrológico revela a quem quer que tenha qualquer noção de Ciências Herméticas de verdade, e não apenas de livraria ou por correspondência.<sup>359</sup>

Na qualidade de enviado de divino, mestre Yokaanam se atribuía a difícil tarefa de impulsionar a humanidade a um bom caminho, revitalizando valores e os preparando para os acontecimentos futuros. Uma tarefa árdua e marcada por momentos de fraqueza e desânimo.

<sup>357</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de... Op. cit. p. 112.

<sup>358</sup> YOKAANAM, Mestre. Evangelho de Umbanda Eclética... Op. cit. p. 378. (grifo original.) Percebemos coexistir na passagem acima referências de distintas tradições: cristão, africana e hinduísta, revelando o clamor ao ecletismo tão enfático nos discursos proferidos pelos fraternários.

<sup>359</sup> Idem, *Ibidem*. p. 34.

Em 1946, depois de uma existência extraoficial e forçosa de alguns anos, fundei, afinal, a Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, oficialmente, de certo modo contra minha vontade (...) sempre fui medularmente contrário à facilidade fragmentária com que os homens se arvoram e se improvisam de modo abusivo como chefes e fundadores de qualquer coisa, sem acervo missionário espiritual, sem moral, sem competência, sem conhecimento para dirigir e sem cultura, incapazes para dignificar e defender a causa.<sup>360</sup>

Quanto às prédicas escatológicas, que definiam a Fraternidade Eclética enquanto um caso milenarista, encontra-se na base de fundação da doutrina, constituindo enquanto um suporte significativo em seu imaginário. De acordo com a edição número 139, do ano XIII<sup>361</sup> do periódico *O Nosso*, complementada por edições posteriores e fartamente exposta em passagens doutrinadoras e em pesquisas anteriores<sup>362</sup>, a anunciação de uma tragédia de proporções mundiais foi anunciada por entidades protetoras da comunidade.

A partir do próximo ano, 1954, meus irmãos verão o começo das tremendas tribulações e seleção que virão inexoravelmente chamar a Humanidade ao cumprimento à risca de seus deveres morais desprezados, porque não acreditam em pedido ou ajuste de contas. Quem não estiver preparado, procure seu lugar como bem quiser, porque o Divino Mestre, cansado de chamar, inutilmente, os homens ao cumprimento das leis divinas que dizem aceitar, resolveu agora entregar ao Grande e Poderoso Michael e seus exércitos de justiça divina, o cumprimento de tudo aquilo que a humanidade até agora tem se recusado a cumprir à luz das leis eternas, uma vez falhados os apelos ao coração e os processos de carinho e amor fraternos, exemplificados pelos seus delegados.<sup>363</sup>

O anunciado presságio referia-se a aproximação de um planeta de dimensões muito superiores a Terra, chamado *Bóhan*. Na década de 1970, a crença dos fraternos já aceitava o flagelo como uma consequência certa, próxima e em ritmo constante. Sua aproximação traria alterações ao eixo da Terra, contribuindo para desastres físicos e naturais, culminado com um novo dilúvio. Em sua passagem, o sol negro<sup>364</sup> se chocaria com o planeta Plutão e os destroços do encontro atingiriam a Terra provocando a morte de milhares de pessoas.

Os sobreviventes, designados como eleitos, iniciariam uma fase de amor fraterno e comunhão, já em curso desde a transição do Ciclo de Peixes para a Era de Aquário.

O *Bóhan* é o novo planeta criado pelos espíritos para punir os homens esquecidos dos preceitos de Cristo. É um planeta primitivo, atrasado e lá ainda verdadeiros monstros. Todos aqueles que estiverem na mesma condição espiritual do *Bóhan* serão atraídos e vão fazer ali, através do sofrimento, o que tinham de fazer aqui. No entanto, os expulsos da Terra não viveram eternamente condenados ao sofrimento.

<sup>360</sup> YOKAANAM, Mestre. *Yokaanam fala à posteridade...* Op. cit. p. 45-46.

<sup>361</sup> A contagem dos anos se dá a partir da fundação da Fraternidade Eclética no Planalto Central, ou seja, a partir do ano de 1946.

<sup>362</sup> A saber: o sociólogo Lísias Nogueira Negrão, a antropóloga Eurípides da Cunha Dias, a também antropóloga Gláucia de Melo Buratto e o professor Juraci das Rocha Cipriano.

<sup>363</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de... Op. cit. p. 137. A autoria, em posse das declarações acerca de *Bóhan*, encaminhou as previsões a um astrônomo a fim de verificar não apenas sua veracidade, mas a sua possibilidade de concretização, o que não foi legitimado pelo cientista Fernando Vieira, da Fundação Planetário do Rio de Janeiro. Quanto a era de Aquário, que para os fraternários estaria em curso desde o dia 10 de março de 1962, o mesmo profissional diz que essa deverá acontecer a partir do ano de 2597, não encontrando, portanto, respaldo por parte dos estudos astrológicos.

<sup>364</sup> O planeta *Bóhan* também era referido pelos prosélitos como sol negro, devido à escuridão que se abateria sob a Terra após sua passagem.

Terão um dia a oportunidade para se redimirem. Mas isto se fará também através da dor, que será o caminho para a salvação nessa dor haverá o grito de desespero e nesse grito de desespero há a dilatação da alma.<sup>365</sup>

Favorecida pela sua geografia, na porção centralizada do continente, a Cidade dos Peregrinos se eximiria do fim, sua altitude permitiria uma posição privilegiada acima das águas.

As ilhas da bacia do mediterrâneo estão submergindo repentinamente... haja visto o que aconteceu com a Holanda, que foi apenas um aviso... Á Ásia, a Oceania, a Austrália, o Canadá e a América do norte estão condenadas a sofrer terrível demolição de lado a lado. De forma que sobreviverá – sofrendo menos – a América do sul, onde, através dessa joieira imensa, vão ficar uns poucos em grupo aqui e acolá.<sup>366</sup>

No dia 27 de março do ano de 1960, à zero hora, noticiou *O Nosso* a entrada de Bóhan no sistema solar, colocando em ação a sua tarefa de seleção da humanidade.

Em virtude das cerimônias especiais extraordinárias ocorridas no Templo Universal da Sede-Matriz-Principal da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, por motivo de transição de Ciclo Espiritual de nosso planeta, do dia 3 a 27 de março, com a entrada do Bohán – o sol negro – na nossa órbita neste dia à zero hora, compareceram os seguintes Irmãos Obreiros Ecléticos Fraternários oriundos das Sucursais e Regionais dos Estados.<sup>367</sup>

Passados os anos e a não concretização da profecia, a catástrofe foi por inúmeras vezes adiada até que o assunto por completo desapareceu. Quando perguntados acerca do sol negro, alguns poucos prosélitos justificam o não ocorrido alegando uma falsa interpretação por parte de pessoas alheias ao grupo, movidas por curiosidade e jocosidade, uma distorção da sabedoria de Yokaanam.

Diferentemente das variantes apocalípticas que sustentavam a doutrina nos primeiros anos, os fraternários, lentamente, aderem à confiança de uma renovação marcada por sucessivas etapas evolutivas, decorrente de um momento de ruptura<sup>368</sup> e que encontrarão no planeta Terra o local de reconhecimento de suas falhas e a oportunidade de regeneração, na esperança de implantação de um paraíso habitado por uma civilização evoluída e apoiada nos ensinamentos dos antigos essênios.

Atualmente os essênios já estão se disseminando outra vez na Terra, a fim de organizar elevada confraria de disciplina esotérica em operosa atividade no mundo profano, para revivência o Cristianismo nas suas bases milenares.<sup>369</sup>

---

<sup>365</sup> DIAS, Eurípides da Cunha... Op. cit. p. 46.

<sup>366</sup> YOKAANAM, Mestre. *O Cristianismo reúne e não divide!* ... Op. cit. p. 139.

<sup>367</sup> Jornal *O Nosso* Brasília, Ano 24, Edição de março de 1970.

<sup>368</sup> Diferente dos momentos iniciais, onde se creditava o fim do planeta a uma intervenção divina, essa ruptura seria decorrente da própria manipulação do homem no seu espaço de atuação, como uma catástrofe natural, ou uma doença letal, um vírus, a corrupção proveniente do uso excessivo de drogas, ou da prática de sexo ou mesmo um conflito de proporções mundiais.

<sup>369</sup> Jornal *O Nosso*, Brasília, Ano 50, Edição de junho de 1996.

Ao invés de alienante, a religiosidade instaurada na comunidade introduz um caráter dinamizador e ativo de seus integrantes, oferecendo respostas às problemáticas da alma e do corpo, fazendo renascer a crença na igualdade dos homens e um profundo sentimento de justiça divina, de fraternidade e espiritualidade.

### Um espaço de distintas feições

Enquanto narrativa de um tempo pretérito, a prática historiográfica veste-se de infinitas roupagens, determinações que oscilam conforme a predisposição do tempo e do espaço. Ao historiador cabe à tarefa de decidir, de acordo com o material selecionado e o método utilizado, quais caminhos destacam-se como relevantes em sua empreitada cognitiva, ligando os vestígios do passado à trama por ele criada. Uma tarefa mediada pelo detalhe, pelo sensível, o dito e o não dito, imagens explícitas e indícios soterrados, silêncios e pausas que se transformam em trajetos, pois, “*se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas, sinais, indícios, que permitem decifrá-la.*”<sup>370</sup>

Nesse exercício, as fontes proporcionam o limite entre a construção da escrita e sua relação com o possível, o plausível e os sentidos em aberto para outros tantos caminhos. Um conhecimento que se destitui de unicidade, mas que é carregado de escolhas que necessariamente pressupõem a predileção por determinados aspectos em detrimentos de outros, lacunas em aberto em um estado infinito de reflexão; assim, de acordo com Michel de Certeau, a narrativa, como a escrita da história,

tem uma função simbolizadora, permite a uma sociedade situar-se, dando-lhe na linguagem um passado e abrindo um espaço próprio para o presente: marcar um passado é dar lugar à morte, mas também redistribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que está por fazer e, conseqüentemente, utilizar a narratividade que enterra os mortos como meio de estabelecer um lugar para os vivos.<sup>371</sup>

Sendo o passado um espaço temporal morto e impenetrável, o que temos dele são vestígios sob a forma de *representações*. De posse desses apontamentos, cabe ao historiador analisá-los e dar-lhes uma interpretação criativa, compondo sua própria versão.

Ao longo de mais de meio século de existência a Fraternidade Eclética tornou-se alvo de disputas e configurações, por vezes dessemelhantes, e que acabaram por criar um lugar para a cidade; mediado por distintos olhares, convergente e divergente. Representações que resultaram na adoção de práticas também distintas, que consubstanciaram uma configuração imagética plural e dinâmica.

Inúmeros foram os textos e contextos em que a Cidade dos Peregrinos viu-se como enredo privilegiado. Percorrer as representações que a referenciam enquanto objeto de análise e

<sup>370</sup> GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” In: Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 199 Sinais, raízes de um paradigma indiciário. p. 177.

<sup>371</sup> CERTEAU, Michel De. *A Escrita da História...* Op. cit. p. 107.

discussão tornou-se possível frente a um copioso acervo documental, disponibilizado pelos adeptos e ex-adeptos, obreiros internos e externos; pela mídia, em suas variáveis facetas e igualmente por pesquisadores, advindos de campos outros de conhecimento e que, assim como nós, posicionados enquanto “*contrabandistas dos saberes*”<sup>372</sup> almejam a um fazer interdisciplinar. Essas relações dialógicas apenas nos mostram alguns, dentre tantos, percursos possíveis e aqui singelamente percorridos.

### Fontes Acadêmicas

Gentil colaborador e interlocutor valioso nessa jornada de conhecimento e análise da configuração sociocultural instaurada na Fraternidade Eclética, o professor e doutor Lísias Nogueira Negrão, ainda na década de 1970, voltou sua atenção para a comunidade, com o intuito de compreender as transformações ocorridas no imaginário religioso brasileiro e em especial nos grandes conglomerados urbanos. Negrão<sup>373</sup>, em sua pesquisa sobre a Cidade Eclética, analisou enquanto um fenômeno social, um movimento messiânico urbano e teve a oportunidade de entrevistar mestre Yokaanam e muitos dos primeiros adeptos. Como excelente trabalho de pesquisa, nos fornece importantes dados estatísticos, históricos e biográficos, os quais nos permitiram acompanhar o desenvolvimento do grupo ao longo das décadas precedentes.

A pesquisa de Negrão, defendida na Universidade de São Paulo no ano de 1977, tornou-se a primeira investigação etnográfica acerca da Fraternidade Eclética e teve como orientador, a professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, referência no estudo dos casos messiânicos e milenaristas no Brasil e no mundo.

O autor desenvolveu seu trabalho ao longo de vinte visitas e posteriormente com o auxílio de um informante ligado à cidade, já que após a década de 1970 novas incursões foram negadas pelo messias. O interesse veio da peculiaridade do movimento, nascido em um ambiente urbano e industrial, em relação aos congêneres famosos, relacionados à ambiência rural. Sua tese tentou provar que a origem do grupo messiânico liderado por mestre Yokaanam tornou-se possível, em decorrência da mudança social na sociedade guanabarina da época.

Em sua abordagem, realizada por meio de entrevistas e consultas às fontes jornalísticas e revistas noticiadas na época, fez uma descrição da instituição, desde sua fundação, em território carioca, com ênfase em um minucioso histórico do fraternários. O pesquisador se ocupou da procedência dos primeiros prosélitos, dos territórios de origem e influência dessas relações interioranas na proposta e composição dos princípios tomados como base na liturgia da instituição. Abordou os aspectos físicos e demográficos, os recursos econômicos e a organização do trabalho, da família e da socialização.

---

<sup>372</sup> Cf. MORIN, Edgar. “Edgard Morin, contrabandista de saberes”. In: Guita Pessis-Pasternak. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

<sup>373</sup> Sua pesquisa de campo foi realizada no ano de 1966 e 1967, complementada por informações adicionais, ainda que o retorno à comunidade tenha lhe sido negado. Em 1973, Negrão defendeu a sua tese de doutorado, apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da FFLCH da USP, reproduzida posteriormente na primeira parte do livro *O Messianismo no Brasil Contemporâneo*, em parceria com Josildeth Consorte, e publicado em 1984, onde me foi gentilmente cedido um volume do exemplar pelo autor no ano de 2007.



O aspecto religioso igualmente surgiu como relevante em seus questionamentos, se propondo a analisar as variantes espíritas da doutrina eclética, tanto Kardecista, como umbandista. A religiosidade e seu aspecto messiânico foram visto pelo autor exercendo uma função social e de integração de indivíduos provenientes de regiões mais tradicionais do país ao estilo de vida das grandes e médias cidades.

Acreditamos, conforme afirma Maria Isaura Pereira de Queiroz, que os movimentos messiânicos sejam incompatíveis com a ordem urbano-industrial típica; este não é, porém, o caso da sociedade brasileira. Movimentos espíritas, que consideramos um tipo transformado de messianismo, continuarão a se desenvolver em meio urbano. Mas poderão também surgir movimentos tipicamente messiânicos, de rejeição ao meio urbano, com base religiosa espírita ou não, porém sempre apresentando alguma complexidade em termos culturais, em decorrência da fusão entre elementos tidos como tradicionais, e elementos tidos como modernos, como o caso da Fraternidade Eclética.<sup>374</sup>

Em suas considerações finais, Negrão conferiu à comunidade a definição de um caso messiânico urbano com características revolucionárias, pela rejeição que os levou ao isolamento da sociedade, mas, igualmente, conservador, pois o próprio isolamento e as práticas que sustentam o grupo e fortalece a doutrina fundamentam-se em valores ditos tradicionais, e por fim, confirmando que todo esse arranjo sócio-religioso tornou-se possível, em decorrência das mudanças da sociedade brasileira das décadas de 1950 e 1960.

O movimento messiânico de Yokaanam não difere em sua espécie dos outros movimentos messiânicos, pois as condições apontadas por Pereira de Queiroz, como necessárias a eclosão destes movimentos, isto é, a existência de princípios estruturais tradicionais e a ocorrência de uma crise estrutural ou organizatória, estão presentes no caso em estudo.<sup>375</sup>

Outra contribuição promissora em nossa investigação refere-se à dissertação da professora Eurípidas da Cunha<sup>376</sup>, defendida no Museu Nacional, sob a orientação do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira. Dias, assim como as análises precedentes, visto que já havia sido assim classificado tanto por Maria Isaura Pereira de Queiroz e Lísias Nogueira Negrão, quanto noticiado pela imprensa, tomou o caso enquanto um messianismo contemporâneo.

O objetivo principal do trabalho foi *“reconstruir a origem e o desenvolvimento deste processo na tentativa de encontrar nas respectivas fases, as características do fenômeno messiânico e aprender a organização social que opera na comunidade sede.”*<sup>377</sup> A autora propôs uma reflexão acerca da noção de messianismo inserido no âmbito da antropologia e prosseguiu mostrando a

<sup>374</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo...* Op. cit. p. 292.

<sup>375</sup> Idem, *ibidem*. p. 180

<sup>376</sup> Sua pesquisa de campo foi realizada nos períodos de fevereiro/março de 1972 e maio/junho de 1973. Em 1974 Eurípidas Dias defendeu sua dissertação de mestrado, apresentada ao Departamento de Antropologia do PPGAS do MN/UFRJ. Também me foi cedido, gentilmente, um exemplar do qual foi possível reproduzir uma cópia.

<sup>377</sup> DIAS, Eurípidas da Cunha... Op. cit. p. 06

importância do conceito de carisma, tomado como parâmetro na distinção entre os termos messiânico e milenarista.

A essência do milenarismo é a certeza de que uma nova ordem será instalada por atuação de forças sobrenaturais enquanto que no messianismo essas forças são personificadas no líder. Espera-se a vinda do messias ou profeta cuja missão é a de instalar a nova ordem.<sup>378</sup>

Dias inovou em relação ao trabalho de Negrão ao introduzir o conceito de identidade, apoiada nas considerações da teoria interacionista de Conh<sup>379</sup>.

Seu exame voltou-se para o conjunto de práticas legítimas e próprias ao grupo, que por sua vez, contribuíram para a definição de uma nova ordem, com regras, condutas, normas e costumes responsáveis por conferir uma identidade cara aos membros da comunidade e que se posicionavam de forma satisfatória e consciente, em um esforço contínuo de reforçar essa distinção.

A metodologia se processou por meio de questionários dirigidos, aplicados aos internos e entrevistas abertas, com um número pequeno de pessoas, além da observação direta de atividades e cerimônias religiosas, tudo registrado em um diário de campo; além do acesso a textos e uma vasta documentação compilada pelo messias, recortes de jornais, estatutos e regimentos, álbuns de fotografia e dados estatísticos.

O terceiro estudo ao qual tivemos contato foi realizado pela também antropóloga Glaucia Buratto Rodrigues de Melo<sup>380</sup>, intitulada *Cristãos Ecléticos e a Nova Jerusalém no Planalto Goiano*. A tese, mais recente em termos temporais, foi defendida na Université de Grenoble II. Entre as preocupações de Buratto,

O desafio era alcançar três tipos de leitores bem distintos, atendendo assim interesses igualmente diferentes: que esta obra represente uma contribuição etnográfica para os estudos sobre os milenarismos brasileiros; que a sua leitura seja agradável ao leitor médio, interessado em literatura esotérica e em estilos alternativos de vida; e, finalmente, para os irmãos da fraternidade estudada, para que o conhecimento sobre o seu estilo de vida, a coerência interna que lhes estrutura e sobre as suas crenças contribuam para que eles sejam melhor entendidos e respeitados por toda a sociedade brasileira.<sup>381</sup>

A autora ressalta o problema, já verificado antes, acerca da inconsistência dos dados e informações, culminando, por vezes, em uma diversidade de pontos de vista. O intuito principal, no entanto, se deu na tentativa de investigar a mobilidade ou a dinâmica do grupo e as características da mentalidade eclética pelos adeptos.

<sup>378</sup> Idem, ibidem. p.09.

<sup>379</sup> A esse respeito ver obra de COHN, Gabriel. *Sociologia da comunicação: teoria e ideologia*. São Paulo, Pioneira, 1973.

<sup>380</sup> Sua pesquisa de campo foi realizada nos meses de fevereiro e março de 1998 e por mais duas ocasiões no mês de julho de 2000 e finalizada em março de 2002. A primeira versão foi completada em 2003, posteriormente revisada nos anos de 2003, 2004, 2006 e 2008. A pesquisa contou com auxílio financeiro da CAPES, concedendo uma bolsa de doutoramento à autora, entre os períodos de setembro/97 a setembro/99 e, para fins de pesquisa etnográfica. A tese foi defendida junto à Université de Grenoble II, em Grenoble, na França e encontra-se disponível no site da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal. <http://www.yokaanam.kit.net/yokaanam.htm>.

<sup>381</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de... Op. cit. p. 11.

Em relação de complementaridade com as fontes acadêmicas anteriores, as quais, por vezes, “*superestimaram os aspectos sociais, econômicos, históricos e políticos*”<sup>382</sup>, Buratto voltou-se para os aspectos esotéricos e exotéricos da doutrina, definindo-a, igualmente, enquanto um caso messiânico-milenarista.

A tarefa desenvolveu-se basicamente de forma a intercalar teoria e empiria, privilegiando desde aspectos relacionados à fundação da cidade, passando pela figura carismática de mestre Yokaanam, até a própria estrutura organizacional da pequena urbe, uma apresentação detalhada dos espaços, em um retrato de como se processaram as principais transformações ao longo dos anos, a partir da perspectiva da autora, chegando ao século XXI.

Perscrutando a pesquisa da antropóloga Gláucia de Mello e os outros autores por nós aqui tomados enquanto importantes fontes de análises, encontramos um quadro interessante de comparação, a fim de enxergarmos, na ótica dos autores, advindos de campos interdisciplinares adjacentes ao nosso, as principais alterações no movimento.

Por último, e não menos importante, a dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Católica de Goiânia, o professor Juraci das Rocha Cipriano assumiu como finalidade em seu labor verificar se a classificação messiânica adjetivada ao agrupamento permanece como coerente após a morte do líder. A dissertação procurou dar uma visão histórica do grupo, tomando como fonte as teses do professor Lísias Nogueira Negrão e do professor Sérgio de Araújo<sup>383</sup> e a dissertação da professora Eurípedes Dias da Cunha, além do jornal *O Nosso* e das pesquisas de campo, realizadas por meio de observação sistemática.

A partir dos conceitos de *carisma* e *rotinização*, Cipriano construiu seu argumento a fim de provar que, privilegiando em seu diálogo a teoria weberiana, o movimento de Yokaanam não poderia ser classificado hoje como messiânico, pela ausência de alguns elementos fundamentais característicos desses arranjos socioculturais, como a presença de um líder tido como um enviado divino e a espera do milênio; contudo, como o carisma do fundador poderia estar latente no âmago da experiência partilhada entre os membros e na esperança de alguns fraternários, nada impediria que em uma ocasião de crise ou conflito maior esta liderança ressurgisse; ou na personificação de um adepto ou em outro indivíduo reconhecido e autenticado pelos demais como reencarnação do messias.

Da mesma forma que um dia irrompeu em meio a estas pessoas o carisma de um líder, quem poderia afirmar que não existisse esta possibilidade ainda hoje. Weber não estaria tão seguro em afirmar que um carisma possa extinguir-se, pois a força que ele deu ao conceito foi tão notável que seria mais fácil afirmar que o quadro administrativo burocrático hoje mantém o poder carismático de aglutinação do grupo em estado latente, a qualquer momento poderia entrar em ebulição, bastaria que para isso alguém de dentro ou de fora da Cidade Eclética fosse reconhecido com reencarnação de Yokaanam, e a dissertação mostrou como este conceito, pilar das

<sup>382</sup> Idem, *ibidem*. p. 11.

<sup>383</sup> ARAÚJO, Sérgio de. *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal: um caso Messiânico?* Roma (Itália), tese de doutoramento, datilografado, 1977. Infelizmente não tivemos acesso à obra de Sérgio Araújo, mas, por intermédio da dissertação de mestrado de Juraci das Rocha Cipriano, orientando do professor e doutor Araújo, tivemos acesso a várias passagens importantes.

religiões mediúnicas, é a crença basilar dos Fraternários. Só o tempo poderá dar uma resposta segura.<sup>384</sup>

Destarte, os trabalhos de Juraci das Rocha e da professora Gláucia de Mello, possuem avaliações distintas quanto à possibilidade de uma nova liderança a conduzir novamente os *crístãos ecléticos*<sup>385</sup>. Ao contrário de Cipriano, Buratto acredita que a Fraternidade parece estar abandonando a forma de milenarismo que esteve em sua origem.

...os obreiros ecléticos vêm paulatinamente adotando, com a esperança relativa à chegada de uma nova era de espiritualidade e de amor fraterno e universal, orientada pela concepção cíclica do tempo, que prevê o fim de um ciclo, ao mesmo tempo em que concebe o início de um novo ciclo de vida, na Terra, sem a intervenção de um messias e sem a concorrência de um Julgamento Final.<sup>386</sup>

Percebemos, ao longo de nossa investigação, uma relação de complementaridade entre os autores, que também enxergaram na Cidade dos Peregrinos um reduto plural e instigante. Leituras convergentes e, por vezes, divergentes, que nos auxiliaram nessa tarefa de vislumbamento, ainda que em diminuto, daquela que se tornou o entusiasmo maior de nosso interesse.

No entanto, em nossa leitura das obras acima citadas, não visualizamos um campo de desarmonia entre os fraternários. As relações surgem, sob a ótica dos autores mencionados, de forma harmoniosa e longe das querelas e disputas cotidianas. Apenas em espaços momentos, as dissidências tornam-se visíveis, principalmente na antiga sede, na Avenida Getúlio Vargas.

O maior acusador de Yokaanam foi Manuel Correia da Cunha, ex-iniciado do 5º grau que tivera o pseudônimo de Ptolomeu, comerciante, até então médium eminente da Fraternidade, responsável por bem sucedidas operações astrais que o tornaram prestigiosos no mundo espírita guanabarrino, além de tesoureiro da Fraternidade, encarregado da Campanha pró-sede própria.<sup>387</sup>

No entanto, é no dia-a-dia, que homens e mulheres, velhos e crianças, deixam-se melhor visualizar, transparecer seus desejos e contendas, satisfação e dissabores, parcimônia e querelas. Os indivíduos, sejam eles religiosos ou não, não absorvem passivamente as mensagens veiculadas pelos distintos canais e portas vozes, em uma prática uniforme e conformista sujeitas às imposições sociais. Isto é, no consumo dos bens culturais e materiais, existem sobreposições imprevisíveis, incontrolláveis e modificadoras de pretensões previstas na origem, no planejamento e na idealização dos projetos.

Mas onde o aparelho científico (o nosso) é levado a partilhar a ilusão dos poderes de que é necessariamente solidário, isto é, a supor as multidões transformadas pelas conquistas e as vitórias de uma produção expansionista, é sempre bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas.<sup>388</sup>

<sup>384</sup> CIPRIANO, Juraci das Rocha. Op. cit. p. 92.

<sup>385</sup> Cf. MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de... Op. cit.

<sup>386</sup> Idem, ibidem. p. 179.

<sup>387</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo...* Op. cit. p. 89.

<sup>388</sup> CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano...* Op. cit. p. 273.

## Fontes Impressas

O jornalismo na sociedade contemporânea se apresenta como um veículo organizador de opinião, como um construto de visões acerca do real. *Vários autores têm procurado demonstrar como os meios de comunicação de massa ocupam um lugar privilegiado como formadores e armazenadores da memória social.*<sup>389</sup> Neste sentido, os jornais poderiam ser pensados como *lugares de memória*.

Para Michel Pollak<sup>390</sup>, a construção da memória é um processo relacionado à formação das identidades, ambas avaliadas dentro de fluxos comunicacionais, como uma tessitura permanente realizada pelos sujeitos e instituições que constituem as redes de interação social. Nesse recompor diariamente organizado e reorganizado, as possibilidades apresentam-se de forma fronteira e móvel em um constante intercâmbio entre indivíduo e sociedade.

Nesse exercício, a mídia ocupa um papel fundamental, pois não apenas serve como cristizador de uma memória, mas apresenta-se enquanto espaço onde se percebe as dimensões do vivido, que se manifesta a partir de sua forma e de seu conteúdo, seja por meio dos textos, das crônicas ou das imagens, que serão apropriadas e reapropriadas por meio das estratégias anunciativas.

Assim, tomamos o lugar da recepção como um ambiente autônomo, local de negociação, ação e de atribuição de significados. Segundo Michel De Certeau, é o leitor que confere sentido a sua prática, visto que toda leitura modifica a escrita, “*destaca-os de sua origem.*”<sup>391</sup>

Pensamos a noção de *apropriação* a partir das formulações de Roger Chartier, tomadas de empréstimo de Michel De Certeau, para definir o consumo cultural como uma operação de produção que, embora não fabriquem nenhum objeto, assinala a sua presença a partir das maneiras de utilizar os produtos que lhes são impostos, ou seja, um contraponto às operações que visam apenas discipliná-lo e regulamentá-lo.

A apropriação, tal como a entendemos, visa a elaboração de uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que os constroem. Prestar, assim, atenção às condições e aos processos que muito concretamente são portadores das operações de produção de sentido, significa reconhecer, em oposição à antiga história intelectual, que nem as ideias nem as interpretações são desencarnadas, e que, contrariamente ao que colocam os pensamentos universalizantes, as categorias dadas como invariantes, sejam elas fenomenológicas ou filosóficas, devem ser pensadas em função da descontinuidade das trajetórias históricas.<sup>392</sup>

<sup>389</sup> TAVARES, Cristiane e ENNE, Ana Lúcia. “Memória, Identidade e Discurso midiático: Uma revisão bibliográfica.” *Núcleo de Estudos e Pesquisas do curso de Comunicação Social da UCB*. O trecho foi extraído do artigo disponível em: [www.castelobranco.br/sistema/novo enfoque/files/01/memoria2.doc](http://www.castelobranco.br/sistema/novo enfoque/files/01/memoria2.doc). Acessado no dia 13 de julho de 2011. Ana Lúcia é Jornalista formada pela PUC/RJ, Mestre e Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Castelo Branco e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Polifonia; e Cristiane Tavares é aluna do 7º período de Jornalismo do curso de Comunicação Social da UCB e bolsista de iniciação científica pela mesma universidade.

<sup>390</sup> POLLAK, Michael. “Memória e Identidade social”. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acessado em 17 de março de 2010, p. 08. In: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acessado em: 20 de maio de 2008.

<sup>391</sup> CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano...* Op. cit. 264-265.

<sup>392</sup> CHARTIER, Roger. “Cultura popular: revisitando um velho conceito historiográfico” In: *Revista Estudos Históricas*. Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, p. 184.

Devemos observar que os responsáveis pela elaboração das mensagens e imagens não o fazem de forma fechada e padronizada que serão decodificadas de maneira uniforme por todos os receptores, nem que tais enunciados não se ancorem em pressupostos comuns, capazes de conduzir a variadas interpretações. No entanto, é a partir das situações dialógicas que os debates são construídos e as identidades sociais forjadas.

Os discursos veiculados pela mídia foram responsáveis pela elaboração de um universo mental que consubstanciou a formação de um imaginário que traduziu e guiou a comunidade. As fontes impressas, em especial as que circularam no final da década de 1940 e transcurso dos anos de 1960, em que a Fraternidade Espiritualista ganhou vultuosidade e destaque no cenário religioso nacional, período, ainda, em que o messias esteve à frente da doutrina eclética, apresentam-se em número considerável e seriam responsáveis pela tessitura das imagens, que são, igualmente, representações.

A exemplo de periódicos como a Revista *O Cruzeiro* e *A Cigarra* e jornais como o *Diário da Noite*, *Correio da Noite* e *Jornal diário de São Paulo*, além de outros, atraíram a atenção de profissionais interessados em noticiar a singularidade sócio-religiosa que ganhava corpo em fins de 1940.

A mídia eletrônica, de forma mais modesta, não se posicionou com indiferença em relação às práticas que por lá circularam e ao impacto das jornadas apostólicas pela Guanabara de tempos idos.

Essas peregrinações tinham a finalidade de levar um pouco de conforto a todos os necessitados, além de roupas, remédios e brinquedos. Terminava habitualmente no dia 25 de dezembro quando chegava de regresso à Sede-Matriz.<sup>393</sup>

O destaque voltou-se para os registros realizados nos primórdios do movimento, ocasião em que houve um maior interesse diante da novidade e peculiaridade em relação à proposta dos primeiros prosélitos, com ênfase para a figuração do personagem de maior impacto e interesse aos olhos da imprensa naquele momento, mestre Yokaanam, ganhando notoriedade para além do espaço de sua ação missionária.

Um dos primeiros nomes que se empenharam em descrever o grupo e sua atuação, ainda no Rio de Janeiro, são dos jornalistas David Nasser e Jean Manzon, da revista *O Cruzeiro*, responsáveis pelo registro das impressões iniciais a animar a cenarização da Avenida Presidente Vargas número 1733.

Cerca de 500 pessoas, todas as noites, enchem as dependências, as escadarias, e a fila se estende ao longo da Av. Presidente Vargas (...) numa distância total de 1 km. Os que chegam vêm em busca de socorros médicos ou espirituais. Ulcerosos, tuberculosos, sífilíticos, anêmicos, cancerosos e pobres doentes mentais, entes trazidos por seus parentes. As receitas para as doenças corporais são entregues no pavimento térreo. Os enfermos do espírito se dirigem ao segundo andar, onde o Mestre dirige a sessão, comandando um número fabuloso de médiuns.<sup>394</sup>

<sup>393</sup> Jornal *O Nosso*, ano 25, dezembro de 1971.

<sup>394</sup> NASSER, David e MANZON, Jean. "O Profeta Voador." *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 1949.

Diante da ampliação dos atendimentos e do início das peregrinações, a comunidade atrai ainda mais olhares e membros, sem distinção sexo ou idade, ainda que predominassem o feminino. Os atendimentos se estenderam para além de suas limitações físicas, arrebanhando a cada jornada um número mais elevado de indivíduos dispostos a engrossar as *marchas santas*<sup>395</sup>, como seguidores, curiosos ou necessitados.

Durante a marcha o índice de desistência foi irrisório, 2% sobre o total, e tudo moças. Os altos eram dados de hora em hora, com 15 minutos pra descanso (...). O sexo frágil predominava. Quase 70% de senhoras, algumas de peregrina beleza (...). As grandes etapas são cobertas à noite depois das duas horas.<sup>396</sup>

Contudo, as contradições existiram desde os primórdios da instituição e foram, igualmente, tomados enquanto manchete pela mídia. Campanhas difamatórias contra Yokaanam sua umbanda eclética tornaram-se corriqueiras na imprensa carioca e, aliado às dissidências com ex-colaboradores, organizações e questões familiares, reforçaram a fatigada jornada já iniciada e que, em muitas ocasiões, lançou dúvidas aos anseios do messias.

(...) **REAGI ESCRUPULOSAMENTE**, recusando fundar qualquer coisa e tinha fobia à ideia de aparecer na arena do litígio, para não ser confundido com aventureiros e mercenários religiosos e sociais que pululam por toda parte; porque sabia da luta terrível e espartana que iria enfrentar contra as legiões de lobos ferozes que infalivelmente se articulariam contra mim.<sup>397</sup>

O mestre enfrentou, destacadamente nos primeiros anos, uma árdua tarefa para o cumprimento de sua já anunciada missão. O líder e sua obra foram alvos de empreitadas difamatórias e graves denúncias divulgadas publicamente e noticiadas no jornal *O Nosso*.

Apesar de o meu pensamento achar-se amadurecido e meu ânimo decidido desde muito sobre o que me cumpria fazer por destinação espiritual, só em 1934 tomei posição aberta na missão, doutrinariamente, pregando a união de religiões das tribunas aonde era levado a falar. Porém, a reação inicial dos modernos fariseus e profissionais das religiões não se fez esperar... e foi crescendo cada vez mais solerte, feroz e demolidora, tanto quanto se possa imaginar. Não tardou que minhas ideias lançadas fossem tachadas de loucura e utopia ridícula de um visionário.<sup>398</sup>

Sua saúde mental por inúmeras vezes tornou-se alvo de questionamentos. Por seu ministério espiritual ter sido revelado após o acidente aéreo de 1946, isso gerava especulações e levava a desconfianças relacionadas ao comprometimento de sua sanidade, também impugnada por sua ex-esposa, Adiles, que judicialmente manifestou-se de forma a interditar Oceano de Araújo em

<sup>395</sup>Cf. NASSER, David e MANZON, Jean. "O Profeta Voador." *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 1949.

<sup>396</sup> NASSER, David e MANZON, Jean. "O Profeta Voador." *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 1949.

<sup>397</sup> Site da comunidade. Disponível em [www.fraternidadeeclética.org.br](http://www.fraternidadeeclética.org.br). Acessado no dia 25 de julho de 2010. (grifo original)

<sup>398</sup> Site da comunidade. Disponível em [www.fraternidadeeclética.org.br](http://www.fraternidadeeclética.org.br). Acessado no dia 25 de julho de 2010.

decorrência de seu suposto desequilíbrio. Fato noticiado pelo jornal *Diário da noite*, em matéria intitulada “*santo ou louco?*”.<sup>399</sup>

Do processo verifica-se que falharam todos os recursos indicados no sentido de submeter-se o interditado Oceano de Araújo Sá a exame médico-legal, a fim de poder ser verificado o seu estado de sanidade mental. E isto porque, embora se tenha operado um manifesto e confessado divórcio entre o interditado e a sociedade em que viveu antes de sua voluntária clausura, não causa ele, evidentemente, um estado de alienação mental capaz de justificar, face aos numerosos atestados médicos que exibiu em juízo, a interdição pretendida por sua esposa abandonada. Trata-se de místico que à sua maneira e segundo suas convicções religiosas e filosóficas vem se dedicando aos seus semelhantes. Pessoa que abandonou sua família real, para, mediante laços mais amplos, entregar-se a atividades espirituais em benefício da humanidade, hoje, sua única família...<sup>400</sup>

Na contínua sucessão de desentendimentos e ataques a revista *O Cruzeiro* publicou a seguinte chamada: “*Lama nas barbas do profeta*”<sup>401</sup> denunciando o mestre e seus discípulos de atividade homossexual, temática igualmente abordada no jornal *Tribuna da Imprensa*<sup>402</sup>, obrigando Yokaanam e seu grupo a se posicionarem juridicamente contra as acusações junto à 13<sup>o</sup> vara civil do Estado do Rio de Janeiro.

Constatee pessoalmente, confundindo-me com centenas de frequentadores da Sede da Ré, que a mesma atende a sua finalidade, desenvolvendo os temas religiosos e praticando a caridade no seu movimentadíssimo ambulatório.<sup>403</sup>

Nenhuma das matérias vinculadas pelos periódicos obteve comprovação quanto aos fatos mencionados, mas as contínuas ofensivas contribuiriam negativamente para a imagem da Fraternidade, incidindo para a decadência na adesão de novos membros e contribuindo para a necessidade de transferência da sede-matriz.

Em virtude de não haver mais clima possível e tolerável para que permaneça nele (Rio de Janeiro) nossa Sede-Matriz-Principal (...) depois de tantos anos de luta apostólica em prol da restauração do caráter, dos bons costumes e do comportamento social à altura da dignidade cristã (...) nada mais podemos fazer em meio tão estéril e corrompido. Deixamos, contudo, consignados, nossos sinceros agradecimentos a todos os membros do governo, pelas atenções que algumas vezes nos dispensaram durante dez anos de lutas empreendidas, solicitando, ainda, a gentileza de determinar as devidas providências, no sentido de que o governo e as autoridades goianas lhe assegurem todas as garantias e apoio à sua estabilidade, a fim de que não venha sofrer qualquer vexame ou ação inamistosa de futuras situações políticas ou religiosas sectárias, através de autoridades federais, estaduais ou municipais, por influências de interesses grupais inconfessáveis.<sup>404</sup>

<sup>399</sup> MATÉRIA NÃO ASSINADA. “Santo ou Louco? Yokaanam abandonou sua esposa e resiste à justiça” *jornal Diário da Noite*, Rio de Janeiro 11 de julho de 1950.

<sup>400</sup> MATÉRIA NÃO ASSINADA. “Falharam todos os recursos contra o chefe da misteriosa seita”. *Jornal de Joinville*. Joinville, 22 de outubro de 1950.

<sup>401</sup> SILVA, Arlindo e BRAGA, Badaró. “Lama nas barbas do profeta” *revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro 01 de dezembro de 1951.

<sup>402</sup> YOKAANAM, Mestre. *Yokaanam fala à posteridade...* Op. cit. p. 63.

<sup>403</sup> MATÉRIA NÃO ASSINADA. *Jornal O mundo*, 12 de abril de 1956.

<sup>404</sup> *Jornal O Nosso Brasília*, Ano 20, Edição de agosto de 1966.



A posse das terras adquiridas próximas ao Planalto Central também se tornou alvo de desentendimentos. O jornal *O Estado de São Paulo*, publicou o assunto elucidando o ocorrido da seguinte maneira: “*Seita religiosa invade fazenda e nega-se a sair*”<sup>405</sup>. As acusações, a época, faziam menção de uma suposta invasão de terras realizada pelos fraternários.

Após uma série de controvérsias e especulações finalmente foi efetuado o registro do terreno junto ao Ministério da Agricultura, com o número 115918, realizado no dia 04 de julho de 1956. Quanto a sua dimensão original, nunca foi possível saber com exatidão, pois as várias informações divergem entre si<sup>406</sup>.

Após a transferência do grupo para a região centro oeste do país e com a instalação definitiva no novo território, Yokaanam e sua Fraternidade fecharam-se a imprensa. Durante a primeira década de fundação da cidade iniciática, tivemos acesso a apenas uma única notícia, emitida no periódico *Diário de São Paulo*, em 19 de junho de 1961, pelo repórter Nelson Gatto, intitulada “*Cidade de Regime Socialista Floresce ao lado de Brasília.*”<sup>407</sup>, enfatizando o caráter assistencial e comunitário da instituição.

Em virtude da forma de sua organização, em 1964, de acordo com Lísias Nogueira Negrão, a cidade teria sido alvo de investigações realizadas pelo exército, pelas especulações advindas do suposto caráter socialista partilhado pelos membros e reforçado por alguns ex-adeptos, já que, “*a cidade era como no regime comunista, já que tudo era compartilhado por causa das doações. A produção também era compartilhada.*”<sup>408</sup> O incidente logo foi superado não gerando complicações maiores.

A partir da década de 1960, a imprensa veiculou informações positivas sobre a instituição e o mestre, ainda que fossem retratos de forma incompreendida e, por vezes, pejorativa, o que gerava mais desconfiança por parte dos prosélitos.

Em agosto de 1967, a revista *Realidade* publicou a reportagem “*Yokaanam é um profeta*”<sup>409</sup>. A matéria apresentava um texto favorável, apesar de comentários irônicos sobre suas previsões<sup>410</sup>, além de atribuições não partilhadas pelo grupo e a incorporação de práticas repudiadas pela doutrina, “*após um culto espírita, os irmãos rezam uma missa ou fazem sessão de macumba.*”

<sup>411</sup>

O conteúdo da exposição, no entanto, desagradou aos adeptos e em especial ao seu líder, que se fechou novamente às investidas externas. De acordo com Yokaanam, o erro seria deliberado, com intuito de denegrir a imagem da instituição. A indignação foi vivenciada na prática

<sup>405</sup> MATÉRIA NÃO ASSINADA. “Seita religiosa invade fazenda e se nega a sair.” *O Estado de São Paulo*, 18 de novembro de 1961.

<sup>406</sup> Encontrei divergências entre as obras acadêmicas consultadas e as informações repassadas pelos fraternários, que nos informaram que a área seria equivalente a 295.24,50 há.

<sup>407</sup> GATTO, Nelson. “Cidade de Regime Socialista floresce ao lado de Brasília.” *Jornal Diário de São Paulo*, 19 de junho de 1961.

<sup>408</sup> **Georgina Rosa da Silva** – 61 anos, ex-moradora da cidade. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2010.

<sup>409</sup> MARÃO, José Carlos. “Yokaanam é um profeta”. *Revista Realidade*, abril de 1967.

<sup>410</sup> Como já mencionado, duas foram às catástrofes por Yokaanam anunciadas. A queda de Bóhan e a Terceira Guerra Mundial. A esse respeito ver: NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo...* Op. cit. p. 57.

<sup>411</sup> MARÃO, José Carlos. “Yokaanam é um profeta”. *Revista Realidade*, abril de 1967.

pelo professor Negrão, que esteve na cidade pouco tempo depois, a fim de iniciar sua pesquisa de campo.

Poucos meses após a realização dessa reportagem, estivemos na Fraternidade para iniciar nossos levantamentos de dados e pudemos testemunhar a enorme indignação dos fraternários contra a imprensa.<sup>412</sup>

Em agosto do mesmo ano, o repórter Jeferson Del Rios publicou uma matéria de cunho positivo onde retratou o messias e seu grupo de forma elogiosa “*Yokaanam: um messias em Goiás*”<sup>413</sup>. Todavia, *O Solitário* se mostrou introspectivo às novas tentativas, tornando a se fazer notório apenas em maio de 1970 em uma reportagem de Cidinha Campos<sup>414</sup> da TV Record.

Em setembro de 1971 o messias viajou a São Paulo a convite do produtor e animador de programas Silvio Santos<sup>415</sup>, contudo, se decepcionou com o desenvolvimento dos questionamentos e a extensão da exposição, além da interrupção das apresentações propostas pelos adeptos, com o intercalar de outros quadros.

Como observado, Yokaanam era o centro e alvo das disputas na imprensa, além de porta voz, era o mais preparado, instrutivamente, a realizar e a lidar com as especulações dos vários segmentos sociais, que viam no modo de organização da Fraternidade Eclética um campo promissor de divulgação.

Desse período em diante, a instituição tornou-se alvo principalmente de estudantes e trabalhos universitários, a exemplo das pesquisas já citadas e outras atuações provenientes de cursos acadêmicos dos mais diversos. Após os destemperos e atritos, na grande maioria dos noticiários, hoje, é retratada positivamente e seu mentor reverenciado não apenas por aqueles com quem partilhou alguma experiência, mas por tantos outros que o reconheceram enquanto um exemplo de solidariedade e amor ao próximo, ressaltando o valor e a solidez de sua obra.

Com o passar dos anos e a resignificação de seus espaços, a cidade passa a gozar de outras representações que serão, igualmente, veiculadas pela mídia, concebida, não mais, unicamente, como uma comunidade religiosa, mas também, enquanto um centro turístico na *Terra Prometida* de Dom Bosco.

Segundo estudiosos, Brasília foi criada sob orientação de membros espirituais para se transformar na Capital do Terceiro Milênio. A busca pela integração do homem com a natureza fez com que a cidade abrigasse, de forma sincrética, as mais diversas religiões, cultos, seitas, correntes filosóficas e sociedades holísticas. Entre as opções de lazer e entretenimento religioso, destaca-se a Cidade Eclética, a Cidade da Paz e o Vale do Amanhecer.<sup>416</sup>

<sup>412</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo...* Op. cit. p. 108.

<sup>413</sup> RIOS, Jeferson Del. “Yokaanam: um messias em Goiás”, *Jornal Folha de São Paulo*, agosto de 1967.

<sup>414</sup> CAMPOS, Cidinha. Maio de 1970. Infelizmente não tivemos acesso ao vídeo produzido pela repórter da TV Record. Campos que se valeu da influência de um ministro de Estado para a realização de um vídeo tape e a concessão de uma entrevista.

<sup>415</sup> Reportagem concedida em setembro de 1971.

<sup>416</sup> Site de incentivo ao turismo na Capital Federal. A matéria apresenta um roteiro para visitaçãõ de diversos centros de lazer na cidade, com destaque para as obras arquitetônicas nas quais se localizam as diretrizes do poder, com ênfase nos detalhes dos modernos traços que inspiraram cada edificação de Brasília. Disponível no site: <http://www.hotelnacional.com.br>. Acessado no dia 10 de abril de 2011.

Como o jornalismo é tradicionalmente formador de sentidos e criador de memórias, já que apresenta a possibilidade de romper com discursos anteriores e apontar outros dizeres é, igualmente, capaz de captar, transformar e divulgar acontecimentos que serão futuramente lembrados. Assim, as matérias veiculadas pelos periódicos que retrataram a Fraternidade ao longo dos anos e que, ainda hoje, conferem à cidade um lugar de discussão, procuraram e, ainda assim o fazem, reconstruir distintos sentidos.

A imprensa, por meio de sua escrita, ofensiva ou elogiosa, carrega a marca de historicidade, imagens de uma época e que, pelo ato de leitura, torna-se possível reconhecer personagens, enaltecer os grandes feitos, reparar as injustiças, recompor as trajetórias, desenhar novas identidades e reforçar valores, dar continuidade a velhas tradições, que se atualizam no tempo presente e que encontram nas lembranças o reforço pelo anseio da estabilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**As cidades são cristais de múltiplas faces espaciais e temporais, cristais de variadas luzes, entre elas as da memória, que, com sua temporalidade sempre em movimento, reencontra os lugares do ontem com os sentimentos do presente.**<sup>417</sup>

**Lucília de Almeida Neves Delgado**

**As cidades fascinam. Realidade muito antiga, elas se encontram na origem daquilo que estabelecemos como os indícios do florescer de uma civilização: a agricultura, a roda, a escrita, os primeiros assentamentos urbanos. Nessa aurora do tempo, milênios atrás, elas lá estavam, demarcando um traçado, em formato quadrado ou circular; definindo um espaço construído e organizado, logo tornado icônico do urbano; torres, muralhas, edifícios públicos, praças, mercados, templos; a exibir sociabilidades complexas e inusitadas na aglomeração populacional que abrigavam; a ostentar a presença de um poder regulador da vida e de outro ordenador do além, na transcendência do divino.**<sup>418</sup>

**Sandra Jatahy Pesavento**

No entrelaçar dos caminhos rumo a Cidade dos Peregrinos, deparamo-nos com personagens e lembranças responsáveis por conferir a essa singela comunidade uma expressão, composta pela vitalidade de seus atores e a materialidade de suas estruturas. Percebemos sua história não como uma leitura homogênea e harmônica, mas tomada por contradições, fissuras e sobreposições, uma urbe que carrega em seu discurso momentos de permanência e de ruptura, períodos de superação que se opõe e resiste ao novo que se anuncia e que confere a sua fisionomia uma identidade.

Aqui a noção de cultura, apoiada pelo prisma cultural que a envolve, nos possibilita uma visão ampla e múltipla, influenciada pelo contexto e geradora de respostas subjetivas.

Sem o reconhecimento do outro, a produção de sentidos e seus correlatos a forma simbólica, a linguagem e as identidades – seriam inexistentes. É (...) a positividade da alteridade que necessita ser discutida, pois é nesta positividade que residem os elementos fundantes de toda a vida psíquica e social.<sup>419</sup>

Michel Pollak define a identidade enquanto uma imagem construída pelo indivíduo ao longo de sua trajetória, uma representação que o apresenta ao *outro* e confere sentido a si próprio, porém, são sempre características negociáveis, em disputa e conflito com os valores e poderes de uma época.

<sup>417</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: Memória, Tempo e Identidade...* Op. cit. p.117.

<sup>418</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias...* Op. cit. p.11.

<sup>419</sup> JOVCHELOVITCH, Sandra Jovchelovitch. "Re (des) cobrindo o outro: para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais" In: Ângela Arruda (org.). *Representando a alteridade*, Petrópolis-RJ: Vozes, 1998. p. 69-82.

Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e principalmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.<sup>420</sup>

Enquanto elemento que contribui para fortalecer o anseio de agregação e o reconhecimento entre os sujeitos, a historicidade, por sua vez, é responsável pela legitimação das tradições. Na medida em que são inventadas aditam personagens isolados que se aliam a partir de sentimentos comuns.

Nessa perspectiva, as discussões de Giddens, Anderson e Hobsbawm confluem de forma colaboradora. Os autores afirmam, por vias distintas, que mesmo na atualidade, o tradicional cumpre o papel que é constantemente reinventado à luz do conhecimento, “*a tradição justificada é tradição falsificada e recebe sua identidade apenas da reflexividade do moderno.*”<sup>421</sup>

Hobsbawm destaca o fato de que muitas tradições aparentemente antigas são, na verdade, bastante recentes, quando não, inventadas. Dessa forma, a criação do tradicional funciona como instrumento de resistência, podendo ser definida da seguinte maneira:

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.<sup>422</sup>

Para sobreviver o grupo precisa manter um vínculo com o tempo pretérito, pois nele está latente a ideia de presente e de continuidade. Esse antecedente “*não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo.*”<sup>423</sup>, pois a repetição e a apropriação das práticas são relativas.

Uma característica responsável pela coesão dos agrupamentos é o crédito em sua estabilidade, a necessidade de se manter fiel as suas origens. É importante considerar que ininterrupto não se refere à imutabilidade, em todos os arranjos socioculturais a continuidade é garantida sempre pela mudança.

Toda mudança, tão revolucionária quanto possa parecer, dá-se sobre o fundo de continuidade, toda permanência integra variações [...] todos os objetos culturais, qualificados, contudo de tradicionais pelos etnólogos, sofrem transformações. Todos passaram pela experiência que, de uma recitação à outra, por exemplo, faz o texto de um mito ou de um conto variar, seja porque certos elementos foram omitidos, seja porque outros foram incorporados; pela experiência que de uma cerimônia à outra, faz um ritual não se desenrolar de maneira idêntica. A realização de uma tradição não é nunca a cópia idêntica de um modelo; modelo que, de resto, tudo conspira para que não possa existir.<sup>424</sup>

<sup>420</sup> POLLAK, Michael. *Memória e Identidade social...* Op.cit. p. 05.

<sup>421</sup> GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991. p. 44-45.

<sup>422</sup> HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Org). *A Invenção das Tradições*. 3ª Edição, Editora Paz e Terra, São Paulo, 2002, p. 09.

<sup>423</sup> Idem, ibidem. p. 10.

<sup>424</sup> LENCLUD, Gérard. “A tradição não é mais o que era. Sobre as noções de tradição e de sociedade tradicional em etnologia.” Extraído de *Terrain: revue d'ethnologie de l'Europe*, n° 9 (*Habiter la Maison*), 1987. [On line] <http://terrain.revues.org/document3195.html>. Traduzido do francês por José Otávio Nogueira Guimarães – Núcleo de Estudos Clássicos/Departamento de História/UnB. Acessado no dia 13 de abril de 2009.

A concepção de tradição enquanto uma mensagem cultural significa dizer que as práticas e as representações que observamos e que aqui registramos não são propriamente, tradições, mas expressões dessas, que por sua vez, sustenta as palavras, os gestos, os mitos e os ritos.

Tal concepção da tradição como mensagem cultural significa dizer que as práticas e os enunciados que observa e registra o etnólogo não são, propriamente falando, tradições, mas expressões da tradição. Um mito, um ritual, um conto, um objeto constituiriam menos objetos tradicionais enquanto tais do que manifestações de representações, de ideias e de valores, que seriam apenas eles, a tradição. Esta estaria escondida por detrás das palavras e dos gestos, orientando-os sub-repticiamente, mas permanecendo sempre a decifrar.<sup>425</sup>

Assim, o que haveria de tradicional na arquitetura da comunidade seria muito menos a construção física em si, ou os materiais utilizados em sua fabricação, mas a ideia, o sentimento que presidiu toda a sua edificação, ou seja, o complexo de sentimentos cristalizados e que sobreviveu a transformação eventual de seus elementos constitutivos.

Ela não é o produto do passado, uma obra de outra época que os contemporâneos receberiam passivamente, mas sim, segundo os termos de Pouillon, um “ponto de vista” que os homens do presente desenvolvem sobre o que os precedeu, uma interpretação do passado conduzida em função de critérios rigorosamente contemporâneos.<sup>426</sup>

A importância dos espaços para a memória religiosa dos fraternários se apoia precisamente em sua estabilidade e duração. Nesse sentido, a materialidade dos lugares não é apenas real, mas sim, representada ou reproduzida nos próprios templos ou recintos de culto e que perpassa a ideia de permanência, de duração e de não mudança.

Os testemunhos enaltecem a concepção de estabilidade interna, de filiação a um ideal a muito arquitetado e que se reporta à figura carismática de Yokaanam, embora, entre os adesos mais jovens, identificamos um olhar diferenciado se comparado aos membros pioneiros. As pequenas transformações não são sentidas pela ala jovem da comunidade, principalmente aos que se filiaram em fases recentes. O discurso da *Terra Santa*, reduto de salvação para os poucos escolhidos não encontra figuração em seus propósitos, a graça é agora advinda de um esforço individual, que aliado ao coletivo, garante ao interno um aprendizado espiritual, uma percepção diferenciada do mundo.

Ainda que reforcem um valor tradicional em suas práticas, sustentadas pela doutrina, o curso irreversível do tempo foi responsável por alterações no imaginário religioso do grupo, que ao longo dos anos e de forma lenta e gradual vêm abandonando a forma de milenarismo que o sustentou em seus primórdios.

Os obreiros tendem a acreditar que a nova era para a humanidade deverá ser precedida por aniquilações daqueles que não partilham os princípios deles e para a

<sup>425</sup> Idem, ibidem. p. 08.

<sup>426</sup> Idem, ibidem. p. 11.

qual concorrerão guerras, doenças, suicídios, loucura e outras formas de degradações destrutivas e aniquiladoras.<sup>427</sup>

Nas narrativas dos obreiros percebemos que o valor enfatizado não mais se volta para a figura de Yokaanam que, em outros momentos, foi responsável pelo arrebatamento de seus seguidores. O respeito e a admiração são visualizados a todo instante no espaço da cidade, mas a necessidade de um guia a fim de conduzir o grupo já não mais desponta enquanto crença fundamental entre os fraternários.

A ausência do mentor e a não espera por seu retorno provocaram uma alteração do imaginário originalmente estabelecido, “*em síntese, poder-se-ia afirmar que neste momento, o grupo fraternário por não ter um líder carismático deixou de ser messiânico;*”<sup>428</sup> visto que perdeu suas referências que o definiam enquanto tal.

A não presença do messias impulsionou a alteração no quadro político e administrativo da comunidade, mas na constante referência ao tempo pretérito, os *crístãos ecléticos*<sup>429</sup> procuram suscitar e manter a confiança na continuidade da linhagem de fé originalmente estabelecida por mestre Yokaanam. Esse processo envolve um trabalho de memorização que é, igualmente, uma reinterpretação permanente dessa tradicionalidade em função das questões do presente.

Percebemos, ao longo de nossa observação, que os signos a sustentar o ideal religioso que permeia o discurso da Cidade Eclética são reconhecidos, tanto pelos membros que participaram da sua transferência e construção quanto, pelos que lá passaram a habitar nos anos posteriores, ainda que apresente fissuras em decorrência dos segredos<sup>430</sup> por poucos partilhados, o que não provoca, no entanto, nenhum tipo de contestação ou desrespeito com a obra. Assim, os prosélitos mantêm, com os marcos representacionais do local, uma relação de identificação, informados por uma memória religiosa coletiva que se propõem a consolidar uma tradição.

Entendemos aqui que as transformações processadas na Fraternidade apoiaram-se em momentos de rupturas e continuidades e, entre os balizamentos que caracterizam esses arranjos, destacamos 1985, ano de morte do messias e, portanto, de alteração significativa na composição orquestral do grupo, ainda que as pequenas transformações se processassem no decorrer dos anos, no dia a dia.

As fontes acadêmicas nos forneceram importantes dados acerca das alterações empreendidas pelos prosélitos e, ao contrário do lugar da estabilidade e harmonia, valores que são enfatizados internamente, as pesquisas ao qual tivemos acesso, reforçam uma dinâmica e uma mobilidade inerente a qualquer agrupamento, alterações que se fizeram sentir em maior ou menor instância, destacadamente, após 1985.

<sup>427</sup> MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. p.180.

<sup>428</sup> CIPRIANO, Juraci das Rocha. *Cidade Eclética...* Op. cit. p. 89.

<sup>429</sup> Cf. MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Op. cit. (Introdução).

<sup>430</sup> Ainda que nem todos partilhem dos segredos a que comportam os cultos, esse, nunca foi um fator de rebeldia ou contestação no seio da comunidade. Em alguns momentos, provocou ciúmes e inveja, mas nada que ameaçasse a estabilidade da obra, visto que, todos participam de alguma maneira, para a manutenção e da cidade, tanto de sua estrutura física, quanto religiosa, o que leva a um estado de identificação que garante a unicidade.

De forma semelhante, a imprensa também criou contornos diferenciados à fisionomia da comunidade em seus distintos momentos. Na Guanabara de 1950, a instituição atraiu atenção por sua excentricidade, com destaque para o papel do mestre nessa configuração, que se tornou alvo de especulação, admiração e atritos. Com a transferência para a região do Planalto Central, o lugar da peculiaridade, transformou-se em reduto da normalização e de diálogo com a Brasília Mística de Dom Bosco.

A Cidade Eclética, enquanto local de exemplo da religiosidade ao qual comporta a região, suas atribuições como entidade única e singular, cedeu espaço para caracterizá-la como mais um, dentre os diversos centros turísticos da região, que envolve e define a capital do país como reduto do terceiro milênio.

(...) está formado um terreno propício para o surgimento de novas religiosidades juntamente com a nova capital, como é o caso da Cidade Eclética, da Cidade da Fraternidade, do Vale do Amanhecer. Dentro ou fora dos limites territoriais do Distrito Federal, estas religiosidades se referem claramente a Brasília como “cidade mística”, como motivo pelo qual seus adeptos vieram para cá ou, até mesmo, para a criação e legitimação de suas práticas espirituais. E o movimento continua com o surgimento de novas formas de religiosidade fundadas a partir de sonhos e premonições de pessoas e grupos sociais.<sup>431</sup>

Destarte, as representações construídas acerca da Cidade Iniciática conferem a seus produtores um lugar de fala e uma forma de estar no mundo que, por sua vez, apresentam-se como matrizes geradoras de condutas e práticas sociais. Nesse fazer rotineiramente inventado e reinventado, nos coube reconhecer, a partir dos indícios, a dinâmica de relações organizadas por indivíduos e suas finalidades, escolhas, desejos e sonhos e que compõem a contingência e o acaso do passar diário.

As representações sociais, como as que estão presentes nas tramas da imprensa e da mídia em seus registros sobre a Fraternidade, no discurso oral de seus moradores, nos documentos, disponíveis na administração local da cidade, nas fontes acadêmicas consultadas, entre outros, são discursos memorialísticos, que sustentam e conferem legitimidade à escrita da história.

Na Guanabara da década de 1950, a instituição aliou o mito, baseado na crença de que neste mundo terreno pode-ser-ia organizar uma sociedade perfeita, sem injustiças ou sofrimentos materiais, associado à fé no regresso de uma divindade, um herói cultural, no caso específico da comunidade, mestre Yokaanam, responsável por oferecer ao grupo de eleitos, os meios de instalação na terra, do paraíso então pretendido e defendido, não como utopia, mas como uma possibilidade real de experimentação e que encontrou na Cidade Iniciática dos Peregrinos da Eternidade a finalização de um ciclo.

Foi no desenrolar do cotidiano que a cidade tornou-se real e o que era apenas um projeto ganhou vida e ânimo. Surgiram às disputas e os conflitos, as discórdias e as harmonizações, fazendo emergir do que antes era apenas um ideal, sem fissuras ou desvios, alterações e

---

<sup>431</sup> RAMASSOTE, Martins e BESSONI, Giorge. “Patrimônio Imaterial: ações e projetos da Superintendência do Iphan no DF”. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.120/3428>. Acessado no dia 14 de maio de 2010.



realocamentos e, pouco a pouco, a severidade de alguns momentos cedeu lugar à tolerância e aos ajustes necessários.

Apresentamos uma escrita produzida pelos desenhos das ruas, monumentos e habitações, uma escrita arquitetônica, aliada à fala daqueles que a habitam e daqueles que, assim como nós, apenas tomam como objetivo decifrar a história da comunidade, de seus fiéis e moradores, de seus passantes e transeuntes, dos curiosos e visitantes que estabelecem relações com esse lugar e que, por eles, também é lida e tem, por sua vez, sua história reescrita, a cada novo caminhar, visitar, contar ou relembrar.

Àqueles que, porventura, se habilitem a percorrer esses caminhos e construir novas estradas, reforçamos o apelo ao copioso corpus documental, não vencido em nossa labuta, pois todo seu exame e questionamento tornariam essa uma tarefa inexecutável.

No interior do movimento, à medida que se incorporam determinados modelos de ordem, foram instauradas novas lógicas identitárias que passaram a atribuir qualificações e funções aos adeptos, dentro de um processo de disciplinarização que se deu pelo controle do corpo e pela divisão dos indivíduos em funções e lugares, visando uma maior obediência e solidez. Dessa forma, pode-se entender a disciplina como um modelo relacionado a uma lógica identitária e que seria proficuamente observada, a partir do uso dos discursos contidos nos periódicos *O Nosso* e *O Clarim da Juventude*, mas que infelizmente, pelas demandas acadêmicas, nos impossibilitaram de um olhar mais acurado.

A imagem, aliada ao discurso escrito, igualmente, poderia ser tomada enquanto ferramenta de novas investidas. O discurso que se dá pela ocorrência de determinadas imagens institui os ecléticos como uma organização social, cultural, religiosa e política enquadrando-os, posteriormente, em certas identificações. Assim, cremos, que todo o simbolismo que sustenta e confere singularidade ao grupo, em muitos momentos nos escapou, logo, julgamos que novas leituras direcionadas mais especificamente a esse campo de atuação seriam promissoras. A relação dos símbolos com a antiga ordem dos essênios e com a maçonaria, questões que nos fugiram, até mesmo por todo o segredo que envolve a doutrina, mas que, por outro pesquisador, poderiam ser trabalhada com mais rigor.

Finalizamos nossa exposição enfatizando que, longe de possibilitar a apreensão da Fraternidade Eclética enquanto totalidade apresentamo-la como um espaço em aberto. O entrelaçar de fios que tecem a sua imagem abriram lacunas outras que deixam entrever ainda muitos territórios a descortinar, muitas trajetórias a conhecer e muitas redes de relações a reconstruir, sendo assim, que venham novas leituras, pois o cotidiano não se deixa entrever por posições conclusivas.

---

**CORPUS DOCUMENTAL****Relação das Filiais da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal**

0. Sede Matriz-Principal: Fundada em 21 de março de 1946, estabelecida na Cidade Eclética Fraternidade Universal – Caixa Postal, n. 17, Santo Antonio do Descoberto-GO, CEP: 72900-000. Telefone: 61. 626-1391.
1. Regional de Petrópolis – Fundada em 29.08.1948, estabelecida à Rua Domingos Andrade Bastos, 140 – Centro – Petrópolis – RJ – CEP 25.685.240 – Telefone: 24. 242.4747.
2. Regional de Cordovil – Fundada em 26.05.1950, estabelecida à Rua Rio Apa, 491 – Cordovil – Rio de Janeiro – RJ – CEP 21.250-570 – Telefone: 21.3391.6174.
3. Regional de Posse dos Carneiros – Fundada em 1956, estabelecida na Estrada União e Indústria, n. 32.879 – Posse dos Carneiros (Distrito de Petrópolis) – RJ – CEP 25.770-000 – Telefone: 24. 256.1619.
4. Matriz-Regional do Rio de Janeiro – Fundada em 01.09. 1956, estabelecida à Rua Emancipação, 33 – S. Cristóvão – Rio de Janeiro – RJ – CEP 20.910-080 – Telefone: 21.2589.3654.
5. Regional de Anápolis – Fundada em 26.09.1956, estabelecida à Av. Goiás, 220 – Caixa Postal 267 – Anápolis – GO – CEP 75.001-970 – Telefone: 62. 324.3798.
6. Matriz-Regional de Paracatu – Fundada em 21.01.1958, estabelecida à Av. S. Gonçalo, 149 – Caixa Postal 19 – Paracatu – MG – CEP 38.600-000 – Telefone: 38. 3671.1221.
7. Regional de Campo Grande – Fundada em 18.01.1959, estabelecida à Rua Catiara, 83 – Campo Grande – Rio de Janeiro – RJ – CEP 23.045-140 – Telefone: 21.3394.0644.
8. Regional de Formosa – Fundada em 24.01.1966, estabelecida à Rua Costa Pinto, 428 – Setor Ferroviário – Formosa – GO – CEP 73.800-000 – Telefone: 61. 631.2408.
9. Regional de Itapaci – Fundada em 18.04.1966, estabelecida à Rua do Pilar, 6 – Vale S. Patrício – Itapaci – GO – CEP: 76.360-000 – Telefone: 62. 361.2174.
10. Regional de Duque de Caxias – Fundada em 07.08.1966, estabelecida à Rua S. João Batista, 151 – Centro – Duque de Caxias – RJ – CEP 25.010-120 – Telefone: 21. 771.2732
11. Filial – Matriz – Principal Del Paraguay – Fundada em 23.02. 1971, estabelecida à Calle / 6 – Boquerón – 1438 – Assunción – Paraguay – Telefone: 595.21.603.971.
12. Matriz – Regional do Estado da Paraíba – Fundada em 02.03.1975, estabelecida à Rua Sílvia Bezerra Guedes, 418 – Jardim Planalto – João Pessoa – PB – CEP 58.088-090 – Telefone: 83.233.2928.
13. Filial – Matriz – Principal de La Argentina – Fundada em 26.08.1979, estabelecida à Calle San Ramón, 1647 – Martin Coronado – Partido 3 de Febrero – Provincia de Buenos Aires – Argentina – CEP: 1682 – Telefone: 5411.4842.2814.

14. Matriz Regional do Estado de Pernambuco – Fundada em 01.07.1982, estabelecida à Av. Nicolau Copérnico, 163 – Imbiribeira – Recife – PE – CEP 51.170-010 – Telefone: 81.3448.0511.

15. Matriz – Regional do Estado do Paraná – Fundada em 26.09.1982, estabelecida à João Koleski, 424 – Campo Comprido – Curitiba – PR – CEP – 81.280-280 – Telefone: 41.285.3087.

16. Regional de Governador Valadares – Fundada em 10.03.1990, estabelecida à Rua Pedro Malaquias Pinto, 285 – Jardim Alice – Governador Valadares – MG – CEP 35.100-000 – Telefone: 33.3272.1443.

**Matérias Assinadas**

BRAVIM, Aline. *Grande Templo Ecumênico*. 21 de abril de 2010.

CHAGAS, Vivian. *Em nome da Fé*. Jornal laboratório do UniCeub. Setembro de 2009.

GATTO, Nelson. *Cidade de Regime Socialista floresce ao lado de Brasília*. Jornal diário de São Paulo, 19 de junho de 1961.

NASSER, David e MANZON, Jean. *O Profeta Voador*. Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 1949.

RIOS, Jefferson Del. *Yokaanam: um messias em Goiás*. Jornal Folha de São Paulo, agosto de 1967.

SILVA, Arlindo e BRAGA, Badaró. *Lama nas brabas do profeta*. Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 1951.

TERRA, Hipólito. *O Cristo na Avenida Getúlio Vargas*. Revista A Cigarra, Rio de Janeiro, fevereiro de 1949.

**Matérias não assinadas (com título):**

FARSA dos milagres. *Jornal Correio da Noite*, 13 de julho de 1950.

FALHARAM todos os recursos contra o chefe da misteriosa seita. *Jornal de Joinville*. Joinville, 22 de outubro de 1950.

SANTO ou louco? Yokaanam: abandonou sua esposa e resiste à justiça. *Jornal Diário da noite*, Rio de Janeiro de 11 de julho de 1950.

SEITA Religiosa invade fazenda e se nega a sair. *O Estado de São Paulo*, 18 de novembro de 1961.

**Revistas:**

*Brasília 40 Anos*: uma história que continua sendo escrita. Correio Braziliense/TV Brasília. Edição Única Comemorativa. Brasília: impressão e fotolito Foco Divisão Gráfica, 21 abr. 2000.

*Revista Nossa História*. O Grito: verdades e mitos sobre a Independência. Rio de Janeiro, nº 11, setembro 2004, Ano 1.

*Revista Nossa História*. Os anos JK. Rio de Janeiro, nº 23, setembro de 2005, Ano 2.

*Revista Nossa História*. Oscar Niemeyer: aos 96 anos ele projeta o futuro. Rio de Janeiro, nº 12, outubro 2004, Ano 1.

**Publicações:**

YOKAANAM, Mestre. *O Cristianismo reúne e não divide*. Rio de Janeiro. Editora da academia Eclética Exotérica da Fraternidade Universal. 3º Ed. 1995.

YOKAANAM, Mestre. *Yokaanam fala à Posteridade*. Rio de Janeiro. Folha Carioca Editora. S.A. 3º ed. 1974.

YOKAANAM, Mestre. *Evangelho de Umbanda Eclética*. Rio de Janeiro. Editora da academia Eclética Exotérica da Fraternidade Universal. 5º Ed. 1980.

FRATERNIDADE ECLÉTICA ESPIRITUALISTA UNIVERSAL. *Constituição Estatutária*. Rio de Janeiro: s/ Edit. 1949.

FRATERNIDADE ECLÉTICA ESPIRITUALISTA UNIVERSAL. *Constituição Estatutária*. Brasília: Oficinas Ecléticas, 2005.

O NOSSO – Número 78, Abril de 1954; número 87, fevereiro de 1955; número 88, março de 1955; número 89, abril de 1955; número 39, maio de 1960; número 189, julho de 1965.

#### Internet:

AGRA, Alarcon. *Michel de Certeau e a operação historiográfica*. VEREDAS FAVIP, Caruaru, Vol. 1, n. 02, p. 48–56, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.veredas.favip.edu.br/index.php/veredas/article/viewPDFInterstitial/19/17>. Acessado em 12 de fevereiro de 2010.

ALMINO, João. *O Mito de Brasília e a Literatura*. Estudos Avançados nº 21 (59), 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n59/a23v2159.pdf>. Acessado em: 02 de agosto de 2010.

BACZKO, Bronislaw. *Les imaginaires sociaux. Mémoire et espoirs collectifs*. Paris: Payot, 1984, p. 54.

BARROS, José de Assunção. “A História cultural e a contribuição de Roger Chartier”. *Revista Diálogos*. Departamento de História do programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

\_\_\_\_\_. “Os usos da temporalidade na escrita da História.” *Saeculum*. Revista de História do Departamento de História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. [13]; João Pessoa, jul/dez. 2005. p. 144 a 155.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Experiência do sagrado e experiência de Deus*. Revista Magis. Cadernos de Fé e Cultura. nº 47, julho de 2005. Disponível em: <http://www.clfc.puc-rio.br/pdf/fc47.pdf>. Acessado em 04 de julho de 2010.

CHARTIER, Roger. A História: dúvidas, desafios e propostas. Disponível em: [www.marilia.unesp.br/Home/.../historia\\_hoje\\_roger\\_chartier.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/.../historia_hoje_roger_chartier.pdf). Acessado em: 12 de abril de 2010.

\_\_\_\_\_. “Uma entrevista com Roger Chartier.” In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Ano, n. 25, outubro de 2007. p. 23.

CLDF (Portal da Câmara Legislativa do Distrito Federal). *Sessão Solene homenageia os 50 anos da Cidade Eclética*. Disponível em: [www.cl.df.gov.br/cldf/search?b\\_start:int=809...solene](http://www.cl.df.gov.br/cldf/search?b_start:int=809...solene). Acessado em 07 de setembro de 2010.

COSTA, Walfreds Chaves. *Peregrinação rumo ao Planalto Central: A Fundação da Cidade Eclética*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/42083/1/PEREGRINACAO-RUMO-AO-PLANALTO-CENTRAL--A-FUNDACAO-DA-CIDADE-ECLETICA/pagina1.html>. Acessado no dia 11 de março de 2011.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. “História oral e narrativa: tempo, memória e identidades”. VI *Encontro nacional de História oral*. (ABHO) Conferência de abertura. v. 06, 2003, p. 9-25.

DELUMEAU, Jean. “O jardim das delícias: a saudade do paraíso terrestre” *Revista multitexto*. Pontifícia Universidade Católica. [online] Rio de Janeiro. nº 03. Disponível em <http://www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/ctch/publicacoes/pdf/multitextos%2003.pdf>. Acessado no dia 14 de janeiro de 2010.

FRANÇA, Cássia. “Pobreza honrada: comunidade revive história semelhante a Canudos em Goiás”. *Jornal Esquina*, [online] UNICEUB, Centro Universitário de Brasília, setembro de 2009. Disponível em: [http://www.uniceub.br/pdf/JornalEsquina/ESQ\\_NOT\\_1aED\\_2o2009\\_web.pdf](http://www.uniceub.br/pdf/JornalEsquina/ESQ_NOT_1aED_2o2009_web.pdf). Acessado no dia 12 de julho de 2009.

JOSGRILBERG, Fábio B. *Michel De Certeau: a teologia da diferença e a missão cristã*. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CA/.../1503>. Acessado em: 05 de agosto de 2010.

JÚNIOR, Deusdedith Alves Rocha. Fotografia para falar do passado. *Revista PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos UniCEUB, FACJS*, Vol.2, N.1/07. Disponível em: <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/pade/article/viewPDFInterstitial/147/136>. Acessado no dia 12 de maio de 2009.

LAPLANTINE, François. *As Três Vozes do Imaginário*. Trad. Sérgio Coelho. São Paulo, nº 01. Outubro de 1993, disponível em: [http://www.imaginario.com.br/artigo/a0001\\_a0030/a0028.shtml](http://www.imaginario.com.br/artigo/a0001_a0030/a0028.shtml). Acesso em: 16 de abril de 2009.

LE GOFF, Jacques “Comment écrire une biographie historique aujourd’hui”, *Le Débat* 54 (1989) 48-53. In PRIORI, Mary Del. “Biografia: quando o indivíduo encontra a história.” *Revista Topoi*, [online] v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009 p. 7-16. Disponível em: [http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/topoi19/topoi%2019%20](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi19/topoi%2019%20).

LEGOY, Bernardo. “Chico Xavier e a cultura brasileira”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, [online] São Paulo. 2001. V. 44. nº 01. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v44n1/5341.pdf>. Acessado em 21 de maio de 2008.

LENCLUDE, Gérard. *A Tradição não é mais o que era: sobre as noções de tradição e sociedade tradicional em etnologia*. Disponível em: <http://terrain.revues.org/index3195.htm>. Acessado no dia 06 de junho de 2010.

MACEDO, José Rivair. *Riso ritual, cultos pagãos e moral cristã na alta idade média*. Boletim do CPA, Campinas, nº 4, jul./dez. 1997, P.87-111. Disponível em: [www.ifch.unicamp.br/cpa/boletim/boletim04/09macedo.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/cpa/boletim/boletim04/09macedo.pdf). Acessado em 01 de outubro de 2009.

MAFFESOLLI, Michel. *O imaginário é uma realidade*. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 15, agosto 2001. Disponível em : <http://www.scribd.com/.../Michel-Maffesoli-o-imaginario-e-uma-realidade>. Acessado no dia 12 de julho de 2010.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro*. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n46/a06v1646.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n46/a06v1646.pdf). Acessado dia 25 de junho de 2008.

NORA, Pierre. “Entre Mémoire et Histoire”. In: *Les Lieux de Mémoire*. Paris: Gallimard, 1984 e MONTEIRO, Charles. “Memória e esquecimento nas artes de lembrar a cidade de Porto Alegre nas crônicas de Nilo Ruschel”. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1534.html#ftn7>. Acessado no dia 17 de setembro de 2009.

OLINTO, Heidrun Krieger. “Novas sensibilidades na historiografia.” *Revista Itinerários*. Departamento de Letras da Pontifícia Católica do Rio de Janeiro. Ano 03, nº 22, pp. 13-36, 2004. Disponível em: <http://www.seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2735>. Acessado no dia 13 de dezembro de 2010.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira. “Nova Era à Brasileira: A New Age popular do Vale do Amanhecer”. *Revista Interações\_ Cultura e Comunidade*. [online] v. 4, nº 5/ p. 31-50. 2009. Disponível em: [www.revistadigital/index.php/revistatestes/article/viewfile/99/87](http://www.revistadigital/index.php/revistatestes/article/viewfile/99/87). Acessada no dia 12 de janeiro de 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. “Discurso, imaginário social e conhecimento” In *Aberto, Brasília*, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. Disponível em: [www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/911/817](http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/911/817). Acessado no dia 24 de novembro de 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e Literatura: uma nova-velha história*. Disponível em: <http://www.teoriahistoria.blogspot.com/.../historia-literatura-uma-velha-nova.html>. Acessado dia 17 de março de 2010

\_\_\_\_\_. “Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.” *Revista Brasileira de História*. Associação Nacional de História. Número 053, Janeiro-Junho p. 11-23, São Paulo Brasil, de 2007.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>. Acessado em 17 de março de 2010.

\_\_\_\_\_. “Memória e Identidade social”. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acessado em 17 de março de 2010.

RAMASSOTE, Martins e BESSONI, Giorge. “Patrimônio Imaterial: ações e projetos da Superintendência do Iphan no DF”. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.120/3428>. Acessado no dia 14 de maio de 2010.

SANTOS-GAREIS, Maria dos Santos. “Manifestações religiosas populares”. *Revista Espaço acadêmico*. nº. 38, julho de 2004.

SOUZA, José Lopes Régis de Toledo. “Religiosidade e Iconografia em contextos populares da sociedade brasileira”. [online] Departamento de Ciências Sociais e Letras. Universidade de Taubaté. Disponível em: <http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/religiosidade-N2-2001.pdf>. Acessado em 12 de janeiro de 2011.

WHITE, Hayden. *Teoria Literária e Escrita da História*. Disponível em: [oficioliterario.files.wordpress.com/.../teoria-literaria-e-escrita-da-historia.pdf](http://oficioliterario.files.wordpress.com/.../teoria-literaria-e-escrita-da-historia.pdf). Acessado dia 05 de fevereiro.

#### Vídeos:

AKBAR. *Primeira missa celebrada do sacerdote Abdenir no Templo Eclético*. Brasil, 2009, 6.34', Cor. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=PZP7tOMt-U&feature=related>. Acessado em 20 de agosto de 2010.

AKBAR. *Primeira missa celebrada do sacerdote Abdenir no Templo Eclético*. Vídeo II. Brasil, 2009, 3.08', Cor. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=PZP7tOMt-U&feature=related>. Acessado em 20 de agosto de 2010.

BRUGGER, Rico. *Cidade Eclética*. Brasil, 2010, 2.43'. Disponível em: <http://www.youtube.com/user/ricobrugger>. Acessado em 22 de agosto de 2010.

CRISOM, Sílvia. *Star Girls: grupo de dança da Cidade Eclética*. Brasil, 2009, 0.15'. cor. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=XA70zfppkwU&feature=related>. Acessado em 12 de julho de 2009.

DIGITALTVWEB. *Cidade Eclética*. Projeto dos alunos do UniCeub, coordenado pela professora Ana Paula Ferrari, editores Raquel Castro e Vivian Chagas. Brasil, 2009, 4.07', cor. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=N0H\\_1j8qU](http://www.youtube.com/watch?v=N0H_1j8qU). Acessado em 15 de agosto de 2009.

JARDIM, João e CARVALHO, Walter. *Janela da Alma*. Filme, Brasil, 2001, 73', cor.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SOCIAL. *Brasília: Misticismo e sincretismo religioso*. Brasil, 2009, 4.58', cor. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=i-WYMy9yVts&feature=related>. Acessado em 15 de agosto de 2009.

SORAYA e PRISCILA. *VIII Festa de Homenagem a Santa Sara Kali - Padroeira do Povo Cigano*. Brasil, 2009, 1.22', cor. Disponível em [http://www.youtube.com/watch?v=5\\_Ts2C5ZLdk](http://www.youtube.com/watch?v=5_Ts2C5ZLdk). Festa realizada no dia 27 de julho de 2009 em São Vicente, São Paulo.

**Fotos:**

Site oficial da Cidade Eclética: [www.fraternidadeecletica.org.br](http://www.fraternidadeecletica.org.br).  
<http://www.geocities.com>



## Bibliografia

ALVES, Rubem. *O que é religião*. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ARAÚJO, Daniela Nunes de. *Mestre Yokaanam: um líder messiânico em terras do Planalto Central (1911-1985)*. Monografia de Graduação. Universidade Estadual de Goiás. Departamento de História, 2008. 112 p.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACZO, Bronislaw. "Imaginário Social". In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol.5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 2 ed. São Paulo: Edusp; Brasília: Hucitec, 1993.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. 3ª. Ed, Petrópolis, SP: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. "História Cultural: um panorama teórico e historiográfico". In: *Textos de História: Revista da Pós-Graduação em História da UnB*, volume 11, número 1/2, 2003. Dossiê: A Justiça no Antigo Regime.

BASCHET, Jérôme. "Diabo". In: Lê goff, Jacques; Schmitt, Jean-Claude (coord.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. V. 1. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1999.

*Modernidade e Ambivalência*. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1999.

\_\_\_\_\_. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

\_\_\_\_\_. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2005.

BAY, Dora Maria Dutra. *Fascínio e Terror: O Sagrado*. Cadernos de Pesquisa interdisciplinar em ciências humanas. FPOLIS, Dezembro de 2004.

BAZÁN, Francisco Garcia. "O Sagrado e a Religião". In: *Aspectos Incomuns do Sagrado*. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2002.

BENJAMIN, Walter. "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. v.1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BHABHA, Homi K. "Introdução - Locais de cultura" In: BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço, Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. 2ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

---

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. História, historiografia e representações. In: KUYUMJIAN, Marcia de Melo Martins e NEGRÃO DE MELLO, Maria Thereza. (org.) *Os espaços da história cultural*. Brasília: Paralelo 15, 2008.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*. 3º ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *O poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1989.

CARVALHO, José Jorge de. "Ideias e Imagens no Mundo Clássico e Tradição Afro- Brasileira". In: *Revista Humanidades*. vol. 10. nº 01. Brasília: Ed. UnB, 1994.

\_\_\_\_\_. "Um espaço público encantado: pluralidade religiosa e modernidade no Brasil". In: *Série Antropologia*. v. 249. Brasília: Ed. UnB, 1999.

CATROGA, Fernando. "Memória e Sociedade". In: Sandra Jatayh Pesavento (org.) *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

CEBALLOS, Viviane Gomes de. *E a história se fez cidade: a construção histórica e historiográfica de Brasília*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Fevereiro de 2005.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão de Arno Vogel. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Invenção do Cotidiano, Artes de Fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2008.

CIPRIANO, Juraci das Rocha. *Cidade Eclética. Messianismo, Carisma e Rotinização*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás. Departamento de Filosofia e Teologia. 2005.

CHACON, Vamireh. *Deus é Brasileiro: o imaginário do messianismo político no Brasil*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manoela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. *Inscrever e Apagar: Cultura escrita e Literatura*. São Paulo: UNESP, 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion. "Narrativa, sentido, história". In: *Narrativa, sentido e história*. . Campinas-SP: Papyrus, 1997.

CORREIA, João Carlos. Religiões e compaixão. *Cadernos ISTA* (Instituto S. Tomás de Aquino), Lisboa, n. 5, 2002. Apud MARCHI, Euclides. *O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 43, 2005.

DARNTON, Robert. *O Grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro. Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. "Uma entrevista com Robert Darnton". In: *Rev. Estudos Históricos*, vol. 2, n. 04, Rio de Janeiro, 1989.

DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *De religiões e de homens*. Edições Loyola. São Paulo, 2000.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: Memória, Tempo e Identidade*. Coleção leitura, escrita e oralidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIDEROT, Denis apud COLLINS, Peter. *Los ideales de la arquitectura moderna: su evolución 1750-1950*. 5º ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

DURAND, Gilbert. *O Imaginário: ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: MartinsFontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Tratado de História das Religiões*. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade; tradução Vera Ribeiro; tradução do pós-fácio à edição alemã, Pedro Sússekind – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, 2000.*

DIAS, Eurípedes da Cunha. *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal: tentativa de interpretação de um movimento messiânico*. Rio de Janeiro: dissertação de Mestrado, Museu Nacional, datilografado, 1975.

FAYEBERAND, Paul. *Contra o Método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 25ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GAMA, James. *Brasília: a terra prometida e o turismo místico e religioso da capital do país*. Dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em gestão e marketing da Universidade de Brasília. Brasília, março 2004.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GEERTZ, Clifford. "O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder." In *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2

\_\_\_\_\_. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. *O Saber local*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Relações de força*, Cia das Letras, São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Fio e os Rastros*. Cia das Letras, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. "O extermínio dos judeus e o princípio da realidade". In: MALERBA, Jurandir (org.). *A História Escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006

---

\_\_\_\_\_. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Christian. *Os essênios: Suas Histórias e Doutrinas*. Editora pensamento. São Paulo, SP, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. "A produção Social da Identidade e da Diferença". In: Tomáz Tadeu da Silva (org). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

HERMAN, Jaqueline. "História das Religiões e Religiosidades". In: CARDOSO, Ciro Flamarion et VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org). *A Invenção das Tradições*, 3ª Edição, Editora Paz e Terra, São Paulo, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 20ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

HOLSTON, James. *A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

HOUTART, François. *Sociologia da Religião*. Ática: São Paulo, 1994.

KOSSY, Boris. *Fotografia e História*. Ateliê editorial, 2 ed. São Paulo, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra Jovchelovitch. "Re (des) cobrindo o outro: para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais" In: Ângela Arruda (org.). *Representando a alteridade*, Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

KUYUMJIAN, Marcia de Melo Martins e NEGRÃO DE MELLO, Maria Tereza. (orgs.) *Os espaços da história cultural*. Brasília: Paralelo 15, 2008.

LANTERNARI, Vittorio. *As Religiões dos oprimidos: um estudo dos modernos cultos messiânicos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.1993. Disponível em:

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 20º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

\_\_\_\_\_. "Candangos e Pioneiros". In: Série Antropologia. Número203. Departamento de Antropologia: UnB, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória: II Volume Memória*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2000.

LEVI, Giovanni. "Sobre a micro-história". In: Peter Burke. *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992.

\_\_\_\_\_. "Usos da biografia" In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 8º edição, Rio de Janeiro Editora FGV.

LEWGOY, Bernardo. *O grande Mediador. Chico Xavier e a Cultura Brasileira*. 1º ed. Bauru: EDUSC – PRONEX/CNPQ/ Movimentos Religiosos no Mundo Contemporâneo, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *A Contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios. Ed. 1995.

\_\_\_\_\_. *Notas sobre a Pós-Modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Ed. Atlântica, 2004.

MAGALHÃES, Nancy Aléssio. *Narradores: Vozes e poderes de pensadores*. Em: *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. São Paulo, nº05, junho de 2002, p. 45-70, também publicado no livro de COSTA, Cléria Botelho da, MAGALHÃES, Nancy Aléssio, 2001, p. 85-107.

MASSENZIO, Marcello. *A História das Religiões na Cultura Moderna*. São Paulo. Hedra, 2005.

MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. *Millénarismes brésiliens: Contribution à l' étude de L' imaginaire contemporan*. Université de Grenoble II. 1999. [trad. *Cristãos Ecléticos e a Nova Jerusalém no Planalto Goiano*.] 2005.

\_\_\_\_\_. *Contribuições para o Estudo do Imaginário*. Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

MELLO, Maria T. Ferraz Negrão. “Clio, a musa da história e sua presença entre nós.” In: COSTA, Cléria Botelho da (org) *Um passeio com Clio*. Brasília: Paralelo 15, 2002.

MORIN, Edgar. “Edgard Morin, contrabandista de saberes”. In: PESSIS-PASTERNAK, Guita. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

\_\_\_\_\_. *O Método IV: A Humanidade da Humanidade*; tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MOSCOVICI, Serge. “Das representações coletivas às Representações Sociais: elementos para uma história”. In: JODELET, Denise (org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001

NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo*. São Paulo, FFLCH-USP/CER, 1984. 428p. (Coleção Religião e Sociedade Brasileira).

\_\_\_\_\_. *Um Movimento messiânico urbano: messianismo e mudança Social no Brasil*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, datilografado, 1974.

NORA, Pierre e LE GOFF, Jacques (orgs). *História: Novos Problemas, Novas Abordagens, Novos Objetos*. 3 vol. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

\_\_\_\_\_. “Entre Mémoire et Histoire”. In: *Les Lieux de Mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado. Sobre o Irracional na Idéia do Divino e sua Relação com o Irracional*. Lisboa: Edições 70.1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário”. In: Revista Brasileira de História. *Representações*. Vol. 15, nº 29. São Paulo: Ed. Contexto/ANPUH, 1995.

\_\_\_\_\_. *Muito além do espaço: Uma História do Cultural Urbano*. UFRGS. 1995.

---

\_\_\_\_\_. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. "Os Tempos da eternidade: os desafios de uma história das idéias religiosas". In: *Em tempo de histórias: revista dos alunos da pós-graduação da UnB, Brasília*. V.5, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. 3 ed. São Paulo, Ed. Alfa Omega, 2003.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 4º ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

\_\_\_\_\_. *Escola dos Annales*. A inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REIS, Marcelo Rodrigues dos. *Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925-2008)*. Dissertação de Doutorado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004.

ROSENDAHL, Zeny. "Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2005.

SANTOS, Milchelle dos. *A construção de Brasília nas tramas de imagens e memórias pela imprensa escrita (1956-1960)*. Dissertação de Mestrado/ Universidade de Brasília, 2008.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SAUER, Sérgio. *Religião e pós-modernidade: anotações de um debate contemporâneo*. Fragmentos de Cultura (volume especial sobre Teologia e Religiosidade), Goiânia, v.13, p. 55-74, 2003.

SCHMITT, Jean-Claude. "Deus" In: Le Goff, Jacques; Schmitt, Jean-Claude (coord.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. V1. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2002

SIQUEIRA, Deis et LIMA, Ricardo Barbosa de (Orgs.) *Sociologia das Adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. 1º ed. Rio de Janeiro: Garamond; Vieira, 2003.

SIQUEIRA, Deis. *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

SOUZA, Laura de Mello. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. Companhia das Letras, 1986.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. Trad. Elia Ferreira Edel. 9º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.

---

VAINFAS, Ronaldo. "Caminhos e descaminhos da História". In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

\_\_\_\_\_. *Os protagonistas anônimos da história*. São Paulo, SP: Campus, 2002.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. 3º ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1997.

\_\_\_\_\_. Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 3º Ed. Brasília: UNB, 1994

WHITE, Hayden. "O texto histórico como artefato literário." In: *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e Diferença uma Introdução Teórica e Conceitual". In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.